



A Casa  
Holandesa

\*\*\*  
Ann  
Patchett



# A casa holandesa

Ann Patchett

Tradução de Alessandra Esteche



Copyright © 2019 by Ann Patchett

TÍTULO ORIGINAL  
The Dutch House

PREPARAÇÃO  
Fernanda Machtyngier

REVISÃO  
Wendell Sussuarana  
Eduardo Carneiro

PINTURA DA CAPA  
Noah Saterstrom

DESIGN DE CAPA  
Robin Bilardello

ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO DE MIOLO  
Estúdio Insólito

REVISÃO DE E-BOOK  
Laura Zúñiga

GERAÇÃO DE E-BOOK  
Joana De Conti

E-ISBN  
978-85-510-0660-3

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel/Fax: (21) 3206-7400  
[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



[intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)

# Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Parte um](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Parte dois](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

Parte três

Capítulo 16

Capítulo 17

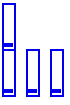
Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Sobre a autora

Leia também

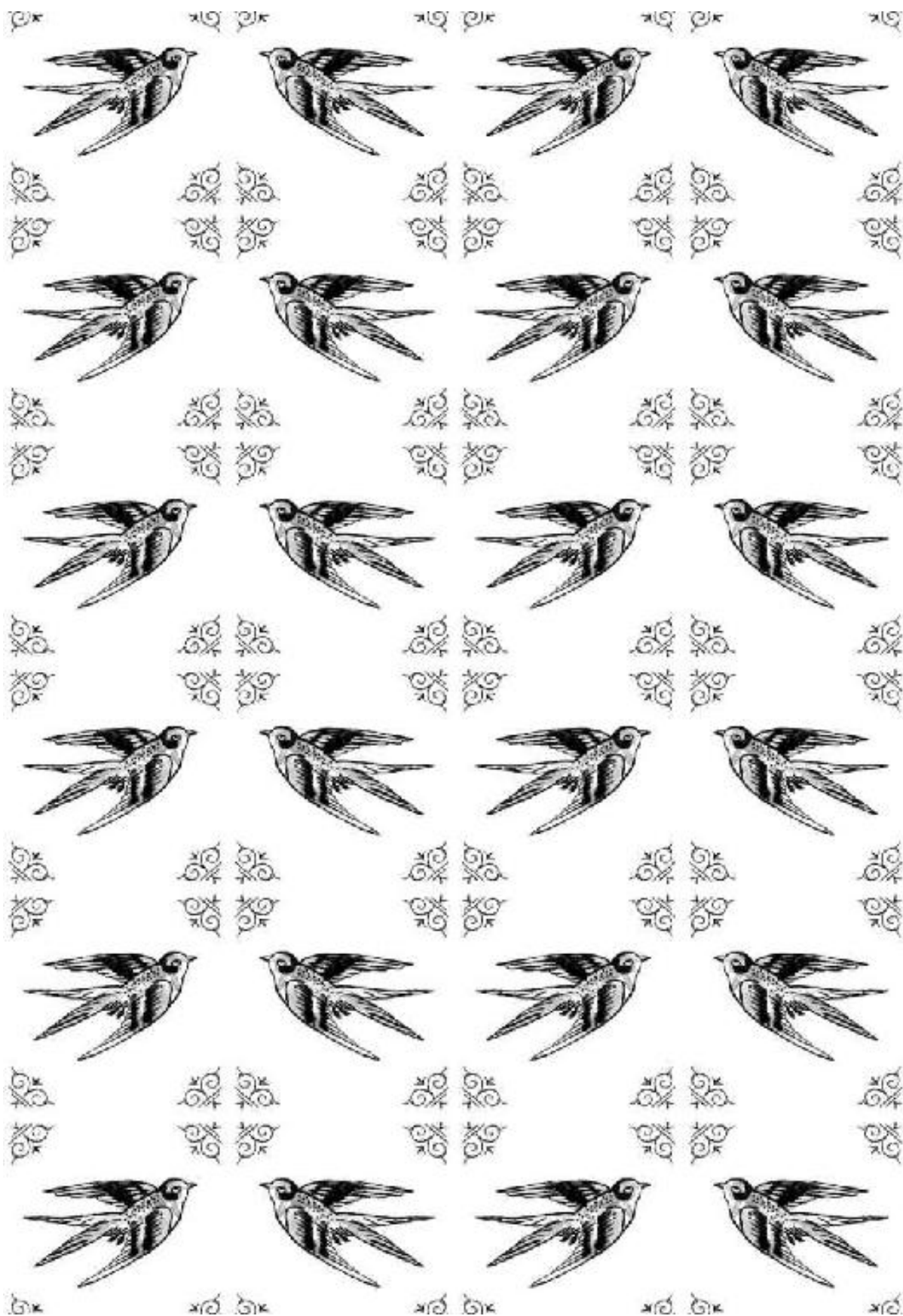






Este livro é para Patrick Ry







parte um



# 1

A PRIMEIRA VEZ que nosso pai trouxe Andrea à Casa Holandesa, Sandy, nossa empregada, veio até o quarto de minha irmã e nos mandou descer.

– Seu pai trouxe alguém que quer que vocês conheçam – disse ela.

– É alguém do trabalho? – perguntou Maeve.

Ela era mais velha, por isso tinha um entendimento mais complexo sobre relações pessoais.

Sandy pensou na pergunta.

– Eu diria que não. Onde está seu irmão?

– Na janela – respondeu Maeve.

Sandy precisou abrir as cortinas para me encontrar.

– Por que você tem que fechar as cortinas?

Eu estava lendo.

– Privacidade – respondi, embora, aos oito anos, eu não tivesse noção alguma do que fosse privacidade. Gostava da palavra e gostava da sensação de casulo que as cortinas proporcionavam quando estavam fechadas.

Quanto à visita, era um mistério. Nosso pai não tinha amigos, pelo menos não do tipo que viesse à nossa casa no fim de uma tarde de sábado. Deixei meu esconderijo e fui até o topo da escada para me deitar no tapete que cobria o piso. Sabia por experiência própria que, se deitasse no chão e olhasse por entre o pilar e o primeiro balaústre, conseguiria ver a sala de estar. Lá estava nosso pai em frente à lareira com uma mulher, e, pelo que pude perceber, eles estavam analisando os retratos do Sr. e da Sra. VanHoebeek. Levantei e voltei para o quarto da minha irmã para apresentar meu relatório.

– É uma mulher – contei a Maeve, mas Sandy já sabia disso.

Sandy perguntou se eu tinha escovado os dentes, o que significava que ela queria saber se eu tinha escovado os dentes naquela manhã. Ninguém escovava os dentes às quatro da tarde. Sandy estava fazendo tudo sozinha, porque Jocelyn folgava nas tardes de sábado. Já tinha acendido a lareira, atendido à porta e oferecido bebidas e, além de tudo isso, também estava

responsável por meus dentes. Sandy folgava às segundas. Tanto ela quanto Jocelyn também folgavam aos domingos, porque meu pai achava que as pessoas não deviam trabalhar aos domingos.

– Escovei – respondi, porque provavelmente tinha escovado.

– Escove de novo – disse ela. – E penteie o cabelo.

Depois ela se dirigiu à minha irmã, que tinha o cabelo comprido, preto e grosso como o rabo de dez cavalos amarrados juntos. Por mais que ela penteasse, nunca parecia penteado.

Uma vez apresentáveis, Maeve e eu descemos e ficamos embaixo do vão largo do vestíbulo, vendo nosso pai e Andrea observarem os VanHoebeeks. Eles não perceberam que estávamos ali, ou não pareceram perceber – difícil dizer –, então esperamos. Maeve e eu sabíamos como ficar quietos em casa, um hábito criado para tentar não irritar nosso pai, embora ele ficasse ainda mais irritado quando achava que estávamos chegando de fininho. Ele estava usando o terno azul. Nosso pai nunca usava terno aos sábados. Pela primeira vez percebi que seu cabelo estava começando a ficar grisalho na nuca. Ao lado de Andrea, ele parecia ainda mais alto do que era.

– Deve ser um consolo tê-los por perto – disse Andrea, referindo-se não aos filhos, mas aos quadros.

O Sr. e a Sra. VanHoebeek, cujos primeiros nomes eu nunca tinha ouvido, eram mais velhos em seus retratos, mas não totalmente idosos. Ambos vestiam roupas pretas e portavam-se de maneira ereta e formal, que exprimia outra época. Mesmo em suas molduras separadas, pareciam tão juntos, tão *casados*, que eu sempre imaginei se tratar de um quadro grande que alguém cortou ao meio. Andrea inclinou a cabeça para trás a fim de analisar aqueles quatro olhos astutos que pareciam seguir e reprovar um garoto independentemente do sofá em que ele escolhesse se sentar. Em silêncio, Maeve enfiou o dedo entre minhas costelas para me fazer gritar, mas eu me segurei. Nós ainda não tínhamos sido apresentados a Andrea, que, por trás, parecia pequena e elegante em seu vestido cinturado, com um chapéu preto que não era maior que um pires preso em uma mecha de cabelos claros. Tendo sido educado por freiras, eu sabia que não devia rir e constranger um convidado. Andrea não tinha como saber que as pessoas nos quadros tinham vindo com a casa, que tudo na casa tinha vindo com a casa.

Os VanHoebeeks da sala de estar eram a grande atração, um documento em tamanho real de pessoas gastas pelo tempo, os rostos severos e

desagradáveis reproduzidos com exatidão holandesa e uma compreensão também claramente holandesa da incidência da luz, mas havia dúzias de outros retratos menores em todos os andares – filhos nos corredores, antepassados nos banheiros, pessoas sem nome que eles admiravam espalhadas por toda parte. Havia também um retrato da Maeve de quando tinha dez anos que, embora não fosse tão grande quanto os quadros dos VanHoebeeks, era tão bom quanto. Meu pai havia trazido de trem um famoso artista de Chicago. Conforme contam, era para ele ter pintado nossa mãe, mas ela, que não fora avisada de que o pintor ficaria hospedado em nossa casa por duas semanas, se recusou a posar, então ele pintou Maeve. Quando o retrato foi finalizado e emoldurado, meu pai o pendurou na sala de estar bem em frente aos VanHoebeeks. Maeve gostava de dizer que foi ali que ela aprendeu a encarar as pessoas.

– Danny – disse meu pai quando finalmente se virou, como se esperasse nos encontrar exatamente onde estávamos. – Venha cumprimentar a Sra. Smith.

Sempre vou acreditar que a cara de Andrea caiu por um instante quando ela nos viu. Ainda que meu pai não tivesse mencionado os filhos, ela devia saber que ele tinha algum. Todos em Elkins Park sabiam o que acontecia na Casa Holandesa. Talvez ela tivesse pensado que fôssemos ficar lá em cima. Afinal, Andrea tinha vindo ver a casa, não as crianças. Ou talvez tivesse feito aquela cara só para Maeve, que, aos quinze anos e de tênis, já era uma cabeça mais alta que ela, que estava de salto. Maeve passou a se curvar quando começou a ficar claro que ela seria mais alta do que todas as meninas da turma e que a maioria dos garotos, e nosso pai era implacável ao corrigir sua postura. *Cabeça-para-cima-ombros-para-trás* poderia muito bem ser o nome dela. Durante anos, sempre que passava por Maeve em um cômodo, ele batia entre as escápulas dela com a palma da mão. Esse hábito trouxe uma consequência indesejável: Maeve mantinha a postura de um soldado na corte da rainha, ou a da própria rainha. Até eu percebia quanto ela podia intimidar: sua altura, a muralha preta e brilhante que era seu cabelo, o modo como baixava os olhos para olhar para as pessoas em vez de curvar o pescoço. Mas aos oito anos eu ainda era confortavelmente menor do que a mulher com quem meu pai viria a se casar. Estendi o braço para apertar sua mãozinha e disse meu nome, depois Maeve fez o mesmo. Embora digam que Maeve e Andrea entraram em conflito desde o início,

isso não é verdade. Maeve foi perfeitamente razoável e educada quando elas se conheceram, e permaneceu assim até não ser mais possível.

– Como vai? – perguntou Maeve, e Andrea respondeu que ia muito bem.

Andrea ia bem. É claro que ia. Há anos o objetivo dela era entrar na casa, enlaçar o braço no de nosso pai ao subir os largos degraus de pedra e atravessar o terraço de ladrilhos vermelhos. Ela era a primeira mulher que nosso pai trazia para casa desde que minha mãe partira, embora Maeve tenha me dito que ele tivera alguma coisa com a babá durante um tempo, uma irlandesa chamada Fiona.

– Você acha que ele dormia com a Fofinha? – perguntei.

Fofinha era como chamávamos Fiona quando éramos crianças, em parte porque eu tinha dificuldade em dizer seu nome e em parte por causa dos cachos macios de cabelo ruivo que desciam por suas costas como uma nuvem fascinante. A notícia desse caso chegou a mim como a maioria das notícias chegava: muitos anos depois do acontecido, pela minha irmã, dentro do carro parado em frente à Casa Holandesa.

– Ou isso ou ela limpava o quarto dele no meio da noite – disse Maeve.

Meu pai e a Fofinha em flagrante delito. Balancei a cabeça.

– Não consigo imaginar.

– Você não devia tentar *imaginar*. Meu Deus, Danny, que nojo. De qualquer forma, você era praticamente um bebê no tempo da Fofinha. Fico surpresa até de você se lembrar dela.

Mas a Fofinha tinha batido em mim com uma colher de pau quando eu tinha quatro anos. Ainda tenho uma pequena cicatriz no formato de um taco de golfe no lado do olho esquerdo – a marca da Fofinha, como Maeve chamava. Fofinha alegou que estava cozinhando um panelão de molho de maçã quando eu a assustei ao puxar sua saia. Ela disse que estava tentando me afastar do fogão e certamente nunca teve a intenção de me bater, embora eu acredite que seja difícil bater no rosto de uma criança com uma colher de pau sem querer. A história só era interessante por ser minha primeira lembrança clara – de outra pessoa ou da Casa Holandesa ou da minha vida. Eu não tinha nenhuma lembrança de nossa mãe, mas me lembrava da colher da Fofinha atingindo a lateral da minha cabeça. Eu me lembro que Maeve, que estava no fim do corredor quando eu gritei, veio voando em direção à cozinha do mesmo jeito que o cervo voava por cima da cerca nos fundos da casa. Ela se jogou contra a Fofinha, que bateu no fogão, as chamas azuis saltando quando a panela de molho de maçã fervente caiu no chão e todos



fomos queimados por respingos pontuais. Fui levado ao consultório médico e levei seis pontos, fizeram um curativo na mão de Maeve e Fofinha foi demitida, embora eu me lembrasse de vê-la chorando e dizendo que sentia muito, que tinha sido um acidente. Ela não queria ir. De acordo com minha irmã, esse tinha sido o outro relacionamento de nosso pai, e ela devia saber o que estava falando, porque, se eu tinha quatro anos quando ganhei aquela cicatriz, ela já tinha onze.

Por acaso, os pais da Fofinha tinham trabalhado para os VanHoebeeks como motorista e cozinheira. Fofinha havia passado a infância na Casa Holandesa, ou no pequeno apartamento em cima da garagem. Por isso, quando seu nome surgiu, depois de tantos anos, perguntei-me para onde ela teria ido quando foi despedida.

Fofinha era a única pessoa na casa que conhecera os VanHoebeeks. Nem mesmo nosso pai os conheceu, embora nos sentássemos em suas cadeiras, dormíssemos em suas camas e fizéssemos as refeições com suas louças. Os VanHoebeeks não eram a história, mas de certa forma a casa era, e a casa era deles. Fizeram fortuna no ramo de distribuição de cigarros, um negócio de sorte em que o Sr. VanHoebeek entrara antes do início da Primeira Guerra Mundial. Os soldados recebiam cigarros no campo de batalha para levantar o ânimo, hábito que os acompanhou na volta para celebrar uma década de prosperidade. Os VanHoebeeks, que ficavam mais ricos a cada hora, mandaram construir uma casa em uma área que, na época, era agricultável, nos arredores da Filadélfia.

O estrondoso sucesso da casa poderia ser atribuído ao arquiteto, apesar de não ter encontrado nenhum outro exemplo de seu trabalho quando resolvi procurar. É possível que um dos austeros VanHoebeeks – ou ambos – tivesse algum tipo de estética visionária, ou que a propriedade tenha inspirado uma admiração além do que qualquer um deles pudesse imaginar, ou que os Estados Unidos pós-Primeira Guerra estivessem repletos de artesãos que trabalhavam segundo padrões há muito abandonados. Qualquer que seja a explicação, a casa em que eles acabaram vivendo – a casa em que mais tarde nós acabamos vivendo – era uma confluência singular de talento e sorte. Não sei explicar como uma casa de três andares podia parecer ter a quantidade ideal de espaço, mas parecia. Ou talvez fosse mais adequado dizer que era uma casa grande demais para qualquer pessoa, um desperdício enorme e ridículo, mas nunca quisemos que fosse diferente. A Casa Holandesa, como ficou conhecida em Elkins Park, Jenkintown, Glenside e

em toda parte até a Filadélfia, referia-se não à arquitetura da casa, mas a seus habitantes. A Casa Holandesa era o lugar onde aqueles holandeses com nomes impronunciáveis viviam. Vista de certa distância, parecia flutuar alguns centímetros acima da colina em que ficava. Os painéis de vidro que cercavam as portas de entrada, também de vidro, eram grandes como vitrines de lojas e sustentados por trepadeiras de ferro forjado. As janelas absorviam a luz do sol e a refletiam de volta pelo extenso gramado. Talvez fosse neoclássica, mas com uma simplicidade de linhas que se aproximava do estilo mediterrâneo ou francês, e, embora não fosse holandesa, dizia-se que as cornijas azuis na sala de estar, na biblioteca e no quarto principal tinham sido arrancadas de um castelo em Utrecht e vendidas para os VanHoebeeks para pagar as dívidas de jogo de um príncipe. A casa – incluindo as cornijas – fora concluída em 1922.

– Eles viveram bons sete anos, até que os banqueiros começaram a pular das janelas – disse Maeve, localizando nossos antecessores na história.

A primeira vez que ouvi alguém falar da propriedade que havia sido vendida foi naquela primeira visita de Andrea. Ela seguiu nosso pai até o vestíbulo e ficou olhando para o gramado da frente.

– Tem muito vidro – disse Andrea, como se estivesse calculando se poderia ser trocado, substituído por uma parede. – Não te preocupa que as pessoas consigam ver dentro da casa?

Não só era possível ver dentro da Casa Holandesa, como também através dela. A casa era menor no meio, e o hall de entrada levava diretamente para o qual chamávamos de observatório, que tinha uma parede de janelas que dava para o quintal. Da calçada da rua, o olhar da pessoa subia os degraus da entrada, atravessava o terraço, as portas da frente, o amplo piso de mármore do hall e o observatório até chegar aos lilases ondulando despreocupados no jardim atrás da casa.

Nosso pai olhou para o teto e depois para os dois lados da porta, como se só agora estivesse pensando nisso.

– Estamos bem longe da rua – disse.

Naquela tarde de maio, o muro de tílias que corria os limites do terreno estava espesso de folhas, e o gramado verde em declive onde eu rolava como um cachorro durante o verão parecia profundo e largo.

– Mas à noite – disse Andrea, com a voz preocupada. – Estou me perguntando se daria para instalar umas cortinas.

Cortinas para bloquear a visão me parecia não apenas impossível, mas a ideia mais idiota que eu já ouvira.

– Você já nos viu à noite? – perguntou Maeve.

– É importante se lembrar da quantidade de terra que havia aqui quando eles construíram a casa – respondeu nosso pai, ignorando Maeve. – Eram mais de oitenta hectares. A propriedade ia até Melrose Park.

– Mas por que eles venderam?

De repente, Andrea percebeu que a casa faria muito mais sentido se não houvesse outras casas. A linha de visão iria muito além do gramado em declive, atravessando os canteiros de peônias e as rosas. A intenção era que o olhar viajasse por um amplo vale até chegar a uma floresta, para que, mesmo que os VanHoebeeks ou um de seus convidados olhassem pela janela do salão à noite, a única luz que veriam seria a das estrelas. Não havia uma rua naquela época, não havia uma vizinhança, embora agora tanto a rua quanto a casa dos Buchsbaums, do outro lado, ficassem completamente visíveis no inverno, quando as folhas caíam das árvores.

– Dinheiro – respondeu Maeve.

– Dinheiro – repetiu nosso pai, assentindo.

Não era uma noção complicada. Mesmo aos oito anos eu conseguia entender.

– Mas eles estavam errados – afirmou Andrea, e vi uma tensão ao redor de sua boca. – Pense em como este lugar devia ser lindo. Se alguém me perguntasse, eu diria que eles deveriam ter tido mais respeito. A casa é uma obra de arte.

Então eu ri, porque entendi que Andrea estava dizendo que os VanHoebeeks deviam ter perguntado a *ela* antes de vender a terra. Meu pai, irritado, mandou Maeve me levar para cima, como se eu tivesse esquecido o caminho.

Cigarros prontos, alinhados dentro de caixinhas, eram um luxo pelo qual só os ricos podiam pagar, assim como os hectares nunca pisados por seus proprietários. Pouco a pouco a terra foi sendo reduzida. O declínio da propriedade foi tratado em registros públicos, a história registrada em escrituras. Os lotes foram vendidos para pagar dívidas – quatro hectares, depois seis, depois doze. Elkins Park foi se aproximando cada vez mais da porta. Foi assim que a família VanHoebeek resistiu à Depressão, para ver o Sr. VanHoebeek morrer de pneumonia em 1940. Um dos garotos morreu na infância e os dois mais velhos na guerra. A Sra. VanHoebeek morreu em

1945, quando não havia mais nada a vender além do jardim lateral. A casa, e tudo que havia nela, voltou para o banco, do pó ao pó.

Fofinha ficou para trás, como cortesia da Poupança e Empréstimo da Pensilvânia, e recebia um pequeno salário para cuidar da propriedade. Os pais dela tinham morrido, ou talvez encontrado outros empregos. De qualquer maneira, ela vivia sozinha em cima da garagem e olhava a casa todos os dias para ter certeza de que não havia vazamentos no telhado, ou de que os canos não haviam estourado. Fofinha fazia um caminho reto entre a garagem e a porta da frente com um cortador de grama e deixava o restante do gramado crescer. Colhia as frutas das árvores que ainda restavam nos fundos da casa e fazia manteiga de maçã e conservas de pêssego para o inverno. Em 1946, quando nosso pai comprou a casa, os guaxinins tinham tomado conta do salão e mastigado a fiação. Fofinha só entrava na casa quando o sol estava a pino, bem na hora em que todos os animais noturnos estavam empilhados uns sobre os outros, dormindo profundamente. Foi um milagre os bichos não terem incendiado a casa. Os guaxinins acabaram capturados e descartados, mas deixaram para trás as pulgas, que se infiltraram por toda parte. Maeve dizia que suas primeiras lembranças da vida na casa eram a coceira e Fofinha salpicando os vergões com um cotonete embebido em loção de calamina. Meus pais acabaram contratando Fofinha para ser babá da minha irmã.



A primeira vez que Maeve e eu estacionamos na rua VanHoebeek (*Van Rubeic*, mas que todo mundo em Elkins Park pronunciava erroneamente como *Van Roubic*) foi também a primeira vez que voltei para casa da escola Choate, para o recesso de primavera. Naquele ano a primavera foi só no nome, porque o solo estava coberto por quase meio metro de neve, uma piada de Primeiro de Abril para coroar um inverno amargo. A primavera de verdade, fiquei sabendo no primeiro ano de internato, existia para os garotos que iam com os pais velejar nas Bermudas.

– O que você está fazendo? – perguntei quando ela parou o carro na frente da casa dos Buchsbaums, que ficava em frente à Casa Holandesa.

– Quero ver uma coisa.

Maeve inclinou o tronco para a frente e apertou o acendedor de cigarros do carro.

– Não tem nada para ver aqui – falei. – Vamos.

Eu estava mal-humorado por causa do tempo e por algo que via como injustiça entre aquilo que eu tinha e aquilo que eu merecia, mas ainda assim estava feliz por estar de volta a Elkins Park, feliz por estar no carro da minha irmã, a van Oldsmobile azul da nossa infância que meu pai deixou que ela levasse quando se mudou para um apartamento só dela. Como eu tinha quinze anos e, via de regra, era um idiota, pensei que a sensação de lar que estava vivenciando tinha a ver com o carro e o lugar onde estava estacionado, em vez de atribuí-la total e reconhecidamente à minha irmã.

– Você está com pressa de chegar a algum lugar?

Ela sacudiu um cigarro para fora do maço e colocou a mão sobre o acendedor. Se você não estivesse aí para pegar o acendedor, ele seria arremessado com força e faria um buraco no banco ou no tapete ou na sua perna, dependendo de onde caísse.

– Você dirige até aqui quando estou na escola?

Pop. Ela pegou o acendedor e acendeu o cigarro.

– Não.

– Mas aqui estamos – afirmei.

A neve caía constante e macia enquanto a última luz do dia se encerrava entre as nuvens. Maeve tinha a natureza de uma caminhoneira islandesa; nenhum tempo ruim era capaz de detê-la, mas eu acabara de desembarcar de um trem e estava cansado e com frio. Pensei que seria bom fazer queijo quente e afundar na banheira. Banhos de banheira eram objeto de ridicularização sem fim na Choate, nunca entendi por quê. Apenas os chuveiros eram considerados viris.

Maeve encheu os pulmões de fumaça, exalou e desligou o carro.

– Pensei em vir aqui algumas vezes, mas decidi esperar você.

Ela sorriu para mim, abrindo a janela apenas o suficiente para deixar entrar um pouco de ar ártico. Antes de ir para Choate enchi o saco dela para que parasse de fumar, mas depois esqueci de contar que eu mesmo tinha começado. Fumar era o que fazíamos em vez de tomar banho de banheira.

Levantei a cabeça para enxergar a entrada.

– Está vendo elas?

Maeve olhou pela janela do motorista.

– Não sei por que, mas sempre fico pensando naquela primeira vez que ela nos visitou, há um milhão de anos. Você se lembra?

É claro que eu me lembrava. Quem poderia esquecer a visita de Andrea?

– E ela falou aquilo sobre se preocupar com as pessoas olhando pelas nossas janelas à noite?

Assim que essas palavras saíram de sua boca, o hall de entrada foi inundado pela luz quente e dourada do lustre. Então, depois de um tempo, as luzes da escada se acenderam, e, alguns instantes depois, a da suíte no segundo andar. A iluminação da Casa Holandesa pareceu tão perfeitamente cronometrada com suas palavras que meu coração quase parou. É claro que Maeve *tinha* vindo até a casa sem mim. Ela sabia que Andrea acendia a luz no exato instante em que o sol se punha. Negar era apenas teatro da minha irmã, e depois reconheci seu esforço quando percebi isso. Era um show e tanto.

– Olha só para aquilo – sussurrei.

Não havia folhas nas tílias, e a neve caía, mas não muito espessa. Obviamente dava para enxergar dentro da casa, através da casa, não em detalhes, é claro, mas as lembranças completavam a imagem: a mesa redonda sob o candelabro, onde Sandy deixava a correspondência para nosso pai à noite, e atrás dela o relógio de pêndulo no qual era minha responsabilidade dar corda todo domingo depois da missa, para que o navio abaixo do número seis continuasse a balançar suavemente entre as duas fileiras azuis de ondas pintadas. Eu não conseguia ver o navio ou as ondas, mas sabia que estavam lá. Havia o aparador em formato de meia-lua encostado na parede, o vaso de cobalto com a pintura da menina e do cachorro, as duas cadeiras francesas onde ninguém se sentava, o espelho gigante cuja moldura sempre me fazia imaginar tentáculos retorcidos de um polvo dourado. Andrea atravessou o hall como se tivesse ensaiado. Estávamos muito longe para ver seu rosto, mas eu a reconhecia pelo jeito de andar. Norma desceu as escadas a toda a velocidade e parou de repente porque a mãe teria lhe dito para não correr. Norma estava mais alta agora, mas acho que talvez pudesse ser Bright.

– Ela deve ter nos observado – disse Maeve – antes daquela primeira visita.

– Ou talvez todo mundo tenha nos observado, todo mundo que descia esta rua no inverno.

Coloquei a mão dentro da bolsa de Maeve e peguei o maço de cigarros.

– Isso parece um pouco egocêntrico – afirmou Maeve. – *Todo* mundo.

– É o que nos ensinam na Choate.

Ela riu. Percebi que ela não esperava rir, e isso me deixou muito feliz.

– Cinco dias inteiros com você em casa – disse ela, soprando fumaça pela janela aberta. – Os cinco melhores dias do ano.

## 2

DEPOIS DE SUA primeira visita à Casa Holandesa, Andrea permaneceu como um vírus. Quando tínhamos certeza de que não a veríamos mais e meses se passavam sem que ninguém mencionasse seu nome, ela surgia à mesa de jantar novamente, a princípio retraída pela ausência, mas se soltando aos poucos com o tempo. Quando já confortável, Andrea não falava de outro assunto que não fosse a casa. Estava sempre falando sobre algum detalhe da sanca ou especulando sobre a altura exata do pé-direito, como se o teto fosse algo completamente novo para nós.

– Aquele padrão se chama ovo e dardo – dizia ela, apontando para cima.

Assim que atingia o limite do tolerável, ela desaparecia de novo, e o alívio tomava conta de mim e de Maeve (e, supúnhamos, de nosso pai) com seu silêncio glorioso.

Houve o domingo em que voltamos da missa e a encontramos sentada em uma das cadeiras de ferro brancas à beira da piscina, ou Maeve a encontrou. Maeve estava caminhando pela biblioteca e a viu pela janela por acaso. Ela não chamou nosso pai, como eu faria; simplesmente foi até a porta dos fundos na cozinha e saiu.

– Sra. Smith? – chamou Maeve, protegendo os olhos com a mão.

Nós a chamamos de Sra. Smith até eles se casarem, e nunca fomos encorajados a chamá-la de outro jeito. Acho que depois que eles se casaram ela gostaria que a chamássemos de Sra. Conroy, mas isso só teria intensificado a estranheza, uma vez que Maeve e eu também éramos Conroys.

Maeve me disse que Andrea se assustou e, quem sabe, talvez estivesse dormindo.

– Onde está seu pai?

– Lá dentro. – Maeve olhou por sobre o ombro. – Ele estava esperando você?

– Eu estou esperando por *ele* há uma hora – corrigiu Andrea.



Como era domingo, Sandy e Jocelyn estavam de folga. Acho que elas não teriam deixado Andrea entrar se não estivéssemos em casa, mas não tenho certeza disso. Sandy era a mais acolhedora das duas, e Jocelyn, a mais desconfiada. Elas não gostavam de Andrea, e provavelmente a teriam feito esperar do lado de fora até que chegássemos. Estava só um pouco frio, um dia agradável o bastante para se sentar à beira da piscina, a luz do sol brilhando na água azul, as delicadas linhas de bolor crescendo entre as lajotas. Maeve disse a ela que tínhamos ido à igreja.

Então as duas ficaram se encarando, sem que nenhuma desviasse o olhar.

– Sou metade holandesa, sabia? – disse Andrea afinal.

– Desculpe?

– Por parte de mãe. Ela era cem por cento holandesa.

– Nós somos irlandeses – disse Maeve.

Andrea assentiu, como se houvesse algum desacordo que agora tinha se resolvido a seu favor. Quando ficou claro que não haveria mais diálogo, Maeve entrou para avisar nosso pai que a Sra. Smith estava esperando à beira da piscina.

– Onde diabos ela estacionou? – Maeve perguntou para mim depois que ele saiu. Ela quase não usava esse palavreado naqueles dias, principalmente depois da missa.

– Ela sempre estaciona em frente à casa.

Então fomos procurar o carro, primeiro ao lado da casa e depois atrás da garagem. Quando não o encontramos em nenhum dos lugares óbvios, descemos pela calçada, nossos sapatos de domingo esmagando o cascalho em direção à rua. Não fazíamos ideia de onde Andrea morava, mas sabíamos que não era nossa vizinha, não viera a pé. Finalmente encontramos o Impala creme estacionado a uma quadra da casa, a lateral esquerda amassada na frente. Maeve se abaixou para avaliar o estrago e eu só encostei no para-lama pendurado, impressionado com o farol que fora poupado. Era óbvio que Andrea tinha batido em alguma coisa e não queria que soubéssemos.

Não contamos a nosso pai sobre o carro. Afinal, ele não nos contava nada. Nunca falava sobre Andrea, nem quando ela ia embora nem quando voltava. Ele não nos falava se pensava nela assumindo algum papel em nosso futuro. Quando ela estava lá, ele agia como se ela sempre estivesse, e quando ia embora nós nunca queríamos lembrá-lo disso, por medo de que ele a convidasse para voltar. Na verdade, não acho que ele estivesse

realmente interessado em Andrea. Só acho que ele não sabia como lidar com a obstinação dela. A estratégia dele, pelo que podia perceber, era ignorá-la até ela ir embora.

– Isso nunca vai funcionar – disse Maeve.

A única coisa que realmente importava para nosso pai era o trabalho: os prédios que construía, mantinha e alugava. Ele raramente vendia algum; preferia lucrar ao máximo com o que tinha para poder comprar mais. Quando tinha um compromisso com o banco, o banqueiro vinha até ele, e meu pai o fazia esperar. A Sra. Kennedy, secretária do meu pai, oferecia ao banqueiro uma xícara de café e dizia que não ia demorar muito, mas às vezes demorava. O banqueiro não podia fazer nada além de ficar sentado na antessala do escritório do meu pai, segurando o chapéu.

O pouco de atenção que restava ao meu pai no fim da semana era guardado para mim, e até isso ele transformava em parte do trabalho. Ele me levava no Buick todo primeiro sábado do mês para cobrar o aluguel, e me dava um lápis e um livro-razão para anotar, na coluna ao lado do valor que deviam, quanto os inquilinos haviam pagado. Logo aprendi quem nunca estaria em casa e quem estaria esperando à porta com um envelope. Sabia que haveria reclamações – um banheiro que vazava, uma descarga que emperrava, um interruptor que não funcionava. Algumas pessoas arranjavam alguma desculpa todo mês e não pagavam enquanto o problema não fosse resolvido. Meu pai, cujo joelho tinha sido destruído na guerra, mancava levemente quando ia até o porta-malas do carro pegar o que quer que fosse necessário para consertar as coisas. Quando eu era criança, achava que o porta-malas era um baú mágico – alicates, braçadeiras, martelos, chaves de fenda, selante, pregos –, tudo estava lá. Agora eu sei que as coisas que as pessoas pedem em um sábado de manhã costumam ser facilmente resolvidas, e meu pai gostava de resolvê-las por conta própria. Ele era um homem rico, mas queria mostrar às pessoas que ainda sabia como as coisas funcionavam. Ou talvez aquela atuação fosse toda para mim, porque ele não precisava dirigir por aí cobrando aluguel, assim como não precisava arrastar a perna ruim escada acima para inspecionar telhas soltas. Ele tinha técnicos de manutenção para isso. Talvez fosse por minha causa que ele arregaçava as mangas e tirava a tampa de um fogão para vistoriar o acendedor enquanto eu ficava ali maravilhado com todas as coisas que ele sabia. Ele me dizia para prestar atenção, porque um dia o negócio seria meu e eu teria de saber como essas coisas eram feitas.

– O único jeito de realmente entender o valor do dinheiro é tendo sido pobre – disse ele enquanto almoçávamos no carro. – É contra isso que você vai ter de lutar. Um garoto como você, que cresce sem nunca precisar de nada, sem nunca passar fome... – disse ele e balançou a cabeça, como se aquilo fosse uma decisão decepcionante que eu tinha tomado – ... não sei como é possível superar algo assim. Você pode observar essas pessoas quanto quiser e ver como é para elas, mas não é a mesma coisa que passar por isso você mesmo.

Ele largou o sanduíche e tomou um gole de café da garrafa térmica.

– Sim, senhor – respondi. O que mais eu poderia dizer?

– A maior mentira no mundo dos negócios é que é preciso dinheiro para fazer dinheiro. Lembre-se disso: é preciso ser inteligente, ter um plano, prestar atenção no que acontece à sua volta. Nada disso custa um centavo.

Meu pai não era muito de dar conselhos, e aquilo pareceu desgastá-lo. Quando terminou, ele pegou o lenço do bolso e passou na testa.

Quando estou me sentindo caridoso, relembro desse momento e digo a mim mesmo que foi por isso que as coisas aconteceram do jeito que aconteceram. Meu pai estava tentando me ajudar com sua experiência.

Meu pai sempre ficava mais à vontade com os inquilinos do que com as pessoas de seu escritório ou da casa. Um inquilino começava a contar uma história – que às vezes era sobre a incapacidade do Phillies de lançar contra o Brooklyn e às vezes sobre por que não havia dinheiro suficiente no envelope –, e eu sabia dizer, pela postura do meu pai, pelo modo como ele balançava a cabeça em determinados trechos da história, se ele estava ou não prestando atenção. As pessoas que ficavam devendo nunca reclamavam sobre uma janela que não abria. Só queriam a oportunidade de contar a meu pai o que tinha acontecido naquele mês e garantir que não voltaria a acontecer. Nunca vi meu pai repreender os inquilinos ou ameaçá-los. Ele só ouvia, e então lhes pedia que fizessem o possível. Mas, depois de três meses de conversa, outra família estaria morando no apartamento quando voltássemos. Eu nunca ficava sabendo o que tinha acontecido com as pessoas de má sorte, só que acontecia em algum outro dia que não o primeiro sábado do mês.

Meu pai fumava cada vez mais conforme o dia passava. Eu ficava sentado ao lado dele no largo banco do carro, analisando os números do livro-razão ou observando pela janela as árvores que passavam apressadas. Quando meu pai fumava, eu sabia que ele estava pensando e que devia ficar

em silêncio. As vizinhanças iam piorando à medida que nos aproximávamos da Filadélfia. Ele deixava os inquilinos mais pobres para o fim do dia, como se quisesse dar a eles mais algumas horas para reunir o dinheiro que deviam. Eu preferiria ficar esperando no carro nessas últimas paradas, mexendo no rádio, mas sabia que era melhor pular a parte em que perguntaria se podia ficar e ele responderia que não. Os inquilinos de Mount Airy e Jenkintown sempre eram gentis comigo, perguntavam sobre a escola e o basquete e me ofereciam doces que meu pai dizia para nunca aceitar. “Você está cada dia mais parecido com seu pai. Está ficando igualzinho a ele”, diziam eles.

Mas nos bairros mais pobres as coisas eram diferentes. Não que os inquilinos não fossem simpáticos, mas ficavam nervosos mesmo quando tinham o dinheiro para pagar, talvez pensando em como tinha sido o mês anterior ou como seria o próximo. Eram reverentes não só com meu pai, mas comigo também, e era essa reverência que me dava vontade de abrir um buraco no chão e sumir. Homens mais velhos que meu pai me chamavam de Sr. Conroy antes mesmo de eu completar dez anos, como se a semelhança que viam entre nós fosse mais do que física. Talvez vissem a situação como meu pai via: um dia estariam pagando o aluguel para mim, então não deviam me chamar de Danny. Enquanto subíamos as escadarias dos prédios, eu tirava lascas de tinta das paredes e passava por cima das ripas quebradas. Portas semiabertas batiam nas dobradiças e nunca havia telas. O aquecimento nos corredores era tropical ou inexistente. Aquilo me fazia pensar no luxo que era tagarelar sobre a carrapeta de uma torneira, mas não me fazia lembrar de que aquele prédio também era do meu pai, e que estava ao seu alcance abrir o porta-malas e também melhorar as coisas para as pessoas que viviam ali. Uma a uma, ele batia nas portas e as portas se abriam e ouvíamos o que quer que as pessoas lá dentro tinham a dizer: maridos sem trabalho, maridos desaparecidos, esposas desaparecidas, crianças doentes. Uma vez um homem ficou justificando que não tinha o dinheiro do aluguel porque o filho estava muito doente e ele teve de ficar em casa para cuidar do garoto. O garoto e o homem estavam sozinhos no apartamento escuro, não havia mais ninguém ali com eles. Quando meu pai já tinha ouvido o bastante, entrou na sala e pegou o garoto febril do sofá. Naquela época, eu não fazia ideia de como era uma pessoa morta, mas o braço do garoto balançou na lateral do corpo e a cabeça caiu nos braços do meu pai. Aquilo me deixou apavorado. Se não fosse a respiração

extremamente pesada, eu teria achado que era tarde demais. O ar no apartamento estava denso, tinha o cheiro mentolado do sofrimento. Talvez o garoto tivesse cinco ou seis anos, era muito pequeno. Meu pai o carregou pelas escadas e o colocou no Buick enquanto o pai do garoto nos seguia dizendo que não precisávamos nos preocupar.

– Não vai ser nada – dizia. – O garoto vai ficar bem.

Mesmo assim ele entrou, se sentou no banco de trás do carro e seguiu ao lado do filho até o hospital. Eu nunca tinha me sentado no banco da frente de um carro com um adulto sentado no banco de trás, e isso me deixou nervoso. Ficava imaginando o que as freiras diriam se nos vissem passar. Quando chegamos ao hospital, meu pai acertou tudo com a mulher no balcão e fomos embora. Voltamos para nossa casa no escuro, sem dizer uma única palavra sobre o que tinha acontecido.

– Por que ele fez isso? – Maeve me perguntou naquela noite depois do jantar, quando estávamos em seu quarto.

Nosso pai nunca a levava para cobrar o aluguel, embora ela fosse sete anos mais velha que eu, ganhasse o prêmio de matemática na escola todos os anos e provavelmente fosse capaz de se sair ridiculamente melhor do que eu com o livro-razão. No primeiro sábado de cada mês, após sermos dispensados da mesa e nosso pai ir até a biblioteca com sua bebida e o jornal, Maeve me levava até seu quarto e fechava a porta. Ela então pedia um relatório do dia, passo a passo: o que tinha acontecido em cada apartamento; o que os inquilinos tinham dito; e o que nosso pai tinha respondido. Queria saber até o que tínhamos comprado no Carter's Market na hora do almoço, onde sempre parávamos para comer sanduíches.

– O garoto estava muito doente, só isso. Ele não abriu os olhos nem uma vez, nem quando papai o colocou no carro.

Quando chegamos ao hospital, meu pai mandou que eu fosse até o banheiro e lavasse as mãos com a água quente e sabonete, mesmo eu não tendo tocado no garoto.

Maeve ficou pensativa.

– O que foi? – perguntei.

– Bem, pare para pensar. Ele odeia pessoas doentes. Alguma vez ele passou pela porta do seu quarto quando você estava doente?

Ela se esticou na cama ao meu lado, afofando o travesseiro sob a cabeça.

– Se você vai colocar os pés na minha cama, o mínimo que você pode fazer é tirar esses sapatos imundos.

Chutei os sapatos para fora dos pés. Ele se sentava na beirada da minha cama e colocava a mão em minha testa? Ele me trazia refrigerante, perguntava se eu estava com vontade de vomitar de novo? Era isso que Maeve fazia. Era o que Sandy e Jocelyn faziam quando Maeve estava na escola.

– Ele nunca entra no meu quarto.

– Mas por que ele fez tudo isso se o pai do garoto estava lá?

Eu quase nunca chegava a uma resposta antes da Maeve, mas nesse caso era óbvio.

– Porque a mãe não estava.

Se tivesse uma mulher no apartamento, ele nunca teria se envolvido.

As mães eram a medida da segurança, isso significava que eu estava mais seguro que Maeve. Depois que nossa mãe partiu, Maeve assumiu aquele papel por mim, mas ninguém fez o mesmo por ela. É claro que Sandy e Jocelyn cuidavam de nós. Elas se certificavam de que estivéssemos limpos e alimentados e de que nosso almoço estivesse embalado e a mensalidade do escoteiro, paga. Elas nos amavam, eu tinha certeza disso, mas no fim do dia elas iam para casa. Eu não podia ir para a cama da Sandy ou da Jocelyn no meio da noite quando tinha um pesadelo, e nunca pensei em bater na porta do quarto do meu pai. Era a Maeve quem eu recorria. Ela me ensinou como segurar um garfo. Ela ia aos meus jogos de basquete e conhecia todos os meus amigos e supervisionava minha lição de casa e me beijava todas as manhãs antes de cada um de nós seguir seu caminho para a escola e novamente à noite antes de se deitar, sem se importar se eu queria ou não ser beijado. Ela me dizia o tempo todo que eu era gentil e inteligente e rápido, que eu podia ser o melhor homem que quisesse ser. Ela era muito boa nessas coisas, apesar de ninguém ter feito isso por ela.

– A mamãe fazia isso por mim – disse ela, surpresa por eu ter tocado no assunto. – Olha só, garoto, eu é que fui sortuda, ok? Eu passei anos com ela e você não. Não consigo nem imaginar quanto você deve sentir falta dela.

Mas como eu poderia sentir falta de alguém que eu nunca conheci? Eu tinha três anos na época e, mesmo que entendesse o que estava acontecendo, não tinha lembrança alguma disso. Foi Sandy quem me contou a história toda, embora obviamente eu soubesse de algumas partes contadas pela minha irmã. Maeve tinha dez anos quando nossa mãe começou a ir embora. Certa manhã, Maeve se levantou e abriu as cortinas para ver se tinha nevado durante a noite, e tinha. A Casa Holandesa era

sempre gelada. Havia uma lareira no quarto de Maeve, e Sandy sempre mantinha lenha seca sobre uma cama de jornal amassado, para que, de manhã, Maeve só precisasse riscar um fósforo, o que deixavam ela fazer desde seu aniversário de oito anos.

(“A mamãe me deu uma caixa de fósforos de aniversário”, contou ela certa vez. “Disse que a mãe dela havia lhe dado uma caixa de fósforos quando ela fez oito anos, e elas passaram a manhã aprendendo a acender. Ela me ensinou a acender o fósforo e, à noite, deixou que eu acendesse as velas do bolo.”)

Maeve acendeu a lareira, colocou o roupão, calçou os chinelos e foi até meu quarto ver se eu estava bem. Eu tinha três anos, ainda estava dormindo. Não participei dessa história.

Então ela atravessou o corredor até o quarto dos nossos pais e encontrou-o vazio, a cama já feita. Maeve voltou ao seu quarto para se arrumar para a escola. Já tinha escovado os dentes, lavado o rosto e estava quase pronta quando Fofinha entrou para acordá-la.

– Todos os dias você é mais rápida do que eu – disse Fofinha.

– Você devia me acordar mais cedo – respondeu Maeve.

Fofinha disse que ela não precisava acordar mais cedo.

O fato de nosso pai já ter saído de casa àquela hora não era estranho. Nossa mãe não estar em casa era incomum, mas não sem precedente. Sandy, Jocelyn e Fofinha pareciam as mesmas de sempre. Se elas não estavam preocupadas, não havia razão para se preocupar. Era nossa mãe quem levava Maeve à escola, mas naquela manhã Fofinha fez isso, deixando-a lá com o almoço que Jocelyn tinha preparado. No fim do dia, Fofinha estava lá para buscá-la. Quando Maeve perguntou onde nossa mãe estava, ela deu de ombros.

– Provavelmente com seu pai?

Nossa mãe não estava no jantar naquela noite, e, quando nosso pai apareceu, Maeve perguntou onde ela estava. Ele a envolveu em seus braços e beijou seu pescoço. Essas coisas ainda aconteciam naquele tempo. Ele disse a Maeve que nossa mãe tinha ido à Filadélfia visitar velhos amigos.

– Sem se despedir?

– Ela se despediu de mim – respondeu nosso pai. – Ela se levantou muito cedo.

– Eu me levantei cedo.

– Bem, ela se levantou mais cedo que você e me pediu que te dissesse que volta em um ou dois dias. Todo mundo precisa de férias.

– Férias do quê? – perguntou Maeve, mas o que ela queria dizer era: *De mim? De nós?*

– Da casa. – Ele pegou Maeve pela mão e a levou até a sala de jantar. – Este lugar é uma grande responsabilidade.

Como poderia ser tanta responsabilidade assim, se Jocelyn e Sandy e Fofinha faziam boa parte do trabalho, se os jardineiros vinham cuidar do gramado e varrer as folhas e limpar a neve, se Maeve se dispunha a fazer qualquer coisa para ser útil?

Nossa mãe não estava lá quando Maeve acordou na manhã seguinte, e mais uma vez Fofinha a levou à escola e a buscou. Mas quando elas chegaram em casa naquele segundo dia, nossa mãe estava sentada na cozinha bebendo chá com Sandy e Jocelyn. Eu estava brincando no chão, tirando as tampas de todos os potes.

– Ela parecia tão cansada – contou Maeve. – Parecia que não tinha dormido o tempo todo que esteve longe.

Nossa mãe largou a xícara e pegou Maeve no colo.

– Aqui está minha querida – disse, e beijou sua testa e seu cabelo. – Aqui está meu amor verdadeiro.

Maeve abraçou o pescoço de nossa mãe e descansou a cabeça em seu peito e sentiu seu cheiro enquanto nossa mãe acariciava seu cabelo.

– Quem tem uma menina como esta? – perguntou a Sandy e Jocelyn. – Quem tem uma menina tão linda, gentil e inteligente? O que eu fiz para merecer uma lindeza assim?

Algumas variações dessa história aconteceram mais três vezes.

Ao longo dos dois meses seguintes, nossa mãe sumiu por duas noites, depois quatro noites, depois uma semana. Maeve começou a acordar no meio da noite para ir até o quarto de nossos pais e ver se ela ainda estava lá. Às vezes nossa mãe estava acordada e, quando via Maeve à porta, levantava a coberta, e Maeve flutuava até a cama em silêncio, se encaixando na curva quente de seu corpo. Ela adormecia sem pensar, os braços da mãe à sua volta, os batimentos cardíacos e a respiração da mãe atrás dela. Nenhum outro momento da vida se comparava a esse.

– Por que você não se despede de mim antes de sair? – perguntava Maeve, e nossa mãe simplesmente balançava a cabeça.



– Eu nunca vou ser capaz de fazer isso. Nem em um milhão de anos vou conseguir me despedir de você.

Nossa mãe estava doente? Estava piorando?

Maeve assentiu.

– Ela estava virando um fantasma. Uma semana ela estava mais magra, depois, mais pálida, tudo se deteriorou muito rápido. Todos estávamos desmoronando. Mamãe chegava em casa e chorava por dias. Eu ia me sentar com ela em sua cama depois da escola. Às vezes você estava na cama com ela, brincando. Quando papai estava em casa ele parecia sempre estar tentando segurá-la, como se andasse pela casa com os braços estendidos. Sandy, Jocelyn e Fofinha estavam nervosas, mas ninguém dizia uma palavra a respeito. Quando ela ia embora era insuportável e quando ela voltava era insuportável de um jeito diferente, porque sabíamos que ela iria embora de novo.

Quando ela se foi definitivamente, Maeve perguntou a nosso pai quando ela voltaria. Ele ficou olhando para ela por um bom tempo. Não sabia que parte da verdade deveria contar a uma criança de dez anos, então decidiu contar tudo. Ele disse a Maeve que nossa mãe não ia mais voltar. Ela tinha ido para a Índia e não ia voltar.

Maeve nunca conseguiu decidir qual parte dessa história era pior: a mãe ter ido embora ou o fato de a Índia ficar do outro lado do mundo.

– Ninguém vai para a Índia!

– Maeve – disse ele.

– Talvez ela ainda não tenha ido!

Ela não acreditou nele nem por um instante, mas se a história tinha começado, ela precisava parar. Nosso pai balançou a cabeça, mas não a abraçou. De alguma forma, isso talvez tenha sido o mais estranho de tudo.

Essa era a história da partida de nossa mãe, e esse era o ponto em que a história parava. Devia ter havido perguntas, explicações. Se ela estava na Índia, nosso pai deveria ter ido encontrá-la e trazê-la de volta, mas nada disso aconteceu, porque Maeve parou de se levantar pela manhã. Ela não ia à escola. Sandy levava mingau em uma bandeja e se sentava na beirada da cama, tentando convencê-la a comer duas colheradas, mas ela dizia que Maeve raramente aceitava. Todos achavam que ela estava doente de saudade da mãe. Todos estavam sofrendo de alguma forma, então deixaram Maeve se afundar, sem nunca parar para pensar que ela ainda bebia o suco de laranja, o copo de água e o bule inteiro de chá de camomila. Ela levava o

copo até o banheiro e o enchia várias vezes, até acabar enfiando a cabeça na pia para beber direto da torneira. Fofinha me levava até o quarto de Maeve e me colocava em sua cama, e Maeve lia para mim antes de cair no sono novamente. Então, certa tarde, menos de uma semana depois de nossa mãe partir de vez, Maeve não acordou. Fofinha chacoalhou e chacoalhou Maeve, e então pegou-a nos braços e correu escada abaixo até o carro.

Onde estava todo mundo? Para onde nosso pai e Sandy e Jocelyn tinham ido? Onde eu estava? Sandy disse que não conseguia se lembrar.

– Foi uma época horrível – disse Sandy, balançando a cabeça.

O que ela sabia era que Fofinha levou Maeve ao hospital e a carregou até a recepção, onde umas enfermeiras pegaram-na adormecida nos braços. Ela ficou no hospital durante duas semanas. Os médicos disseram que a diabetes podia ter sido causada pelo trauma, ou que podia ser um vírus. O corpo tem várias maneiras de lidar com coisas que não consegue entender. No hospital, Maeve recuperava e voltava a perder a consciência enquanto tentavam estabilizar o nível de açúcar em seu sangue. Tudo o que tinha acontecido com ela era parte de um sonho. Ela dizia a si mesma que a mãe estava proibida de visitá-la, um castigo imposto a ambas por alguma coisa que ela tinha feito e da qual não se lembrava. As Irmãs da Misericórdia, todas amigas de nossa mãe, foram visitá-la. Duas alunas do Sagrado Coração levaram um cartão assinado por toda a turma, mas não permitiram que elas ficassem. Nosso pai ia visitá-la à noite, mas falava muito pouco. Ele segurava o pé de Maeve pelo cobertor de algodão branco e dizia que ela precisava melhorar, que ninguém queria aquilo. Jocelyn e Sandy e Fofinha se revezavam para ficar com ela no quarto.

– Uma de nós com você, uma com seu irmão e uma com seu pai – dizia Sandy. – Todos estão recebendo cuidados.

Sandy disse que, quando precisava chorar, esperava Maeve dormir, e então ia para o corredor.

Depois que Maeve voltou do hospital, as coisas pioraram. Segundo a lógica, a ausência de nossa mãe a teria deixado doente, então, ainda segundo a lógica, falar de nossa mãe poderia matá-la. A Casa Holandesa ficou silenciosa. Sandy e Jocelyn e Fofinha se dedicavam à minha irmã, às agulhas, à insulina. Ficavam apavoradas com a forma como cada injeção a afetava. Nosso pai não queria se envolver naquilo. Fofinha, que durante aquelas semanas dormiu na cama com Maeve, acabou levando-a de volta para o hospital no meio da noite. Mais uma vez tentaram estabilizá-la, mais

uma vez lhe deram alta. Maeve chorava sem parar, até meu pai entrar em seu quarto e mandar que parasse. Todos tinham se tornado personagens da pior parte de um conto de fadas. Meu pai agora tinha cem anos.

– Pare – dizia ele, como se mal conseguisse pronunciar as palavras. – Você precisa parar.

Até que, finalmente, ela parou.

### 3

COM QUASE DOIS anos de ocupação irregular, Andrea entrou na casa em uma tarde de sábado com duas garotinhas. Digam o que quiserem de Andrea, mas a mulher tinha um talento especial para fazer o impossível parecer natural. Eu não sabia ao certo se só Maeve e eu estávamos conhecendo as filhas dela pela primeira vez, ou se a existência de Norma e Bright Smith também era novidade para nosso pai. Não, ele devia saber. O simples fato de ele não olhar para elas significava que já as conhecia. Elas eram muito mais novas que eu. Bright, a caçula, parecia saída de um cartão de Natal, clara como a mãe, com bochechas rosadas e olhos azuis, um sorriso largo para qualquer pessoa. Norma tinha cabelos castanho-claros e olhos verdes. Não era parecida com a irmã reluzente, até porque era muito séria. Seus lábios se mantinham apertados em uma linha reta. Claramente era responsabilidade dela cuidar de tudo.

– Meninas – disse-lhes a mãe –, esse é o Danny e essa é a irmã dele, Maeve.

É claro que ficamos chocados, mas no fundo estávamos felizes também, certos de que as meninas seriam o fim de Andrea. Nosso pai não estava disposto a aguentar mais duas crianças em casa, principalmente duas meninas. Quem terá ficado cuidando delas todas aquelas noites de sábado em que Andrea viera jantar, sem nunca ter mencionado que precisava voltar para casa? Isso não seria perdoado. Quando fomos até a porta nos despedir das três depois de uma visita breve, se comparada às outras, achamos que estávamos nos despedindo para sempre.

– *Sayonara*, Sra. Smith – disse Maeve aquela noite no banheiro enquanto colocava pasta na minha escova e depois na dela.

Eu era perfeitamente capaz de manusear um tubo de pasta de dentes, mas esse era nosso ritual. Escovávamos os dentes juntos e depois fazíamos nossas orações.

– *Buenas noches*, Bright e Norma – continuei.

Maeve me olhou por um instante, sem acreditar que eu tinha dito aquilo, e então começou a rir tanto que latia como uma foca.

Maeve e eu sempre achamos que estávamos prestes a decifrar o código da vida e logo entenderíamos o mistério impenetrável que era nosso pai, mas interpretamos a aparição das filhas de Andrea de forma totalmente equivocada. Não era uma apresentação prematura. A revelação de que Andrea vinha com um pacote completo era prova de que ela estava completamente inserida, e nós, por algum motivo, não percebemos isso. Logo as meninas passaram a frequentar a casa regularmente, sentando-se conosco à mesa de jantar ou tirando as meias para molhar os pés na piscina – nenhuma das duas sabia nadar. Era estranho ter outras crianças por perto. Maeve e eu tínhamos amigos na escola, mas nós é que íamos até a casa deles nas festas e para estudar e passar a noite. Ninguém nunca vinha à Casa Holandesa. Talvez não quiséssemos chamar atenção para o fato de que não tínhamos mãe, ou temêssemos que a casa pudesse nos fazer virar motivo de piada, mas na verdade acho que entendíamos que nosso pai não gostava de crianças, e era por isso que não fazia sentido ele deixar aquelas duas entrarem.

Certa noite, as meninas apareceram com a mãe, que trajava um vestido azul de seda muito elegante. Bright ficava passando a mão na saia, fazendo-a farfalhar como folhas ao vento, enquanto Norma brincava de pisar apenas nos quadradinhos pretos de mármore no hall de entrada. Andrea anunciou para nós quatro que ela e meu pai iam sair. Sem nenhum aviso, ela planejou deixar as meninas para Maeve e eu cuidarmos.

– O que vamos fazer com elas? – perguntou Maeve.

Nós realmente não sabíamos o que fazer. Elas não eram nossa responsabilidade. Nunca tínhamos ficado sozinhas com as duas.

Andrea fez pouco caso da pergunta. Andava entusiasmada naqueles dias, como se tudo estivesse decidido. Talvez estivesse.

– Vocês não precisam fazer nada – respondeu para Maeve, e então sorriu para as meninas. – Vocês se cuidam, não é, meninas? Vocês têm livros? Norma, peça a Maeve que pegue um livro para você.

Maeve tinha uma pilha de romances de Henry James na mesinha de cabeceira. *A volta do parafuso*? Era isso que elas queriam? Nosso pai desceu as escadas largas vestindo seu melhor terno, o olhar altivo. Desceu segurando o corrimão, o que significava que seu joelho estava doendo, o que significava que estava de mau humor. Será que Andrea sabia disso?

– Está na nossa hora – disse para ela.

Para o restante de nós, no entanto, não disse uma palavra, nem obrigado, nem boa noite. Foi direto para a porta. Acho que estava envergonhado.

– Comportem-se! – cantarolou Andrea por cima do ombro.

Ela seguiu nosso pai, que não esperou por ela, até a porta. As duas meninas ficaram paralisadas até não conseguirem mais enxergar o topo do chapéu da mãe, e então começaram a chorar.

– Jesus, Maria, José – disse Maeve, e saiu à procura de lenços.

Para ser justo com as meninas, elas não estavam aos prantos. Na verdade, acho que elas estavam se segurando ao máximo para não chorar, mas o choro foi mais forte. Elas se sentaram juntas na mesma poltrona. Bright apoiou a cabeça no peito da irmã, e Norma enterrou o rosto nas mãos, como se tivessem acabado de receber notícias do Apocalipse. Perguntei se elas queriam mesmo um livro ou se preferiam assistir à televisão ou tomar sorvete. Elas não olhavam para mim. Mas então Maeve voltou, entregou um lenço a cada uma e, falando como se ninguém estivesse chorando, perguntou se elas queriam conhecer a casa.

Apesar de toda a tristeza, era óbvio que Norma e Bright tinham ouvido. Elas queriam continuar chorando, como se o choro fosse o objetivo da noite, mas passaram a fungar menos para ouvir.

– O hall não é a casa – disse Maeve. – É apenas uma pequena parte dela. Observem que dá para ver tudo através dele. Jardim frontal – ela apontou para a porta por onde elas tinham entrado, depois virou na direção oposta e apontou para as janelas do observatório –, quintal dos fundos.

Bright se ajeitou na poltrona a fim de olhar para os dois lados, e, após deixar cair as últimas lágrimas, Norma também olhou, hesitante.

– Vocês já viram a sala de jantar e a sala de estar – disse Maeve, e então se virou para mim: – Acho que é isso, não é? Acho que elas nunca foram à cozinha.

– Por que elas iriam até a cozinha?

Eu estava tentando não ficar emburrado, as meninas é que estavam emburradas, mas conseguia pensar em pelo menos outras cem coisas que eu preferia estar fazendo em vez de fazer sala para as filhas de Andrea.

Maeve foi procurar uma lanterna para abrir a porta do porão.

– Não usem o corrimão – disse ela por sobre o ombro. – Ele solta farpas. Só tomem cuidado e fiquem olhando para seus pés.

– Eu não quero ir até o porão – disse Bright, observando a escuridão do primeiro degrau.

– Então não vá – respondeu Maeve. – Não vamos demorar.

– Você pode me levar no colo – sugeriu Bright.

Dessa vez Maeve não respondeu.

Norma parou no segundo degrau.

– Tem aranha?

– Com certeza.

Maeve continuou descendo. Ela estava procurando a cordinha que pendia da única lâmpada no meio do teto. As meninas avaliaram as opções: subir ou descer. Então logo seguiram Maeve, enquanto eu assumia a retaguarda da expedição. Ambas estavam de vestido, com meias-calças brancas e sapatos de verniz. O porão da casa era de outro século. Não tinha relação alguma com a estrutura de cima. Em alguns cantos, as paredes se reduziam a pilhas de poeira. Uma vez encontrei uma ponta de flecha lá. Teria procurado mais coisas, mas a verdade era que eu mesmo não gostava daquele lugar.

– Por que vocês descem aqui? – perguntou Norma, meio horrorizada, meio admirada.

– Vou mostrar.

Maeve direcionou a lanterna para o fundo do porão até a luz atingir uma portinha de metal na parede.

– É a caixa de fusíveis. Se uma luz se apaga no banheiro do andar de cima e você sabe que não é a lâmpada, você precisa vir até aqui olhar a caixa de fusíveis. Às vezes, quando estamos sem fusíveis, enfiamos uma moeda atrás da caixa e aí o fusível antigo volta a funcionar. E se a calefação para de funcionar, a gente também precisa vir aqui embaixo para olhar a fornalha, e se acaba a água quente, para verificar a caldeira. Pode ser apenas que a chama-piloto tenha se apagado, e nesse caso é preciso cuidado na hora de riscar o fósforo. Porque se houver algum vazamento de gás... Bum! – disse ela como se não fosse nada.

Sinceramente, eu não fazia a menor ideia de nada daquilo.

Maeve seguia na frente, corajosa, enquanto Norma e Bright e eu tentávamos ficar nos lugares iluminados pela luz de sua lanterna. Ela abriu uma porta de madeira que rangeu tão alto que as meninas se agarraram em mim por um instante, depois puxou mais uma cordinha, acendendo mais uma lâmpada desprotegida.

– Esta é a despensa do porão, onde fica toda a comida extra, só para o caso de você estar aqui embaixo e sentir fome. Sandy e Jocelyn fazem pickles e geleias e molho de tomate. Praticamente qualquer coisa que se guarde em um vidro.

Olhamos para cima na direção das prateleiras de vidros imaculados, cada um etiquetado com uma data e organizado por cor, metades douradas de pêssego em calda flutuando, geleia de framboesa. Havia caixas de batata-doce e batata e cebola no chão gelado. Eu nunca tinha parado para pensar quanto éramos ricos até aquele momento, vendo toda aquela comida estocada na presença daquelas meninas.

Quando finalmente estávamos prontos para subir, Bright parou e apontou para as caixas empilhadas embaixo da escada.

– O que tem ali?

Maeve virou a lanterna na direção da torre de papelão toda mofada.

– Enfeites de Natal, decorações, essas coisas.

Bright pareceu alegre ao ouvir a palavra Natal e perguntou se podia abrir as caixas. Parecia lógico acreditar que onde havia enfeites haveria presentes, talvez até mesmo um para ela, mas Maeve disse não.

– Você pode voltar no Natal e abri-las.

Eu não disse uma palavra para Maeve naquela noite enquanto escovávamos os dentes e deixei-a de fora na hora de fazer as orações.

– Vamos – disse ela. – Não fique bravo.

Mas eu já estava bravo. Fui para a cama bravo. O passeio tinha durado a noite toda. Maeve mostrou às meninas tudo o que tinha para ver: a despensa, onde as louças eram guardadas e as toalhas de mesa eram enroladas em carretéis largos, o armário no quarto do terceiro andar com a portinha no fundo que levava a um ático. Deixou que rodopiassem no salão, fingindo valsar. Nunca tínhamos pensado em dançar lá.

– Quem fez o salão no terceiro andar? – perguntou Norma.

Maeve explicou que quando a casa foi construída um salão no terceiro andar era considerado o auge da moda.

– Um modismo, na verdade – disse ela. – Não durou. Mas depois que você coloca um salão no terceiro andar, é praticamente impossível mudá-lo de lugar.

Maeve mostrou a elas todos os cômodos da casa. Norma e Bright concordaram que o quarto de Maeve era o melhor e se sentaram no banco junto à janela enquanto Maeve fechava as cortinas por cima delas. As



garotas deram gritinhos de alegria e depois gritaram “Não, não abra!”, quando ela abriu as cortinas.

Quando o passeio terminou, ela trouxe uma escada portátil da cozinha para que as duas se revezassem dando corda no relógio de pêndulo, mesmo sabendo que era a primeira coisa que eu fazia domingo de manhã.

Maeve se sentou ao meu lado na minha cama.

– Pense em como a casa deve parecer assustadora para elas, em como nós também devemos parecer assustadores. Então, não seria mais amigável, não sei, se mostrássemos tudo em vez de só as coisas bonitas?

– Foi bastante amigável – respondi, em um tom de voz nada amigável.

Maeve colocou a mão na minha testa como fazia quando eu estava doente.

– Elas são pequenas, Danny. Tenho pena de qualquer pessoa pequena.

Ela havia colocado as duas em sua própria cama, e, quando nosso pai voltou com Andrea, cada um deles carregou uma delas, ainda adormecidas, pela escada e levou para o carro de Andrea. Maeve teve de descer as escadas correndo atrás deles. Tinham esquecido os sapatos das meninas. Maeve me contou que Andrea estava um pouco bêbada.

À longa lista de coisas pelas quais nunca deram crédito à minha irmã, acrescente esta: ela era boa com aquelas meninas. Se meu pai ou Andrea estivessem no local, Maeve educadamente as ignorava, mas quando ficava sozinha com Norma e Bright ela sempre fazia algo legal – ensinava crochê ou deixava que trançassem seu cabelo ou ensinava a fazer tapioca. Em troca, elas a seguiam pela casa, fiéis como *cocker spaniels*.



O lugar onde jantávamos a cada noite era ditado por um conjunto complicado de leis domésticas implementadas por Sandy e Jocelyn. Se nosso pai chegasse do trabalho a tempo, nós três comíamos na sala de jantar, Sandy servindo nossos pratos enquanto respirávamos o perfume de limão do lustre-móveis que pairava sobre a mesa enorme. Mas se nosso pai ficasse no trabalho até mais tarde ou tivesse outros planos, Maeve e eu comíamos na cozinha. Nessas noites, Sandy guardava um prato de comida na geladeira sob uma folha de papel-manteiga, e nosso pai comia ali mesmo quando chegava. Pelo menos eu acho que comia. Talvez ele levasse o prato até a sala de jantar e se sentasse sozinho. É claro que quando Andrea e as

meninas estavam, a refeição era na sala de jantar. Quando Andrea estava, Sandy não só servia o jantar, como também tirava os pratos, mas quando Andrea não estava, cada um tirava o próprio prato ao final da refeição e o levava até a cozinha. Nunca nos explicaram essas regras, mas todos entendíamos, assim como entendíamos que domingo à noite Maeve, meu pai e eu nos reuníamos na cozinha às seis da tarde para comer o jantar frio que Sandy havia deixado no dia anterior. Andrea e as meninas nunca jantavam conosco domingo à noite. Sozinhos na casa, nós três lotávamos a mesinha da cozinha e quase nos sentíamos como uma família, uma vez que estávamos reunidos em um espaço pequeno. Por maior que a Casa Holandesa fosse, a cozinha era estranhamente pequena. Sandy me disse que era porque apenas os criados deviam vê-la, e ninguém no ramo da construção de grandes propriedades dava uma pelota (era a cara da Sandy dizer isso, *dar uma pelota*) para o fato de que eles não tinham espaço nem para se virar ali dentro. Havia uma mesinha de fórmica azul no canto onde Jocelyn se sentava e descascava ervilhas ou abria massa de torta, a mesma mesa onde Sandy e Jocelyn almoçavam e jantavam. Quando terminávamos, Maeve sempre tinha o cuidado de limpar a mesa, colocar cada coisa em seu lugar, porque na cabeça dela a cozinha pertencia a Sandy e Jocelyn. O pouco espaço que havia era praticamente dominado pelo enorme fogão a gás, com nove bocas, uma gaveta aquecida e dois fornos, ambos grande o bastante para assar um peru. O restante da casa era uma calota polar no inverno por mais que Sandy alimentasse as lareiras, mas o fogão mantinha a pequena cozinha aquecida. No verão, é claro, a história era outra, mas mesmo nessa estação eu preferia a cozinha. A porta que levava à piscina sempre ficava aberta, e um ventilador no canto espalhava o cheiro do que quer que estivesse sendo preparado no forno. Eu podia estar boiando de costas na piscina sob o sol ofuscante do meio-dia e ainda assim sentir o cheiro da torta de cereja que Jocelyn estava assando.

Na noite do domingo, um dia depois de as filhas de Andrea terem sido jogadas em nosso colo, fiquei observando Maeve com atenção, achando que definitivamente havia algo de estranho nela. Eu sabia prever o nível de açúcar em seu sangue como se prevê o tempo. Sabia quando ela já não estava mais me ouvindo e prestes a desmaiar. Eu era sempre o primeiro a perceber quando estava suada ou pálida. Sandy e Jocelyn também tinham essa capacidade. Elas sabiam quando Maeve precisava de suco e quando

aplicar a injeção, mas meu pai sempre era pego de surpresa. Ele estava sempre olhando para um ponto ligeiramente acima da cabeça de Maeve.

Mas naquele caso não tinha nada a ver com açúcar. Enquanto eu a observava, Maeve fez a coisa mais surpreendente que eu jamais poderia imaginar: com muita naturalidade, enquanto servia a salada de batatas, ela disse a nosso pai que não era nossa responsabilidade cuidar das filhas de Andrea.

Ele pensou por um tempo, mastigando o pedaço de frango que tinha acabado de colocar na boca.

– Você tinha planos de fazer outra coisa ontem à noite?

– Lição de casa – respondeu Maeve.

– Sábado?

Maeve era bonita o bastante e popular o bastante para não precisar ficar em casa sábado à noite, mas geralmente ficava, e, pela primeira vez, percebi que era por minha causa. Ela nunca me deixaria sozinho naquela casa.

– Tinha muita lição esta semana.

– Bem – disse meu pai –, parece que você deu conta. Pode fazer a lição de casa mesmo com as meninas aqui.

– Não consegui fazer nada da lição sábado. Fiquei fazendo sala para elas.

– Mas sua lição está pronta agora, não está? Você não vai passar vergonha na escola amanhã.

– Não é essa a questão.

Meu pai cruzou os talheres sobre o prato e olhou para ela.

– Então por que você não me diz qual é a questão?

Maeve estava preparada. Ela havia pensado em tudo aquilo com antecedência. Talvez estivesse pensando desde que eu me opus a fazer um tour pela casa.

– Elas são filhas da Andrea, e é ela quem devia cuidar delas, não eu.

Meu pai virou a cabeça levemente na minha direção.

– Você cuida dele.

Ela cuidava de mim o dia todo. Era isso que ela queria dizer? Que não precisava de mais duas crianças para cuidar?

– Danny é meu irmão. Aquelas meninas não têm nada a ver com a gente.

Tudo o que meu pai havia lhe ensinado estava sendo usado contra ele agora: *Maeve, sente-se direito. Maeve, olhe nos meus olhos se quiser pedir alguma coisa. Maeve, pare de mexer no cabelo. Maeve, fale mais alto, não*

*espere que as pessoas façam o favor de ouvir você se não se der ao trabalho de usar a voz.*

– Mas se elas fossem da família você não se importaria?

Ele acendeu um cigarro à mesa mesmo com comida ainda no prato, um ato de grosseria que eu nunca tinha testemunhado.

Maeve ficou apenas olhando para ele. Eu mal podia acreditar no quanto ela sustentou aquele olhar.

– Elas não são.

Ele concordou com a cabeça.

– Enquanto você viver debaixo do meu teto e comer da minha comida, imagino que possa fazer o favor de cuidar das nossas convidadas quando eu pedir.

Havia um barulho de goteira vindo da torneira da cozinha. *Pinga, pinga, pinga.* Era um barulho inacreditável, que ecoava pelas paredes da mesma forma que os inquilinos diziam quando reclamavam de suas torneiras. Tinha visto meu pai consertar torneiras tantas vezes que acreditava que eu também era capaz. Será que algum deles perceberia se eu me levantasse e saísse da mesa para procurar uma chave-inglesa?

– Você não pediu – disse Maeve.

Meu pai estava empurrando a cadeira para trás, mas ela foi mais rápida do que ele. Ela se levantou, ainda segurando o guardanapo com firmeza, e saiu da mesa sem pedir licença.

Meu pai ficou sentado por um tempo no silêncio de sempre, depois apagou o cigarro no prato de pão. Ele e eu terminamos de comer, mas não sei como suportei. Quando terminamos, ele foi até a biblioteca para assistir ao noticiário, e eu tirei a mesa e passei uma água na louça e deixei na pia para que Jocelyn lavasse pela manhã. Era responsabilidade da Maeve arrumar as coisas depois do jantar, mas eu me encarreguei. Meu pai havia se esquecido da sobremesa. Havia bolo de limão na geladeira, e eu cortei um pedaço para mim, peguei uma laranja para Maeve e levei ambos para cima em um prato.

Ela estava no quarto, sentada no banco junto à janela, com as pernas compridas esticadas para frente. Estava com um livro no colo, mas não lia, estava olhando para o jardim. O quarto ficava na direção oeste, mas não diretamente, e, com o último raio de sol caindo sobre ela, Maeve parecia uma pintura.

Entreguei-lhe a laranja e ela enfiou as unhas na casca para abrir. Dobrou os joelhos para que eu pudesse me sentar à sua frente.

– Isso não é um bom presságio para nós, Danny – disse ela. – É bom que você saiba.

## 4

SEIS SEMANAS DEPOIS de partir para seu primeiro ano na Faculdade Barnard, Maeve foi convocada de volta a Elkins Park para o casamento. Nosso pai se casou com Andrea na sala de estar, sob os olhares atentos dos VanHoebeeks. Bright jogou punhados de pétalas de rosa no tapete Savonnerie enquanto Norma ficou encostada na mãe segurando duas alianças sobre uma almofada de veludo cor-de-rosa. Maeve e eu ficamos com os cerca de trinta convidados. Foi quando descobrimos que Andrea também tinha uma mãe, uma irmã, um cunhado corretor de seguros e um punhado de amigos que inclinaram a cabeça para observar, boquiabertos, o teto enquanto o bolo era servido. (O teto da sala de jantar era de um tom de azul intenso e coberto por arranjos complexos de folhas esculpidas ou, mais precisamente, laminadas em dourado. As folhas douradas eram dispostas em arranjos rodeados por círculos de folhas douradas dentro de quadrados de folhas douradas. O teto combinava mais com Versalhes do que com o leste da Pensilvânia, e quando eu era criança o achava horroroso. Maeve, meu pai e eu fazíamos questão de manter os olhos no prato durante o jantar.) Sandy e Jocelyn serviram champanhe para os convidados, usando uniformes pretos com golas e punhos brancos que Andrea havia comprado para a ocasião.

– Parecemos inspetoras de penitenciária feminina – disse Jocelyn, mostrando os punhos.

Maeve voltava à cozinha sempre que mais uma garrafa de champanhe precisava ser aberta, porque havia contado com orgulho que estourar rolhas foi praticamente a primeira coisa que aprendeu na faculdade. Uma garrafa de champanhe podia muito bem ser uma arma carregada para Sandy e Jocelyn.

O casamento aconteceu em um dia de outono tão claro que a luz parecia vir não só do sol, mas também da grama e das folhas. Todas as janelas dos fundos da casa eram triplas e iam até o chão, e, para a ocasião, meu pai se deu ao trabalho de abrir todas, algo que eu nunca tinha visto ser feito antes.

Nessa configuração, as janelas eram doze portas abertas para o terraço dos fundos que dava para a piscina, decorada com ninfeias. Quem poderia saber que era possível alugar ninfeias por um dia? Todos falavam sobre a beleza de tudo: a casa e as flores e a luz, até a mulher tocando piano no observatório era bonita, mas Maeve e Sandy e Jocelyn e eu sabíamos que tudo aquilo era um desperdício.

Nosso pai não pôde se casar com Andrea na Imaculada Conceição ou pedir ao padre Brewer que fosse até a casa para casá-los, porque ele era divorciado e ela não era católica, dando a impressão de que eles não estavam se casando de verdade. A cerimônia foi realizada por um juiz desconhecido, um homem a quem meu pai pagou para que viesse e fizesse o trabalho, como se paga a um eletricitista. Quando acabou, Andrea ficou segurando o copo em direção à luz, destacando que o champanhe era exatamente da cor do seu vestido. Pela primeira vez consegui ver quanto ela era bonita, feliz e jovem. Meu pai tinha quarenta e nove anos no dia de seu segundo casamento, e a nova esposa, em seu vestido de cetim champanhe, tinha trinta e um. Ainda assim, Maeve e eu não tínhamos a menor ideia de por que ele estava se casando com ela. Pensando nisso agora, devo dizer que nos faltava imaginação.



– Você acha que é possível enxergar o passado como ele realmente aconteceu? – perguntei à minha irmã.

Estávamos sentados no carro dela, estacionados em frente à Casa Holandesa em plena luz do dia no início do verão. As tílias impediam que víssemos alguma coisa além das árvores. Eu já achava as árvores enormes quando era criança, mas elas continuavam crescendo. Talvez um dia crescessem até se tornar o muro dos sonhos de Andrea. As janelas do carro estavam abertas e estávamos com um braço para fora – Maeve o esquerdo, eu o direito – enquanto fumávamos. Eu terminara o primeiro ano de medicina em Columbia. Aquele seria o verão em que pararíamos de fumar, mais ou menos, mas especificamente naquele dia isso ainda era só uma ideia.

– Eu vejo o passado como ele realmente aconteceu – respondeu Maeve, olhando para as árvores.

– Mas nós sobrepomos o presente a ele. Olhamos para o passado pela lente do que sabemos agora, então não o vemos como as pessoas que éramos, vemos com os olhos das pessoas que somos hoje, o que significa que o passado foi radicalmente alterado.

Maeve deu uma tragada no cigarro e sorriu.

– Eu *amei* isso. É o que estão ensinando na faculdade?

– Introdução à psiquiatria.

– Por favor, diga que você vai ser psiquiatra. Seria tão útil.

– Você já pensou em consultar um psiquiatra?

Isso aconteceu em 1971. A psiquiatria era a última moda.

– Não preciso de um psiquiatra, porque consigo enxergar o passado com clareza, mas se você precisa praticar em alguém, por favor, fique à vontade. Minha psique é sua psique.

– Por que você não foi trabalhar hoje?

Maeve pareceu totalmente surpresa.

– Que tipo de pergunta idiota é essa? Você acabou de chegar. Eu não vou trabalhar.

– Você disse que estava doente?

– Eu disse ao Otterson que você vinha para casa. Ele não se importa se eu não for. Dou conta de tudo.

Ela bateu as cinzas pela janela. Maeve trabalhava como contadora na Otterson desde que se formara na faculdade. Eles embalavam e enviavam vegetais congelados. Minha irmã havia conquistado a medalha de matemática em Barnard. Seu coeficiente de rendimento foi maior que o do cara que ganhou a medalha de matemática em Columbia naquele ano, uma informação prazerosa que ela descobriu com a irmã do cara, que também era amiga de Maeve. Com todo seu conhecimento e capacidade, ela não só administrava a folha de pagamento e calculava os impostos, como também havia aprimorado o sistema de entrega, garantindo que pacotes de milho congelado fossem transportados com rapidez para os *freezers* das mercearias de todo o nordeste dos Estados Unidos.

– Você vai trabalhar lá para sempre? Devia voltar a estudar.

– Estamos falando sobre o passado, doutor. Não sobre o futuro. Você precisa se concentrar.

Bati o cigarro. Andrea era o passado sobre o qual eu queria conversar, mas a Sra. Buchsbaum saiu de casa para pegar a correspondência e nos viu sentados ali. Ela veio diretamente até minha janela aberta e se abaixou.



– Danny, você está em casa! – disse. – Como está Columbia?

– Como era antes, só que mais difícil.

Eu também havia frequentado Columbia antes da especialização em medicina.

– Bem, eu sei que essa aí está feliz em ver você. – Ela fez sinal com a cabeça apontando para Maeve.

– Olá, Sra. Buchsbaum – disse Maeve.

A Sra. Buchsbaum colocou a mão em meu braço.

– Você precisa encontrar um namorado para a sua irmã. Deve ter algum médico simpático no hospital que não tem tempo de procurar esposa. Um médico simpático e alto.

– Meus critérios vão além da altura.

– Não me entenda mal: eu amo ter você de volta na vizinhança, mas, ainda assim, fico preocupada.

A Sra. Buchsbaum estava falando só comigo, como se estivéssemos em uma parte privada do carro.

– Ela não devia ficar sentada aqui fora sozinha. Algumas pessoas podem interpretar mal. Ela é bem-vinda aqui, é claro, não é isso que quero dizer.

– Eu sei – respondi. – Também fico preocupado. Vou falar com ela.

– E aquela do outro lado da rua. – A Sra. Buchsbaum fez um gesto vago com a cabeça em direção às tílias. – Nada. Quando passa, ela não acena. Parece não perceber que há outras pessoas aqui. Acho que ela deve ser uma pessoa muito triste.

– Ou não – disse Maeve.

– Eu vejo as meninas de vez em quando. Vocês também? Elas são muito educadas. Mas tenho pena delas, se querem saber.

Fiz que não com a cabeça.

– Não as vemos.

A Sra. Buchsbaum apertou meu braço e acenou para Maeve.

– Vocês são sempre bem-vindos lá em casa – disse, e agradecemos enquanto ela se afastava.

– A Sra. Buchsbaum corrobora minha memória do passado – disse Maeve quando ficamos sozinhos novamente.



Depois que Andrea e as meninas se mudaram para a Casa Holandesa e Maeve voltou para a escola, meu pai e eu ficamos mais próximos. Cabia à minha irmã a responsabilidade de cuidar de mim, e agora que ela havia partido, ele passou a demonstrar interesse inesperado por minhas lições escolares e meus jogos de basquete. Ninguém achava que o papel de Maeve em minha vida seria transferido para Andrea. A real questão era até que ponto eu, aos onze anos, tinha idade suficiente para levar a vida sem supervisão. Sandy e Jocelyn faziam sua parte como sempre, mantendo-me alimentado e me dizendo quando eu não podia sair sem chapéu. Elas tinham antenas afiadas, as duas, para a minha solidão. Eu podia estar no quarto fazendo a lição que Sandy batia na porta.

– Vá estudar lá embaixo – dizia, e depois virava sem me dar a chance de responder.

Eu ia, levando o livro de álgebra. Na cozinha, Jocelyn desligava o radinho e puxava uma cadeira para mim.

– Todo mundo pensa melhor com comida por perto.

Ela cortava a ponta do pão que tinha feito e passava manteiga para mim. Eu sempre preferi a ponta do pão.

– Recebemos um cartão-postal da Maeve – disse Sandy, que apontou para um cartão preso à geladeira com um ímã, a biblioteca de Barnard coberta de neve. O fato de o cartão estar à mostra era prova de que Andrea nunca entrava na cozinha. – Ela diz para continuarmos te alimentando.

Jocelyn concordava com a cabeça.

– Não planejávamos fazer isso depois que ela fosse embora, mas se Maeve diz que precisamos, é isso que temos de fazer.

Maeve me escrevia longas cartas contando sobre Nova York e as aulas e a colega de quarto, uma menina chamada Leslie, que trabalhava todos os dias no turno da noite no refeitório como parte do acordo para a bolsa de estudos que recebia. Leslie dormia ainda vestida enquanto tentava estudar na cama. Maeve não dava sinais de que a faculdade estava difícil ou de que sentia saudade de casa, embora sempre dissesse sentir minha falta. Agora que ela não estava por perto para me ajudar com a lição, eu me perguntava pela primeira vez quem a ajudava quando ela era mais nova. A Fofinha? Duvido. Eu me sentava à mesa da cozinha e abria o livro.

Sandy olhava por sobre meus ombros.

– Posso dar uma olhadinha nisso. Eu era boa em matemática.

– Não precisa – dizia eu.

– Você acha que quer se livrar da sua irmã – dizia Jocelyn, batendo as mãos em meus ombros com firmeza para não me deixar envergonhado. – Aí, quando ela vai embora, você descobre que sente falta dela.

Sandy ria e batia em Jocelyn com um pano de prato.

Ela só estava certa sobre metade da afirmação. Eu nunca quis me livrar de Maeve.

– Você tem irmã? – perguntei a Jocelyn.

Sandy e Jocelyn estavam rindo e pararam ao mesmo tempo.

– Você está brincando? – perguntou Jocelyn.

– Acho que não – respondi, me perguntando o que poderia ter sido tão engraçado e logo depois ter perdido toda a graça, mas, um segundo antes de elas me corrigirem, percebi: a semelhança entre aquelas duas mulheres que eu conhecia antes de saber.

Sandy inclinou a cabeça.

– Danny, é sério? Você não sabia que éramos irmãs?

Naquela hora eu poderia ter citado todas as características que as faziam semelhantes e todas as características que as diferenciavam completamente, mas não teria importado. Eu nunca tinha me perguntado quem eram seus parentes ou com quem viviam. Tudo o que sabia era que elas cuidavam de nós. Lembrei que Sandy faltou durante duas semanas quando o marido adoeceu e depois mais alguns dias, quando ele faleceu.

– Eu não sabia.

– É porque eu sou muito mais bonita – disse Jocelyn.

Ela estava tentando ser engraçada para aliviar a situação para o meu lado, mas eu não conseguia perceber se uma era mais bonita do que a outra. Elas eram mais jovens que meu pai e mais velhas que Andrea, mas eu não saberia dizer com precisão a idade de cada uma. Sabia que não devia perguntar. Jocelyn era mais alta e mais magra, o cabelo era de um tom loiro não natural, e Sandy, cujo cabelo grosso e castanho estava sempre com duas presilhas, talvez tivesse o rosto mais bonito. Suas bochechas eram rosadas e as sobrancelhas eram muito bonitas, se é que era possível dizer algo assim. Eu não sabia. Jocelyn era casada; Sandy, viúva. Ambas tinham filhos, eu sabia disso porque Maeve dava a elas as roupas que não nos serviam mais. Sabia porque quando uma das crianças estava muito doente elas não vinham trabalhar. Eu perguntava, quando voltavam, qual das crianças estava doente? Ela melhorou? Não. Eu gostava tanto delas, Sandy e Jocelyn. Fiquei me sentindo muito mal por decepcioná-las.

Sandy balançou a cabeça.

– Meninos – disse, e com aquela única palavra me livrou de toda a responsabilidade.

Havia um telefone numa mesinha perto da porta do quarto onde Maeve vivia. Eu sabia o número de cor. Quando eu ligava, uma garota ia ao terceiro andar para bater na sua porta e ver se ela estava lá; ela geralmente não estava, porque gostava de estudar na biblioteca. Toda essa transação para descobrir que ela não estava lá e deixar um recado levava pelo menos sete minutos – aproximadamente quatro minutos a mais do que meu pai achava que uma ligação interurbana devia durar. Então, embora eu estivesse desesperado para falar com minha irmã e perguntar se ela sabia – e, se sabia, por que não havia me contado –, não liguei.

Fui para a sala de estar e parei diante de seu retrato, brigando comigo mesmo em silêncio sob seu olhar benevolente de menina de dez anos de idade. Decidi esperar até sábado e perguntar a meu pai. Com o passar dos dias, as semelhanças entre Sandy e Jocelyn iam ficando cada vez mais óbvias: eu via toda manhã, quando elas estavam lado a lado na cozinha enquanto eu saía para pegar o ônibus da escola. Via no modo como acenavam, parecendo uma dupla de nado sincronizado, e, é claro, tinham exatamente a mesma voz. Percebi que nunca sabia qual das duas estava me chamando quando eu estava no andar de cima. O que tinha de errado comigo, que até então não percebera isso tudo?

– Que diferença faz? – perguntou meu pai quando finalmente chegou o sábado e saímos para cobrar o aluguel.

– Mas você *sabia*.

– É claro que eu sabia. Eu as contratei, ou sua mãe as contratou. Sua mãe estava sempre contratando pessoas. Primeiro foi a Sandy, e algumas semanas depois Sandy disse que a irmã precisava de um emprego, então acabamos ficando com as duas. Você sempre foi muito gentil com elas. Não entendi qual é o problema.

O problema, eu queria dizer, era que eu estava adormecido para o mundo. Até em minha própria casa eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Minha mãe as contratou porque sabia que eram irmãs, o que demonstrava que ela era uma boa pessoa. Eu nem sabia que elas eram irmãs, o que significava que eu era um ser desprezível. Mas este sou eu adicionando uma camada do presente ao passado. Na época, eu não sabia dizer por que estava tão chateado. Durante semanas tentei evitar Sandy e

Jocelyn sempre que podia, mas era impossível. Finalmente, decidi acreditar que eu sempre soubera quem elas eram uma para a outra, mas que tinha me esquecido.

Sandy e Jocelyn sempre administraram a casa com total autonomia. Talvez às vezes disséssemos que seria ótimo comer ensopado de carne com bolinhos novamente, ou aquele bolo de maçã maravilhoso, mas até isso era raro. Elas sabiam do que gostávamos e nos davam sem que precisássemos pedir. Nunca ficávamos sem maçãs ou biscoitos, sempre havia selos na gaveta da esquerda da mesa da biblioteca, toalhas limpas no banheiro. Sandy passava não só nossas roupas, mas também nossos lençóis e fronhas. Quando Maeve estava em casa, sempre havia uma fileira reluzente de frascos de insulina com tampas prateadas, que tremiam na porta da geladeira. Elas esterilizavam seringas, na época em que não eram descartáveis. Nunca dizíamos a elas que era preciso lavar a roupa ou limpar o chão, porque tudo era feito antes que pudéssemos perceber.

Tudo isso mudou depois da chegada de Andrea. Ela montava cardápios semanais para Jocelyn fazer e opinava sobre cada prato: não havia sal suficiente na sopa; ela dera muito purê de batata para as meninas. Como é que elas poderiam comer tanto purê de batata? Por que Jocelyn estava servindo bacalhau se Andrea tinha pedido especificamente linguado? Ela não poderia ter procurado em outro mercado? Andrea tinha que fazer tudo? Todos os dias ela se empenhava para encontrar algo a mais para Sandy fazer: tirar o pó das prateleiras da despensa ou lavar as cortinas. Eu não ouvia mais Sandy e Jocelyn conversando pelos corredores. Não ouvia mais os assovios espetaculares de Jocelyn quando ela chegava pela manhã. Elas não podiam mais ficar gritando do pé da escada para fazer uma pergunta; deviam subir e nos procurar como pessoas civilizadas. Era o que Andrea dizia. Sandy e Jocelyn passaram a fazer questão de ser menos vistas, mais civilizadas, de trabalhar onde quer que não estivéssemos. Ou talvez fosse eu. Passei a ficar mais no quarto depois que Maeve foi embora.

Havia seis quartos no segundo andar da casa: o quarto do meu pai; o meu; o da Maeve; um quarto ensolarado com duas camas de solteiro, onde Bright e Norma dormiam; um quarto para os hóspedes que nunca recebíamos; e um último quarto, que tinha virado um escritório da casa. Também havia uma pequena sala de estar no topo da escada onde ninguém havia se sentado, até a chegada de Norma e Bright. Elas pareciam adorar ficar sentadas no topo da escada.

Certa noite, durante o jantar, Andrea anunciou seus planos de reconfiguração.

– Vou mudar Norma para o quarto com o banco junto à janela – disse.

Meu pai e eu ficamos só olhando para ela, enquanto Sandy, que estava reenchendo os copos de água, afastou-se da mesa.

Andrea não percebeu nada.

– Norma é a menina mais velha agora. Aquele é o quarto da menina mais velha.

A boca de Norma se abriu um pouco. Percebi que tudo aquilo era novidade para ela. Se tinha algum desejo de estar no quarto da Maeve era porque queria estar com a Maeve.

– Maeve vai voltar para casa – disse meu pai. – Ela só foi para Nova York.

– E quando ela voltar para visitar terá um quarto lindo no terceiro andar. Sandy vai cuidar disso, não vai, Sandy?

Mas Sandy não respondeu. Ela segurou a jarra de água no peito como se estivesse se segurando para não jogá-la.

– Não acho que precisamos fazer isso agora – disse meu pai. – Não falta lugar para dormir nesta casa. Norma pode ficar com o quarto de hóspedes se quiser.

– O quarto de hóspedes é para hóspedes. Norma vai dormir no quarto com o banco junto à janela. É o quarto mais bonito da casa, com a vista mais bonita. É bobagem mantê-lo como santuário para alguém que não mora aqui. Sinceramente, pensei que talvez nós pudéssemos ficar com ele, mas o armário não é muito grande. Norma tem poucos vestidos. O armário vai ser suficiente para você, não vai?

Norma assentiu lentamente, ao mesmo tempo horrorizada com a mãe e encantada com a possibilidade de desfrutar o banco junto à janela, daquelas cortinas maravilhosas capazes de distanciar uma pessoa de tudo.

– Eu quero dormir no quarto da Maeve – disse Bright.

Bright não estava acostumada a viver com tanto espaço e se agarrava à irmã como eu me agarrara à minha um dia.

– Cada uma vai ter seu próprio quarto, e Norma vai deixar que você a visite – disse a mãe. – Todos vão se acostumar. É como seu pai disse, esta casa é grande o bastante para que todos tenham seu próprio quarto.

E com isso a questão foi encerrada. Eu nunca disse nada. Olhei para meu pai, que ao que parecia agora também era pai de Norma e Bright, torcendo

para que ele tentasse mais uma vez, mas ele desistiu. Andrea era uma mulher muito bonita. Ele poderia ceder agora ou esperar e ceder mais tarde, mas de qualquer forma ela ia conseguir o que queria.

Tudo isso aconteceu na mesma época em que me apaixonei por uma das filhas dos VanHoebeeks, ou melhor, por seu retrato, que eu chamava de Julia. Julia tinha ombros estreitos e cabelo amarelo preso por um laço verde. Seu retrato ficava pendurado em um quarto no terceiro andar da Casa Holandesa sobre uma cama onde ninguém dormia. Tirando Sandy, que passava aspirador e tirava o pó das coisas com um pano às quintas-feiras, ninguém além de mim entrava lá. Eu acreditava que Julia e eu éramos verdadeiros amantes separados pelo desalinhamento de nossos nascimentos. Fui ficando tão indignado com a injustiça daquilo tudo que um dia cometi o deslize de ligar para minha irmã em Barnard para perguntar se ela algum dia havia imaginado como era a menina cujo retrato estava pendurado no quarto do terceiro andar, a menina de olhos verde- acinzentados, uma das filhas dos VanHoebeeks.

– Uma filha? – disse Maeve. Por sorte consegui falar com ela ao telefone. – Eles não tinham filhas. Acho que é a Sra. VanHoebeek quando era mais nova. Leve o retrato até o primeiro andar e compare. Acho que os dois retratos são dela.

Minha irmã era perfeitamente capaz de me provocar até que eu chegasse a ponto de sangrar pelos ouvidos, mas com a mesma frequência conversava comigo de igual para igual, respondendo com sinceridade a qualquer pergunta. Percebi por sua voz que ela não estava brincando, nem dando muita atenção à minha pergunta. Fui correndo pela escada até o terceiro andar e subi na cama em desuso para tirar a moldura esculpida em dourado de minha amada da parede (a moldura era mais grandiosa do que ela gostaria e não tão grandiosa quanto ela merecia). Minha Julia *não era* a Sra. VanHoebeek. Mas quando levei o retrato até o primeiro andar e o apoiei na lareira, ficou claro que Maeve tinha razão. Eram retratos da mesma mulher em dois extremos de sua vida, a Sra. VanHoebeek velha, com os botões pretos de seda subindo até o pescoço, e a jovem Julia ao ar livre. E, na verdade, mesmo que não fossem a mesma mulher, tal semelhança deixava claro que um dia a filha ficaria igual à mãe. Então Jocelyn se aproximou e me viu parado ali observando os dois retratos juntos. Ela balançou a cabeça.

– O tempo voa – disse.

Sandy e Jocelyn levaram as coisas da Maeve para o terceiro andar. Pelo menos o quarto dava para o jardim, igual ao quarto antigo. Pelo menos a vista seria mais ou menos a mesma, talvez até melhor: menos galhos, mais folhas. Mas as janelas eram trapeiras e, claro, não tinham banco. O novo quarto também era bem menor que o antigo, e ficava no sótão, então o teto era inclinado. Como era alta, Maeve ia bater a cabeça com frequência.

O projeto deprimente de transformar o quarto de Maeve no quarto de Norma demorou mais do que qualquer um poderia imaginar, porque, depois que tiraram as coisas da Maeve, Andrea quis pintar o lugar, e depois de pintado ela mudou de ideia e começou a trazer para casa mostruários de papel de parede. Comprou uma colcha nova, um tapete novo. Por algumas semanas, só se falava sobre a nova decoração, mas só quando Maeve veio para casa passar o Dia de Ação de Graças foi que percebi que ninguém tivera coragem suficiente para informá-la sobre seu exílio. É claro que era dever do meu pai contar, e é também claro que todos sabíamos que ele jamais contaria. Maeve estava no hall de entrada me girando no ar, beijando Sandy e Jocelyn, beijando as meninas, e, de repente, percebemos que ela estava prestes a subir as escadas e encontrar uma fileira de bonecas espalhadas sobre aquela que antes era sua cama. Naquele momento, foi Andrea, sempre a general, que demonstrou presença de espírito.

– Maeve, mudamos algumas coisas por aqui desde que você foi embora. Você vai ficar no terceiro andar agora. É muito bonito.

– No sótão? – perguntou Maeve.

– No terceiro andar – repetiu Andrea.

Meu pai pegou a mala de Maeve. Não proferiu uma palavra sobre a questão, mas pelo menos estava disposto a subir com ela. Como o joelho o incomodava ao subir escadas, ele nunca ia até o terceiro andar. Maeve ainda não tinha tirado o casaco, estava de luvas. Ela riu.

– É como *A Princesinha*! – disse ela. – A menina perde todo seu dinheiro, então eles a colocam no sótão e obrigam-na a limpar as lareiras. – Ela se virou para Norma. – Nem se assanhe, senhorita. Não vou limpar sua lareira.

– Isso continua sendo minha tarefa – disse Sandy. Eu não ouvia Sandy participar de uma piada havia meses, se é que havia algo de engraçado no fato de Maeve se mudar para o terceiro andar.

– Bem, então vamos – disse Maeve a nosso pai. – É uma subida longa. É melhor começarmos, se quisermos voltar a tempo para o jantar. Estou



sentindo um cheiro bom. – Ela olhou para Bright. – É você?

Bright riu, mas Norma saiu correndo e chorando, percebendo de repente o que poderia significar para minha irmã ter sido desalojada. Maeve olhou-a se afastar e eu vi em seu rosto que ela não sabia quem devia consolar: Norma? Sandy? A mim? Nosso pai estava com sua mala e já estava subindo. Depois de um instante de hesitação, ela o seguiu. Na verdade, eles se ausentaram por um bom tempo, e ninguém foi até o terceiro andar apressá-los, para dizer que o jantar estava na mesa e estávamos esperando.

## 5

NAQUELE ANO MAEVE veio para casa novamente no Natal, mas só ficou alguns dias. Tinha sido convidada para ficar na casa de uma amiga em New Hampshire para esquiar e poderia ir de carona com outra menina de Barnard que morava na Filadélfia. Eram ricas, todas elas. Meninas inteligentes e populares, que sabiam descer uma encosta e desejavam ler *O vermelho e o negro* em francês. Quando descobriu que os dormitórios não fechariam na Páscoa, Maeve decidiu ficar na faculdade. Muitas de suas amigas moravam na cidade, e ela sempre recebia convites para jantar. Além disso, precisava estudar. Ela poderia ir à missa de Páscoa na Catedral de São Patrício e descer a Quinta Avenida com outras meninas que faziam exatamente isso todos os anos. Ninguém poderia culpá-la, mas eu a culpava assim mesmo. Como eu sobreviveria à Páscoa sem ela?

– Pegue o trem até a cidade – disse ela ao telefone. – Eu busco você na estação. Vou ligar para o papai e combinar tudo. Você consegue vir de trem sozinho.

Eu me sentia mais velho que meus amigos da escola, os que tinham pai e mãe e uma casa de tamanho normal. Eu também parecia mais velho. Era a pessoa mais alta da sala.

– Meninos que têm irmãs altas, acabam ficando altos também – dissera Maeve, e ela estava certa.

Mesmo assim, eu não tinha certeza se meu pai me deixaria ir a Nova York sozinho. Mesmo que eu fosse alto e bom aluno, mesmo que eu me virasse sozinho na maioria das vezes, eu só tinha doze anos.

Mas meu pai me surpreendeu, dizendo que ele mesmo me levaria a Nova York e deixaria que eu voltasse de trem. Barnard ficava a mais ou menos duas horas e meia de carro. Meu pai disse que buscaríamos Maeve e almoçaríamos os três juntos, depois ele voltaria para Elkins Park sem mim. Pareceu tão nostálgico quando ele disse *os três juntos*, como se um dia tivéssemos sido uma unidade, não apenas uma circunstância.

Andrea soube do plano e anunciou durante o jantar que iria junto. Ela precisava de várias coisas na cidade. Mas depois de pensar um pouco mais sobre o assunto, disse que as meninas também deveriam ir e que, depois que me deixassem com Maeve, meu pai poderia levá-las para passear.

– As meninas ainda não conhecem Nova York, e você é de lá! – disse Andrea, como se ele tivesse conspirado para esconder a cidade delas. – Vamos pegar o barco para ver a Estátua da Liberdade. Não seria incrível? – perguntou ela para as filhas.

Eu também nunca tinha ido a Nova York, mas não quis mencionar isso por medo de interpretarem que eu estava pedindo para ir junto. Quando Sandy trouxe a sobremesa, Andrea estava falando sobre reservar um hotel e assistir a um espetáculo. Será que meu pai conhecia alguém que pudesse conseguir ingressos para *A noviça rebelde*?

– Por que você sempre espera até o último minuto para planejar as coisas? – perguntou ela, e passou a discutir a possibilidade de marcar algumas entrevistas com retratistas. – Precisamos providenciar retratos das meninas.

Analisei as últimas migalhas de torta de ruibarbo em meu prato. Não importava. Eu só ia perder o almoço, aquela ideia ridícula de nós três juntos. Ainda ia conseguir minha carona para ver a Maeve, e isso era tudo o que eu queria de verdade. Não importava quem estaria no carro. A decepção vem da expectativa, e naquela época eu não nutria esperança de que Andrea não conseguisse tudo que queria.

Mas de manhã meu pai entrou pela porta vai e vem da cozinha enquanto eu ainda estava comendo o cereal. Ele bateu dois dedos na mesa bem na frente da minha tigela.

– Hora de irmos – disse. – Agora.

Não vi Andrea em lugar algum. As meninas ainda estavam no quarto da Maeve (elas dormiam lá juntas, como Bright previra), Sandy e Jocelyn ainda não tinham chegado. Eu não perguntei a ele o que tinha acontecido nem o lembrei de que a esposa e as filhas iriam junto. Não fui pegar o livro que havia planejado ler no trem na volta para casa nem disse a ele que tínhamos combinado de sair dali a duas horas. Deixei a tigela de cereal pela metade na mesa para Sandy lavar depois e saí atrás dele. Estávamos despistando Andrea. A Páscoa foi mais tarde naquele ano, e a manhã exalava a doçura insana do jacinto. Meu pai estava andando rápido, e suas pernas eram tão compridas que, mesmo com o joelho ruim dele, eu tive de

correr para acompanhá-lo. Passamos por baixo da treliça comprida de glicínias que ainda não tinham florescido, e durante o caminho até a garagem eu fui pensando *Fugam, fugam, fugam*. Batíamos a palavra no cascalho a cada passo.

Eu mal podia imaginar a coragem necessária para dizer a Andrea que ela não viria, e ela, por sua vez, deve ter iniciado o tipo de discussão que ele achava insustentável. Tudo o que importava para ele era sair da casa antes que ela descesse as escadas para apresentar mais um argumento em seu favor, e, com essa determinação, fugimos. Entramos no carro horas antes do que tínhamos planejado.

Nas ocasiões em que eu fazia alguma pergunta a meu pai quando ele estava quieto, ele dizia que estava conversando consigo mesmo e que eu não devia interromper. Percebi que ele estava tendo uma dessas conversas naquele momento, então olhei pela janela do carro para a manhã gloriosa e pensei em Manhattan e em minha irmã e em como íamos nos divertir. Eu não havia pedido a Maeve que me levasse para ver a Estátua da Liberdade, Maeve ficava enjoada em barcos, mas me perguntei se conseguiria convencê-la a ir ao Empire State Building.

– Você sabe que eu já morei em Nova York – disse meu pai quando chegamos à rodovia.

Respondi que achava que sabia. O que eu não disse foi que Andrea também havia mencionado à mesa do jantar.

Então ele deu sinal para pegar a saída.

– Temos bastante tempo. Vou te mostrar.

Em geral, o que eu sabia sobre meu pai era o que eu via: ele era alto e magro e tinha a pele gasta e cabelo cor de ferrugem, igual ao meu. Nós três tínhamos olhos azuis. Seu joelho esquerdo demorava a flexionar, e piorava no inverno e quando chovia. Ele nunca falava sobre isso, mas era fácil perceber quando estava sentindo dor. Ele fumava Pall Mall, colocava leite no café, fazia as palavras cruzadas antes de ler a primeira página. Amava prédios como meninos amam cachorros. Quando eu tinha oito anos, perguntei a meu pai à mesa do jantar se ele ia votar em Eisenhower ou Stevenson. Eisenhower estava concorrendo ao segundo mandato, e todos os meninos da escola torciam por ele. Meu pai deu uma batida seca com a ponta da faca no prato e me disse que eu *já* devia fazer uma pergunta daquela, nem para ele nem para ninguém.

– Tudo bem que vocês garotos especulem em quem votariam, porque vocês garotos não votam – disse ele. – Mas fazer esse tipo de pergunta a um adulto é violar seu direito à privacidade.

Pensando agora, imagino que meu pai tenha ficado horrorizado com a possibilidade de que eu pensasse que havia alguma chance de ele votar em Stevenson, mas eu não sabia disso na época. O que eu sabia era que só se encostava em fogão quente uma vez. Estas eram as coisas sobre as quais eu conversava com meu pai quando era criança: beisebol (ele torcia para os Phillies). Árvores (ele sabia o nome de cada uma, apesar de me repreender quando eu perguntava sobre o mesmo tipo mais de uma vez). Pássaros (idem. Ele mantinha comedouros no quintal e sabia identificar com facilidade cada um de seus frequentadores). Construções (solidez estrutural, detalhes arquitetônicos, valor da propriedade, imposto sobre a propriedade, o que fosse). Meu pai gostava de falar sobre construções. Fazer uma lista das coisas sobre as quais eu não perguntava a meu pai seria como listar as estrelas do céu, então vou citar uma: eu não perguntava a meu pai sobre mulheres. Nem mulheres em geral e o que fazer com elas, nem, definitivamente, mulheres em particular: minha mãe, minha irmã, Andrea.

Eu não saberia dizer por que esse dia haveria de ser diferente, embora certamente a briga com Andrea tivesse algo a ver com a situação. Talvez isso, misturado ao fato de que ele estava voltando a Nova York, de onde ele e minha mãe vinham, e ia ver Maeve na faculdade pela primeira vez, tivesse provocado uma onda de nostalgia nele. Ou talvez não tenha sido nada além do que ele mesmo me disse: tínhamos tempo de sobra.

– Tudo isso aqui era diferente – disse ele enquanto passávamos de uma rua a outra no Brooklyn.

Mas o Brooklyn não era tão diferente dos bairros da Filadélfia que eu conhecia, bairros onde cobrávamos o aluguel aos sábados. Só havia mais de tudo no Brooklyn, uma sensação de densidade que se espalhava em todas as direções. Ele diminuiu a velocidade para passo de tartaruga e apontou:

– Está vendo aqueles prédios? Quando eu morava aqui eles eram de madeira. Eles derrubaram os antigos, ou houve um incêndio. A quadra inteira. Aquele café era lá – ele apontou para o Bob's Cup and Saucer. As pessoas ao balcão da janela estavam terminando um café da manhã bastante tardio, algumas lendo o jornal e outras olhando para a rua. – Eles faziam os próprios *crullers*. Nunca encontrei nada igual. Aos domingos, depois da igreja, a fila descia a quadra. Está vendo aquela loja de sapatos? Honest

Shoe Repair. Está aí desde sempre. – Ele apontou de novo, uma vitrine um pouco mais larga que a porta da loja. – O filho do dono era meu colega de escola. Aposto que se entrarmos na loja agora ele vai estar lá, pregando novas solas em sapatos. Uma vida e tanto.

– Pois é – disse eu. Eu parecia um idiota, mas não sabia muito bem como absorver tudo aquilo.

Ele dobrou na esquina e mais uma vez no semáforo, e de repente estávamos na Fourteenth Avenue.

– Bem ali – disse ele, e apontou para o terceiro andar de um prédio que parecia como todos os outros prédios pelos quais tínhamos passado. – Eu morava ali, e sua mãe morava uma quadra para lá – disse, apontando com o polegar por cima do ombro.

– Onde?

– Bem atrás de nós.

Ajoelhei-me no banco e olhei pelo vidro traseiro, com o coração na garganta. Minha mãe?

– Quero ver – pedi.

– É igual a todos os outros.

– Ainda está cedo.

Era Quinta-feira Santa, e as pessoas que iam à missa tinham ido cedo ou iriam mais tarde, depois do trabalho. As únicas pessoas andando pelas ruas eram mulheres fazendo compras. Estávamos parados em fila dupla, e no instante em que meu pai ia dizer não, o carro à nossa frente saiu, como se estivesse fazendo um convite.

– Bem, o que é que eu vou dizer? – disse ele, e entrou na vaga.

O dia tinha ficado nublado desde que saímos da Pensilvânia, mas não estava chovendo, e voltamos uma quadra caminhando pela rua, meu pai mancando levemente no frio.

– Bem aqui. Primeiro andar.

O prédio parecia igual a todos os outros, mas pensar que minha mãe havia morado ali fez eu me sentir como se tivéssemos pousado na Lua, de tão impossível. Havia grades nas janelas e levantei a mão para tocá-las.

– São para manter os babacas do lado de fora – explicou meu pai. – É o que seu avô costumava dizer. Foi ele quem as instalou.

Olhei para ele.

– Meu avô?

– O pai da sua mãe. Ele era bombeiro. Dormia no quartel muitas noites, então colocou grades nas janelas. Mas não sei se eram mesmo necessárias. Naquela época não acontecia muita coisa.

Meus dedos envolveram uma das barras da grade.

– Ele ainda mora aqui?

– Quem?

– Meu avô – eu nunca tinha usado essas duas palavras lado a lado antes.

– Ah, Deus do céu, não. – Meu pai balançou a cabeça com aquela memória. – O velho Jack morreu há muito tempo. Alguma coisa errada com os pulmões. Não sei o quê. Muitos incêndios.

– E minha avó?

Mais uma vez a frase me espantou.

Vi em seu rosto que não era aquilo que ele tinha em mente. Ele só queria dirigir pelo Brooklyn, mostrar os lugares que conhecia, o prédio onde tinha morado.

– Pneumonia, pouco tempo depois que o Jack morreu.

Perguntei se tinha mais alguém.

– Você não sabe?

Balancei a cabeça. Ele tirou meus dedos da grade, não de forma bruta, e me virou de volta em direção ao carro enquanto falava.

– Buddy e Tom morreram de gripe e Loretta morreu no parto. Doreen se casou com um cara e mudou para o Canadá e James, James era meu amigo, morreu na guerra. Sua mãe era a caçula da família e sobreviveu a todos eles, exceto talvez Doreen. Acho que Doreen ainda pode estar em algum lugar no Canadá.

Mergulhei fundo para encontrar em mim mesmo algo que não tinha certeza se estava lá; a parte de mim que era como minha irmã.

– Por que ela foi embora?

– O cara com quem ela casou queria se mudar – respondeu ele, sem entender. – Ele era do Canadá ou conseguiu um emprego lá. Não me lembro.

Parei de andar. Nem balancei a cabeça, só tentei de novo. Aquela era a questão central da minha vida, e eu nunca tinha perguntado antes.

– Por que a minha mãe foi embora?

Meu pai suspirou, enfiou as mãos fundo nos bolsos e levantou os olhos para analisar a posição das nuvens, então me disse que ela estava louca. Essa era a versão longa e a resumida.

– Como assim, louca?

– Louca do tipo que tira o casaco e entrega a alguém na rua que nem pediu um casaco para início de conversa. Louca como quem tira o *seu* casaco também e dá.

– Mas não é isso o que devemos fazer?

Quer dizer, nós não fazíamos isso, mas não era esse o objetivo?

Meu pai balançou a cabeça.

– Não. Não é. Escute: não faz sentido ficar se perguntando sobre sua mãe. Todo mundo tem um fardo na vida e esse é o seu. Ela se foi. Você precisa viver com isso.

Depois que voltamos para o carro a conversa entre nós terminou, e fomos em direção a Manhattan como duas pessoas que não se conheciam. Fomos até Barnard e pegamos Maeve no horário combinado. Ela estava esperando na rua em frente ao dormitório com seu casaco de inverno vermelho, o cabelo em uma trança pesada sobre o ombro. Sandy sempre dizia a Maeve que ela ficava mais bonita com o cabelo trançado, mas em casa ela nunca fazia isso.

Fui tomado pela necessidade de conversar em particular com minha irmã, mas não havia o que fazer quanto a isso. Se dependesse de mim, teríamos nos despedido de nosso pai ali mesmo e o mandado para casa, mas o plano era nós três almoçarmos. Fomos a um restaurante italiano perto do campus, onde me serviram uma tigela enorme de espaguete com molho de carne, algo que Jocelyn jamais teria acreditado ser possível para o almoço. Meu pai perguntou a Maeve sobre as aulas, e Maeve, desfrutando aquele momento raro, contou tudo. Ela estava fazendo Cálculo II e Economia, além de História da Europa e uma disciplina sobre o romance japonês. Meu pai balançou a cabeça em descrença na parte sobre o romance, mas não fez nenhuma crítica. Talvez estivesse feliz por vê-la, ou talvez estivesse feliz por não estar em uma esquina do Brooklyn conversando comigo, mas pela primeira vez na vida ele dedicava toda a atenção à filha. Maeve estava no segundo semestre, e ele não fazia ideia de como eram suas aulas, mas eu sabia de tudo: *As irmãs Makioka* era sua recompensa por ter terminado *O conto de Genji*; o professor de Economia era o autor do livro que eles usavam em sala; ela estava achando Cálculo II mais fácil que Cálculo I. Enchi a boca de espaguete para não ficar tentado a mudar de assunto.

Quando o almoço terminou, e terminou logo, porque meu pai não tinha paciência para restaurantes, fomos com ele até o carro. Eu não sabia se



deveria voltar para casa naquela noite ou no dia seguinte. Não tínhamos falado sobre isso e eu não tinha trazido nada, mas não houve comentário sobre meu retorno. Eu era da Maeve de novo e isso era tudo. Ele a abraçou rapidamente e colocou um dinheiro no bolso de seu casaco, depois Maeve e eu ficamos ali juntos acenando enquanto ele ia embora. Uma chuva fria tinha começado a cair durante o almoço, e, embora não estivesse pesada, Maeve disse que era melhor pegarmos o metrô até o Metropolitan para ver a exposição sobre o Egito, porque não havia motivo para nos molharmos. Depois do Empire State Building, o metrô era a coisa que eu mais estava empolgado para ver, e agora eu mal estava prestando atenção enquanto descíamos as escadas.

Maeve parou e me olhou com bastante atenção logo antes de chegarmos à catraca. Talvez tenha pensado que eu iria vomitar, o que não seria um palpite tão ruim assim.

– Você comeu demais?

Balancei a cabeça.

– Nós fomos até o Brooklyn.

Devia haver um jeito melhor de contar isso a ela, mas a manhã tinha sido mais do que eu era capaz de colocar em palavras.

– Hoje?

Havia um portão preto de metal à nossa frente, e do outro lado do portão estava a plataforma do trem. O trem chegou, e as portas se abriram, e as pessoas desembarcaram e embarcaram, mas Maeve e eu ficamos ali. Outras pessoas estavam apressadas, tentando passar pela catraca a tempo.

– Saímos de casa muito cedo. Acho que ele e Andrea devem ter discutido, porque ela queria vir com a gente, Andrea e as garotas, então o papai desceu sozinho e estava com muita pressa.

Eu comecei a chorar, mas não havia motivo. Além do mais, eu já tinha passado da idade disso. Maeve me levou até um banco de madeira onde nos sentamos e ela tirou um lenço da bolsa e me entregou. Estava com a mão em meu joelho.

Depois que contei toda a história para ela, percebi que não era quase nada, mas não conseguia parar de pensar que todas as pessoas que haviam morado naquele apartamento estavam mortas, a não ser a irmã que foi para o Canadá e nossa mãe, e elas também podiam muito bem estar mortas.

Maeve estava bem perto. Tinha comido uma bala de hortelã da tigela que ficava à porta do restaurante. Nós dois tínhamos. Os olhos dela não eram

azuis como os meus. Os dela eram muito mais escuros, quase marinho.

– Você acha que conseguiria encontrar a rua de novo?

– É na Fourteenth, mas eu não saberia dizer como chegar lá.

– Mas você se lembra do café e do sapateiro, então pode ser que a gente encontre.

Maeve foi até o homem que ficava no estande que vendia bilhetes e voltou com um mapa. Ela encontrou a Fourteenth Avenue e descobriu que trem deveríamos pegar, depois devolveu o mapa e me deu um bilhete.

O Brooklyn é um lugar grande, maior do que Manhattan, e ninguém acharia que um menino de doze anos que nunca havia estado lá antes poderia encontrar o caminho de volta a um prédio onde estivera por cinco minutos, mas Maeve estava do meu lado. Quando descemos do trem, ela perguntou como chegar ao Bob's Cup and Saucer, e ao chegarmos lá eu soube como encontrar o prédio: virando na esquina, virando no semáforo. Mostrei a ela as grades que nosso avô tinha instalado nas janelas como proteção contra os babacas, e por um tempo ficamos ali, encostados contra os tijolos. Ela me perguntou os nomes dos nossos tios e tias. Eu me lembrava de Loretta e Buddy e James, mas não dos outros dois. Ela disse que eu não precisava me preocupar. Quando a chuva piorou, voltamos ao Bob's. A garçonete riu quando pedimos um *cruller*. Ela disse que eles acabavam às oito horas todas as manhãs. Tudo bem, nós não estávamos com fome. Maeve pediu uma xícara de café e eu chocolate quente. Ficamos até nos sentirmos aquecidos e quase secos.

– Não acredito que ele te mostrou onde ela morava – disse Maeve. – Todos esses anos que perguntei sobre ela, sobre a família dela, para onde ela foi, ele nunca me disse nada.

– Porque ele achava que isso poderia te matar.

Eu não gostava de ter de defender meu pai para minha irmã, mas naquele momento era preciso. A partida de nossa mãe havia deixado Maeve doente.

– Isso é ridículo. As pessoas não morrem de informação. Ele só não queria conversar comigo. Uma vez, quando eu estava no Ensino Médio, disse a ele que ia para a Índia tentar encontrá-la, e sabe o que ele me disse?

Balancei a cabeça, atordoado pela terrível ideia de Maeve na Índia, as duas desaparecidas.

– Ele me disse que eu devia pensar que ela estava morta, que ela provavelmente *estava* morta àquela altura.

Ainda assim, por mais terrível que fosse, eu entendia.

- Ele não queria que você fosse.
- Ele disse “Existem quase 450 milhões de pessoas na Índia hoje. Boa sorte”.

A garçonete voltou e ofereceu mais café, mas Maeve recusou.

Pensei nas grades das janelas do apartamento. Pensei em todos os babacas do mundo.

- Você sabe por que ela foi embora?

Maeve terminou o que havia em sua xícara.

- Tudo o que eu sei com certeza é que ela odiava aquela casa.

- A Casa Holandesa?

- Não suportava.

- Ela não disse isso.

– Ah, disse. Ela deixava isso claro todos os dias. O único cômodo onde ela ficava era a cozinha. Sempre que a Fofinha fazia uma pergunta, ela dizia “Faça o que achar melhor. A casa é sua”. Ela sempre dizia que a casa era da Fofinha. Isso irritava nosso pai, eu me lembro disso. Uma vez ela me falou que se dependesse dela ela doaria o lugar para as freiras, deixaria que transformassem em um orfanato ou um asilo. Depois disse que as freiras e os órfãos e os idosos provavelmente teriam vergonha de morar lá.

Tentei imaginar aquilo. Tudo bem odiar o teto da sala de jantar, mas a casa inteira? Não havia casa melhor.

- Talvez você tenha entendido errado.

- Ela disse isso mais de uma vez.

- Então ela era louca – respondi, mas me arrependi na mesma hora.

Maeve balançou a cabeça.

- Ela não era louca.

Quando voltamos a Manhattan, Maeve me levou a uma loja de roupas masculinas e comprou uma cueca, uma camisa e um pijama, depois comprou uma escova de dentes na farmácia ao lado. Naquela noite, fomos ao Paris Theater e assistimos a *Mon oncle*. Maeve disse que estava apaixonada por Jacques Tati. Fiquei nervoso por assistir a um filme com legendas, mas acabou que ninguém dizia nada. Depois, paramos para tomar sorvete e voltamos a Barnard. Garotos de qualquer idade eram proibidos de ir além do saguão, mas Maeve explicou a situação para a menina que estava na recepção, também sua amiga, e me levou até o andar de cima. Leslie, sua colega de quarto, tinha ido passar a Páscoa em casa, então dormi na cama dela. O quarto era tão pequeno que poderíamos facilmente esticar o braço

no espaço vazio e nossos dedos se tocariam. Quando era mais novo eu dormia sempre no quarto da Maeve, e tinha me esquecido de como gostava de acordar no meio da noite e ouvir sua respiração estável.

Acabei ficando em Nova York na sexta e a maior parte do sábado, e se Maeve ligou alguma vez para casa com a finalidade de avisar sobre nossos planos, não fiquei sabendo. Ela disse que estava estudando muito para fazer as coisas turísticas que queria fazer, então fomos ao Museu de História Natural e ao zoológico do Central Park. Subimos até o topo do Empire State Building apesar da chuva, mas tudo o que conseguimos ver foram as nuvens profundas e úmidas que nos rodeavam. Ela me mostrou o campus da Universidade Columbia e disse que era naquela faculdade que eu deveria estudar. Fomos à missa da Sexta-Feira Santa na Igreja de Notre-Dame, e a beleza da construção prendeu minha atenção durante quase metade do sermão interminável. Maeve finalmente teve de pedir licença e ir até o átrio lateral da igreja para tomar uma dose de insulina. Depois ela me disse que as pessoas provavelmente pensaram que ela era uma viciada vestindo um conjunto de malha. No fim do Sábado de Aleluia, ela me levou à Penn Station. Disse que o papai ia querer que eu estivesse em casa na Páscoa e que, de qualquer forma, nós dois tínhamos de ir à aula na segunda. Comprou minha passagem, prometendo que ligaria e diria a Sandy o horário para me buscar, e me fazendo prometer que ligaria assim que chegasse em casa. Ela deu uma gorjeta ao carregador e pediu a ele que me colocasse ao lado da pessoa de aparência mais segura no trem, mas acabou que havia pouca gente indo à Filadélfia no fim do Sábado de Aleluia, então fiquei com a fileira inteira só para mim. Maeve tinha comprado o livro sobre Júlio César pelo qual eu tinha implorado na Brentano's, mas acabei ficando com ele no colo e olhando pela janela a viagem toda. O trem já tinha passado por Newark quando me dei conta de que tinha esquecido de mostrar a ela o apartamento onde o papai tinha crescido, e que ela tinha esquecido de perguntar.

Não pensei em Andrea nenhuma vez enquanto estive fora, mas naquele momento me perguntava se teria havido alguma briga terrível. Então me lembrei do que meu pai havia dito, que quando não podíamos fazer nada a respeito de uma coisa, era melhor esquecê-la. Tentando, descobri que era mais fácil do que eu imaginava. Tudo o que fiz foi observar o mundo passando pela janela do trem: cidades e casas e árvores e vacas e árvores e casas e cidades, de novo e de novo.

Sandy foi me buscar na estação como Maeve tinha prometido, e, no carro, eu contei a ela tudo sobre a viagem. Sandy quis saber como Maeve estava, e sobre o dormitório, que eu disse que era bem pequeno. Ela perguntou se eu achava que ela estava se alimentando bem.

– Ela parecia tão magrinha no Natal.

– Você achou? – perguntei. Para mim, ela parecia igual.

Quando chegamos em casa todos estavam jantando, e meu pai disse:

– Olha só quem está de volta.

Havia talheres no meu lugar de sempre.

– Vou ganhar um coelho de Páscoa – contou-me Bright.

– Não vai, não – respondeu Norma.

– Vamos esperar até amanhã e ver o que acontece – disse Andrea, sem olhar para mim. – Terminem de jantar.

Jocelyn estava lá, e piscou para mim quando trouxe meu prato. Ela tinha vindo ajudar, liberando Sandy para ir me buscar na estação.

– Tem coelhos em Nova York? – perguntou Bright. As meninas eram engraçadas, me tratavam como se eu já fosse adulto, mais próximo do meu pai e da Andrea em termos de idade e estágio da vida do que delas.

– Muitos – respondi.

– Você viu?

De fato, eu tinha visto coelhos em uma vitrine de Páscoa na Saks Fifth Avenue. Contei a ela como eles pulavam em volta dos tornozelos dos manequins vestidos com elegância, e que Maeve e eu ficamos na rua em meio à multidão assistindo durante uns dez minutos.

– Você viu a peça? – perguntou Norma, e Andrea levantou a cabeça. Percebi que ela ficaria destruída só de pensar que Maeve e eu tínhamos feito algo que ela queria fazer.

Fiz que sim.

– Tinha muita cantoria, mas foi melhor do que eu pensei.

– Como vocês conseguiram os ingressos? – perguntou meu pai.

– Uma amiga da Maeve. O pai dela trabalha no teatro.

Naquela época eu não tinha muita experiência em mentir, mas saiu naturalmente. Ninguém àquela mesa iria conferir minha história, e mesmo que fosse, Maeve confirmaria sem pensar.

Não houve mais perguntas depois disso, então guardei os pinguins do zoológico do Central Park e os ossos de dinossauro do Museu de História Natural e o *Mon oncle* e o dormitório e todo o resto para mim. Planejava

contar tudo na segunda-feira a meu amigo Matthew na escola. Matthew era louco para conhecer Manhattan. Andrea começou a falar sobre o almoço de Páscoa e como estaria ocupada, embora Sandy tivesse me dito no carro que a comida já estava toda pronta. Fiquei esperando que meu pai olhasse para mim, que me desse algum pequeno sinal de que as coisas tinham mudado entre nós, mas isso não aconteceu. Ele nunca me perguntou sobre o tempo que passei com Maeve ou a peça a que não assisti, e nunca mais falamos sobre o Brooklyn.



– Você não acha estranho o fato de que a gente nunca a vê? – perguntei a Maeve.

Eu tinha quase trinta anos. Acho que deve ter acontecido uma ou duas vezes.

– Por que a veríamos?

– Bem, estacionamos em frente à casa dela. Acho que em algum momento deveríamos encontrá-la.

Uma vez vimos Norma e Bright atravessando o quintal com roupas de banho, mas só, e isso foi há muito tempo.

– Isso não é uma vigilância. Não estamos aqui o tempo todo. Passamos uma vez a cada dois meses durante quinze minutos.

– São mais de quinze minutos – corriji, e talvez também fosse mais do que uma vez a cada dois meses.

– Que seja. Temos tido sorte.

– Você pensa nela?

Eu não pensava em Andrea com frequência, mas, quando parávamos em frente à Casa Holandesa, às vezes parecia que ela estava no banco de trás do carro.

– Às vezes me pergunto se ela está morrendo – disse Maeve. – Ou quando ela vai morrer. Mais ou menos isso.

Eu ri, embora tivesse quase certeza de que ela não estava brincando.

– Eu estava me referindo a algo do tipo... me pergunto se ela é feliz, se conheceu alguém.

– Não. Não fico pensando nisso.

– Ela não pode ser tão velha. Poderia ter conhecido alguém.

– Ela nunca deixaria ninguém entrar naquela casa.

– Escute – continuei –, ela foi horrível com a gente no fim, reconheço isso, mas às vezes me pergunto se ela simplesmente não sabia agir diferente. Talvez ela fosse muito jovem para lidar com aquilo tudo, ou talvez tenha sido por causa do luto. Ou então aconteceram coisas na vida dela que não tinham nada a ver com a gente. Quer dizer, o que a gente sabia sobre a Andrea? A verdade é que eu tenho várias lembranças dela sendo perfeitamente aceitável. Só escolho me concentrar naquelas em que ela não foi.

– Por que você tem essa necessidade de dizer algo bom sobre ela? – perguntou Maeve. – Não vejo motivo.

– Porque é verdade. Na época, eu não a odiava, então, por que apago todas as lembranças de gentileza, ou mesmo de civilidade, e guardo apenas lembranças de uma pessoa sendo terrível?

Porque, eu queria dizer, não devíamos mais vir até a Casa Holandesa, e quanto mais mantivéssemos nosso ódio, mais estaríamos condenados a viver nossas vidas em um carro estacionado na rua VanHoebeek.

– Você a amava?

Emiti um som que só poderia ser descrito como exasperação.

– Não, eu não a amava. Essas são as duas opções? Eu a amo ou eu a odeio?

– Bem – disse minha irmã –, você está me dizendo que não a odiava, então só quero saber quais são os parâmetros. Se quer saber minha opinião, acho que, para início de conversa, é ridículo estarmos falando sobre isso. Digamos que existe um garoto na casa ao lado, um garoto de quem você não é amigo, mas com quem também não tem nenhum problema. Então um dia ele entra na sua casa e mata sua irmã com um taco de beisebol.

– Maeve, pelo amor de Deus.

Ela levantou a mão.

– Me escute. Esse fato presente apaga o passado? Talvez não, se você amasse o garoto. Talvez, se amasse esse garoto, você investigasse e tentasse entender o que aconteceu com você, para ver as coisas do ponto de vista dele, talvez se perguntasse o que os pais tinham feito com ele, se não haveria algum tipo de desequilíbrio químico. Talvez até pensasse que sua irmã pudesse ter alguma responsabilidade... será que ela atormentava o garoto? Será que era cruel com ele? Mas você só se perguntaria essas coisas se o amasse. Se você só *gostasse* dele, se ele nunca tivesse sido nada mais

do que um vizinho indiferente, não vejo por que caçar boas lembranças. Ele está na prisão. Você nunca mais vai ver o filho da puta de novo.

Eu estava fazendo residência em medicina interna na Faculdade de Medicina Einstein no Bronx, e a cada duas ou três semanas pegava o trem para a Filadélfia. Não tinha tempo para passar a noite, mas nunca ficava um mês inteiro sem visitá-la. Maeve sempre dizia que achava que me veria mais quando eu concluísse o curso, mas não era o caso. Eu não tinha tempo de sobra na época e não queria passar o pouco tempo que tinha sentado em frente a uma maldita casa, mas era lá que acabávamos: como andorinhas, como salmões, éramos prisioneiros indefesos de nossos padrões migratórios. Fingíamos que o que tínhamos perdido era a casa, não nossa mãe, não nosso pai. Fingíamos que o que tínhamos perdido nos tinha sido tomado pela pessoa que ainda vivia lá dentro. Já tinham se passado algumas noites frias, e as folhas das tília estavam começando a amarelar.

– Tudo bem – disse. – Vou parar com isso.

Maeve virou o rosto para o outro lado e olhou as árvores.

– Obrigada.

Então, sozinho, tentei me lembrar de coisas boas sobre ela: Andrea rindo com Norma e Bright; Andrea vindo ver como eu estava certa vez no meio da noite quando meu siso estava nascendo, parada à porta do meu quarto, perguntando se eu estava bem; um punhado de momentos no início, quando eu a vi trazer uma leveza para nosso pai, ele descansando a mão brevemente em suas costas. Eram coisas minúsculas, e na verdade pensar nelas me deixou cansado, então permiti que minha mente voltasse ao hospital, listasse os pacientes que precisaria ver naquela noite, preparasse o que eu iria dizer a eles. Eu voltaria ao plantão às sete.



## 6

MAEVE VOLTOU PARA casa depois da formatura, mas ninguém nunca falou sobre ela voltar a morar na casa. Ela mal ficava lá desde seu exílio para o terceiro andar. Em vez disso, arranjou um pequeno apartamento em Jenkintown, área que era consideravelmente mais barata do que Elkins Park e não ficava longe da Imaculada Conceição, igreja que frequentávamos. Começou a trabalhar em uma empresa nova que entregava vegetais congelados. O plano declarado era fazer uma pausa de um ou dois anos antes de começar um mestrado em economia ou direito, mas eu sabia que ela estava por perto para ficar de olho em mim nos meus últimos anos no colégio, para que eu tivesse algo com que pudesse contar.

A Vegetais Congelados Otterson nem viu de onde veio a bomba. Depois de dois meses trabalhando no setor de cobrança, Maeve desenvolveu um novo sistema de fatura e um novo jeito de acompanhar o estoque. Em pouco tempo, ela já estava cuidando tanto da declaração de impostos da empresa quanto da declaração pessoal do Sr. Otterson. O trabalho era ridiculamente fácil, e ela dizia que era isso que queria: um descanso. Suas amigas da faculdade também estavam descansando, passando um ano em Paris, ou casando ou fazendo um estágio não remunerado no Museu de Arte Moderna enquanto os pais pagavam o aluguel delas em Manhattan. Maeve sempre teve uma definição bastante particular de descanso.

Havia certa paz naquela época. Eu estava no segundo ano e jogava basquete pelo colégio, ou melhor, esquentava o banco pelo colégio, mas feliz por estar lá, conquistando meu lugar no futuro. Tinha vários amigos e, portanto, vários lugares aonde ir depois da aula, incluindo o apartamento de Maeve. Não estava tentando evitar ficar em casa, mas, como qualquer outro garoto de quinze anos que conhecia, havia poucos motivos para estar lá. Andrea e as meninas pareciam viver em um universo paralelo de aulas de balé e compras. Sua órbita se distanciara tanto da minha que eu quase não pensava nelas. Às vezes, ouvia Norma e Bright no quarto da Maeve quando estava estudando. Elas riam ou brigavam por causa de uma escova de

cabelo ou corriam uma atrás da outra pelas escadas, mas não eram nada além de sons. Nunca traziam amigos, assim como eu e Maeve nunca havíamos trazido, ou talvez não existissem amigos. Eu pensava nas duas como uma unidade: Norma-e-Bright, como uma agência de publicidade composta de duas garotinhas. Quando me cansava de ouvi-las, ligava o rádio e fechava a porta.

Meu pai também andava ausente, tornando minha ausência conveniente para todos. Ele dizia que era porque os subúrbios estavam crescendo e ele estava interessado em duplicar os negócios, e, embora isso fosse verdade, também parecia bastante claro que ele se casara com a mulher errada. Se cada um ficasse em seu canto, as coisas ficavam mais fáceis para todos. Não só mais fáceis, como também mais felizes, e a casa oferecia espaço suficiente para que seguíssemos com nossas vidas com privacidade. Sandy servia o jantar mais cedo para Andrea e as meninas na sala de jantar, e Jocelyn guardava um prato para mim. Quando voltava do treino de basquete, eu comia, independentemente da pizza que já tinha comido com os amigos. Às vezes, saía de bicicleta no escuro para levar sanduíches para meu pai no escritório, e comia de novo com ele. Ele abria os maços brancos enormes de plantas arquitetônicas e me mostrava o que o futuro guardava. Todos os prédios comerciais de Jenkintown a Glenside tinham o nome CONROY em uma placa grande de madeira em frente à construção. Três sábados por mês ele me mandava aonde fosse necessário – para carregar madeira e pregar e varrer os cômodos recém-construídos. Fundações eram derramadas, estruturas, erguidas. Aprendi a andar sobre as vigas enquanto os trabalhadores braçais, os caras que não voltavam para mansões em Elkins Park, me provocavam lá de baixo.

– Não vá cair daí, Danny Boy! – gritavam eles, mas quando aprendi a pular de patamar em patamar como eles, quando passei a falar sobre a parte elétrica e encanamento, eles me deixaram em paz.

Àquela altura, eu já estava cortando moldes na caixa de esquadria. Mais que na escola ou na quadra de basquete, mais que na Casa Holandesa, eu me sentia em casa em um canteiro de obras. Sempre que podia, trabalhava depois da aula, não pelo dinheiro – meu pai considerava pouquíssimas das minhas horas faturáveis –, mas porque amava o cheiro e o barulho. Eu gostava de ser parte de uma construção em andamento. No primeiro sábado do mês, meu pai e eu ainda fazíamos as rondas para cobrar os aluguéis, mas agora conversávamos sobre agendar o caminhão de cimento para um

projeto e fazer outro esperar. Nunca havia caminhões suficientes, homens suficientes, horas suficientes no dia para tudo que queríamos fazer. Falávamos sobre quanto um projeto estava atrasado enquanto outro estava exatamente em dia.

– O dia que você tirar a carteira de motorista talvez seja o dia mais feliz da minha vida – disse meu pai.

– Está cansado de dirigir? Você podia me ensinar.

Ele balançou a cabeça, o cotovelo apontando para fora da janela aberta.

– É perda de tempo, só isso, nós dois tendo de sair. Quando tiver dezesseis anos, você vai cobrar o aluguel sozinho.

É assim que a banda toca, pensei, admirando minha maturidade. Eu preferia manter o único sábado mensal em que nós dois ficávamos juntos no carro, mas aceitava a confiança dele em troca. Era isso que significava crescer.

Mas no fim das contas não tive nenhum dos dois. Ele morreu quando eu ainda tinha quinze anos. Sinto dizer que achava meu pai velho quando morreu. Ele tinha cinquenta e três anos. Estava subindo os cinco lances de escada de um prédio de escritórios quase pronto, indo verificar o revestimento de uma janela no último andar que o empreiteiro disse que estava vazando. O dia estava muito quente, era 10 de setembro. Ainda faltava um mês para a eletricidade do prédio ser ligada, o que significa que não havia elevador nem ar condicionado. Havia luzes improvisadas na escada ligadas a um gerador que só deixava o prédio ainda mais quente. O Sr. Brennan, que gerenciava o projeto, disse que devia fazer uns quarenta graus. Meu pai reclamou que estava fora de forma quando passaram do segundo andar, e depois não disse mais nada. Ele nunca era rápido, por causa do joelho, mas nesse dia levou o dobro do tempo. Suava através do paletó. A seis degraus do destino, ele se sentou sem dizer uma palavra, vomitou e caiu para a frente, a cabeça batendo no degrau de concreto, o corpo comprido tombando em seguida. O Sr. Brennan não conseguiu segurá-lo, mas o estendeu no andar em que meu pai caiu da melhor maneira que pôde e desceu as escadas e atravessou a rua correndo até a farmácia, onde pediu à moça no caixa que chamasse uma ambulância. Depois, reuniu quatro homens que estavam trabalhando no local e, juntos, eles carregaram meu pai pelos lances de escada. O Sr. Brennan disse que nunca tinha visto um homem ficar tão branco, e o Sr. Brennan tinha ido para a guerra.

O Sr. Brennan foi junto na ambulância e, quando chegaram ao hospital, ligou para a Sra. Kennedy no escritório do meu pai. A Sra. Kennedy ligou para Maeve. Um menino entrou na minha aula de geometria e entregou um bilhete dobrado ao professor, que leu e depois me disse para pegar minhas coisas e ir até a sala do diretor. Ninguém entra no meio da aula de geometria e manda você pegar suas coisas porque você vai ser titular no próximo jogo de basquete. Ao atravessar o corredor eu só tinha um pensamento, e era Maeve. Estava com tanto medo que era só isso que eu podia fazer para me obrigar a andar. Ou Maeve tinha ficado sem insulina ou a insulina não era de boa qualidade. Uma dose muito grande, uma dose insuficiente, de alguma forma tinha sido fatal. Até aquele minuto eu nunca tinha percebido quanto carregava aquele medo comigo por toda parte, todo minuto da minha vida. Eu era o aluno mais alto da sala, e musculoso por causa do basquete e da construção. O escritório do diretor era uma sala de vidro que dava para a entrada, e quando vi Maeve em pé à mesa, de costas para mim, o cabelo inconfundível descendo pelas costas em uma trança, emití um som, alguma coisa alta e aguda que parecia ter saído dos joelhos. Ela virou, todos viraram, mas não me importei. Eu tinha pedido a Deus uma coisa, e Deus tinha atendido – minha irmã não estava morta. Maeve estava chorando quando me abraçou e eu nem perguntei. Mais tarde ela disse que achava que eu já sabia por causa da expressão em meu rosto, mas eu não fazia ideia. Não sabia até entrarmos no carro e ela me contar que estávamos indo ao hospital e que nosso pai estava morto.

Cometemos um erro terrível, mas até hoje é difícil dizer exatamente de quem foi esse erro. Do Sr. Brennan? Da Sra. Kennedy? Da Maeve? Meu? A Sra. Kennedy chegou ao hospital antes de nós e estava esperando com o Sr. Brennan quando chegamos. O Sr. Brennan nos contou o que tinha acontecido. Ele disse que não sabia fazer reanimação cardiopulmonar. Naquela época quase ninguém sabia. A mulher dele era enfermeira e havia dito que ele devia fazer o curso, mas ele não fez. Havia tanta dor em seu rosto que Maeve o abraçou, e o Sr. Brennan encostou em seu ombro e chorou.

Eles tinham mantido nosso pai em uma salinha ao lado da emergência para que não tivéssemos de ir ao necrotério. Estava em uma cama de hospital comum, sem gravata nem paletó, a camisa azul desabotoada no pescoço e manchada de sangue. A boca estava aberta de um jeito que deixava claro para mim que ela não podia ser fechada. Seus pés brancos,

descalços, estavam para fora do lençol. Eu não conseguia imaginar onde estariam os sapatos e as meias. Não via os pés de meu pai havia anos, desde o último verão em que fomos ao lago, qualquer que tenha sido. Havia um corte terrível e sem sangue em sua testa que fora fechado grosseiramente. Eu não toquei nele, mas Maeve se aproximou e beijou sua testa ao lado do curativo, depois beijou de novo, a longa trança caindo sobre o pescoço dele. Ela não parecia se importar com sua boca aberta, mas para mim era aterrorizante. Ela foi tão gentil com ele, e me peguei pensando que, quando ele acordasse, eu ia lhe dizer como ela era boa, como o amava. Ou talvez dissesse quando eu acordasse. Um de nós estava dormindo e eu não sabia quem.

A enfermeira nos deu bastante tempo para ficarmos sozinhos com ele, e então o médico entrou no quarto e explicou a causa da morte. Disse que o infarto tinha acontecido muito rápido e que nada podia ter sido feito para salvá-lo.

– Provavelmente já estava morto antes mesmo de cair. Mesmo que tivesse acontecido aqui no hospital – disse ele –, provavelmente não teria sido diferente.

Isso foi antes de eu saber que os médicos podem mentir para tentar consolar uma família. Sem uma autópsia, ele não estava contando nada mais que uma história possível, mas nos apegamos a ela sem questionar. Maeve assinou uns papéis e em troca recebeu o paletó e a gravata em um saco, junto com um envelope pardo que continha a carteira, o relógio e a aliança. Éramos muito jovens, e nosso pai tinha morrido. Até hoje não acho que a responsabilidade fosse nossa. Entramos pela porta da cozinha e Sandy e Jocelyn estavam lá e contamos a elas o que tinha acontecido. No segundo em que começaram a chorar percebi o que tínhamos feito. Sandy estava me abraçando, e eu me virei para me desvencilhar dela. Eu precisava encontrar Andrea. Tinha de ser eu a encontrá-la, ela não podia nos encontrar ali, mas assim que pensei nisso ela entrou na cozinha, em meio à bagunça de nós quatro e nosso luto coletivo, exclusivo. Tinha ouvido o choro. Jocelyn se virou e abraçou a patroa, algo que eu diria que ela nunca tinha feito antes e nunca mais fez.

– Ah, Sra. Smith – disse ela.

A expressão de horror que tomou conta de Andrea naquela hora – aquela expressão ficou comigo todos esses anos. Muito tempo depois de já não conseguir mais lembrar da imagem de meu pai na cama do hospital, ainda

via o medo no rosto de Andrea. Ela deu um passo para trás, afastando-se de nós.

– Onde estão as meninas? – sussurrou.

Maeve balançou a cabeça muito discretamente, porque é claro que a essa altura ela também tinha percebido.

– Elas estão bem – disse Maeve, a voz mal saindo de sua boca. – É o papai. Perdemos o papai.

O saco plástico com suas roupas estava sobre a mesa da cozinha, a prova contra nós. Mais tarde diríamos a nós mesmos que tínhamos certeza de que a Sra. Kennedy tinha ligado para ela, mas não tínhamos motivo para pensar isso. A verdade era que havíamos chegado até ali sem pensar em Andrea. Nossa crueldade virou o centro da história: não a morte de nosso pai, mas como tínhamos excluído Andrea.

Se tivéssemos nos saído melhor o resultado teria sido o mesmo? Se o Sr. Brennan tivesse ligado para Andrea e não para a Sra. Kennedy (mas o Sr. Brennan nem conhecia Andrea, e trabalhava com a Sra. Kennedy havia vinte anos), se a Sra. Kennedy tivesse ligado para Andrea e não para Maeve (mas Andrea era grosseira com a Sra. Kennedy ao telefone sempre que ligava para nosso pai no trabalho, sem nunca dizer uma palavra além de “Quero falar com meu marido”. A Sra. Kennedy nunca ligaria para Andrea. Ela me disse no velório). Se Maeve tivesse saído da Otterson e corrido até a Casa Holandesa para contar a Andrea em vez de ir até a escola me buscar, ou se tivéssemos saído da escola juntos e ido buscá-la, para que nós três fôssemos ao hospital, onde estaríamos agora?

– Bem aqui – diria Maeve. – Não fizemos dela quem ela é.

Mas eu nunca tive certeza.

A dor de Andrea era seu prêmio, e, em troca, o que eu senti naqueles dias cegos que se seguiram à morte do meu pai não foi o luto por quem eu tinha perdido, mas a vergonha pelo que tinha feito. Norma e Bright ficavam sérias sempre que conseguiam se lembrar de ficar, mas eram muito jovens. Para elas, era impossível ficar triste o tempo todo. Andrea não as mandou para a escola no dia seguinte à morte dele, mas no outro elas imploraram para ir. A casa estava muito triste. Eu voltei para a escola também, não queria ficar na casa com ela. Ela comprou um lote duplo no cemitério protestante e deixou claro seu plano de enterrá-lo lá, ao lado do espaço vazio para onde planejava ir um dia. Foi quando Maeve ligou para o padre Brewer. Andrea e o padre desapareceram na biblioteca por vinte e cinco

minutos, as portas fechadas, e quando saíram os direitos de meu pai estavam restabelecidos. Andrea tinha concordado em enterrar nosso pai no cemitério católico. Usou isso contra nós também.

– Ele vai ficar sozinho agora – disse quando passou por mim no corredor. Sem maiores explicações. – Exatamente como vocês querem. Bom, parabéns. Eu é que não vou ser condenada a passar a eternidade com um bando de católicos.

No dia seguinte ao casamento, Maeve, meu pai e eu saímos para ir à missa. Andrea estava sentada sozinha na sala de jantar, e, tentando ser amigável, perguntei se minha nova madrastra e as meninas gostariam de ir conosco.

– Não vou àquele lugar nem morta – disse ela, e seguiu comendo os ovos quentes como se tivesse me lembrando de levar um guarda-chuva.

– Se ela odeia tanto católicos, por que é que se casou com um? – perguntou Maeve enquanto entrávamos no carro.

E meu pai riu, uma risada generosa do tipo que raramente ouvíamos dele.

– Ela queria a casa do católico – respondeu ele.

Ao contrário do que Maeve supunha, eu pensava muito pouco em nossa mãe quando era jovem. Eu não a conhecia, e achava difícil sofrer por alguém ou por um tempo do qual não conseguia me lembrar. A família com quem ela me deixou – uma cozinheira, uma faxineira, uma irmã amorosa e um pai distante – era boa para mim. Até quando olhava para as poucas fotos dela que estavam guardadas, a mulher alta e magra de queixo estreito e cabelo escuro era parecida demais com Maeve para eu pensar que havia perdido alguma coisa. Mas, no dia do velório de nosso pai, eu só conseguia pensar em minha mãe, e desejava seu consolo com uma ânsia que jamais poderia ter imaginado.

A casa estava tomada de flores. Andrea achava que não receberíamos o suficiente, então pediu dúzias de arranjos. Se fosse esperta, teria pensado em fazer alguns cartões falsos. Andrea nunca entendeu o lugar que meu pai ocupava na comunidade; as flores vieram de toda parte, das pessoas da igreja e dos homens que trabalhavam nas construções, das pessoas do escritório e do banco. Havia flores de policiais e donos de restaurantes e professores, pessoas para quem meu pai tinha feito favores discretamente ao longo dos anos. As flores eram dos inquilinos que pagavam o aluguel todo mês, e também dos que ele havia carregado em tempos difíceis. A maior

parte era de pessoas que eu conhecia, mas também havia flores enviadas por pessoas de muito antes do meu tempo, pessoas que já tinham se mudado ou comprado a própria casa. Alguns dos nomes eu reconhecia do livro-razão. As flores formavam um cobertor contínuo que cobria todas as mesas e o piano. Equilibravam-se sobre pedestais alugados e cavaletes de metal. A casa era um jardim de combinações impossíveis e explosões súbitas em matéria de altura. Não havia onde apoiar um copo. Andrea insistiu que os arranjos enviados à Imaculada Conceição para o velório fossem reunidos e levados até a casa enquanto estávamos diante do túmulo assistindo a homens fortes abaixarem o caixão na terra com o auxílio de fitas. Quando chegamos em casa havia buquês enfileirados nos degraus da entrada, e as portas estavam abertas. Andrea tinha colocado no obituário *haverá uma recepção na casa*, esquecendo-se de que havia pessoas como ela que viriam só para olhar, mesmo em um dia como aquele. Sandy e Jocelyn estavam na cozinha fazendo pequenos sanduíches, que eram servidos por mulheres contratadas de vestido preto e avental branco. Sandy e Jocelyn estavam duplamente magoadas porque não tinham sido liberadas para ir ao velório e por não serem consideradas boas o bastante para estar lá fora enchendo copos.

– Acho que é preciso ser mais bonita do que eu para servir uma taça de vinho – disse Sandy.

Maeve foi à cozinha ficar com elas, espalhando *cream cheese* sobre fatias de pão branco macio com um pano de prato amarrado em volta da cintura de seu melhor vestido azul-marinho, enquanto eu fiquei do lado de fora para cuidar de Andrea e das meninas. Eu não costumava ter muita paciência para lidar com Norma e Bright atrás de mim, mas naquele dia mantive-as por perto. Ainda que meu pai não estivesse mais lá para me dizer o tipo de homem que eu devia ser, eu sabia o que ele esperava. As meninas passavam os dedos pelas pétalas, mergulhando o rosto profundamente nos arranjos de rosas para cheirá-las. Diziam que estavam tentando escolher o buquê preferido, porque a mãe tinha dito que cada uma poderia levar um vaso para o quarto, o quarto da Maeve.

– Qual você quer? – perguntou Norma. Estava com um vestido preto de algodão plissado na frente. Tinha doze anos e Bright, dez. – Aposto que ela deixa você ficar com um.

No espírito da brincadeira, escolhi um vaso pequeno com umas flores cor de laranja estranhas, que pareciam ter crescido no fundo do mar. Eu não



fazia ideia que flores eram aquelas, mas gostei do fato de serem alaranjadas em um dia de tanta branquidão horrível.

Parece engraçado lembrar quanto eu estava preocupado com Andrea na época. Ela estava chorando havia quatro dias. Tinha chorado durante cada minuto do velório. Naquele curto espaço de tempo desde a morte de meu pai, parecia ainda menor, os olhos azuis inchados de lágrimas. Uma após outra, as pessoas com quem meu pai trabalhava vieram apertar sua mão, prestar condolências em voz baixa. Vizinhos que nunca foram convidados para entrar na casa estavam por toda parte. Eu os reconhecia, e eles falavam comigo calorosamente enquanto tentavam absorver o máximo do ambiente que a descrição lhes permitia. Conheci um sueco silencioso que curvou a cabeça ao prestar condolências. Pedi que eu as repassasse à minha irmã. Era o Sr. Otterson. Quando lhe pedi que esperasse, que eu encontraria minha irmã e a traria até ele, disse um não definitivo.

– Não a perturbe – disse, como se ela estivesse no terceiro andar chorando, e não na cozinha colocando os sanduíches em bandejas.

O padre Brewer ficou na varanda, encurralado na casa por duas paroquianas. Quando vi Maeve levando um copo de chá para ele, disse a ela que o Sr. Otterson estava lá. Eu estava conversando com ele no minuto anterior, mas quando saímos para procurá-lo não o encontramos em lugar algum.

Não havia um lugar aonde eu pudesse ir em meio à multidão sem que fosse acariciado ou abraçado. O dia inteiro foi como um sonho, exatamente como dizem. Como minha família tinha se afastado de mim? Eu me saía tão bem só com um pai, mas agora via que um pai não era um bom seguro em longo prazo. Maeve logo iria para a pós-graduação, e eu moraria com Andrea e as meninas, com Sandy e Jocelyn? Andaria pela casa só com mulheres? Isso não era certo, não era o que meu pai iria querer. Ele e eu, eu disse a mim mesmo, mas a frase não teve sequência. Era exatamente o que eu queria dizer sobre minha vida passada, *ele e eu*.

A competição de fragrâncias de flor começava a dominar o cômodo lotado, e passei a me perguntar se o padre Brewer tinha saído da casa para poder respirar. A distância, vi o treinador Martin entrar com o time de basquete inteiro, todos eles. Eles foram ao velório, mas achei que não viriam à recepção. Nunca tinham vindo à minha casa antes. Peguei uma taça de vinho da bandeja de uma das mulheres uniformizadas e, quando ela parou de olhar para mim, fui para o banheiro e bebi.

A Casa Holandesa era impossível. Eu nunca havia pensado nisso antes. Quando Maeve me disse que nossa mãe odiava aquele lugar, eu nem sequer consegui entender o que ela estava dizendo. As paredes do lavabo tinham baixo-relevo, andorinhas esculpidas em noqueira, andorinhas disparando por entre caules floridos em direção à Lua. Os painéis foram esculpidos na Itália no início dos anos 1920 e enviados em caixotes para serem instalados no lavabo do primeiro andar da casa dos VanHoebeeks. Quantos anos da vida de alguém tinham sido gastos esculpindo aquelas paredes em outro país? Levantei a mão e tracei uma andorinha com o dedo. Era isso que nossa mãe queria dizer? Eu sentia a casa inteira sentada em cima de mim como uma concha que eu teria de carregar pelo resto da vida. Não foi isso que aconteceu, claro, mas no dia do velório eu pensei estar vendo o futuro.

Quanto ao futuro, os primeiros tiros logo foram disparados. Maeve voltou para casa no dia seguinte e disse a Andrea que largaria o emprego na Otterson para trabalhar na Conroy. Não preciso dizer que Andrea jamais se interessou pela empresa, e que talvez ela nem entendesse exatamente o que nosso pai fazia. Em seus melhores dias ela provavelmente não teria competência para administrar o negócio, e durante o luto ela estava longe de estar em seus melhores dias.

– Posso garantir que todos os projetos programados serão concluídos – disse Maeve. – Vou cuidar da folha de pagamento e dos impostos. Seria só por enquanto, até decidirmos o que vamos fazer com a empresa.

Estávamos todos sentados na sala de estar, Bright com a cabeça no colo da Maeve e Maeve passando os dedos pelo emaranhado de cabelos louros de Bright, Norma estava no sofá ao lado dela.

– Não – disse Andrea.

No início, Maeve pensou que talvez Andrea duvidasse da sua capacidade, ou duvidasse que seria o melhor para a empresa ou, sabe Deus, o melhor para Maeve.

– Eu posso fazer isso – continuou ela. – Costumava trabalhar no escritório durante as férias de verão antes da faculdade. Conheço os registros. Conheço as pessoas que trabalham lá. Não é tão diferente do que faço na Otterson agora.

Esperamos. Até Bright levantou a cabeça para ouvir a explicação que se seguiria, mas nada veio.

– Você tem outros planos? – perguntou Maeve, afinal.

Andrea assentiu com a cabeça lentamente.

– Norma, vá dizer a Sandy que me traga uma xícara de café.

Norma, ansiosa para se afastar da tensão e da conversa chata, levantou-se de um salto e desapareceu.

– Sem correr! – gritou Andrea para ela.

– Não estou falando de assumir tudo – disse Maeve, como se talvez pudessem imaginar que ela estivesse querendo dominar as coisas. – É só por enquanto.

– Sua mãe teria feito você cortar esse cabelo – disse Andrea.

– O quê?

– Eu devo ter dito isso a seu pai umas cem vezes: faça ela cortar aquele cabelo. Mas ele não fazia. Não se importava. Eu sempre quis dizer isso a você, para o seu próprio bem... porque é assustador... mas ele não deixava. Sempre dizia que o cabelo era seu.

Bright olhou para minha irmã.

O comentário foi tão estranho que foi fácil desconsiderá-lo, creditá-lo ao luto, ao choque, o que fosse. Andrea não podia estar se importando com o cabelo da Maeve. As flores do velório estavam por toda parte. Eu pensava na catástrofe que seria quando todas morressem. Imaginei se a conversa devia ter começado com algo menor – alguém se oferecendo para esvaziar os vasos quando chegasse a hora, para escrever os cartões de agradecimento.

– Eu posso cobrar o aluguel aos sábados – disse, esperando nos trazer de volta à realidade. – Maeve pode me levar. Conheço a rota.

– Não será necessário.

Isso eu não entendi mesmo.

– Eu sempre cobrei o aluguel.

– Seu pai sempre cobrou o aluguel – disse Andrea. – Você ia junto no carro.

Um silêncio do qual nenhum de nós sabia como sair tomou conta do lugar. Senti os olhos dos VanHoebeeks perfurando meu crânio. Sempre sentia.

– O que estamos tentando dizer é que queremos ajudar – disse Maeve.

– Eu sei que querem – disse Andrea, e então virou a cabeça de lado e sorriu para a filha no colo da minha irmã. – Você sabe que ela quer. – Ela olhou para nós de novo. – Não sei como alguém pode demorar tanto para trazer uma xícara de café. Vocês sabem que elas têm um bule pronto na cozinha. Talvez achem que o café seja delas. – Andrea bateu com as palmas

das mãos nas coxas, em um gesto de impaciência, e então se levantou. – Bem, parece que eu mesma vou ter de pegar. Vocês conhecem aquele ditado, não conhecem? “Se quer algo bem feito...”

Esperamos por um tempo depois que ela saiu, Maeve e Bright e eu, então ouvimos passos no andar de cima. Ela subiu pela escada da cozinha com o café. A entrevista tinha terminado. Nas duas breves semanas após sua morte, sofri com a perda do meu pai aquilo que via como uma postergação do meu lugar no mundo. Se eu tivesse escolha, teria largado a escola aos quinze anos e administrado a Conroy com Maeve. A empresa era o que eu queria, o que eu esperava e o que meu pai planejara para mim. Se viesse antes de estar preparado, eu só precisaria ficar pronto mais rápido. Eu não acreditava que soubesse tudo, nem de longe, mas conhecia todas as pessoas que podiam me ajudar. Aquelas pessoas gostavam de mim. Vinham me observando trabalhar havia anos.

O restante do meu problema foi um casamento de tristeza e desconforto que não podia ser separado. Andrea me evitava, enquanto as meninas se aproximavam. Norma ou Bright vinham até meu quarto toda noite para me acordar e contar o que tinham sonhado. Ou não me acordavam, mas eu encontrava uma das duas dormindo no sofá do meu quarto pela manhã. Acho que a perda do meu pai era uma perda delas também, embora eu mal conseguisse me lembrar de uma palavra que ele tenha dirigido a uma delas.

Então certa tarde voltei da escola, cumprimentei Sandy e Jocelyn e preparei um sanduíche de presunto na cozinha. Vinte minutos depois, Maeve entrou voando pela porta dos fundos. Parecia que tinha corrido da Otterson até a Casa Holandesa, de tão vermelho que estava seu rosto. Eu estava lendo alguma coisa, não lembro o quê.

– O que aconteceu? Por que você não está trabalhando?

Maeve não saía antes das seis na maioria dos dias.

– Você está bem?

Olhei para baixo como se estivesse verificando se havia sangue na minha camiseta.

– Por que eu não estaria bem?

– Andrea ligou. Ela me disse para vir te buscar. Disse que eu precisava vir logo.

– Me buscar para quê?

Ela passou a manga na testa, depois colocou as chaves em cima da bolsa. Não sei aonde Sandy e Jocelyn tinham ido, mas naquele instante Maeve e

eu estávamos sozinhos na cozinha.

– Ela me assustou pra caramba. Achei que...

– Eu estou bem.

– Vou descobrir – disse ela.

Levantei e fui atrás dela, uma vez que era eu quem devia ir a algum lugar. Fomos até o hall de entrada e olhamos ao redor. Eu não via as meninas desde que tinha chegado, mas isso não era incomum. Elas estavam sempre fazendo alguma coisa. Maeve gritou o nome de Andrea.

– Estou na sala de estar – disse ela. – Não precisa gritar.

Ela estava em frente à lareira, parada ali sob os dois enormes VanHoebeeks, exatamente onde a vimos pela primeira vez anos antes.

– Eu vim do trabalho – disse Maeve.

– Você precisa levar o Danny.

Andrea olhava só para ela.

– Levá-lo para onde?

– Para a sua casa, para a casa de um amigo. – Ela balançou a cabeça. – Você é quem sabe.

– Está acontecendo alguma coisa? – Era Maeve quem estava falando, mas nós dois estávamos fazendo aquela pergunta.

– Está acontecendo alguma coisa? – repetiu Andrea. – Bom, vejamos, seu pai morreu. Podemos começar por aí.

Andrea estava muito bonita. Estava com o cabelo preso. Usava um vestido xadrez vermelho e branco do qual não me lembrava, batom vermelho. Perguntei-me se estaria a caminho de uma festa, de um almoço. Não percebi que tinha se arrumado para nós.

– Andrea? – disse Maeve.

– Ele não é meu filho – disse ela, e nesse instante sua voz falhou. – Você não pode esperar que eu crie Danny. Ele não é responsabilidade minha. Seu pai nunca me disse que eu teria de criar o filho dele.

– Ninguém está te pedindo... – Comecei, mas ela levantou a mão.

– Esta casa é minha – disse Andrea. – E eu mereço me sentir segura na minha casa. Vocês têm sido péssimos comigo, os dois. Vocês nunca gostaram de mim. Nunca me apoiaram. Acho que quando o pai de vocês era vivo era minha obrigação aceitar isso...

– A casa é sua? – perguntou Maeve.

– Quando seu pai morreu, foi aí que vocês se revelaram. Os dois. Ele deixou esta casa para mim. Queria que eu ficasse com ela. Queria que eu

fosse feliz aqui, eu e as meninas. Preciso que você leve seu irmão... suba e pegue suas coisas e vá embora. Isso não é fácil para mim.

– Como assim a casa é sua? – perguntou Maeve.

Eu conseguia ver nós dois quase como se estivéssemos refletidos em seus olhos, como éramos ridiculamente altos quando comparados a ela, como éramos jovens e fortes, basquete, construção. Eu tinha passado Maeve em altura há muito tempo, exatamente como ela me prometera. Eu ainda estava com as roupas do treino, uma camiseta e calça de moletom.

– Vocês podem conversar com o advogado – disse Andrea. – Mas nós analisamos tudo, cada linha. Ele tem todos os documentos. Conversem com ele quanto quiserem, mas agora vocês precisam ir embora.

– Onde estão as meninas? – perguntou Maeve.

– Minhas filhas não são da sua conta. – Seu rosto reluzia a energia necessária para nos odiar, para convencer a si mesma de que tudo de errado que tinha acontecido em sua vida era culpa nossa.

Eu ainda não entendia completamente o que estava acontecendo naquele momento, o que era ridículo porque Andrea não poderia ter sido mais clara. Maeve, por outro lado, entendia perfeitamente, e estufou o peito como Joana d’Arc ao acenderem a fogueira.

– Elas vão odiar você – disse Maeve com a voz pragmática. – Você vai inventar alguma mentira para que elas engulam junto com o jantar hoje à noite, mas não vai colar. Elas são inteligentes. Sabem que não as deixaremos. Quando começarem a desconfiar, vão descobrir o que você fez. Não vai ser da nossa boca, mas elas vão saber. Todo mundo vai saber. Suas filhas vão odiar você ainda mais do que nós. Vão continuar odiando mesmo depois de nós já termos esquecido você.

Lá estava eu, ainda pensando que talvez conseguisse ajeitar as coisas, que talvez no futuro Andrea e eu encontrássemos uma maneira de conversar, e ela veria que eu não era seu inimigo, mas Maeve fechou e pregou essa porta. Ela não estava escrevendo o futuro de Andrea – Andrea estava fazendo isso sozinha –, mas o que Maeve disse, e o modo como disse, pareceu uma maldição.

Maeve e eu subimos até o meu quarto e enchemos a única mala que eu tinha com roupas, depois ela foi até a cozinha para pegar alguns sacos e voltou com Sandy e Jocelyn. As duas estavam chorando.

– Ei – disse –, ei, não façam isso. Vamos resolver tudo.

Eu não quis dizer que de alguma forma ia aliviar aquele exato momento, mas que Maeve e eu seríamos revelados como verdadeiros herdeiros da Casa Holandesa e derrubaríamos a intrusa. Eu era o Conde de Monte Cristo. Tinha toda a intenção de voltar para casa.

– É um pesadelo – disse Jocelyn, balançando a cabeça. – Pobre do seu pai.

Sandy estava esvaziando minha cômoda gaveta por gaveta e colocando tudo em um saco quando Andrea veio e parou à porta para ver o que estávamos levando.

– Vocês precisam ir antes que as garotas cheguem.

Jocelyn esfregou o pulso debaixo dos olhos.

– Preciso terminar o jantar.

– Não termine – disse ela. – Vão embora, todos vocês, os quatro. Vocês sempre estiveram nisso juntos. Não preciso que espiões fiquem para trás.

– Ah, pelo amor de Deus – disse Maeve, levantando a voz pela primeira vez durante aquilo tudo. – Você não pode mandá-las embora. O que elas fizeram contra você?

– Vocês são um conjunto. – Andrea sorriu como se tivesse dito algo engraçado. Ela não tinha planejado demitir Sandy e Jocelyn. A ideia claramente não tinha lhe ocorrido até aquele instante, mas, quando disse, pareceu certo. – Não dá para separar o conjunto.

– Andrea – disse. Dei um passo em sua direção, não sei por quê. Queria detê-la de alguma forma, fazê-la voltar a si. Ela nunca havia sido minha pessoa favorita, mas não era tão má assim.

Ela deu um passo para trás.

– Eu digo o que fizemos contra ela – disse Jocelyn, como se Andrea não estivesse ali. – Nós conhecemos sua mãe, foi isso. Sua mãe nos contratou, primeiro a Sandy, depois a mim. Sandy disse à sua mãe que tinha uma irmã que precisava de emprego, e Elna disse “traga sua irmã amanhã”. Essa era sua mãe, todos eram bem-vindos. As pessoas vinham a esta casa o dia todo e ela lhes dava comida e ela lhes dava trabalho. Ela nos amava e nós a amávamos, e essa aí sabe disso. – Ela inclinou a cabeça para trás, em acusação à mulher atrás de si.

Os olhos de Andrea se arregalaram em descrença.

– A mulher que abandonou os filhos! Ela largou o marido e abandonou os filhos. Não vou ficar aqui ouvindo você...

– Nunca houve mulher mais gentil que sua mãe – continuou Jocelyn como se ninguém mais estivesse falando. Ela pegou minhas blusas e as jogou no saco aberto. – E de uma beleza verdadeira, que vinha direto do coração. Todos que a conheciam viam isso, e todos a amavam. Ela era uma serva, você entende o que quero dizer? – Ela estava olhando diretamente para mim. – Exatamente como Deus nos diz para ser. Tudo isso aqui era dela e ela nunca se importou. Tudo o que queria saber era o que poderia fazer pelo próximo, como poderia ajudar.

Sandy e Jocelyn nunca falavam sobre nossa mãe. Nunca. Estavam guardando essa bomba para detoná-la naquela exata ocasião. Andrea apoiou a mão no batente para se firmar.

– Terminem – disse em uma voz muito baixa. – Estarei lá embaixo.

Jocelyn olhou para a mulher para quem um dia havia trabalhado.

– Todos os dias em que você esteve nesta casa nos perguntamos “O que é que o Sr. Conroy tinha na cabeça?”.

– Jocelyn – disse Sandy, apenas essa palavra como um aviso.

Mas Jocelyn balançou a cabeça.

– Ela me ouviu.

A boca de Andrea se abriu levemente, mas nenhuma palavra saiu. Ela estava se descontrolando, dava para ver. Recebeu os golpes e nos deixou com nossos afazeres.

Em que eu estava pensando naquele dia, naquela hora? Não no quarto em que havia dormido praticamente todas as noites da minha vida. Maeve disse que meu berço ficava no canto onde agora estava o sofá, que a Fofinha dormia no quarto comigo no início para que nossa mãe pudesse descansar. Não estava pensando na luz que preenchia o quarto ou no carvalho que roçava em minha janela durante as tempestades. Meu carvalho. Minha janela. Estava pensando em sair de lá e me afastar da Andrea o mais rápido possível.

Descemos a ampla escadaria, cada um de nós com um saco de lixo, e lotamos o carro de Maeve. A casa parecia magnífica ao nos afastarmos dela: três andares de janelas altas que davam para o gramado frontal. O estuque amarelo pálido, quase branco, era exatamente da mesma cor das nuvens do fim de tarde. A ampla varanda onde Andrea, com o terninho cor de champanhe, tinha jogado o buquê por cima do ombro, tinha sido exatamente o lugar onde as pessoas fizeram fila para prestar condolências à viúva de meu pai quatro anos depois. Peguei minha bicicleta e enfiei na



traseira do carro em cima dos sacos, só porque tinha largado na grama quando cheguei e quase tropecei nela. Andrea sempre pedia a meu pai que me dissesse para guardar a bicicleta. Ela dizia isso a ele quando nós dois estávamos no recinto: “Cyril, você não pode ensinar o Danny a cuidar melhor das coisas que dá para ele?”

Despedimo-nos de Sandy e Jocelyn com beijos. Prometemos que assim que as coisas estivessem resolvidas estaríamos juntos novamente, nenhum de nós tinha entendido que estávamos saindo da Casa Holandesa para sempre. Quando entramos no carro, as mãos de Maeve tremiam. Ela despejou o conteúdo da bolsa no banco do carona e abriu o estojo amarelo brilhante onde guardava as doses. Necessitava medir o nível de açúcar no sangue.

– Precisamos sair daqui – disse ela. Estava começando a suar.

Saí do carro e dei a volta até o outro lado. Isto era tudo o que importava: Maeve. Sandy e Jocelyn já tinham ido embora no carro de Sandy. Ninguém estava observando. Eu disse a Maeve que chegasse para o lado. Ela estava preparando uma seringa. Não me disse que eu não sabia dirigir. Sabia que eu conseguiria ao menos chegar até Jenkintown.

Não há como exagerar ao contar a idiotice do que levamos e do que deixamos. Levamos roupas e sapatos que em seis meses não caberiam mais e deixamos para trás o cobertor ao pé da minha cama que minha mãe tinha feito com seus vestidos. Levamos livros da minha escrivaninha e deixamos o porta-manteiga de vidro moldado na cozinha, que era, pelo que sabíamos, a única coisa do apartamento do Brooklyn que minha mãe levava com ela. Eu não peguei nada do meu pai, embora mais tarde tivesse me lembrado de centenas de coisas dele que gostaria de ter: o relógio que ele sempre usava, que colocaram no envelope com a carteira e a aliança. Estivera em minhas mãos o caminho inteiro do hospital até a casa, e eu o entreguei a Andrea.

A maioria das coisas da Maeve tinha sido separada e encaixotada quando Norma ficou com seu quarto, e muitas daquelas caixas foram levadas para o seu apartamento depois da faculdade, porque Andrea havia dito que Maeve era adulta agora e devia administrar os próprios bens (uma citação direta). Ainda assim, seu casaco de inverno bom estava no armário de cedro, porque no verão anterior ela tivera um problema com traças, e havia mais algumas coisas – anuários, algumas caixas com romances que ela já tinha lido, algumas bonecas que estava guardando para a filha que tinha certeza que um dia teria, tudo no sótão sob o beiral e atrás da portinha nos fundos

do armário do quarto do terceiro andar. Andrea sabia que aquele espaço existia? Maeve havia mostrado para as meninas na noite do passeio pela casa, mas será que elas se lembrariam ou pensariam em olhar lá dentro de novo? Ou as caixas pertenceriam à casa agora, emparedadas como uma cápsula do tempo contendo a juventude de Maeve? Ela dizia não ligar. Tinha todos os álbuns de fotos. Havia levado para a faculdade. A única foto perdida era uma emoldurada do meu pai quando garoto, segurando um coelho no colo. Aquela foto de alguma forma tinha ficado para trás no quarto da Norma. Mais tarde, quando entendemos completamente o que tinha acontecido, Maeve ficou irritada com a perda dos meus certificados de escotismo idiotas emoldurados e pendurados na parede, de alguns troféus de basquete, da colcha, do porta-manteiga, da foto.

Mas o que eu não conseguia parar de pensar era no retrato de Maeve pendurado na sala de jantar sem nós. Como tínhamos nos esquecido dela? Maeve aos dez anos de casaco vermelho, os olhos vivos e francos, o cabelo preto solto. O quadro era tão bom quanto qualquer outro dos VanHoebeeks, mas era da Maeve, então o que Andrea faria com ele? Enfiaria no portão úmido? Jogaria fora? Embora minha irmã estivesse bem à minha frente, a sensação era de que de alguma forma eu a tivesse deixado para trás, sozinha na casa onde não estaria a salvo.

Maeve estava se sentindo melhor, mas eu disse a ela que subisse e se sentasse enquanto eu descarregava nossas coisas e subia com elas os três lances de escada até seu apartamento. Havia apenas um quarto, e ela me disse para ficar com ele. Eu disse não.

– Você vai ficar com a cama – disse ela –, porque é muito comprido para o sofá, e eu não. Eu durmo no sofá o tempo todo.

Olhei em volta do pequeno apartamento. Havia estado lá muitas vezes, mas vemos um lugar de um jeito diferente quando sabemos que vamos viver ali. Era pequeno e simples e de repente me senti mal por ela, pensando que não era certo que ela tivesse de morar ali enquanto eu morava na VanHoebeek Street, esquecendo por um minuto que eu não morava mais lá.

– Por que você dorme no sofá?

– Eu pego no sono assistindo à TV – respondeu ela, e então sentou nesse mesmo sofá e fechou os olhos. Fiquei com medo que ela fosse chorar, mas ela não chorou. Maeve não era de chorar. Ela tirou o cabelo grosso e preto do rosto e olhou para mim. – Estou feliz por você estar aqui.

Assenti. Por um segundo me perguntei o que faria se Maeve não estivesse ali – teria ido para a casa de Sandy ou Jocelyn? Teria ligado para o Sr. Martin, o técnico de basquete, e perguntado se podia ficar com ele? Eu nunca precisaria saber.

Naquela noite, na cama da minha irmã, fiquei olhando para o teto e senti a perda real de nosso pai. Não de seu dinheiro ou sua casa, mas do homem ao lado de quem eu sentava no carro. Ele havia me protegido tão bem do mundo que eu não sabia do que o mundo era capaz. Quando criança, eu nunca havia pensado em como ele era. Nunca havia perguntado sobre a guerra. Só o via como meu pai, e, como pai, eu o julgara. Não havia o que fazer em relação a isso agora, a não ser adicionar ao meu catálogo de erros.

O ADVOGADO GOOCH – era como o chamávamos desde sempre – era contemporâneo e amigo de nosso pai, e foi como amigo que concordou em encontrar Maeve no dia seguinte durante o horário de almoço dela. Ela não me deixou faltar na escola para ir com ela.

– Só vou ter uma ideia do pé em que as coisas estão – disse ela na manhã seguinte, enquanto comíamos cereal na mesinha de sua cozinha. – Tenho a sensação de que teremos muitas outras oportunidades para ir juntos.

Maeve me deixou na escola a caminho do trabalho. Todos sabiam que meu pai falecera e faziam questão de ser gentis comigo. Para os professores e o treinador, isso significava falar comigo em particular para dizer que estavam lá para ouvir, e que eu podia levar o tempo que precisasse para entregar as tarefas agendadas. Para meus amigos – Robert, que jogava basquete um pouco melhor do que eu; T.J., que era consideravelmente pior; e Matthew, que gostava muito de ir aos canteiros de obra comigo –, significava algo completamente diferente: o desconforto com a minha situação se manifestava em forma de constrangimento, de um esforço conjunto para não rir de nada que fosse engraçado em minha presença, a suspensão temporária da perturbação que causávamos uns aos outros. Nada de perturbar os perturbados, algo assim. Eu jamais pensaria em fingir que meu pai não estava morto, mas não quis que as pessoas soubessem sobre a Casa Holandesa. Aquela perda era muito íntima, vergonhosa de uma maneira que eu não conseguia entender. Eu ainda acreditava que Maeve e o advogado Gooch resolveriam tudo, e estaríamos de volta antes mesmo que alguém soubesse que eu fora expulso.

Mas “voltar para casa” significava estar lá sem Andrea e as meninas? O que exatamente aconteceria com elas? Minha imaginação ainda não tinha resolvido essa parte da equação. Tive treino mais tarde naquele dia, então Maeve já tinha voltado do trabalho quando cheguei ao apartamento. Ela disse que estava planejando fazer ovos mexidos e torradas para o jantar. Nenhum de nós sabia cozinhar.

Deixei a mochila na sala.

– E aí?

– É muito pior que qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado. – Havia uma leveza em seu tom de voz que me fez pensar que ela estava brincando.

– Quer uma cerveja?

Assenti. A oferta nunca tinha sido feita antes.

– Aceito.

– Pegue duas.

Maeve se inclinou para acender o cigarro na chama do fogão.

– Eu gostaria que você não fizesse isso. – O que eu queria dizer era *Você é minha irmã, minha única família. Não coloque o rosto na merda do fogo.*

Ela se endireitou e exalou uma longa nuvem de fumaça pela cozinha.

– Agora eu sou *expert*. Queimei os cílios em uma festa no Village há uns dois anos. Uma vez é o suficiente.

– Incrível.

Peguei duas garrafas de cerveja, achei o abridor e entreguei uma a ela.

Maeve bebeu um gole e pigarreou para começar.

– Então, pelo que entendi, o que possuímos no mundo é basicamente o que você está vendo à sua volta.

– Ou seja, nada.

– Exatamente.

Eu não tinha considerado a possibilidade do nada, e uma descarga de adrenalina disparou pelo corpo, preparando-me para lutar ou fugir.

– Como assim?

– O advogado Gooch, aliás, ele foi adorável, não poderia ter sido mais gentil, disse que, regra geral, é a riqueza se perder em três gerações, mas nós perdemos em duas, ou talvez, tecnicamente, em uma.

– Isso quer dizer o quê?

– Quer dizer que tradicionalmente a primeira geração ganha dinheiro, a segunda geração gasta o dinheiro e a terceira geração precisa voltar a trabalhar. Mas, no nosso caso, nosso pai acumulou uma fortuna e depois estragou tudo. Ele completou o ciclo todo em vida. Era pobre, ficou rico e agora somos pobres.

– O papai não tinha dinheiro?

Maeve balançou a cabeça, satisfeita em explicar.

– Ele tinha muito dinheiro, mas não tinha muita perspicácia. Sua jovem esposa disse a ele que acreditava que o casamento era uma parceria.

Lembre-se dessas palavras, Danny: *O casamento é uma parceria*. Ela o fez colocar o nome dela em tudo.

– Ele colocou o nome dela em todas as construções?

Isso não parecia possível. Eram muitas construções, que ele vendia e comprava o tempo todo.

Ela balançou a cabeça e bebeu mais um gole.

– Isso seria para amadores. A Imobiliária e Construtora Conroy é uma empresa de responsabilidade limitada, o que significa que tudo na empresa é reunido sob um único teto. Quando ele vendia um prédio, o dinheiro ficava na empresa, e ele o usava para comprar outro prédio. Andrea fez com que ele incluísse o nome dela na empresa, o que quer dizer que ela tem propriedade conjunta com direito de sobrevivência.

– Isso é legal?

– Todos os bens são repassados por lei para a esposa dele em razão da titulação conjunta. Você está acompanhando? Eu demorei um pouco.

– Estou acompanhando.

Eu não tinha certeza se realmente estava.

– Garoto esperto. O mesmo vale para a casa. A casa e tudo o que há dentro dela.

– E Gooch fez isso?

Eu conhecia o advogado Gooch. Ele ia algumas vezes aos meus jogos de basquete e ficava na arquibancada com nosso pai. Dois de seus filhos estudavam na Bishop McDevitt.

– Ah, não. – Ela balançou a cabeça. Gostava do advogado Gooch. – Andrea trouxe o próprio advogado. Um cara da Filadélfia. Empresa grande. Gooch disse que conversou com papai sobre isso muitas vezes, e sabe o que o papai dizia? “Andrea é uma boa mãe. Ela vai cuidar das crianças.” Tipo, ele se casou com ela porque achava que ela era boa com crianças.

– E o testamento?

Talvez Maeve estivesse certa sobre a coisa da segunda geração, porque até eu sabia o suficiente para perguntar sobre o testamento.

Ela balançou a cabeça.

– Nenhum testamento.

Sentei-me em uma cadeira da cozinha e bebi um gole grande. Olhei para minha irmã.

– Por que não estamos gritando?

– Ainda estamos em choque.

– Precisa haver um jeito de resolver isso.

Maeve assentiu.

– Também acho. Sei que vou tentar. Mas Gooch me disse para não alimentar esperanças. O papai sabia o que estava fazendo. Era competente. Ela não o obrigou a assinar os documentos.

– É claro que obrigou.

– Quero dizer que ela não colocou uma arma na cabeça dele. Pense: a mamãe o abandona, então essa chinchila furtiva aparece e diz a ele que nunca vai deixá-lo. Ela quer participar de tudo o que ele faz, o que é meu é seu. Ela vai cuidar de tudo e ele nunca vai precisar se preocupar.

– Bem, isso é verdade. Ele não precisa se preocupar.

– A esposa de um casamento de quatro anos fica com tudo. Ela é dona até do meu carro. O advogado me disse isso. Ela é dona do meu carro, mas disse que eu podia ficar com ele. Com certeza vou vendê-lo, antes que mude de ideia. Acho que vou comprar um Volkswagen. O que você acha?

– Por que não?

Maeve assentiu.

– Você é inteligente – disse ela –, eu também sou, e eu achava que o papai era inteligente, mas nós três juntos não chegamos nem perto de Andrea Smith Conroy. O advogado Gooch quer que a gente vá até lá juntos. Disse que ainda há algumas coisas a serem discutidas. E que vai continuar nos representando, de graça.

– Teria sido melhor se ele tivesse nos representado enquanto o papai estava vivo.

– Parece que tentou. Ele disse que o papai não achava que era velho o bastante para um testamento. – Maeve pensou nisso por um instante. – Aposto que Andrea tem um.

Terminei minha cerveja, enquanto Maeve ficou apoiada no fogão fumando. Éramos delinquentes à nossa maneira.

– Dois maridos mortos – disse eu, embora na época Andrea talvez tivesse o quê? Trinta e quatro? Trinta e cinco? Anciã para os padrões de um adolescente. – Você já se perguntou o que aconteceu com o Sr. Smith? – perguntei.

– Nem uma vez.

Balancei a cabeça.

– Nem eu. É estranho, não é? O fato de nunca termos pensado no Sr. Smith, em como ele morreu? – perguntou Maeve.

– O que faz você pensar que ele está morto? Eu sempre achei que ele a deixou na sarjeta com as crianças, e o papai deve ter passado por lá no momento errado e oferecido uma carona.

– Estou com pena de Norma e Bright lá sozinhas.

– Que apodreçam no inferno. – Maeve apagou o cigarro em um pires. – As três.

– Você não está falando sério – disse eu. – Não sobre as meninas.

Minha irmã recuou com tanta ferocidade que por uma fração de segundo achei que ela fosse me bater.

– Ela roubou de nós. Você não entende isso? Elas estão dormindo nas nossas camas e comendo em nossos pratos, e nós nunca mais vamos ter essas coisas de volta.

Concordei. O que queria dizer, o que não disse, era que eu estava pensando a mesma coisa sobre nosso pai. Nunca o teríamos de volta.



Maeve e eu organizamos a casa juntos. Encontramos uma cômoda de segunda mão no Exército de Salvação e a enfiamos no canto do quarto para que eu pudesse guardar minhas roupas. Eu ainda não gostava de ficar com o quarto, mas todas as noites Maeve ia para o sofá com sua pilha de cobertores. Eu queria falar sobre procurar um lugar maior, mas como tudo era responsabilidade dela – nossa comida e nosso teto – achei melhor não.

Quando tudo estava organizado, chamamos Sandy e Jocelyn para verem o que tínhamos conseguido fazer ali. Maeve trouxe uma caixa branca de biscoitos da padaria. Colocou os biscoitos em um prato e jogou a caixa fora, como se fôssemos capazes de enganá-las. Ajeitei as almofadas do sofá, ela guardou os copos que estavam no corredor. Quando a campainha finalmente tocou, abrimos a porta com tudo, e nós quatro explodimos de alegria. Que reunião! Parecia que fazia anos que não nos víamos.

Fazia duas semanas.

– Olha só para você – disse Sandy, levantando as mãos para colocá-las nos meus ombros. Achei que seu cabelo estava mais branco. Havia lágrimas em seus olhos.

Sandy e Jocelyn nos abraçaram e nos beijaram de um jeito que nunca haviam feito em casa. Jocelyn vestia uma jardineira e Sandy, uma saia de algodão e tênis baratos. Eram pessoas comuns agora, não as pessoas que



trabalharam para nós. Ainda assim, elas levaram um pote grande de sopa de minestrone (a favorita de Maeve) e outro de ensopado de carne (o meu favorito).

– Vocês não podem nos alimentar! – disse Maeve.

– Eu sempre alimentei vocês – respondeu Jocelyn.

Sandy deu uma olhada incrédula ao redor da sala.

– Posso vir aqui de vez em quando, para ajudar a manter as coisas organizadas.

Maeve riu.

– Como eu não conseguiria manter isso limpo?

– Você trabalha – disse Sandy, olhando para baixo e passando a ponta do sapato pelo chão. – Já tem responsabilidades demais, não precisa ter mais a preocupação de manter a casa limpa. Além disso, quanto tempo eu levaria? Uma hora?

– Eu posso limpar – disse eu, e as três me olharam como se eu estivesse sugerindo fabricar minhas próprias roupas. – Maeve não me deixa procurar um emprego.

– Preocupe-se com o basquete – disse Sandy.

– E com tirar notas boas – continuou Jocelyn.

Maeve assentiu.

– Vamos esperar um pouco, ver como a gente se sai.

– Estamos bem, de verdade – disse eu.

Sandy desapareceu no quarto e voltou cinco segundos depois, olhando para mim.

– Onde você dorme?

– Ele sabe como cuidar de você? – perguntou Jocelyn à minha irmã.

Maeve levantou a mão.

– Eu estou bem.

– Maeve – disse Jocelyn.

É algo engraçado de se dizer, mas elas estavam agindo com severidade. Sandy e Jocelyn nunca tinham sido severas com Maeve.

– Eu cuido de tudo.

Jocelyn virou para mim.

– Já encontrei sua irmã desmaiada e gelada mais de uma vez. Às vezes ela esquece de comer ou não toma insulina suficiente. Às vezes ela não faz nada de errado, mas a glicose desregula assim mesmo. Você precisa ficar de

olho nela, principalmente quando as coisas estiverem estressantes. Ela vai te dizer que o estresse não tem nada a ver com isso, mas tem.

– Pare – pediu Maeve.

– Ela tem tabletes de açúcar. Peça a ela que mostre onde estão, certifique-se de que ela tenha alguns extra na bolsa. Se ela estiver passando mal, você precisa dar um tablete de açúcar e chamar a ambulância.

Tentei absorver a ideia de Maeve no chão.

– Eu sei disso – respondi, mantendo a voz firme. Eu sabia sobre a insulina, mas não sobre o açúcar. – Ela me mostrou.

Maeve se sentou, sorrindo.

– Vocês estão ouvindo da boca dele.

Jocelyn ficou olhando para nós por um instante, então balançou a cabeça.

– Vocês são terríveis, os dois, mas não importa. Agora que ele sabe dos tabletes, vai fazer você mostrar onde estão. Você vai perturbar sua irmã quando formos embora, não vai, Danny?

Embora eu soubesse da flutuação dos níveis de açúcar de Maeve, percebi que não sabia os detalhes. Eu sabia ficar a seu lado e vê-la cuidar de si mesma, mas não era a mesma coisa que cuidar dela. Mas Jocelyn tinha razão, eu faria Maeve me explicar tudo depois que elas fossem embora.

– Vou.

– Vocês sabem que eu morei neste apartamento sozinha esse tempo todo, não sabem? – perguntou Maeve. – O Danny não vinha de bicicleta até aqui para me dar injeções.

– Ou você pode me ligar – disse Jocelyn, ignorando-a completamente. – Eu digo tudo o que você precisa saber.

Sandy tinha conseguido um emprego em uma casa em Elkins Park.

– São gentis. Não é tanto dinheiro – disse – nem tanto trabalho.

Jocelyn estava cozinhando para uma família em Jenkintown, mas também precisava ajudar com as duas crianças e passear com o cachorro. Não tanto dinheiro e consideravelmente mais trabalho. As irmãs riram. Melhor terem sido demitidas, foi o que disseram. Era como uma medalha de honra. Elas não teriam ficado naquela casa nem um segundo sem mim, pensando bem.

– Quando estiver me estabelecendo, vou tentar convencer a família a contratar Jocelyn. Eles precisam de uma cozinheira. Assim podemos ficar juntas de novo – disse Sandy.

Se eu tivesse lidado melhor com a situação e não tivesse sido tão exigente – não só no final, mas durante todos os anos em que Andrea esteve em nossas vidas –, Sandy e Jocelyn ainda estariam sentadas lado a lado à mesa azul da cozinha descascando ervilhas e ouvindo rádio.

Sandy observava o teto, as janelas, como se estivesse tirando medidas do lugar na cabeça.

– Por que você não se mudou para um dos prédios do seu pai? – perguntou ela à minha irmã.

– Ah, não sei – respondeu Maeve.

Ela ainda estava agitada com a história da insulina.

Jocelyn se sentou ao lado de Sandy no sofá. Maeve ocupou a poltrona e eu me sentei no chão.

– Não pensei nisso quando você alugou este apartamento, mas não faz sentido – disse Sandy.

– Você deve ter tido que se esforçar muito para encontrar um prédio nesta cidade que não fosse dele.

Eu também me perguntava sobre isso. O único motivo em que conseguia pensar era que Maeve tinha pedido um apartamento para ele e ele tinha negado.

Maeve olhou para nós, para nós três, sua única família.

– Achei que conseguiria impressioná-lo.

– Com este lugar?

Sandy se inclinou e arrumou uma pilha dos meus livros da escola na mesa de centro à sua frente.

Maeve sorriu novamente.

– Fiz um orçamento, e era o que eu podia pagar. Achei que ele perceberia que eu não tinha pedido nada, que tinha economizado a mesada do último ano na faculdade. Paguei o primeiro e o último mês de aluguel. Consegui um emprego. Comprei a cama e no mês seguinte o sofá, e depois comprei a poltrona no Exército de Salvação. Vocês sabem como ele era, sabem como ele gostava de falar sobre as maravilhas da pobreza, sobre como conquistar as coisas sozinho era a única maneira de aprender. Achei que estava mostrando a ele que eu não era como as meninas ricas que conheci na escola. Não queria que ele me comprasse um cavalo.

Sandy riu.

– Nunca achei que alguém fosse me comprar um cavalo.

– Bem, isso é ótimo. – Jocelyn sorriu. – Sei que ele estava orgulhoso de você, por ter conseguido tudo isso sozinha.

– Ele nem reparou – disse Maeve.

Sandy balançou a cabeça.

– É claro que reparou.

Mas Maeve tinha razão. Ele nunca viu o que ela queria lhe mostrar. Não tinha noção de sua independência. A única coisa que meu pai via em minha irmã era sua postura.

Maeve passou o café e ela e Jocelyn fumaram, enquanto Sandy e eu observávamos. Comemos os biscoitos e desenterramos todas as lembranças terríveis que tínhamos de Andrea. Trocamos essas lembranças entre nós como se fossem cartões de beisebol, exclamando a cada informação que um de nós ainda não soubesse. Falamos sobre como ela dormia até tarde e de cada vestido feio que havia usado e de como passava uma hora no telefone com a mãe, mas nunca a convidava para uma visita. Ela desperdiçava comida e deixava as luzes acesas a noite toda, e parecia nunca ter lido um livro na vida. Passava horas sentada à beira da piscina só olhando para as unhas e esperava que Jocelyn trouxesse seu almoço em uma bandeja. Não ouvia nosso pai. Deu o quarto de Maeve, me colocou para fora de casa. Cavamos uma cova e enterramos Andrea lá.

– Alguém consegue me explicar por que ele se casou com ela? – perguntou Maeve.

– É claro. – Jocelyn nem precisou pensar em uma resposta. – Andrea amava a casa. Seu pai achava que a casa era a coisa mais linda do mundo, e encontrou uma mulher que concordava com ele.

Maeve levantou as mãos para o ar.

– Todos concordavam! Não teria sido tão difícil encontrar uma mulher decente que gostasse da casa.

Jocelyn deu de ombros.

– Bom, sua mãe odiava a casa e Andrea amava. Ele achava que tinha resolvido o problema. Mas eu a provoquei, não provoquei? Dizendo tudo aquilo sobre sua mãe.

Sandy cobriu o rosto com as mãos e riu.

– Achei que ela fosse cair morta bem ali.

Olhei para Sandy e depois para Jocelyn. Agora as duas estavam rindo.

– Você não estava falando sério?

– Sobre o quê? – perguntou Sandy, enxugando os olhos.

– Sobre nossa mãe ser, sei lá, tipo uma santa?

Uma tensão recaiu sobre a sala, e de repente ninguém mais sabia em que posição se sentar ou o que fazer com as mãos.

– Sua mãe – disse Jocelyn, então parou de falar e olhou para a irmã.

– É claro que amávamos sua mãe – disse Sandy.

– Todos nós amávamos – disse Maeve.

– Ela se ausentava bastante – disse Jocelyn, tentando escolher bem as palavras.

– A trabalho. – Maeve estava tensa, mas de um jeito diferente de Sandy e Jocelyn.

Eu não fazia ideia do que elas estavam falando, nem sabia que nossa mãe trabalhava.

– O que ela fazia?

Jocelyn balançou a cabeça.

– O que ela não fazia?

– Ela trabalhava para os pobres – disse Maeve para mim.

– Em Elkins Park?

Não existiam pobres em Elkins Park, não que eu tivesse visto.

– Ela trabalhava para os pobres de toda parte – disse Sandy, embora eu conseguisse perceber que ela estava se esforçando para explicar a situação da melhor forma.

– Ela sempre encontrava pessoas que estavam precisando de alguma coisa.

– Ela saía procurando pessoas pobres? – perguntei.

– Do amanhecer ao anoitecer – respondeu Jocelyn.

Maeve apagou o cigarro.

– Muito bem, parem com isso. Desse jeito parece que ela nunca estava em casa.

Jocelyn deu de ombros, e Sandy estendeu a mão para pegar o biscoito com geleia de damasco.

– Bem – disse Maeve –, sempre ficávamos felizes quando ela voltava para casa.

Sandy sorriu e concordou.

– Sempre.



Domingo bem cedo Maeve entrou no quarto e abriu as persianas.

– Levante-se, coloque uma roupa. Vamos à igreja.

Puxei um travesseiro sobre a cabeça, esperando encontrar o caminho de volta para o sonho do qual estava despertando, um sonho do qual já não me lembrava.

– Não.

Maeve se aproximou e puxou o travesseiro.

– Estou falando sério. Vamos, vamos.

Olhei para ela com um olho entreaberto. Ela estava de saia, e seu cabelo, ainda molhado do banho, estava trançado.

– Estou dormindo.

– Estou sendo muito boazinha. Deixei você dormir durante a missa das oito. Vamos para a das dez e meia.

Enfiei o rosto no travesseiro. Estava acordando e não queria acordar.

– Ninguém está olhando. Ninguém mais pode obrigar a gente a ir à missa.

– Eu posso.

Balancei a cabeça.

– Obrigue você mesma a ir. Eu vou voltar a dormir.

Ela se sentou com força na beirada da cama, fazendo com que eu balançasse um pouco.

– Nós vamos à missa. É o que fazemos.

Virei-me de barriga para cima e abri os olhos com má vontade.

– Você não está entendendo.

– Vamos, vamos.

– Não quero ninguém me abraçando ou me dizendo que sente muito. Quero voltar a dormir.

– Eles vão te abraçar neste domingo, e domingo que vem vão só acenar, como se nada tivesse acontecido.

– Também não vou domingo que vem.

– Por que você está agindo assim? Nunca reclamou de ir à missa antes.

– Para quem eu reclamaria? Para o papai? – Olhei para ela. – Você ganha todas as discussões. Sabe disso, não sabe? Quando tiver filhos, você vai poder obrigá-los a ir à missa todas as manhãs e rezar o terço antes da escola. Mas eu não preciso ir, você não precisa ir. Não temos pais. Podemos sair para comer panquecas.

Ela deu de ombros.

– Arranje suas próprias panquecas – disse. – Eu vou.  
– Você não precisa fazer isso por mim. – Levantei as sobrancelhas. Não estava acreditando que ela estava indo tão longe com aquilo. – Não preciso de um bom exemplo.

– Não estou fazendo isso por você. Meu Deus, Danny. Eu gosto de ir à missa, gosto de acreditar em Deus. Comunidade, bondade, acredito na coisa toda. O que você andou fazendo na igreja todos esses anos?

– Memorizando estatísticas de basquete, na maior parte do tempo.

– Então volte a dormir.

– Você está me dizendo que ia à igreja quando estava na faculdade? Que acordou cedo todos aqueles domingos em Nova York sem ter ninguém olhando?

– É claro que eu ia à igreja. Você não se lembra de quando foi me visitar? Fomos à Missa de Sexta-Feira Santa juntos.

– Achei que você só estivesse me obrigando a ir.

Isso também era verdade. Mesmo na época, imaginei que ela tivesse prometido a nosso pai que ia me levar à Missa de Sexta-Feira Santa se ele me deixasse ficar. Ela começou a falar alguma coisa e desistiu. Acariciou meu tornozelo por debaixo da colcha.

– Descanse um pouco – disse Maeve, e saiu.

Seria difícil dizer exatamente por que íamos à igreja, mas todos iam. Meu pai encontrava os colegas e inquilinos lá. Maeve e eu encontrávamos professores e amigos. Talvez meu pai fosse para rezar pelas almas dos parentes irlandeses mortos, ou talvez a igreja fosse o último vestígio de respeito que ele prestava à nossa mãe. Segundo as pessoas diziam, ela amava não só a igreja e a comunidade paroquial, mas cada padre e cada freira. Maeve dizia que nossa mãe se sentia mais à vontade na igreja quando as irmãs se levantavam e cantavam. Do pouco que sabia sobre ela, tinha certeza de que ela não teria se casado com meu pai se ele não estivesse disposto a frequentar a igreja, e mesmo na ausência dela ele continuou nos levando até o altar, preservando a forma na falta do conteúdo. Talvez por nunca ter achado que pudesse ser de outra forma, ou talvez porque a filha ouvia a homilia prostrada à frente, segurando o missal, enquanto o filho analisava as chances dos Sixers nos jogos decisivos e ele mesmo contemplava um prédio que estava à venda na periferia do município de Cheltenham. Mas até onde eu sei, meu pai escutava a voz de Deus ao ouvir o padre. Nunca falávamos sobre isso. Nas minhas lembranças, era sempre

Maeve que estava correndo pela casa domingo de manhã, garantindo que todos estivessem prontos: vestidos, alimentados e dentro do carro com tempo de sobra. Depois que ela foi para a faculdade, teria sido tão fácil para mim e meu pai deixar a coisa toda morrer. Mas também havia a questão da Andrea. Ela desprezava o catolicismo, achava que era um culto de lunáticos que adoravam ídolos e diziam comer a carne de Cristo. Meu pai podia ir para o escritório antes do nascer do sol de segunda a sexta e encontrar desculpas para ficar fora de casa até a hora do jantar. Podia passar os sábados no carro coletando o aluguel ou visitando várias construções. Mas domingo era um dia difícil de ocupar. A igreja era tudo o que ele tinha se quisesse se livrar da jovem esposa. Meu pai conversou com o padre Brewer sobre eu me tornar coroinha e me inscreveu sem me consultar. Os coroinhas precisavam estar na igreja meia hora antes, para ajudar a preparar os sacramentos e auxiliar o padre Brewer com as vestimentas. E, embora eu estivesse inscrito para a missa das oito, muitas vezes também trabalhei na das dez e meia. Tinha sempre alguém para dizer que estava doente ou indo viajar ou simplesmente se recusando a sair da cama, luxos que nunca me foram oferecidos. Como eu era coroinha, meu pai achava importante eu frequentar a catequese também, para servir de exemplo, embora a catequese fosse destinada às crianças de escola pública que não recebiam alguma forma de doutrinação religiosa cinco dias por semana. Mas não havia espaço na conversa para dizer a meu pai que ele estava sendo ridículo. Depois da missa, ele ficava no carro me esperando com cigarros e o jornal, e quando todo o trabalho acabava, todas as orações tinham sido recitadas e todos os cálices lavados, ele me levava para almoçar. Nunca saímos para almoçar quando Maeve estava em casa. Assim, nossa hora de missa se estendia e cobria metade do domingo, protegendo-nos das obrigações familiares e nos dando pelo menos algum tempo juntos entre o acender e o apagar das velas. Por isso sempre serei grato, embora não grato o suficiente para sair da cama.

Mas na segunda de manhã o treinador Martin ligou do escritório e reiterou seus sentimentos pela minha situação. Depois ele disse que eu precisava ir à missa para rezar por meu pai.

– Todos os jogadores do time do Bishop McDevitt vão à missa – disse ele. – Cada um deles.

Eu seria incluído nesse número por mais um tempinho.





Uma semana depois, o escritório do advogado ligou para marcar nossa reunião. Ele podia nos encontrar às três horas, depois da escola, mas ainda assim eu perderia o treino e Maeve precisaria tirar metade do dia de folga. Nós três nos sentamos em volta de uma mesa em uma pequena sala de reuniões, e lá ele nos disse que a única coisa que nosso pai havia nos deixado era um fundo educacional.

– Para nós dois? – perguntei.

Minha irmã estava sentada na cadeira ao meu lado com o mesmo vestido azul-marinho que tinha usado no velório. Eu estava de gravata.

– O fundo é para você e para as filhas de Andrea.

– Norma e Bright?

Maeve quase atravessou a mesa.

– Ela fica com tudo e nós temos de pagar pela educação delas?

– Vocês não vão pagar nada. O fundo vai pagar.

– Mas não para Maeve? – perguntei.

Essa era a farsa, a parte que ele não tinha mencionado.

– Como Maeve já terminou a faculdade, seu pai achou que a educação dela estava coberta – disse o advogado Gooch.

Tirando aquele único almoço no restaurante italiano em Nova York, nosso pai nunca tinha conversado com Maeve sobre sua educação, nem escutava quando ela falava sobre isso. Ele achava que, se ela fizesse pós-graduação, iria se casar na metade do curso e desistir daquilo que tinha começado.

– O fundo vai pagar a faculdade? – perguntou Maeve.

O jeito como ela disse me fez perceber que aquilo era mais uma coisa que a preocupava: como ia pagar a minha faculdade.

– O fundo paga pela educação – disse o advogado Gooch, pronunciando a palavra *educação* com muita clareza.

Maeve inclinou o tronco para a frente.

– Toda a educação?

Era como se eles estivessem sozinhos naquela sala.

– Toda.

– Para os três.

– Sim, mas Danny obviamente vai primeiro, já que é o mais velho. Acho que a chance de o fundo acabar é mínima. Norma e Bernice devem

conseguir terminar os estudos tranquilamente.

Bright, eu quis dizer e não disse. Ninguém a chamava de Bernice.

– E o que acontece com o dinheiro que sobrar, se sobrar algo?

– Qualquer dinheiro que ainda estiver no fundo após as três crianças terem terminado os estudos será dividido igualmente entre vocês quatro.

Ele poderia muito bem ter dito que metade do dinheiro voltaria para o bolso de Andrea.

– E você administra o fundo? – perguntou Maeve.

– O advogado de Andrea abriu o fundo. Ela disse a seu pai que queria garantir a educação das crianças, e a partir daí...

Ele virou a cabeça de um lado para outro.

– “Já que estamos no escritório do advogado, por que não aproveitamos para colocar meu nome em tudo que você tem?”

Maeve estava dando seu melhor palpite.

– Mais ou menos isso.

– Então Danny precisa pensar em pós-graduação – disse Maeve.

O advogado Gooch bateu a ponta da caneta em um bloco de anotações amarelo, pensativo.

– Ainda há tempo para isso, mas, sim, se Danny estiver interessado em fazer pós-graduação, os custos serão cobertos. O fundo estipula que ele deve manter uma média mínima de 3.0 e que a educação deve ser contínua. Seu pai acreditava profundamente que escola não era sinônimo de férias.

– Meu pai nunca precisou se preocupar com as notas do Danny.

Eu gostaria de ter dito algo por mim mesmo nessa hora, mas acho que nenhum dos dois teria ouvido. Meu pai não se importava com minhas notas, mas talvez tivesse se importado se elas fossem um problema. Ele não se importava com meus lançamentos de três pontos no basquete, desde que eu acertasse. O que importava, para ele, era a velocidade e a precisão com que eu martelava um prego e se eu sabia o tempo necessário para despejar o cimento. Nós nos importávamos com as mesmas coisas.

– Vocês sabiam que eu estudei na Choate? – perguntou o advogado, como se seu tempo de escola de repente fosse relevante para a conversa.

Maeve ficou pensando por um instante, então respondeu que não, não sabia disso. Sua voz estava surpreendentemente suave, como se o fato de Gooch ter sido enviado para o colégio interno a deixasse triste.

– Era muito caro?

– Quase tão caro quanto uma universidade.

Ela balançou a cabeça e olhou para as mãos.

– Eu poderia fazer algumas ligações. Eles não costumam aceitar estudantes no meio do ano, mas, dadas as circunstâncias, imagino que dariam uma analisada em um jogador de basquete com notas excelentes.

Os dois decidiram que eu entraria na Choate em janeiro.

– Você sabe que tipo de aluno vai para o colégio interno? – perguntei a Maeve no carro quando saímos do escritório.

Meu tom era acusatório, quando na verdade eu não conhecia ninguém que tivesse ido para um colégio interno. Só conhecia alunos que foram ameaçados pelos pais de ir para o colégio interno depois de terem sido pegos fumando maconha ou reprovado em Álgebra II. Quando Andrea reclamava para o meu pai que eu não colocava a roupa suja no cesto, que eu parecia pensar que Sandy estava lá para pegar minhas roupas do chão e lavá-las e dobrá-las e levá-las de volta para o meu quarto, ele dizia:

– Bom, então acho que vamos ter de mandá-lo para o colégio interno.

O colégio interno era isso – uma ameaça, ou uma piada sobre uma ameaça.

Maeve tinha outras ideias.

– Alunos inteligentes e ricos vão para o colégio interno, e depois para Columbia.

Afundi no banco do carro e senti muita pena de mim mesmo. Eu não precisava perder minha escola e meus amigos e minha irmã além de tudo que já havia perdido.

– Por que você não acaba logo com isso e me manda para um orfanato?

– Você não preenche os requisitos.

– Eu não tenho pais.

Não era um assunto sobre o qual conversávamos.

– Você tem a mim – disse ela. – Recusado.



– O que está fazendo agora? – perguntou Maeve. – Sei que eu devia saber, mas nunca consigo me lembrar. Acho que eles mudam vocês demais.

– Pneumologia.

– O estudo dos pneus?

Eu sorri. Era primavera novamente. Na verdade, era Páscoa, e eu estava de volta a Elkins Park, onde ficaria duas noites inteiras. As cerejeiras que

enfeitavam o lado da rua onde ficava a casa dos Buchsbaums estavam rosadas e tremendo, exaustas pelo fardo de carregar tantas pétalas. Elas faziam com que a luz ficasse cor-de-rosa e dourada. Era o dia das cerejeiras, a hora delas, e eu, que nunca via nada do lado de fora do hospital, estava lá para testemunhar.

– Essa parte está quase no final. Começo ortopedia semana que vem.

– Forte como uma mula e duas vezes mais inteligente.

Maeve pendurou o braço para fora do carro estacionado, os dedos reencenando a lembrança de cigarros passados.

– O quê?

– Você nunca ouviu isso? Acho que não é uma piada que ortopedistas façam. O papai falava isso o tempo todo.

– O papai tinha alguma coisa contra ortopedistas?

– Não, o papai tinha alguma coisa contra couve-flor. Os ortopedistas ele odiava.

– Por quê?

– Eles colocaram o joelho dele ao contrário. Você se lembra disso.

– Alguém colocou o joelho dele ao contrário? – Balancei a cabeça. – Deve ter sido antes de eu nascer.

Maeve pensou por um instante. Dava para ver que estava repassando os anos na cabeça.

– Talvez. Ele falava isso para ser engraçado, mas preciso admitir que quando era criança eu achava que era verdade. O joelho dele dobrava *mesmo* para o lado errado. Ele vivia indo a ortopedistas, tentando fazer com que dobrasse para o outro lado, eu acho. Quando penso nisso agora, parece um pouco horripilante.

A lista de coisas que eu gostaria de ter perguntado ao meu pai jamais chegaria ao fim. Depois de tantos anos eu pensava menos sobre sua relutância em falar e mais em como eu tinha sido burro de não insistir mais.

– Mesmo que o cirurgião tivesse colocado o joelho ao contrário, o que, obviamente, é impossível, provavelmente devíamos agradecer por ele não ter amputado a perna. Isso acontece o tempo todo em guerras, você sabe. Leva muito mais tempo para salvar algo do que para cortar fora.

Maeve fez uma careta.

– Não era a Guerra Civil – disse ela, como se a amputação tivesse sido banida depois da Batalha de Appomattox. – Acho que nem operaram o joelho dele. Ele dizia que na França os médicos tinham tanta pressa que

nem sempre prestavam atenção. As coisas saíam errado. Na verdade, é surpreendente que ele conseguisse fazer piada disso.

– Ele deve ter sido operado quando aconteceu. Se você leva um tiro no joelho, alguém vai ter de operar.

Maeve olhou para mim como se eu tivesse acabado de abrir a porta do carro e me sentado a seu lado, um estranho completo.

– Ele não levou um tiro.

– É claro que levou.

– Ele quebrou o ombro em um salto de paraquedas e arrebitou algo no joelho, ou esmagou o joelho. Ele aterrissou com a perna esquerda e depois caiu e quebrou o ombro esquerdo.

Ali estava a Casa Holandesa, bem atrás dela, o pano de fundo de tudo. Fiquei me perguntando se havíamos crescido na mesma casa.

– Por que eu sempre achei que ele tinha levado um tiro na guerra?

– Não faço ideia.

– Mas ele foi hospitalizado na França, não foi?

– Foi, por causa do ombro. O problema foi que ninguém deu atenção para o joelho dele quando isso aconteceu. Acho que o ombro ficou mesmo detonado. Então o joelho hiperestendeu ao longo do tempo. Ele usou uma órtese por anos, e depois a perna ficou rígida. Eles chamavam de arto...

Ela parou no meio da palavra.

– Artrofibrose.

– Exatamente.

Lembro que a órtese era a fonte da dor: pesada e mal ajustada. Ele reclamava da órtese, não do joelho.

– E o ombro dele?

Ela deu de ombros.

– Acho que ficou tudo bem. Não sei, ele nunca falava do ombro.

Durante toda a faculdade de medicina, e por pelo menos uma década depois, eu sonhava que estava fazendo ronda, apresentando um paciente que nunca tinha examinado, e foi assim que me senti naquela manhã de Páscoa. *Cyril Conroy é um paraquedista americano, trinta e três anos de idade. Ele não levou um tiro...*

– Vou te dizer uma coisa – disse Maeve. – Quando ele sofreu o infarto, sempre pensei que tinha sido a escada. Nunca imaginei ele tentando chegar ao sexto andar de lugar nenhum. Ele devia estar com muita raiva de alguém para subir uma escada naquele calor para olhar o revestimento de uma

janela. Pelo que eu sei ele só foi até o terceiro andar da Casa Holandesa duas vezes na vida: no dia em que nos trouxe – a mamãe e a mim – para ver a casa pela primeira vez e no dia em que voltei para casa para o Dia de Ação de Graças e Andrea anunciou meu exílio. Você se lembra disso? Ele levou minha mala até lá em cima. E quando chegamos lá, ele teve de se deitar na cama. Sua perna estava doendo muito. Coloquei a mala embaixo do pé dele para levantar a perna. Eu devia estar gritando de raiva da Andrea, mas só conseguia pensar que nunca ia conseguir descer as escadas com ele de novo. Teríamos de viver nos dois quatinhos ao lado do salão, eu e o papai. É um pensamento doce, na verdade. Queria que tivéssemos feito isso. Ele disse: “É uma casa muito bonita, mas é alta demais.” Eu disse que ele devia vender a casa e comprar uma fazenda. Disse que isso resolveria todos os problemas dele, e nós dois rimos. Foi mesmo um acontecimento – disse ela, olhando pela janela para as cerejeiras dos Buchsbaums – fazer o papai rir de alguma coisa naquele tempo.



Existem momentos na vida em que damos um salto, e o passado que nos sustentava até então sai de trás de nós e o futuro onde pretendíamos aterrissar ainda não está em seu lugar, e por um instante ficamos suspensos, sem reconhecer nada nem ninguém, nem a nós mesmos. Era um momento insuportavelmente vívido aquele em que me encontrava no inverno em que Maeve me levou a Connecticut no Oldsmobile. Ela queria se livrar dele, mas tínhamos tão pouco do passado. O céu era de um azul penetrante, e o sol refletia na neve e quase nos cegava. Apesar de tudo o que tínhamos perdido, fomos felizes juntos naquele outono que passamos no pequeno apartamento. Andrea tinha vendido a empresa de cabo a rabo. Cada prédio que nosso pai tinha se fora. Eu não conseguia nem imaginar quanto dinheiro aquilo tudo valia. Queria dizer a Maeve que arrancar algum trocado do futuro de Norma e Bright, sendo que eu provavelmente nem seria capaz de estudar tempo suficiente para fazer isso, não era razão suficiente para ficarmos separados. Eu iria para a faculdade, é claro que iria, mas por enquanto ainda queria jogar basquete com meus amigos e me sentar com ela à mesa da cozinha comendo ovos e torradas e conversando sobre nossos dias. Mas o mundo estava girando e parecia que não havia nada que pudéssemos fazer para impedir. Maeve tinha decidido que eu iria para

Choate. Ela também decidira que eu iria fazer medicina. Quando escolheu uma especialidade, foi o curso mais longo e caro em que foi capaz de pensar.

– Importa para você o fato de eu não querer ser médico? – perguntei. – O que eu quero fazer da vida influencia isso em alguma coisa?

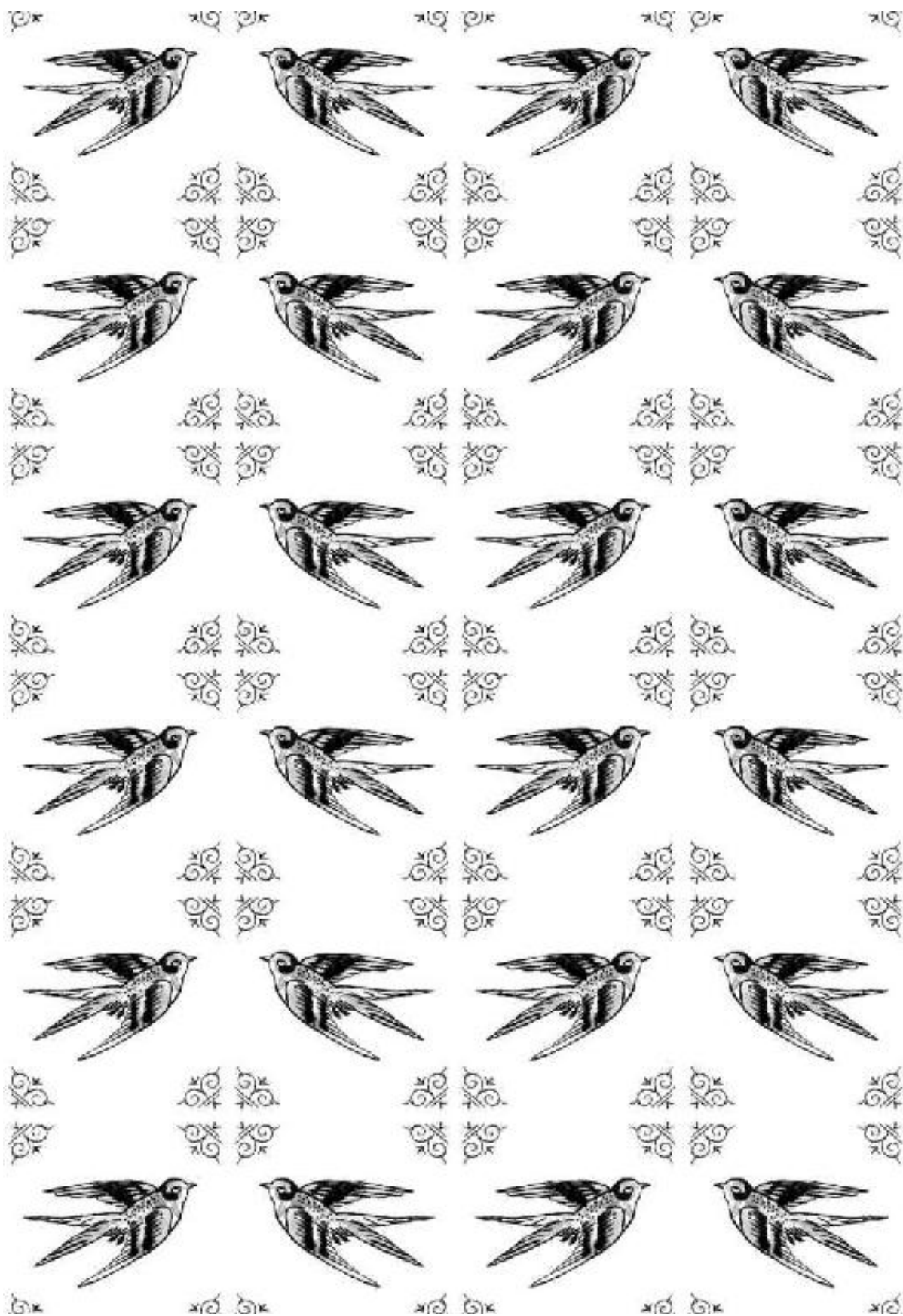
– Bom, o que você quer fazer?

Eu queria trabalhar com meu pai, comprar e vender prédios. Queria construí-los do zero, mas isso não era mais possível.

– Não sei. Talvez eu jogue basquete.

Isso soou petulante até para mim mesmo. Maeve adoraria ter os meus problemas, explorar os limites de tempo e despesa que pudesse com educação.

– Você pode jogar quanto quiser quando sair do hospital – disse ela, e seguiu as placas até Connecticut.







parte dois



## 8

A NEVE CAÍA pesada e úmida em Nova York na quarta-feira anterior ao Dia de Ação de Graças. A Penn Station parecia um curral de engorda, e nós, os viajantes ansiosos, éramos o rebanho sobre poças de lama derretendo, confinados e apertados no terminal superaquecido. Não podíamos tirar os casacos e chapéus e lenços, porque carregávamos pastas e malas e livros que não queríamos largar no chão nojento. Observávamos o quadro de partidas, aguardando instruções. Quanto antes conseguíssemos chegar ao trem, maiores seriam nossas chances de conseguir uma poltrona virada para a frente e não muito perto do banheiro. Um garoto com uma mochila cheia de pedras ficava virando para falar com a namorada, e sempre que fazia isso me batia com todo o peso de seus pertences.

Eu queria chegar ao meu dormitório em Columbia.

Eu queria estar no trem.

Eu queria tirar o casaco.

Eu queria aprender a tabela periódica.

Maeve poderia ter me salvado de tudo isso se tivesse se dignado a vir para Nova York. Agora que ela já tinha supervisionado a entrega de só Deus sabe quantas toneladas de vegetais congelados aos supermercados para o feriado, a Otterson ficaria fechada até segunda. Meu colega de quarto ia passar o Dia de Ação de Graças com os pais em Greenwich, então Maeve podia ter dormido na cama dele e nós poderíamos ter comido comida chinesa e assistido a uma peça. Mas Maeve só vinha a Nova York quando necessário – por exemplo, quando meu apêndice estourou, no primeiro semestre da faculdade. Fui até o Columbia-Presbyterian com o inspetor do corredor na ambulância. Quando acordei da cirurgia, Maeve estava lá, dormindo, a cadeira perto da cama, a cabeça dela no colchão ao lado do meu braço. A escuridão de seu cabelo se espalhava sobre mim como um segundo cobertor. Eu não lembrava de ter ligado para ela, mas talvez outra pessoa tivesse feito isso. Afinal, ela era meu contato de emergência, minha parente mais próxima. Eu ainda estava sob o efeito da anestesia, mas fiquei

observando-a dormir, pensando *Maeve veio a Nova York. Maeve odeia vir a Nova York*. Tinha algo a ver com quanto ela amava Barnard e com o potencial que vira em si mesma enquanto estava lá. Nova York representava sua vergonha a respeito de coisas que não eram sua culpa, ou pelo menos era o que eu pensava. Fechei os olhos, e quando abri novamente ela estava sentada na mesma cadeira, segurando minha mão.

– Você acordou – disse ela, e sorriu para mim. – Como está se sentindo?

Eu levaria anos para entender o perigo real do que tinha acontecido comigo. Na época eu via a cirurgia como algo entre um incômodo e um constrangimento. Comecei a fazer uma piada, mas ela estava olhando para mim com tanta ternura que parei.

– Estou bem – respondi.

Minha boca estava grudenta e seca.

– Escute – disse ela, com a voz baixa. – Eu vou primeiro, depois você. Entendido?

Dei um sorriso torto, mas ela balançou a cabeça.

– Eu primeiro.



No quadro, um amontoado de letras e números começou a rodar, e, quando parou, o letreiro dizia: HARRISBURG: 4:05, LINHA 15, CONFIRMADO. O basquete tinha me ensinado a passar por uma multidão. A maioria do rebanho só vinha à Penn Station uma vez por ano e se confundia facilmente. Na confusão coletiva, poucos viraram para a direção certa. Na hora em que decifraram para que lado deviam ir, eu já estava no trem.

Olhando pelo lado positivo, a viagem me daria mais de uma hora para estudar, tempo necessário para minha redenção em Química Orgânica. Meu professor, o apropriadamente batizado Dr. Able, havia me chamado à sua sala no início de outubro, para me dizer que eu estava a caminho da reprovação. Era 1968, e Columbia estava fervendo. Os estudantes faziam manifestações, marchavam, ocupavam prédios. Éramos um microcosmo de um país em guerra, e todos os dias levantávamos o espelho para mostrar ao país o que víamos. A ideia de que alguém tinha se preocupado com um veterano reprovado em química era absurda, mas lá estava eu. Eu já tinha perdido várias aulas, e ele tinha uma pilha de testes meus à sua frente, então não acho que tenha sido um ato de clarividência o fato de ele ter percebido

que eu estava em apuros. O escritório do Dr. Able no terceiro andar era abarrotado de livros e tinha uma pequena lousa, que exibia uma síntese incompreensível, a qual temi que ele pedisse que eu explicasse.

– Você está inscrito para entrar em medicina – começou ele, olhando para suas anotações. – Certo?

Eu disse a ele que sim.

– Ainda é cedo. Vou colocar tudo nos eixos.

Ele bateu o lápis na pilha que reunia meu desempenho decepcionante.

– Eles levam química a sério na medicina. Se você não passar, não vão deixá-lo entrar. Por isso é melhor conversarmos agora. Se esperarmos mais, você não vai alcançar o restante da turma.

Assenti, sentindo uma torção dolorosa nos intestinos. Um dos motivos pelos quais sempre me dediquei aos estudos e tirei notas boas era para evitar esse tipo de conversa.

O Dr. Able disse que ensinava química tempo suficiente para ter visto muitos garotos como eu, e que meu problema não era falta de capacidade, mas a aparente dificuldade em dedicar o tempo necessário. Ele estava certo, é claro, eu estava distraído desde o início do semestre, mas ele também estava errado, porque eu não achava que ele tinha visto muitos garotos como eu. Ele era um homem magro com uma cabeleira castanha e grossa muito mal cortada. Não seria capaz de adivinhar sua idade, mas de gravata e paletó ele habitava o que eu chamava de o outro lado.

– A química é um belo sistema – disse o Dr. Able. – Cada bloco é construído sobre o bloco anterior. Se você não entender o capítulo um, não há por que avançar para o dois. O capítulo um fornece as chaves para o capítulo dois e os capítulos um e dois, juntos, fornecem as chaves para o capítulo três. Estamos no capítulo quatro agora. Não há como de repente você começar a se dedicar ao capítulo quatro para alcançar o restante da turma. Você não tem as chaves.

Eu disse que era isso mesmo que eu sentia.

O Dr. Able me disse para voltar ao início do livro e ler o primeiro capítulo, responder a todas as questões ao fim daquele capítulo, jogar as respostas fora, acordar no dia seguinte e respondê-las mais uma vez. Só quando conseguisse responder a todas as questões corretamente em ambas as tentativas eu poderia seguir para o capítulo seguinte.

Queria perguntar se ele sabia que havia alunos dormindo no chão da sala do presidente. O que disse em vez disso foi:

– Ainda preciso me dedicar às outras disciplinas – fazendo parecer que estávamos em uma negociação para decidir a quanto do meu tempo valioso ele tinha direito.

Ele nunca tinha pedido à turma que respondesse a todas as questões do capítulo, imagine então duas vezes.

Ele me lançou um olhar vazio por um bom tempo.

– Então talvez este não seja um bom ano para você na química.

Eu não podia ficar reprovado em Química Orgânica, não podia ser reprovado em nada. Meu número do sorteio para o alistamento era dezessete, e sem a faculdade eu estaria dormindo em uma trincheira em Khe Sanh. Além disso, o que minha irmã faria comigo se eu perdesse a posição acadêmica era muito pior do que qualquer coisa que o governo fosse capaz de impor. Não era brincadeira. Era como dormir ao volante atravessando uma nevasca na rodovia de Nova Jersey à meia-noite. O Dr. Able me sacudiu bem a tempo de ver faróis vindo em direção ao meu para-brisa, e agora eu tinha uma fração de segundo para fazer o carro voltar à pista. A distância entre mim e a aniquilação era da largura de um floco de neve.

Ocupei uma poltrona no corredor. Não havia nada que eu precisasse ver entre Manhattan e a Filadélfia. Em condições normais, eu teria colocado a mala no assento ao meu lado e tentado parecer bem grande, mas era a semana de Ação de Graças, ninguém ia conseguir ficar com dois assentos. Em vez disso, abri o livro e esperei projetar exatamente aquilo que era: um aluno de química sério que não poderia se distrair com uma conversa sobre o tempo ou o Dia de Ação de Graças ou a guerra. O contingente de Harrisburg do rebanho da Penn Station tinha passado pela catraca e formado uma fila única, que descia a plataforma e entrava no vagão, e cada um de seus integrantes batia com a mala em todas as poltronas pelas quais passava. Mantive os olhos no livro até uma mulher bater os dedos congelantes na lateral do meu pescoço. Não em meu ombro, como qualquer outra pessoa teria feito, mas no meu pescoço.

– Rapaz – disse ela, e olhou para a mala a seus pés.

Ela era a avó de alguém que se perguntava como ela tinha ido parar em um mundo no qual os homens permitiam que as mulheres carregassem as próprias malas para dentro do trem em nome da igualdade. O rebanho atrás dela seguia empurrando, incapaz de entender o bloqueio temporário. As pessoas tinham muito medo de que o trem saísse sem elas. Levantei-me e coloquei sua bagagem – uma mala surrada de lã xadrez marrom presa no

meio com um cinto, porque o zíper não era confiável – no compartimento superior. Com esse único ato de civilidade, anunciei meus serviços de carregador, e mulheres de todo o vagão começaram a me chamar. Além das malas, várias tinham sacolas da Macy's e da Wanamaker's cheias de presentes de Natal embrulhados, e me perguntei como seria pensar nas coisas com tanta antecedência. Mala após mala, tentei amontoá-las sobre as barras de metal acima das poltronas, onde era impossível que coubessem. O Universo talvez estivesse em expansão, mas o compartimento de bagagens não estava.

– Com cuidado – disse uma mulher, levantando as mãos para demonstrar como faria se fosse trinta centímetros mais alta.

Quando finalmente olhei para ambas as direções e percebi que não havia mais nada que pudesse fazer, virei contra a maré e abri caminho até minha poltrona. Lá encontrei uma menina com cachos louros sentada à janela, lendo meu livro de química.

– Guardei seu lugar – disse ela enquanto o trem partia.

Não sabia se ela queria dizer no livro ou no trem, e não perguntei, porque nenhum dos dois precisava ser guardado. Eu estava no capítulo nove, finalmente em posse das chaves da química. Sentei sobre meu casaco, porque tinha perdido a chance de guardá-lo com a mala.

– Tive química no Ensino Médio – disse a loura, virando a página. – Outras meninas faziam datilografia, mas um A em química vale mais que um A em datilografia.

– Como assim, vale mais?

A química tinha uma chance maior de servir ao bem comum, mas certamente muito mais pessoas precisavam saber datilografar.

– No coeficiente de rendimento.

O rosto dela era uma confluência de círculos: olhos redondos, bochechas redondas, boca redonda, um nariz pequeno e redondo. Eu não tinha intenção nenhuma de conversar com ela, mas também não via alternativa, já que ela estava segurando meu livro. Quando perguntei se ela tinha tirado um A na disciplina, ela continuou lendo. Tinha chegado a um ponto de interesse e, em resposta à minha pergunta, assentiu sem dar muita importância. Ela achava a disciplina química mais cativante do que o fato de que tinha tirado um A em química, e isso, admito, era atraente. Esperei dois minutos antes de dizer-lhe que ia precisar do livro de volta.

– Claro – disse ela, e me entregou o livro, um dedo marcando a segunda seção do capítulo 9. – É engraçado ver isso de novo, como encontrar alguém com quem costumávamos passar muito tempo.

– Eu passo muito tempo com a química.

– Ela não muda – disse ela.

Olhei para a página enquanto ela vasculhava a bolsa, tirando um volume fino de poesia de Adrienne Rich chamado *Necessities of Life*. Fiquei pensando se ela estava lendo para alguma disciplina ou se era do tipo de garota que lia poesia em trens. Não perguntei, e ficamos em um silêncio sociável até Newark. Quando o trem parou e as portas se abriram, ela tirou uma goma de mascar daquelas bem finas e enfiou no livro, então olhou para mim de novo com uma seriedade insuportável.

– Precisamos conversar – disse ela.

Minha namorada Susan disse “Precisamos conversar” no fim do primeiro ano antes de me dizer que estávamos terminando.

– Precisamos?

– A não ser que você queira pegar as malas de todas as mulheres que vão descer em Newark e depois guardar as malas de todas as mulheres que vão entrar.

Ela estava certa, é claro. Havia mulheres olhando fixamente na minha direção e em seguida enfaticamente para suas malas. Havia outros homens capazes no trem, mas elas estavam acostumadas comigo.

– Então você está indo para casa – disse minha colega de poltrona, inclinando o corpo para a frente e sorrindo.

Ela tinha passado algo nos lábios que os faziam brilhar. A distância, as pessoas achariam que estávamos envolvidos em uma conversa profunda, ou que só estávamos envolvidos. Eu estava perto o suficiente para sentir o cheiro de seu xampu.

– Para o Dia de Ação de Graças – concordei.

– Legal.

Ela assentiu levemente, mantendo meu olhar com tanta firmeza a ponto de eu ver claramente a leve inclinação de seu olho esquerdo, um defeito que passaria despercebido não fosse pelo episódio de olhar intenso.

– Harrisburg?

– Filadélfia – respondi, e como naquele instante estávamos bem próximos, dei mais um detalhe. – Elkins Park.



Esqueci por um instante que não morava mais em Elkins Park. Morava em Jenkintown, tanto quanto morava em qualquer outro lugar. Maeve morava em Jenkintown.

Ao ouvir Elkins Park um brilho de familiaridade se acendeu em seus olhos.

– Rydal.

Ela tocou o lenço azul que cobria seu esterno. Elkins Park ficava uma cidade à frente de Rydal, o que queria dizer que éramos praticamente vizinhos. Uma mulher se aproximou para dizer alguma coisa, mas minha colega de assento a dispensou com um gesto.

– Buzzy Carter – disse eu, porque esse era o nome a ser dito quando se falava em Rydal. Buzzy e eu fomos escoteiros juntos, e depois jogamos em times adversários da liga de basquete da igreja. Ele nasceu popular, e quando chegou ao Ensino Médio tinha boas notas, belos dentes e um talento para acumular quarenta pontos por jogo, sem incluir as assistências. Agora ele jogava na Penn com bolsa integral.

– Ele estava um ano à minha frente – disse ela, com o mesmo olhar que todas as meninas tinham quando pensavam em Buzz. – Ele levou minha prima para o baile, mas nunca entendi por quê. Você estudava na Cheltenham?

– Bishop McDevitt – respondi, sem querer entrar em assuntos complicados –, mas passei os dois últimos anos no colégio interno.

Ela sorriu.

– Seus pais não te suportavam?

Eu gostei dessa garota. Tinha boas tiradas.

– É – concordei. – Algo do gênero.

Quando o trem começou a andar novamente, retomamos o compromisso de sermos estranhos, ela com seu livro de poesia, eu com minha química. Em nossa coexistência pacífica, quase nos esquecíamos completamente um do outro.

Quando o trem parou na estação 30th Street, a mulher da mala xadrez, a que tinha dado início a tudo aquilo, veio até mim e me carregou pelo corredor para pegar sua mala. Estava mesmo enfiada bem em cima, presa entre todas as outras malas. Mesmo ficando em pé no encosto de braço, ela não conseguiria alcançá-la. Então mais uma mulher precisou de ajuda, e mais uma e mais uma, e logo comecei a me preocupar que as portas se fechariam e eu teria de ir até Paoli e voltar. Vi a cabeça loura da minha

colega de assento indo em direção à porta. Talvez ela tivesse esperado o tanto que considerava prudente, ou talvez nem tivesse esperado. Disse a mim mesmo que não importava. Tirei uma última mala para uma mulher que parecia realmente acreditar que eu devia carregá-la até a plataforma, então me libertei, peguei meu casaco e minha mala, meu livro, e saí do trem logo antes de as portas se fecharem.

Nunca era difícil encontrar minha irmã. Primeiro porque eu praticamente podia contar com o fato de que ela seria mais alta que todo mundo; segundo porque ela era sempre pontual. Quando eu chegava de trem, Maeve sempre estava esperando na frente e no meio da multidão. Ela estava lá naquela quarta-feira antes do Dia de Ação de Graças, em frente ao terminal, vestindo jeans e uma blusa de lã vermelha minha que achei que tivesse perdido. Ela acenou para mim e eu levantei a mão para acenar de volta, mas minha colega de assento agarrou meu pulso.

– Tchau! – disse ela, toda louca e sorridente. – Boa sorte com a química.

Ela pendurou a mala no ombro. Acho que tinha largado para esperar por mim.

– Obrigado.

Tive uma vontade estranha de escondê-la ou dispensá-la logo, mas lá estava minha irmã, vindo em nossa direção. Maeve me envolveu em seus braços, levantou-me uns cinco centímetros do chão e me chacoalhou. A primeira vez que ela fez isso foi na primeira Páscoa que voltei da Choate, e manteve a tradição só para provar que era capaz.

– Você conheceu alguém no trem? – perguntou Maeve, olhando para mim e não para ela.

Virei-me para a menina. O tamanho dela era perfeitamente normal, embora todos parecessem pequenos perto de mim e da minha irmã. Lembrei que não tinha perguntado seu nome.

– Celeste – disse a menina, e estendeu a mão, e todos nos cumprimentamos.

– Maeve – disse Maeve.

E eu disse:

– Danny.

E desejamos um feliz Dia de Ação de Graças, despedimo-nos e nos afastamos.

– Você cortou o cabelo! – disse eu, quando ela não podia mais nos ouvir.

Maeve levantou a mão e tocou a nuca logo abaixo do local onde seu cabelo terminava em um corte abrupto.

– Você gostou? Achei que me fez parecer mais adulta.

Eu ri.

– Achei que você estivesse cansada de sempre parecer a adulta.

Ela enlaçou o braço no meu e inclinou a cabeça para o lado até tocar meu ombro. Seu cabelo caiu para a frente e cobriu seu rosto por um instante, então ela jogou a cabeça para trás. Como uma menina, pensei. Então lembrei que Maeve era uma menina.

– Estes vão ser os quatro melhores dias do ano – disse ela. – Os quatro melhores dias até você vir para o Natal.

– Talvez no Natal você pudesse ir me ver. Eu fui te ver na Páscoa quando você estava na faculdade.

– Não gosto de andar de trem – disse Maeve, como se isso resolvesse a questão.

– Você podia ir de carro.

– Até Manhattan? – Ela ficou me encarando para enfatizar a estupidez da sugestão. – É muito mais fácil pegar o trem.

– O trem foi um pesadelo – afirmei.

– A menina foi um pesadelo?

– Não, a menina foi normal. Na verdade, ela ajudou bastante.

– Você gostou dela?

Estávamos perto da porta que levava ao estacionamento. Maeve insistira em vir me buscar.

– Gostei tanto quanto se gosta de alguém que senta ao seu lado no trem.

– De onde ela é?

– Por que você se importa com isso?

– Porque ela ainda está lá esperando e ninguém veio encontrá-la. Se gosta dela, podemos oferecer uma carona.

Parei e olhei por sobre o ombro. Ela não estava olhando para nós. Estava olhando para o outro lado.

– Você agora tem olhos atrás da cabeça?

Sempre achei que isso fosse possível. Celeste, que parecera tão competente no trem, parecia inegavelmente perdida na estação. Ela tinha me salvado de pegar muitas malas.

– Ela é de Rydal.

– Temos dez minutos sobrando para ir até Rydal.

Minha irmã tinha mais consciência do que estava ao redor do que eu. Também era uma pessoa melhor. Ficou com minhas malas e me mandou ir até Celeste e perguntar se ela precisava de uma carona. Depois de ficar mais alguns minutos procurando por algum membro de sua família na estação – não tinha ficado resolvido quem iria buscá-la –, ela perguntou mais uma vez se não seria incômodo. Eu disse que de modo algum. Nós três caminhamos até o estacionamento juntos, enquanto Celeste continuava se desculpando. Então ela entrou no banco de trás do Volkswagen da minha irmã e a deixamos em casa.



– Foi você quem disse que devíamos dar uma carona a ela – disse Maeve. – Minha lembrança em relação a isso é perfeitamente clara. Nós íamos cear com os Gooches e eu precisava ir para casa fazer a torta, e *você* disse que tinha conhecido essa menina no trem e prometido a ela que eu a levaria para casa.

– Mentira deslavada. Você nunca fez uma torta na vida.

– Eu precisava ir até a padaria buscar a torta que tinha encomendado.

Balancei a cabeça.

– Eu sempre pegava o trem das 4:05. A padaria já estaria fechada quando eu chegasse.

– Você quer *parar*? Só estou dizendo que Celeste não é minha culpa.

Estávamos no carro dela, rindo. O Volkswagen já não existia havia anos, substituído por uma perua Volvo com bancos aquecidos. Aquele carro moía a neve.

Mas nesse dia específico só estava frio, não nevava. As luzes da Casa Holandesa já estavam acesas na escuridão. Isto era parte de uma nova tradição que veio anos mais tarde: após Celeste e eu termos namorado e terminado e voltado a namorar, após termos casado e após May e Kevin terem nascido, após eu ter me tornado médico e deixado de ser médico, após todos tentarmos durante anos passar o Dia de Ação de Graças juntos de maneira civilizada e desistirmos. Todo ano Celeste e as crianças e eu íamos da cidade até Rydal na quarta anterior ao Dia de Ação de Graças. Eu deixava os três na casa dos pais dela e ia jantar com minha irmã. No Dia de Ação de Graças, Maeve servia almoço aos sem-tetos com um grupo da igreja, e eu voltava para comer com a família enorme e sempre em

expansão de Celeste. À noite, eu e as crianças voltávamos para ver Maeve em Jenkintown. Levávamos potes cheios de sobras e fatias de torta que a mãe de Celeste havia feito. Comíamos a comida fria enquanto jogávamos pôquer valendo centavos à mesa de jantar. Minha filha, cuja natureza dramática já era evidente na infância, gostava de dizer que era pior do que ter pais divorciados – ficar indo para lá e para cá. Eu dizia que ela não fazia ideia do que estava falando.

– Queria saber se Norma e Bright ainda vêm para casa comemorar o Dia de Ação de Graças – disse Maeve. – Queria saber se elas casaram com pessoas que Andrea odeia.

– Ah, devem ter casado – disse, e por um instante consegui imaginar como tinha acontecido. Senti pena daqueles homens que jamais conheceria.

– Que pena dos coitados trazidos à Casa Holandesa.

Maeve balançou a cabeça.

– É difícil imaginar quem seria considerado bom o bastante para aquelas meninas.

Lancei um olhar sarcástico à minha irmã, pensando que ela entenderia a piada, mas ela não entendeu.

– O quê?

– Isso é o que Celeste sempre diz de você – contei.

– O que Celeste sempre diz de mim?

– Que você acha que nenhuma mulher teria sido boa o bastante para mim.

– Eu nunca disse que nenhuma era boa o bastante para você. Disse que você poderia ter encontrado alguém melhor do que ela.

– Ah – disse, e levantei a cabeça. – Fácil.

Minha esposa fazia comentários maldosos sobre minha irmã e minha irmã fazia comentários maldosos sobre minha esposa, e eu ouvia as duas, porque era impossível evitar. Durante anos tentei fazer com que rompessem com esse hábito, defender a honra de uma para a outra, e tinha desistido. Ainda assim, havia limites até onde podiam ir, e as duas sabiam disso.

Maeve olhou pela janela em direção à casa.

– Celeste tem filhos lindos – disse Maeve.

– Obrigado.

– Eles não têm nada a ver com ela.

Ah, se sempre tivéssemos vivido em um mundo no qual todo homem, mulher e criança viessem equipado com um dispositivo que registrasse

áudios, fotografias e filmes curtos. Adoraria ter provas mais irrefutáveis que minha própria memória, uma vez que nem minha irmã nem minha esposa me apoiavam nisto: foi Maeve quem escolheu Celeste; e foi Maeve quem Celeste amou primeiro. Eu estava lá naquela carona na neve entre a estação 30th Street e a casa dos pais da Celeste em Rydal, em 1968, e Maeve foi calorosa a ponto de derreter o gelo das estradas. Celeste estava no banco de trás, apertada entre nossas malas, os joelhos para cima porque não havia espaço no banco de trás daquele Fusquinha. Os olhos de Maeve ficavam desviando para o retrovisor enquanto enchia Celeste de perguntas: Onde ela estudava?

Celeste estava no segundo ano na Thomas More.

– Digo a mim mesma que é Fordham.

– É para onde eu teria ido. Queria estudar com os jesuítas.

– Onde você estudou? – perguntou Celeste.

Maeve soltou um suspiro.

– Barnard. Ofereceram uma bolsa de estudos, e isso resolveu a questão.

Pelo que eu sabia, nada nessa história era verdade. Maeve certamente não tinha sido bolsista.

– O que você está estudando? – perguntou a ela.

– Vou me formar em Língua Inglesa – respondeu Celeste. – Estou fazendo Poesia Americana do Século XX este semestre.

– Poesia era minha disciplina favorita! – As sobrancelhas de Maeve se ergueram de espanto. – Não acompanho como deveria. Essa é a verdadeira tristeza de se formar. A gente nunca tem tanto tempo para ler quando não tem ninguém para nos obrigar.

– Quando você fez uma disciplina de poesia? – perguntei à minha irmã.

– Tão triste, a casa – disse Maeve. – Como a deixam, se mantém, moldada no aconchego do último que sai, como que para tê-lo uma vez mais. Contudo, sem gente a quem agrade, ela decai; não tem coragem de esquecer o roubo.

Ao ter certeza de que Maeve tinha parado, Celeste continuou o verso em uma voz mais suave.

– Nem se lembra do que foi muitos anos atrás, o alegre ensaio do que deveria ser, há muito malogrado. Vê-se o que era a casa olhando os quadros que estão lá. Cada talher. As músicas no banco do piano. O vaso.

– Larkin – as duas gritaram juntas.

As duas podiam ter se casado bem ali, Maeve e Celeste. Tamanho foi o amor entre elas naquele momento.

Olhei para Maeve com espanto.

– Como *você* sabia disso?

– Não submeti meu currículo à aprovação dele – Maeve riu, inclinando a cabeça na minha direção, e Celeste riu também.

– Em que você se formou? – perguntou Celeste.

Quando virei para trás, ela era um mistério completo para mim. As duas eram.

– Contabilidade. – Maeve diminuiu a marcha com um tapa da mão aberta enquanto descíamos uma colina coberta de neve deslizando suavemente. Atravessamos o rio e a floresta. – Muito chato, muito prático. Eu precisava ganhar a vida.

– Ah, claro – assentiu Celeste.

Mas Maeve não se formara em Contabilidade. Não havia Contabilidade em Barnard. Ela se formara em Matemática. E foi a melhor aluna da turma. Contabilidade era o que ela fazia, não o que tinha estudado. Contabilidade era o que era capaz de fazer com a mão nas costas.

– Aquela igreja episcopal é muito bonita. – Maeve diminuiu a velocidade na Homestead Road. – Fui a um casamento ali uma vez. Quando eu era criança, as freiras quase teriam um ataque se soubessem que tínhamos colocado os pés em uma igreja protestante.

Celeste assentiu, sem ter ideia de que aquilo tinha sido uma pergunta. Thomas More era uma faculdade jesuíta, mas isso não significava necessariamente que a menina no banco de trás do carro fosse católica.

– Nós frequentamos a St. Hilary.

Ela era.

A casa em frente à qual estacionamos era consideravelmente menos grandiosa que a Casa Holandesa e consideravelmente mais grandiosa que o apartamento no terceiro andar sem elevador onde Maeve ainda morava naquela época. A casa de Celeste era uma respeitável casa colonial de madeira amarela com detalhes brancos, com dois bordos sem folhas tremendo no jardim, um deles com um balanço de corda; o tipo de casa que levava a imaginar uma infância feliz, o que era verdade no caso de Celeste.

– Vocês foram tão gentis. – Celeste começou a dizer, mas Maeve a interrompeu.

– Vamos levá-la até lá.

– Mas vocês não...

– Viemos até aqui – disse Maeve, desligando o carro. – O mínimo que podemos fazer é acompanhá-la até a porta.

Eu tinha de descer de qualquer forma. Puxei o banco e me inclinei para dentro do carro a fim de ajudar Celeste a sair, depois peguei sua mala. O pai dela ainda estava no consultório restaurando cáries, tinha ficado até mais tarde porque o consultório estaria fechado no Dia de Ação de Graças e no dia seguinte. As pessoas voltavam para casa durante as festas com dor de dente que vinha sendo adiada. Seus dois irmãos mais novos estavam assistindo à televisão com amigos e gritaram para Celeste, mas não se deram ao trabalho de largar o programa. Houve uma saudação muito mais calorosa de um labrador preto chamado Pelota.

– Quando filhote, o nome dele era Larry, mas ele foi ficando meio empelotado – disse Celeste.

A mãe de Celeste pareceu amigável e apressada, estava preparando um jantar para vinte e dois parentes que chegariam no dia seguinte ao meio-dia. Não era de admirar que tivesse esquecido de buscar a terceira filha na estação. (Eram cinco irmãos Norcross no total.) Após as apresentações, Maeve fez com que Celeste anotasse seu telefone em um pedaço de papel, dizendo que de vez em quando ia até a cidade e poderia dar-lhe uma carona, talvez até promettesse o banco da frente da próxima vez. Celeste agradeceu e a mãe também, mexendo uma panela de oxicocos no fogão.

– Vocês deviam ficar para o jantar. Estou lhes devendo um grande favor! – disse a mãe de Celeste, percebendo seu erro. – O que estou dizendo? Você também acabou de chegar em casa. Columbia! Seus pais devem estar morrendo de vontade de vê-lo.

Maeve agradeceu pelo convite e aceitou um breve abraço de Celeste, que apertou minha mão. Minha irmã e eu descemos a entrada coberta de neve. Parecia que todas as luzes de todas as casas estavam acesas, subindo e descendo a rua, dos dois lados. Todos em Rydal estavam em casa para o Dia de Ação de Graças.

– Desde quando você fez uma disciplina de poesia? – perguntei quando ela entrou no carro.

– Desde que ela enfiou um livro de poesia na mala. – Maeve aumentou a temperatura do aquecedor inútil do carro. – Qual é o problema?

Maeve nunca tentava impressionar ninguém, nem mesmo o advogado Gooch, por quem eu desconfiava que ela nutria uma paixão secreta.



- Por que você quer que a Celeste pense que você lê poesia?
  - Porque mais cedo ou mais tarde você vai encontrar alguém, e prefiro que você encontre uma católica de Rydal do que uma budista de, sei lá, do Marrocos.
  - Você está falando sério? Está tentando me arranjar uma namorada?
  - Estou tentando defender meus próprios interesses, só isso. Não leve tão a sério.
- Não levei.

## 9

SE VOCÊ MORASSE em Jenkintown em 1968 ou estudasse na Choate, a probabilidade de cruzar com a maioria das pessoas de lá em algum momento era alta, mesmo que só para dar um aceno e dizer oi, mas Nova York era uma loucura. Cada hora era composta de uma série de possibilidades, e escolher descer uma rua em vez da outra podia mudar tudo: quem você encontraria, o que veria ou seria poupado de ver. No início de nosso relacionamento, o que Celeste mais amava fazer era contar para os amigos, estranhos e às vezes para mim quando estávamos sozinhos como havíamos nos conhecido. Era para ela estar no trem das 13h30 saindo da Penn Station naquele dia, mas sua colega de quarto queria que pegassem o metrô juntas até a Grand Central. A colega no entanto demorou tanto a fazer as malas que elas perderam o trem.

– Eu podia ter pegado outro trem – dizia, colocando a cabeça em meu peito. – Ou ter pegado o das 16h05 e ficado em outro vagão. Ou ter ficado no mesmo vagão, mas em outra poltrona. Podíamos não ter nos conhecido.

– Talvez naquele dia – dizia eu, passando a ponta dos dedos em seus cachos fascinantes. – Mas eu teria encontrado você de alguma forma.

Eu dizia isso porque sabia que era o que Celeste queria ouvir, aquela menina carinhosa em meus braços que cheirava a sabonete Ivory, mas eu também acreditava, se não em termos românticos, pelo menos em termos estatísticos: era possível que dois jovens de Jenkintown e Rydal fazendo faculdade em Nova York acabassem se encontrando em algum momento.

– O único motivo pelo qual escolhi aquele assento foi porque vi o livro de química. Você nem estava sentado lá.

– Verdade – concordei.

Celeste sorriu.

– Sempre gostei de química.

Celeste era bastante feliz naquela época, embora, em retrospectiva, talvez tenha sido vítima fatal daquele momento, ao pensar que, como era boa em química, devia se casar com um médico, em vez de ela mesma se

tornar médica. Se tivesse nascido alguns anos mais tarde, talvez tivesse se livrado completamente da armadilha.

O livro de química também era uma peça do acaso. Se eu tivesse prestado atenção desde o início do semestre como deveria, o Dr. Able não teria motivo para me apavorar com a ideia da reprovação, e eu não teria transformado o livro *Química orgânica hoje* em uma extensão do meu braço. Quem diria que um livro de química poderia funcionar como isca de meninas bonitas?

Se eu não estivesse quase reprovado, não estaria lendo química no trem. Se não estivesse lendo química no trem, não teria conhecido Celeste, e minha vida como a conheço não teria se desenrolado.

Mas contar essa história só em termos de livro e trem, cinética e mulher, seria passar por cima do motivo pelo qual eu quase fui reprovado em química, para começo de conversa.

Maeve havia acabado com qualquer esperança que eu tinha de fazer o teste para o time de basquete de Columbia. Ela disse que eu me distrairia dos estudos, arruinaria meu coeficiente de rendimento acadêmico e perderia a chance de liquidar o fundo antes que Norma e Bright pudessem colocar as mãos nele. Não era um time muito bom, de qualquer maneira. Como consequência, passei a jogar bola sempre que tinha oportunidade, e em uma manhã ensolarada de sábado no início do terceiro ano, eu estava com cinco caras de Columbia indo para o Mount Morris Park. Eu estava com a bola. Como grupo, éramos magros, de cabelos compridos, barbudos, de óculos, e um de nós, descalço. Ari, que saiu do quarto sem sapatos, disse ter ouvido que sempre havia caras querendo jogar no Mount Morris. A autoridade dele nos impressionou, embora, pensando agora, eu tenha quase certeza de que ele não fazia a menor ideia do que estava falando. O Harlem era uma bagunça generalizada, e enquanto o prefeito Lindsay estava disposto a caminhar pelas ruas, estudantes de Columbia tendiam a ficar do lado de dentro dos portões. Era diferente em 1959, quando Maeve frequentava Barnard. Meninas e seus namorados ainda se arrumavam para ir até o Apollo para a noite dos calouros, mas em 1968 praticamente qualquer representação da esperança no país já tinha sido colocada contra o paredão e executada. Os garotos de Columbia iam para a aula e os garotos do Harlem iam para a guerra, uma realidade que não seria suspensa para um jogo amigável de sábado.

Caminhando em direção ao parque, nós seis começamos a entender a mensagem. Mantivemos os olhos abertos, e assim vimos os olhos abertos de todos por quem passávamos – as crianças deitadas nas varandas e os homens amontoados nas esquinas e as mulheres debruçadas nas janelas abertas –, todos nos observando. As mulheres e meninas que passavam por nós sugeriam que fôssemos para casa ou nos foder. Os sacos de lixo empilhados no meio-fio estavam abertos, e o lixo se espalhava pelas ruas. Um homem de camiseta branca sem mangas com um pente do tamanho de um prato enfiado em seu afro inclinou o tronco para dentro da janela aberta de um carro e aumentou o volume do som. Uma construção cujas janelas estavam tapadas com placas de madeira e sem porta exibia um aviso colado no tijolo: *Execução fiscal. À venda em leilão público*. Imaginei meu pai anotando a data e a hora do leilão no caderninho espiralado que levava no bolso do paletó.

– Quando vemos um aviso como esse – disse ele certa vez quando eu era criança e estávamos em frente a um prédio no norte da Filadélfia –, é como se dissesse é só pegar. Eu disse a ele que não tinha entendido. Os donos desistiram, o banco desistiu. As únicas pessoas que não desistiram trabalham para a Receita, porque elas nunca desistem. Para se tornar dono do prédio, basta pagar os impostos.

– Conroy! – Um cara chamado Wallace que fazia química comigo me chamou. – Vamos.

Eles já estavam no fim da quadra, e agora eu era um cara branco sozinho segurando uma bola de basquete.

– Conroy! Mexa-se! – disse um dos três garotos sentados na escadaria do prédio em frente.

Então outro gritou:

– Conroy! Me faz um sanduíche.

Foi isso, o instante do meu despertar espiritual na 120th Street.

Apontei para a construção com o aviso de leilão.

– Quem mora ali? – perguntei ao garoto que achou que eu estava ali para lhe arranjar um almoço.

– Como é que eu vou saber, porra? – disse ele com o linguajar típico de quem tem dez anos.

– Ele é policial – disse o segundo garoto.

– Policiais são cagões – continuou o terceiro, e os três caíram na gargalhada.

Meu time estava me esperando, e agora, andando um pouco mais rápido, voltava.

– Hora de ir, cara – disse Ari.

– Ele é policial – o garoto repetiu, e esticou o dedo como se fosse uma arma. – Todos vocês, policiais.

Lancei um passe no peito do garoto de camiseta vermelha, e ele lançou de volta direto – um, dois.

– Aqui – disse o próximo.

– Levem esses caras ao parque – pedi aos garotos. – Eu já vou.

Nenhum deles pareceu pensar que era uma boa ideia, nem meus companheiros de time nem os garotos na varanda, mas eu já estava voltando em direção à loja de bebidas na esquina para ver se conseguia uma caneta emprestada. Tudo o que eu precisava saber podia ser anotado na palma da mão.

Ao sair para procurar uma partida de basquete no Mount Morris me tornei o único beneficiário de uma herança maior que a empresa ou a casa de meu pai. Minha vida inteira de repente ficou cristalina: eu precisava de um prédio, especificamente o prédio da 120th perto da Lenox, para me tornar quem eu deveria ser. Eu mesmo instalaria as janelas e a porta. Remendaria as paredes e lixaria o piso e um dia cobraria o aluguel aos sábados. Maeve acreditava que a medicina era meu destino e Celeste acreditava que ela era meu destino, e as duas estavam erradas. Na segunda, liguei para o advogado Gooch e expliquei minha situação: meu pai havia garantido minha educação, sim, mas não seria muito mais coerente com seus desejos usar o dinheiro para comprar um prédio e me lançar na carreira que ele queria que eu tivesse? Apesar da violência e da sujeira, dos bolsões de riqueza impenetráveis, Manhattan era uma ilha, afinal, e essa parte da ilha ficava próxima a uma universidade em expansão. Será que ele não poderia requerer o fundo em meu nome? Gooch ouviu pacientemente antes de explicar que desejos e lógica não eram aplicáveis a fundos. Meu pai havia garantido minha educação, não minha carreira no setor imobiliário. Duas semanas depois, fui ao leilão do prédio que mudaria minha vida. Ele foi vendido por mil e oitocentos dólares. Eu tinha perdido a chance.

Mas, como de costume, eu estava errado. Havia muitos outros prédios no bairro que eu agora visitava com frequência, e não seria impossível encontrar outro que estivesse queimado, tomado por invasores e com leilão agendado. Eu passava tanto tempo no Harlem que parecia suspeito até para

mim mesmo. Uma pessoa branca ali era alguém que queria comprar ou vender algo, ou tinha planos de tumultuar os negócios dos outros. Eu estava incluído nisso, embora tivesse planos de comprar algo maior que uma trouxinha de maconha e tivesse planos de ficar. Enquanto a maioria dos alunos de Columbia nunca tinham ido ao Harlem, eu poderia oferecer passeios guiados. Fiz pesquisas intensivas na biblioteca e nos registros públicos, para descobrir os impostos sobre propriedade e os preços em um raio de dez quadras. Agendei horário para ver os prédios que estavam à venda e acompanhei as execuções hipotecárias nos jornais. A única coisa que negligenciei foi a química, até que comecei a negligenciar latim, fisiologia e história europeia também.

Meu pai me ensinou a verificar as vigas para ver se não estavam podres, a acalmar um inquilino e a aterrar uma tomada, mas eu nunca o tinha visto comprar nada maior que um sanduíche. Percebi que conhecia duas narrativas de sua vida: aquela em que ele morava no Brooklyn e era pobre e aquela em que possuía e administrava imóveis e era rico. O que me faltava era a ponte. Eu não sabia como ele tinha ido de um lado ao outro.

– Imóveis – disse Maeve.

Certo sábado liguei para ela, com um saco de moedas que devia estar guardando na prateleira de metal em frente ao telefone público do dormitório.

– Eu sei que eram imóveis, mas como? O que ele comprou? Quem teria lhe dado um empréstimo se ele era mesmo tão pobre quanto sempre disse que era?

A linha ficou silenciosa por um instante.

– O que você está fazendo?

– Estou tentando entender o que aconteceu na nossa vida. Estou tentando fazer o que você sempre faz, decodificar o passado.

– Em uma manhã de sábado? – perguntou ela. – Em um interurbano?

Maeve era exatamente a pessoa com quem eu devia falar, porque era minha irmã e também tinha um talento especial para lidar com dinheiro. Se alguém podia me ajudar a resolver o problema, esse alguém era ela, mas Maeve não queria ouvir nada que pudesse me desviar de seu sonho da faculdade de medicina. E mesmo que eu pudesse conversar com ela, o que eu diria? Que encontrei outro prédio no Harlem que ia ser leiloadado? Um coletivo com um banheiro por andar?

– Só estou tentando entender o que aconteceu – afirmei, e era verdade.

Eu passei inúmeras horas com meu pai e nunca perguntei nada. A operadora anunciou que eu precisava inserir mais setenta e cinco centavos para falar mais três minutos, e, como não obedeci, a linha caiu.

O Dr. Able foi o único a perceber meu desvio, e foi quem me chamou até seu escritório para me colocar de volta no caminho honrado da química. Ele disse que eu fosse à secretaria do departamento agendar atendimento para encontrá-lo uma vez por semana. Disse que eu não podia mais faltar, que dali em diante deveria estar sempre presente na aula, independentemente de minha saúde. Enquanto o restante dos alunos iria responder a quatro ou cinco questões ao fim de cada capítulo, eu teria de responder a todas e apresentar as respostas para correção. Nunca tive certeza se esse tratamento se devia a punição ou benevolência, mas qualquer que fosse o caso eu achava que não merecia.

– Traga seus pais – disse ele alguns dias antes do fim de semana de visita dos pais. – Vou dizer a eles quanto você está indo bem, aliviar suas preocupações.

Eu estava à porta do escritório do Dr. Able e levei um instante a mais que o esperado para decidir se dizia a verdade ou só agradecia e deixava por isso mesmo. Eu gostava de meu carrasco, mas minha história era complicada e costumava gerar um tipo de empatia nas pessoas que eu nunca fui capaz de tolerar.

– O que foi? – perguntou, esperando minha resposta. – Você não tem pais?

Seu tom era de piada, então eu ri.

– Não tenho pais – respondi.

– Bom, caso você e seu tutor legal queiram aparecer, estarei no escritório sábado, como parte das festividades.

– Talvez façamos isso – disse, e agradei ao sair.

Juntei as peças com facilidade e, anos depois, Maurice Able, a quem todos chamavam de Morey, confirmou minhas suspeitas: ele foi até a secretaria para consultar minha ficha. Nunca mais perguntou sobre meus pais, mas começou a sugerir que fizéssemos nossos encontros semanais na hora do almoço na Hungarian Pastry Shop. Passou a me convidar para os jantares que ele e a esposa organizavam para os alunos de pós-graduação em química. Verificava como eu estava me saindo nas outras disciplinas e alertava os professores sobre minha situação. Morey Able ficou com pena de mim e se tornou meu orientador, achando que o fato de eu não ter pais

tinha colocado meu desempenho acadêmico em risco, quando na verdade tinha sido meu pai. Na metade da faculdade, acabei percebendo que eu era muito parecido com meu pai.

O Princípio de Arquimedes afirma que qualquer corpo completa ou parcialmente submerso em um fluido em descanso sofre a ação de uma força ascendente, cuja magnitude é igual ao peso do fluido deslocado pelo corpo. Ou, em outras palavras, você pode segurar uma bola embaixo da água, mas, assim que largar, ela vai disparar de volta à superfície. E assim, durante minha interminável carreira acadêmica, sufoquei minha natureza. Fiz tudo o que me era solicitado, enquanto mantinha às escondidas uma lista de prédios pelos quais passava que estavam à venda: valor solicitado, valor de mercado, quantidade de semanas no mercado. Espreitei os arredores de leilões de execução fiscal, um hábito que descobri ser difícil de largar. Como Celeste, tirei A em Química Orgânica. Parti para a bioquímica no segundo semestre, e depois para um ano de física no laboratório, no meu último ano. O Dr. Able, que havia me conhecido quando eu estava afundando, nunca mais tirou os olhos de mim. Tirando aquele meio semestre, fui um bom aluno, mas, mesmo depois de ter me recuperado, ele sempre achou que eu poderia me sair melhor. Ele me ensinou a aprender e então reaprender, a estudar até que a resposta de cada questão estivesse codificada em minhas digitais. Eu havia dito a ele que queria ser médico, e ele acreditou em mim. Quando chegou a hora de fazer a inscrição, ele não só escreveu uma carta de recomendação, mas levou pessoalmente minha ficha por vinte quarteirões e a entregou ao diretor de admissões da Faculdade de Medicina de Columbia.

O fato de eu nunca ter desejado ser médico não era nada mais que uma nota de rodapé de uma história que não interessava a ninguém. Ninguém imagina que uma pessoa seja bem-sucedida em uma atividade tão difícil quanto a medicina sem se interessar por ela, mas descobri que eu era parte de uma tradição nobre e antiga de autossujeição. Chuto que pelo menos metade dos alunos da minha turma preferia estar em qualquer outro lugar. Estávamos cumprindo as expectativas que nos tinham sido estabelecidas: filhos de médicos deviam se tornar médicos para honrar a tradição; filhos de imigrantes deviam se tornar médicos para garantir uma vida melhor para suas famílias; filhos que eram incentivados a se dedicar mais e a ser os mais inteligentes deviam se tornar médicos porque na época medicina ainda era o curso que os inteligentes faziam. As mulheres ainda não podiam se



inscrever nos cursos de graduação em Columbia, mas havia algumas na minha turma. Quem sabe, talvez fossem as únicas que realmente queriam estar lá. Ninguém esperava ter uma filha médica em 1970, as filhas ainda precisavam lutar por isso. A M&C, como era conhecida a Faculdade de Médicos e Cirurgiões, tinha um grupo de teatro de sucesso, composto de alunos de medicina, e assistir às peças que o Clube M&C montava – os tristes futuros radiologistas e urologistas usando maquiagem pesada e irrompendo em músicas alegres – era ver o que talvez fizessem de suas vidas se suas vidas pertencessem apenas a eles mesmos.

O primeiro dia de orientação aconteceu em uma sala de palestras com cadeiras dispostas como em arquibancadas. Vários professores apresentaram casos impossíveis e disseram que, no fim do ano, seríamos capazes, se não de resolvê-los, pelo menos de discuti-los com embasamento. O chefe de cirurgia cardíaca subiu ao palco para exaltar as maravilhas do programa dessa cirurgia, e os garotos que tinham dito às suas mães que seriam cirurgiões cardíacos assoviaram e gritaram e aplaudiram, cada um deles pensando que estaria naquele palco um dia: o senhor de tudo. Então um neurologista apareceu, e outros membros da plateia aplaudiram. Um a um, cada órgão teve seu lugar ao sol: Rins! Pulmões! Ah, como eles sorriam! Éramos o bando de idiotas mais inteligente daquele lugar.

Quando estava na faculdade de medicina, eu tinha um telefone em meu apartamento. Todos tínhamos. Já no primeiro ano queriam que soubéssemos que poderíamos ser chamados ao hospital a qualquer momento. Meu telefone estava tocando quando entrei pela porta, na segunda semana de aula.

– Eu tenho uma novidade *incrível* – disse Maeve.

As taxas de interurbano caíam às seis horas, e mais uma vez às dez. O relógio marcava dez e cinco.

– Sou todo ouvidos.

– Almocei com o advogado Gooch hoje, estritamente social, ele acha que deve ser meu pai agora. No meio do almoço, ele disse que Andrea entrou em contato.

Houve uma época em que essa notícia poderia me animar, mas eu estava cansado demais para me importar. Se começasse a estudar imediatamente, poderia ir dormir às duas da manhã.

– E?

– Ela ligou para ele e disse que achava que mandar você para a escola de medicina era excessivo. Ela disse ter sido levada a acreditar que o fundo era apenas para a faculdade.

– Quem a levou a acreditar nisso?

– Ninguém, ela está inventando. Ela disse que não reclamou quanto à Choate porque você acabara de perder o pai, mas a essa altura ela acha que estamos drenando o fundo.

– Nós estamos drenando o fundo.

Sentei-me na única cadeira da cozinha e me encostei na mesinha. O telefone ficava na cozinha, que eu chamava de armário-cozinha. Acompanhei o caminho de uma barata que passou em frente ao armário amarelo de metal e deslizou por debaixo da porta.

– Ele me disse que ela pesquisou quanto custa Columbia e descobriu ser a escola de medicina mais cara do país. Você sabia disso? A mais cara. Ela disse que isso prova que estamos de conluio contra ela, pois você podia ter ido estudar na UPenn por metade do que custa Columbia e deixar algum dinheiro para as meninas. Ela disse que simplesmente não ia mais pagar por Columbia.

– Mas ela não paga. O fundo paga.

– Ela acha que ela é o fundo.

Esfreguei os olhos e assenti para ninguém.

– Bom, o que o advogado Gooch diz? Ela tem alguma chance?

– Nenhuma! – A voz animada de Maeve soou alto em meu ouvido. – Ele disse que você pode continuar estudando pelo resto da vida.

– Isso não vai acontecer.

– Nunca se sabe. Existem muitas coisas fascinantes a explorar. Você poderia se dedicar à sua educação a vida toda.

Pensei no labirinto infinito que era o Centro Médico Columbia-Presbyterian, nossos professores em jalecos brancos navegando pelos corredores como deuses no paraíso.

– Eu não quero ser médico. Você sabe disso, não sabe?

Maeve nem titubeou.

– Você não precisa *ser* médico, só precisa estudar para se tornar um. Quando terminar, por mim, pode interpretar um médico na televisão. Pode ser o que quiser, desde que exija muita educação formal.

– Vá ajudar os pobres – disse eu.

Maeve dava aulas noturnas sobre como fazer um orçamento pela Caridades Católicas, e nas noites de terça-feira ela ficava acordada até tarde dando nota nos cadernos e corrigindo as contas.

– Preciso estudar.

– Queria que você conseguisse ficar feliz com isso – disse ela. – Mas a verdade é que não importa. Estou feliz o bastante por nós dois.

A felicidade estava suspensa para o futuro próximo. Eu estava fazendo Histologia Humana, Embriologia e Anatomia Macroscópica. As lições de química que o Dr. Able infundiu em mim se mantiveram firmes: eu respondia a todas as questões ao final de cada capítulo, e pela manhã acordava e respondia de novo. Fomos divididos em grupos de quatro, deram-nos um cadáver, uma serra e um bisturi e nos disseram para pôr mãos à obra. A única pessoa morta que eu tinha visto até então tinha sido meu pai, e foi fácil demais imaginar um grupo de jalecos brancos empoleirados como abutres em volta de sua cama, esperando para abri-lo. Desmontar, remontar. Nosso cadáver era mais velho que meu pai, um homem menor, de pele morena. Sua boca estava aberta do mesmo jeito horrível, como se o último ato universal fosse abrir a boca e não conseguir respirar uma última vez. Eu achava que para cortar um homem e etiquetá-lo seria necessário pelo menos algum grau de curiosidade, mas não foi o caso. Fiz porque era a tarefa proposta. Alguns dos meus colegas vomitaram no laboratório naquele primeiro dia, outros conseguiram chegar até o corredor ou mesmo até o banheiro, mas a carnificina da nossa tarefa só me atingiu quando eu saí, com o cheiro enjoativo do formaldeído ainda nas narinas. Vomitei na calçada do Washington Heights, ao lado dos drogados e dos bêbados.

Saía com Celeste de vez em quando durante o terceiro e o quarto anos de faculdade. Saía com outras mulheres também. Sair com mulheres era uma atividade que exigia atenção e planejamento e tempo, e durante o curso de medicina eu não podia me dar a nenhum desses luxos. Sair com Celeste quase não parecia namorar. Ela não pedia quase nada de mim e dava o máximo em troca. Era agradável e animada, bonita sem ser um distrativo. Quando ia à Filadélfia de trem, ela ia comigo. Maeve e eu a levávamos a Rydal, mas Celeste nunca insistia para que eu passasse algum tempo com sua família. Maeve e Celeste ainda eram carinhosas uma com a outra na época. Maeve estava feliz porque a Faculdade de Medicina de Columbia era cara, tinha as melhores classificações e não oferecia ajuda financeira.

Celeste estava feliz porque era mais para o norte do que o campus principal de Columbia, e, portanto, de acesso mais fácil para ela, que vinha da Thomas More, onde ainda estudava Língua Inglesa. Meu apartamento minúsculo ficava a duas quadras da faculdade de medicina, e Celeste vinha do Bronx depois da última aula de sexta à tarde e ficava comigo até a hora que seu turno começava, na recepção do escritório do reitor, segunda-feira de manhã. Quando eu estava na graduação, tínhamos de nos adaptar aos horários do meu colega de quarto, mas na faculdade de medicina acabamos caindo em uma espécie de casamento de três dias na semana, o que, em retrospectiva, provavelmente era a quantidade de casamento que éramos capazes de administrar. Vivíamos sob as regras que tinham sido estabelecidas quando nos conhecemos no trem: eu precisava estudar e ela precisava deixar. Mas também vivíamos nos Estados Unidos de 1969: a guerra se estendia, os manifestantes enchiam as ruas, os estudantes ainda ocupavam os escritórios administrativos e fazíamos tanto sexo protegido por diafragma e livre de culpa quanto o tempo permitia. Vou associar para sempre o estudo da anatomia humana não ao meu cadáver, mas ao corpo jovem de Celeste nu em minha cama. Ela me deixava passar as mãos sobre cada músculo e cada osso, nomeando-os conforme avançava. As partes que eu não conseguia ver eu sentia, e ao fazer isso aprendi a melhor maneira de atá-la a mim. O pouco de diversão que tive na época foi com Celeste – os montes de macarrão chinês em caixas brancas de papelão que comíamos no telhado do hospital tarde da noite, o dia que ela ganhou ingressos para assistirmos a *Perdidos na noite* do professor de francês, cuja intenção era que ela fosse com ele. Tudo estava indo bem entre nós, até ela concentrar sua atenção na formatura iminente. Ela queria começar a planejar o futuro. Foi quando me disse que deveríamos nos casar.

– Não posso me casar depois do primeiro ano de medicina – respondi, sem mencionar o fato de que eu não queria me casar. – As coisas vão ficar mais difíceis, não mais fáceis.

– Mas meus pais não vão nos deixar morar juntos, e não vão pagar um apartamento para eu ficar aqui esperando enquanto você termina os estudos. Eles não têm dinheiro para isso.

– Então você vai conseguir um emprego, não vai? É o que as pessoas fazem depois da faculdade.

Mas assim que disse isso entendi que *eu* deveria ser o emprego de Celeste. As disciplinas de poesia e a pesquisa sobre Trollope eram bacanas,

mas era a mim que ela estava estudando. Sua intenção era manter o apartamento minúsculo limpo e preparar o jantar e um dia ter um bebê. As mulheres liam sobre sua liberação, mas poucas viam como seria na prática. Celeste não fazia ideia do que fazer com uma vida que fosse só dela.

– Você está terminando comigo – disse ela.

– Não estou terminando com você.

O que eu queria era o que eu já tinha: três noites por semana. E, para ser totalmente sincero, ficaria mais feliz com duas. Eu não entendia por que ela tinha de dormir comigo aos domingos e acordar tão cedo na segunda para pegar o metrô de volta para a universidade.

Celeste se sentou na cama e ficou olhando pela janela para o respiradouro sujo e a parede de tijolos do outro lado. Estava sentada com a coluna arredondada, os belos cachos louros emaranhados sobre os ombros caídos, e eu quis dizer a ela que se sentasse direito. Tudo seria muito melhor para ela se conseguisse se sentar direito.

– Se não vamos adiante, então você vai terminar comigo.

– Eu não vou terminar com você – repeti, mas não me sentei na cama a seu lado e não segurei sua mão.

Seus olhos azuis impossivelmente redondos estavam se enchendo de lágrimas.

– Por que você não quer me ajudar? – perguntou, a voz tão baixa que eu mal consegui ouvir.



– Ajudar? – disse Maeve. – Ela não está falando sobre trocar um pneu. Ela quer que você case com ela.

Eu havia pegado o trem para passar o fim de semana em casa. Precisava conversar com minha irmã. Precisava pensar sobre algumas coisas sem a Celeste na minha cama, onde, apesar de insistir na ideia de que eu ia terminar tudo, ainda era onde ela dormia de sexta a segunda. Tinha ido para casa para dar um jeito em minha vida.

Maeve disse que tinha um maço de cigarros emergencial no porta-luvas, e decidimos que era um bom momento para ter uma recaída. As folhas e flores do início da primavera já bloqueavam a vista que tínhamos da Casa Holandesa. Cambaxirras patrulhavam a calçada, à procura de galhos.

– Você não pode casar no primeiro ano da faculdade de medicina. Isso é loucura. Ela não pode te pedir isso. E mesmo quando terminar o curso, quando começar a residência, as coisas só vão piorar. Você não vai ter tempo enquanto não terminar.

Naquele momento, a faculdade de medicina fez com que meus anos de graduação parecessem um demorado jogo de badminton. Eu não sabia ao certo como ia dar conta de tudo quando as coisas piorassem. E as coisas sempre iriam piorar.

– Quando terminar a residência, não vou ter tempo – disse. – Vou estar abrindo uma clínica, vou estar trabalhando. Ou não vou estar abrindo uma clínica, porque não tenho intenção de ser médico, então vou precisar arranjar um emprego, e *aí* não vai ser a hora certa. Posso dizer isso pelo resto da minha vida, não posso? Não é a hora certa.

Mas o Dr. Able tinha me dito que não era assim. Ele disse que o primeiro ano era o mais difícil, depois o segundo, e depois o terceiro. Ele disse que tudo era uma questão de aprender um novo sistema de aprendizagem e que, quanto mais eu avançasse, mais fluidas as coisas se tornariam. Eu não tinha contado ao Dr. Able sobre a Celeste.

Maeve tirou o plástico do maço. Quando acendeu o cigarro, percebi que ela não tinha parado de verdade. Parecia natural demais, relaxada demais.

– Então a questão não é a hora certa – disse ela. – Você merece se casar, e sempre vai ser a hora errada.

– Diabéticos não podem fumar.

Eu tinha avançado o suficiente na faculdade de medicina para saber disso. Na verdade, esse era um conhecimento que não tinha nada a ver com a faculdade de medicina.

– Diabéticos não podem fazer nada.

– Você testou seu nível de açúcar?

– Jesus, você vai começar a me perguntar sobre meu nível de açúcar? Não fuja do assunto. O que você vai fazer em relação a Celeste?

– Eu poderia casar com ela no verão.

Minha intenção era que soasse como um ataque, porque ela tinha me atacado, mas assim que as palavras saíram da minha boca tive um rompante surpreendente da praticidade. Por que não? Um apartamento limpo, comida boa, muito sexo, uma Celeste feliz, um nível de maturidade que eu ainda não tinha imaginado. Repeti as palavras só para senti-las saindo da minha boca. Pareciam sábias de alguma forma. *Eu poderia casar com ela no*

*verão*. Todos os vários cenários que eu havia imaginado até então envolviam decepcionar Celeste – ela ficaria magoada e eu me sentiria culpado, então, depois que terminasse, sentiria falta da mulher nua em minha cama. Mas não tinha considerado a possibilidade de dizer sim, de ver isso simplesmente como a primeira de uma longa série de inconveniências que viriam. Talvez casar agora não piorasse as coisas. Talvez melhorasse.

Maeve concordou, como se aquilo fosse o que ela esperava que eu dissesse.

– Você se lembra de quando o papai e Andrea se casaram?

– É claro.

Ela não estava me ouvindo.

– É estranho, mas minha memória sempre confunde o casamento e o velório.

– Não, eu também faço isso. Acho que tem a ver com as flores.

– Você acha que ele a amava?

– Andrea? – perguntei, como se pudéssemos estar falando de outra pessoa. – De jeito nenhum.

Maeve concordou novamente e soltou um longo fluxo de fumaça pela janela.

– Acho que ele estava cansado de ficar sozinho, é o que eu acho. Acho que havia um buraco enorme em sua vida, e Andrea estava sempre ali, dizendo a ele que ela era a pessoa que podia preencher esse buraco, e uma hora ele decidiu acreditar nela.

– Ou ficou cansado de ouvi-la.

– Você acha que ele casou com ela só para que ela se calasse?

Dei de ombros.

– Ele casou com ela para não precisar mais discutir se precisavam casar ou não.

Assim que disse isso, entendi do que estávamos falando.

– Então você ama Celeste e quer passar a vida com ela.

Ela não estava fazendo uma pergunta. Estava apenas se certificando, finalizando o assunto.

Eu não casaria no verão. A ideia se esvaiu com a mesma velocidade e certeza com que tinha surgido, e a sensação que ficou era tudo o que eu tinha imaginado: tristeza, elação, perda.

– Não, não assim.

Ponderamos a decisão final por um tempo.

- Tem certeza?  
Fiz que sim com a cabeça e acendi mais um cigarro.  
– Por que nunca falamos sobre a sua vida amorosa? Seria um grande alívio para mim.  
– Para mim também – disse Maeve –, mas eu não tenho uma vida amorosa.  
Olhei nos olhos dela.  
– Eu não acredito em você.  
E minha irmã, que seria capaz de encarar uma coruja, virou o rosto.  
– Bem, devia acreditar.



Depois que voltei de Jenkintown, Celeste decidiu que era tudo culpa da Maeve.

– Ela disse para você terminar comigo três semanas antes das provas finais? Quem faz uma coisa dessas?

Estávamos no meu apartamento. Eu tinha dito a ela que não viesse, que eu pegaria o metrô até o Bronx e poderíamos conversar lá, mas ela disse que isso era ridículo.

- Não vamos conversar na frente da minha colega de quarto.  
– Maeve não me disse para terminar com você. Ela não me disse nada. Tudo o que ela fez foi ouvir.  
– Ela falou para você não casar comigo.  
– Ela não falou.

– Quem é que conversa com a irmã sobre essas coisas? Você acha que quando meu irmão estava decidindo se fazia ou não odontologia ele veio até o Bronx para que pudéssemos decidir juntos? As pessoas *não* fazem isso. Não é natural.

– Talvez ele não quisesse conversar com você. – Senti um acesso rápido de irritação e deixei que virasse raiva, a raiva sendo infinitamente melhor que a culpa. – E talvez porque soubesse que você não ia ouvir. Ou talvez ele quisesse conversar com seus pais, porque você *tem* pais. Eu tenho a Maeve, tá bom? É isso.

Celeste sentiu sua vantagem escorrer pelos dedos e mudou de rumo como um pequeno veleiro em uma ventania.

- Ah, Danny.



Ela colocou a mão em meu braço.

– Deixa pra lá – disse, como se fosse eu que estivesse prestes a sofrer. – Não vai dar certo. Não precisa ser culpa de ninguém. Não é a hora certa, só isso.

E por essa pequena fala conciliatória dita sem pensar ela foi para a cama comigo mais uma vez. Depois, disse que queria passar a noite comigo, que iria embora assim que amanhecesse, mas eu disse não. Sem mais discussão, embalamos as coisas dela e nos sentamos lado a lado no metrô de volta ao Bronx, cada um com uma sacola no colo.

# 10

FUI MUITO BEM na residência em cirurgia. Fui tão cuidadoso quanto qualquer outro aluno da turma, mas duas vezes mais rápido, o que prova que o basquete teve serventia. A rapidez era o modo como hospitais ganhavam dinheiro, então, embora a precisão fosse muito apreciada, a rapidez era o que fazia com que você se destacasse. Logo antes da formatura, o médico responsável me pressionou a passar mais três anos em uma subespecialidade em cirurgia torácica depois da residência. Eu tinha passado as duas últimas horas ajudando em uma lobectomia inferior direita, e ele admirou a destreza dos meus nós. Estávamos sentados em uma salinha com alguns beliches e uma mesa, um lugar onde deveríamos dormir durante vinte minutos entre os atendimentos. Achei que ainda estava com cheiro de sangue, e me levantei pela segunda vez para lavar o rosto na pequena pia que ficava no canto, enquanto o médico responsável não parava de falar sobre meu talento lucrativo. Eu não estava muito bem-humorado, e, enquanto me secava com toalhas de papel, disse a ele que eu podia ter talento, mas não planejava usá-lo.

– Então o que você está fazendo aqui?

Ele estava sorrindo, esperando o final daquilo que tinha certeza que era uma piada.

Balancei a cabeça.

– São os plantões. Não é para mim.

Não havia por que explicar. Os pais dele provavelmente tinham vindo de Bangladesh para que um dia ele pudesse ser cirurgião em Nova York. Sua família inteira certamente estava tomada de dívidas, e ele não precisava ouvir sobre o esforço necessário para liquidar um fundo de educação.

– Olha só – disse ele, tirando a parte de cima do uniforme e jogando-a no cesto –, os cirurgiões são os reis. Se você pode ser um rei, não tem por que ser um valete, certo?

Dava para ver todos os ossos de sua caixa torácica.

– Eu sou um valete – respondi.

Ele riu, embora eu não tivesse feito nenhuma piada.

– Existem dois tipos de pessoa que saem deste lugar: cirurgiões e aqueles que não conseguiram se tornar cirurgiões. Ninguém mais. Você vai ser cirurgião.

Eu disse a ele que ia pensar, só para que ficasse quieto. Meus vinte minutos agora tinham virado catorze, e eu precisava de cada um deles. Estava mais exausto do que nunca. Queria dizer a ele que não ia fazer mais uma residência, ou um estágio. A residência acabaria, e eu desvendaria o mercado imobiliário e sairia daquele lugar sem nem olhar para trás.

Mas não disse isso. Tentei e falhei e tentei mais uma vez e falhei mais uma vez. Os prédios ficavam no mercado durante anos e depois eram vendidos por uma fração do que valiam. Vi prédios em execução fiscal sendo vendidos por meros mil e duzentos dólares, e mesmo quando eram apenas cascas queimadas e cobertas de grafites, mesmo quando cada janela tinha sido quebrada, eu achava que seria eu que iria salvá-los. Não as pessoas, veja só, aquelas que talvez tivessem morado naqueles prédios. Eu não tinha delírios de que salvaria os homens e mulheres que lotavam os corredores do pronto-socorro, esperando por um minuto do meu tempo. Eu queria os prédios. Mas aí teria de acertar os impostos atrasados, comprar as portas, consertar as janelas, pagar o seguro. Teria de despachar os invasores e os ratos. Não sabia como fazer nenhuma dessas coisas.

Apesar de todas as promessas que já tinha feito a mim mesmo, entrei no programa de estágio do Albert Einstein no Bronx. Além de não ser preciso pagar mensalidade nos estágios (“Tudo bem”, disse Maeve, “eu não sabia disso”), eles me pagavam. A essa altura, o fundo só era obrigado a cobrir meu aluguel e me dar uma pequena quantia para gastos, que eu já estava bancando. Não estava mais drenando Andrea, não que um dia estivesse. Não estava mais vingando minha irmã. Estava, na verdade, finalizando minha formação em medicina. Tinha um bom relacionamento com as pessoas com quem trabalhava, impressionava os professores, ajudava meus pacientes e todos os dias reafirmava as lições que tinha aprendido em química: você não precisa gostar do seu trabalho para desempenhá-lo bem. Continuei no Albert Einstein durante a residência e, apesar de ainda ir até a faculdade de direito de Columbia, onde ficava no fundo da sala para assistir às aulas sobre direito imobiliário, essas idas eram raras e espaçadas. Acompanhava o mercado imobiliário como outros homens acompanhavam beisebol: memorizava estatísticas e nunca jogava.

O Dr. Able continuava de olho em mim, ou talvez, como ele diria, tivéssemos nos tornado amigos. Ele me convidava para tomar café cada três ou quatro meses e ficava insistindo até que marcássemos uma data. Falava sobre seus alunos, eu reclamava sobre a carga de trabalho. Conversávamos sobre política departamental ou, quando estávamos na companhia de nossas melhores versões, ciência. Eu não conversava com ele sobre imóveis, nem perguntava se química era mesmo o que ele queria ter feito na vida. Não teria me ocorrido perguntar. A garçonete trouxe nosso café.

– Vamos para Londres no verão – disse ele. – Alugamos um apartamento em Knightsbridge. Duas semanas. Nossa filha está trabalhando lá, a Nell. Você conhece a Nell.

– Eu conheço a Nell.

O Dr. Able raramente mencionava a família, ou em respeito à minha situação ou porque não era essa a natureza de nosso relacionamento, mas naquele dia de primavera ele estava feliz demais para manter a vida pessoal só para si.

– Ela está fazendo restauração artística. Foi para lá há três anos para um pós-doutorado que virou um emprego de tempo integral. Acho que nunca mais vai voltar.

Não havia motivo para mencionar que Nell Able e eu tínhamos trocado um beijo encharcado de champanhe em uma virada de ano no apartamento dele anos antes. Ela entrou no quarto dos pais enquanto eu vasculhava uma pilha de casacos pretos na cama, procurando pelo casaco preto da Celeste. O quarto estava escuro, a um milhão de quilômetros da música e das gargalhadas estridentes. Nell Able. Caímos sobre a pilha de casacos por alguns minutos antes de nos recompormos.

– Não fomos visitá-la nem uma vez desde que ela foi embora – continuou o pai. – Sempre a obrigamos a vir até nós. Mas Alice finalmente conseguiu uma grande doação para a campanha do Prédio de Ciências da Saúde. Há cinco anos que ela está atrás desse dinheiro. Alice disse a eles que pediria demissão se não pudesse tirar férias.

Alice Able, que havia gentilmente arrumado um lugar para mim em sua mesa todos aqueles anos, trabalhava no escritório de desenvolvimento da Faculdade de Medicina de Columbia. Perguntei-me se algum dia eu soube mais sobre o seu trabalho do que isso. Perguntei-me se o Dr. Able me contava sobre isso há muito tempo: o trabalho de sua esposa era levantar fundos para um novo prédio de Ciências da Saúde. Perguntei-me se a

própria Alice tinha me contado isso e eu só não tinha registrado. Eu a encontrava de vez em quando, caminhando pelo campus. Ela perguntava sobre minhas aulas. Será que eu devolvia uma pergunta apenas para cumprir os princípios de uma conversa educada, ou simplesmente respondia e esperava que ela me perguntasse mais alguma coisa?

– Hoje em dia eles fazem uma espécie de raios X dos quadros – dizia o Dr. Able –, para descobrir se há outros quadros por baixo. É pentimento, mas sem as adivinhações.

– Onde? – perguntei.

Eu senti o que estava por vir antes que pudesse compreender completamente – meu futuro, aquele momento.

– Na Tate – disse o Dr. Able – Nell está na Tate.

Bebi um gole do café, contei até dez.

– Onde eles vão construir o novo prédio de Ciências da Saúde?

Ele fez um gesto com a mão que indicava o norte.

– Não faço ideia. É de pensar que seria a primeira resolução, mas enquanto não conseguirem uma doação substancial, eles não assumem nenhum compromisso. Imagino que deva ser em algum lugar próximo ao Armory. Você ficou sabendo do Armory? Aquilo vai ser um desastre.

Assenti, e quando a garçonete trouxe a conta eu peguei. O Dr. Able brigou por ela, mas, pela primeira vez, eu venci.

Parei na livraria de Columbia para comprar alguns mapas do campus do Centro Médico e do Washington Heights antes de voltar para o Bronx. Os alunos de graduação por quem passei pareciam garotos de catorze anos, com os cabelos desgrehados e descalços a caminho da praia. Sentei-me nos degraus da Biblioteca Butler em frente ao Campo Sul e abri minhas compras. Como o Dr. Able, eu imaginava que a área próxima ao Armory era inevitável, mesmo que a faculdade de medicina ainda não tivesse chegado a essa conclusão. O Armory estava prestes a se tornar um abrigo com mil e oitocentas camas para os sem-tetos, o que sem dúvida reduziria o preço dos estacionamento ao redor. Não foi difícil encontrá-los. No fim daquela semana, eu já tinha dois contratos com período de diligência de seis meses. Depois de todos aqueles anos dando com a cara na porta, encontrei-a escancarada. O vendedor era um homem que já estava convencido de que não tinha outra opção. Ele tinha demitido o corretor e usou camisa de botão e gravata para nossa reunião, com a esperança de resolver as coisas por conta própria. Estava cansado o suficiente para aceitar o acordo que ofereci.

Eu disse a ele que era médico, e os médicos não tinham um lugar seguro onde estacionar. Ele riu quando eu disse que era por isso que nenhum de nós tinha carro. Ele gostou tanto de mim que sentiu pena por estar me enfiando dois estacionamentos postos à venda havia três anos. Achou que eu estava cortando a própria garganta quando pedi que acrescentássemos uma cláusula ao contrato: ele abriria mão do direito de mudar de ideia, e eu também. Estávamos presos nisso juntos. O vendedor sairia com o dinheiro na mão em seis meses. O comprador arranjaría aquele dinheiro e reivindicaria os estacionamentos. Pensando agora, parecia completamente óbvio, mas na época era como se eu estivesse de costas para uma mesa de dados, jogando-os por sobre o ombro. Estava comprando dois estacionamentos próximos a um abrigo para sem-tetos enorme. Estava apostando um dinheiro que não tinha na expectativa de ser dono de uma terra que estaria sob um prédio que ainda seria construído. Estava contando que a decisão sobre o local do prédio seria tomada antes que eu precisasse conseguir um empréstimo que jamais me concederiam.

Cinco meses depois, vendi os estacionamentos para a Faculdade de Médicos e Cirurgiões, e com o lucro considerável paguei ao vendedor, consegui um empréstimo do Fundo Habitacional e dei o sinal do meu primeiro prédio na rua West 116th. A maioria das dezoito unidades estava ocupada, o espaço comercial no térreo era dividido entre uma lavanderia e um restaurante chinês – ambos em situação financeira saudável. De acordo com o mercado, o prédio estava subvalorizado em doze por cento. Eu finalmente estava buscando oportunidades que ultrapassavam meus recursos. Eu não era médico. Era, enfim, eu mesmo. Teria desistido da residência no dia em que assinei o contrato, mas Maeve disse não.

– Você ainda pode fazer doutorado em química – disse ela ao telefone. – Você gostava de química.

Eu não gostava de química, só acabei descobrindo que era bom na disciplina. Já havíamos tido essa conversa.

– Então pense em fazer administração. Seria útil agora, ou direito. Você seria invencível com um diploma em direito.

A resposta foi não. Eu tinha uma carreira, ou pelo menos o início de uma. Foi o mais próximo que cheguei da rebeldia.

– Bem – disse ela. – Não faz sentido desistir agora. Termine o que começou.

Maeve aceitou fazer a contabilidade e lidar com os impostos enquanto eu voltava para o Albert Einstein para cumprir os quase seis meses que restavam. Não me arrependi. Aqueles últimos meses foram a única parte da formação em medicina que eu realmente gostei, sabendo que estava prestes a ficar livre. Comprei dois casarões em execução fiscal, um por mil e novecentos dólares e o outro por dois mil e trezentos dólares. Eram desastres. Eram meus.

Três semanas depois, fui à Imaculada Conceição em Jenkintown para o velório do Sr. Martin, meu técnico de basquete do colégio. Câncer de pulmão de células não pequenas aos cinquenta anos, sem nunca ter fumado. O Sr. Martin tinha sido bom comigo naqueles dias agitados após a morte de meu pai, e eu me lembrava de sua esposa, que ficava sentada nas arquibancadas em todos os jogos e incentivava o time, uma mãe para todos nós. Depois do velório houve uma recepção no porão da igreja, e quando vi uma menina de vestido preto com o cabelo louro bem preso, fui até ela e toquei seu ombro. Assim que Celeste se virou, eu me lembrei de cada pequena coisa de que gostava nela. Não houve recriminações nem distância. Aproximei-me para beijar seu rosto, e ela apertou minha mão, como talvez faria se o encontro no porão depois do velório fosse nossa intenção. Celeste era amiga da filha dos Martins, um detalhe de que tinha me esquecido ou que nunca soube.

Aprendi muito sobre Celeste nos anos em que não estivemos juntos: passei a ver sua disposição em não ser uma distração como algo que exigia esforço. Nem sabia que devia ser grato, até ficar com outras mulheres que queriam ler artigos de jornal em voz alta para mim de manhã enquanto eu estudava, ou seu horóscopo, ou meu horóscopo, ou me explicar seus sentimentos enquanto choravam, porque eu nunca explicava meus sentimentos a elas. Celeste, por outro lado, mergulharia no enorme romance inglês que estivesse lendo e ficaria lá. Ela não batia pratos tentando chamar minha atenção nem andava na ponta dos pés para mostrar quanto tomava cuidado para não fazer barulho. Ela descascava e cortava um pêssego e o servia em um prato, ou preparava um sanduíche e deixava sobre a mesa sem falar nada, como Sandy e Jocelyn faziam. Celeste era tão competente em fazer de mim sua ocupação que eu nem percebi que ela fazia isso. Só depois que ela foi embora percebi que ela ficava nas noites de domingo, porque domingo era quando ela lavava os lençóis e o resto da roupa, arrumava a cama e depois voltava a se deitar.

Nós retomamos de onde paramos, ou melhor, naquele lugar onde estávamos uns meses antes do fim. Ela tinha voltado para a casa dos pais em Rydal. Era professora de alfabetização na escola pública. Disse que sentia falta da cidade. Logo ela passou a pegar o trem às sextas-feiras à noite e voltar para casa no domingo, como eu sempre quis que fizesse. Ela fazia planos de aula enquanto eu trabalhava no hospital. Se questionavam a moralidade desse acordo, seus pais nunca disseram uma palavra. Celeste estava selando o acordo, e eles deixariam que ela fizesse do seu jeito.

Durante todos os anos que passamos juntos, desde aquela primeira viagem de trem e do livro de química, eu nunca contei a Celeste sobre meus planos. Ela sabia que eu não tinha pais, mas não sabia dos detalhes do significado disso. Não sabia sobre Andrea ou o fundo, ou que tínhamos morado na Casa Holandesa. Não sabia que eu tinha comprado dois estacionamentos e vendido ambos para comprar um prédio, ou que nunca me dedicaria à medicina. Eu não tinha nem mesmo tomado a decisão consciente de excluí-la de tudo isso, apenas não tinha o hábito de conversar sobre minha vida. O programa de residência estava quase no fim, e meus colegas tinham feito entrevistas, aceitado ofertas e dado sinal a empresas de mudança. Celeste, que se orgulhava de não fazer muitas perguntas, teve de ficar se perguntando para onde eu iria e se a levaria comigo ou não. Eu percebia que ela estava se controlando, lembrando-se do que tinha acontecido na última vez em que me deu um ultimato. Eu sabia que a incerteza era assustadora para ela, e ainda assim fiz amor com ela e comi os jantares que ela preparou e adiei conversar com ela o máximo que pude, porque era mais fácil.

No fim, é claro, contei tudo a ela. Não há como pular em um lago pela metade. Uma explicação levou a outra, e logo estávamos voltando no tempo: minha mãe, meu pai, minha irmã, a casa e Andrea e as meninas e o fundo. Ela ouviu tudo e, conforme as histórias sobre o passado eram reveladas, não sentia nada além de compaixão por mim. Celeste não se perguntou por que eu tinha demorado tanto para contar sobre minha vida, considerava o fato de eu estar contando agora uma prova do meu amor. Coloquei a mão em sua coxa e ela cruzou a outra perna sobre ela, prendendo-a. A única coisa que era incompreensível para ela era o detalhe menos interessante de toda a saga: eu não seria médico.

— Mas por que passar por todo esse treinamento se você não vai pôr em prática?



Estávamos sentados em um banco em frente ao rio Hudson. Nós dois estávamos de camiseta no fim de abril.

– Toda a formação. Todo o dinheiro.

– Esse era o objetivo – respondi.

– Você não queria fazer medicina. Tudo bem. Chegou a isso por outro caminho. Mas você é médico agora. Precisa pelo menos tentar.

Balancei a cabeça. Havia um rebocador não muito distante de nós levando uma barça enorme, e parei um instante para me deleitar com a física daquilo.

– Não vou ser médico.

– Você ainda nem tentou. Não pode desistir de algo que não começou.

Eu ainda estava observando o rio.

– A residência é isso. É a prática da medicina.

– Então o que você vai fazer da vida?

Tudo em mim queria devolver a pergunta a ela, mas não fiz isso.

– Administrar imóveis e incorporação. Sou dono de três prédios.

– Você é médico e vai vender imóveis?

Celeste não tinha direito de opinar sobre meu futuro.

– É um pouco mais que isso.

Percebi a condescendência pacificadora em minha voz. Ela se recusou a compreender a parte mais simples daquilo que eu estava dizendo.

– É um desperdício – disse, seus olhos brilhando de raiva. – Não sei como você consegue viver com isso, de verdade. Você tirou a vaga de alguém, já pensou nisso? Alguém que queria ser médico.

– Acredite em mim, quem quer que seja esse alguém, ele também não queria ser médico. Fiz um favor a esse cara.

O problema não era meu, afinal – era dela. Celeste estava decidida a se casar com um médico.



Maeve e eu estávamos jogando tênis no colégio quando ela interrompeu o jogo depois de um único raio. Minha raquete era de alumínio, e ela disse que não queria me ver eletrocutado ao sacar. Então entramos no carro e fomos até a Casa Holandesa, só para dar uma olhada nas coisas antes de escurecer. O verão tinha praticamente terminado, e logo eu teria de voltar

para o segundo ano em Choate. Nós dois estávamos desolados por isso, cada um à sua maneira.

– Eu me lembro da primeira vez que vi essa casa – disse Maeve, do nada.

O céu carregado pairava sobre nós, esperando para desabar.

– Você não se lembra. Era só um bebê.

Ela abriu a janela do Volkswagen.

– Eu tinha quase seis anos. A gente se lembra das coisas que aconteceram quando tinha seis anos. Vou te dizer uma coisa: você se lembraria de ter vindo aqui.

Ela estava certa, é claro. Eu me lembrava da minha vida com muita clareza desde que a Fofinha abriu minha cabeça com uma colher de pau.

– Então o que aconteceu?

– O papai pegou emprestado o carro de um cara e nos trouxe da Filadélfia. Devia ser sábado, ou isso ou ele tirou um dia de folga do trabalho.

Maeve parou e olhou através das tílias, tentando se imaginar lá. No verão não dava para ver nada, as folhas eram muito grossas.

– Chegando pela calçada, a casa era chocante. É a única palavra que pode descrever o momento. Quer dizer, para você é natural, você nasceu aqui. Você provavelmente cresceu achando que todo mundo morava numa casa como essa.

Balancei a cabeça.

– Eu achava que todo mundo que estudava em Choate morava numa casa como essa.

Maeve riu. Embora tivesse me obrigado a ir para o internato, ficava feliz sempre que eu falava mal dele.

– O papai já tinha comprado o lugar, e a mamãe não sabia de nada.

– *O quê?*

– Estou falando sério. Ele comprou para ela. Queria que fosse surpresa.

– Onde ele conseguiu o dinheiro?

Ainda na adolescência, essa era minha primeira pergunta.

Maeve balançou a cabeça.

– Tudo o que sei é que morávamos na vila militar e ele disse que íamos dar uma volta no carro do amigo dele. Leve um almoço! Todos no carro! Quer dizer, só isso já era loucura. Nunca tínhamos pegado o carro de alguém emprestado antes.

A família eram eles três. Eu não existia.

Maeve estava com o braço bronzeado esticado sobre o banco atrás de minha cabeça. Tinha conseguido um emprego para mim na Otterson no verão, contando as embalagens de milho e colocando-as em caixas. Nos fins de semana, jogávamos tênis no colégio. Deixávamos as raquetes e uma latinha de bolas de tênis no carro, e às vezes ela aparecia na hora do almoço para me levar para um jogo. Bem no meio do dia de trabalho, e ninguém dizia uma palavra, como se ela fosse dona do lugar.

– O papai estava quase alegre no caminho. Ficava parando no acostamento da estrada para me mostrar as vacas, me mostrar as ovelhas. Perguntei onde elas dormiam à noite, e ele disse que havia estábulos, estábulos enormes do outro lado daquela colina, e cada vaca tinha o próprio quarto. A mamãe olhou para ele e eles caíram na gargalhada. A coisa toda foi muito divertida.

Pensei nos incontáveis quilômetros que meu pai e eu percorremos juntos ao longo dos anos. Ele não era o tipo de homem que parava no acostamento para observar vacas.

– Difícil de imaginar.

– Como eu disse, foi há muito tempo.

– Tá bom, então vocês chegaram aqui.

Ela assentiu, vasculhando a bolsa.

– O papai foi até a porta da frente e nós três descemos do carro e ficamos ali, boquiabertos. A mamãe perguntou a ele se era um museu e ele fez que não com a cabeça, então ela perguntou se era uma biblioteca, e eu disse “é uma casa”.

– Era igual ao que é hoje?

– Basicamente. O quintal estava mal cuidado. Lembro que a grama estava bem alta. O papai perguntou à mamãe o que ela achava da casa, e ela respondeu “É uma casa e tanto”. Então ele olhou para ela com um sorriso enorme e disse “É *sua* casa. Comprei para você”.

– Sério?

O ar dentro do carro estava pesado e quente. Mesmo com as janelas abertas, nossas pernas colavam no banco.

– Do. Na. Da.

Qual era a ideia? Ser romântico? Eu era adolescente, e a ideia de comprar uma mansão de surpresa para a esposa tinha toda a cara de ser

amor, segundo meu entendimento, mas também conhecia minha irmã, e sabia que ela não estava me contando uma história de amor.

– E?

Maeve acendeu o cigarro com um fósforo. O acendedor do Volkswagen nunca funcionava.

– Ela não entendeu, mas, também, como poderia? A guerra tinha acabado de terminar, morávamos na vila militar em uma caixinha de sapatos de dois quartos. Era como se ele tivesse levado mamãe até o Taj Mahal e dito “Muito bem, agora vamos morar aqui, só nós três”. Alguém podia olhar na sua cara e te dizer isso e você não entenderia.

– Vocês entraram?

– Claro que entramos. Ele estava com a chave no bolso. Era *dono* da casa. Pegou a mão da mamãe e subimos a escada. Se parar para pensar, *aqui* é a entrada da casa – Maeve estendeu a mão aberta para a paisagem –, a rua, as árvores, a calçada. É isso que mantém as pessoas do lado de fora. Mas aí você chega até a casa e a fachada é de vidro, então no mesmo instante a casa inteira se abre para você. Não só nunca tínhamos visto uma casa como aquela, como nunca tínhamos visto o tipo de coisa que existia numa casa como aquela. Coitada da mamãe. – Maeve balançou a cabeça ao lembrar. – Ela estava apavorada, como se ele fosse enfiá-la em um cômodo cheio de tigres. Ela ficava dizendo “Cyril, é a casa de alguém. Não podemos entrar”.

Foi assim que aconteceu com os Conroys: uma geração foi empurrada porta adentro e a seguinte foi empurrada porta afora.

– E você?

Ela pensou antes de responder.

– Eu era criança, então fiquei interessada. Estava incomodada pela mamãe, porque ela obviamente estava paralisada, mas também entendia que era nossa casa e íamos morar aqui. Crianças de cinco anos não entendem nada de imóveis, tudo são contos de fadas, e nos contos de fadas o personagem principal fica com o castelo. Fiquei com pena do papai, se quer saber a verdade. Nada do que ele tentava fazer estava dando certo. Talvez tivesse mais pena dele do que dela. – Maeve encheu os pulmões de fumaça cinza e suave e soltou-a no céu. – Eis uma confissão chocante para você. Você se lembra de como a entrada ficava quente à tarde, mesmo quando não estava tão quente assim do lado de fora?

– Claro.

– Foi assim. Começamos a andar pela casa, a princípio não muito para dentro, porque mamãe não queria ficar longe da porta. Eu me lembro que o navio do relógio de pêndulo estava parado nas ondas, porque ninguém tinha dado corda. Lembro-me do piso de mármore e do lustre. Papai tentava ser o guia: “Olhe este espelho! Olhe a escada!” Como se talvez ela não tivesse visto a escada. Ele tinha comprado a casa mais bonita da Pensilvânia, e sua esposa olhava para ele como se tivesse dado um tiro nela. Acabamos entrando em cada um dos cômodos. Você consegue imaginar? Mamãe ficava dizendo “Quem são essas pessoas? Por que elas deixaram tudo?”. Andamos pelo corredor dos fundos com todos aqueles pássaros de porcelana, cada um em sua prateleira. Meu Deus, eu amei tanto aqueles pássaros. Queria enfiar um no bolso. Papai disse que a casa tinha sido construída pelos VanHoebeeks no início da década de 1920 e todos estavam mortos. Então fomos até a sala de estar e ali estavam eles, os VanHoebeeks gigantes olhando para nós como se fôssemos ladrões.

– Todos estão mortos – disse como se fosse meu pai –, e eu comprei a casa deles do banco, portanto vamos ficar com todas as coisas deles.

Tudo ainda estava lá? As roupas estavam penduradas nos armários? Eu nem conhecia minha mãe, mas me senti mal por ela ao pensar nisso tudo.

– Demorou um pouco até que papai subisse as escadas. Passamos por todos os quartos. Tudo estava lá: suas camas e seus travesseiros e suas toalhas em seus banheiros. Eu lembro que havia uma escova prateada sobre a penteadeira no quarto do casal cheia de cabelo. Quando chegamos ao meu quarto, papai disse: “Maeve, achei que talvez você pudesse gostar deste quarto.” Que tipo de criança não gostaria? Você se lembra daquela noite em que o mostramos a Norma e Bright?

– Sim, lembro.

– Bom, vou admitir, eu era exatamente como elas. Fui direto para o banco junto à janela, e papai fechou as cortinas. Shangri-lá. Fiquei enlouquecida. Então mamãe ficou enlouquecida, porque ainda achava que a coisa toda seria esclarecida, e eu ia ficar arrasada por não ter meu quarto de princesa. Ela disse: “Maeve, saia daí. Isso não é seu.” Mas era. Eu sabia que era.

– Você sabia na época?

Eu nunca estive em posição de entender o que me tinha sido dado. Só entendia o que tinha perdido.

Ela deu um sorriso cansado e passou a mão em minha nuca. Meu cabelo estava curto e o pescoço, raspado. As coisas eram assim em Choate, mesmo em meados dos anos 1960.

– Eu entendia em partes, mas não, para falar a verdade, não entendi a coisa toda até que Norma e Bright reencenaram minha infância. Acho que foi por isso que senti pena delas, porque, de alguma forma, eu apenas estava sentindo pena de mim mesma.

– Então foi esse o tema da noite. Eu definitivamente estava com pena de mim mesmo.

Maeve deixou o comentário passar. Pela primeira vez era a história dela, não a minha.

– Depois do fiasco do quarto, subimos para o terceiro andar. O papai queria nos mostrar tudo. Ele sabia que o passeio estava ficando cada vez pior, mas não conseguia se conter. O terceiro andar quase o esgotou. Ele usava uma órtese no joelho que não encaixava muito bem, e teve de subir a escada sem dobrar a perna. A escada foi um inferno para ele. Ele dava conta de um lance, mas não de dois. Ele não tinha subido até o terceiro andar quando comprou a casa, e, quando finalmente chegamos lá, descobrimos que parte do teto no salão tinha caído. Parecia que uma bomba havia explodido, pedaços grandes de gesso caídos pelo piso. Guaxinins tinham roído até conseguir entrar na casa, aqueles com pulgas. Tinham partido o colchão do quartinho ao meio para fazer seu ninho, rasgado os travesseiros e a colcha, e havia penugem e penas por toda parte. O cheiro era horrível e brutal, de animal selvagem e da merda desse animal e do primo morto desse animal, tudo ao mesmo tempo. – Maeve fez uma careta ao se lembrar. – Se queria causar uma primeira impressão boa, *não* devia ter nos levado ao terceiro andar.

Eu ainda estava em um ponto da vida em que a casa era o herói de toda história, nossa terra perdida e amada. Havia uma cerca viva bem cuidada criada para crescer em volta da caixa de correio, e eu quis descer do carro e atravessar a rua e passar a mão nela, como costumava fazer sempre que Sandy pedia que eu fosse pegar a correspondência, como se ainda fosse minha casa.

– Por favor, diga-me que vocês foram embora depois disso.

– Ah, querido, não, estávamos apenas começando.

Maeve virou de costas para a casa e ficou de frente para mim. Estava com a camiseta de Choate que eu tinha dado a ela e uma bermuda velha, e

puxou as pernas compridas e bronzeadas para cima do banco.

– A perna do papai estava doendo muito, mas ele foi até o carro e pegou o almoço embalado, depois pegou pratos da cozinha e encheu copos com água da torneira e preparou tudo na sala de jantar, enquanto mamãe ficou sentada naquelas cadeiras horríveis da entrada, tremendo. Ele colocou os sanduíches nos pratos e nos chamou. Para a sala de jantar! Quero dizer, se tivesse ao menos olhado para ela para ver o que estava acontecendo, ele nos faria comer na cozinha ou no carro ou em algum lugar que não tivesse um teto azul e dourado. A sala de jantar era insuportável no melhor dos dias. Ele a levou até a mesa como se ela fosse cega. Ela pegava o sanduíche e soltava de novo no prato, enquanto papai seguia falando sobre hectares e sobre quando a casa tinha sido construída e como os VanHoebeeks tinham feito fortuna com cigarros durante a última guerra. – Ela deu uma última tragada no cigarro e o apagou no cinzeiro do carro. – Obrigada, VanHoebeeks.

Um trovão ressoou e a chuva caiu de uma vez, uma explosão de gotas enormes que limpou o para-brisa. Nenhum de nós dois fez menção de fechar as janelas.

– Mas vocês não dormiram lá. – Eu disse como se soubesse disso, porque não suportaria o contrário.

Maeve balançou a cabeça. A chuva fazia tanto barulho no teto que ela precisou falar um pouco mais alto. Nossas costas estavam ficando encharcadas.

– Não. Ele nos levou para fora por um instante, mas o terreno estava uma bagunça. A piscina estava cheia de folhas. Eu quis tirar os sapatos e as meias e colocar os pés na água assim mesmo, mas a mamãe não deixou. Achei que ela estava segurando minha mão porque estava com medo que eu saísse correndo, mas ela se agarrava a mim porque, sabe, precisava se agarrar a alguma coisa. Então papai bateu uma palma e disse que talvez devêssemos voltar para casa. Tinha pegado o carro do banqueiro emprestado e precisava devolver. Você consegue imaginar? Ele compra esta casa, mas não tem um carro? Voltamos para dentro e ele juntou todos os sanduíches, embalou-os e colocou-os de volta na sacola. Nenhum de nós tinha comido de verdade, então é claro que levaríamos os sanduíches para casa para comê-los na hora do jantar. Ele não ia desperdiçar os sanduíches. Mamãe começou a juntar os pratos, e papai, eu me lembro disso mais

claramente do que de qualquer outra coisa, tocou seu pulso e disse “Deixe. A garota lava”.

– Não.

– E mamãe disse “Que garota?”. Como se, além de tudo, ela agora tivesse uma escrava.

– Fofinha.

– Juro por Deus – disse Maeve. – Nosso pai foi um homem que nunca conheceu a própria esposa.



SOBROU PARA SANDY me ligar e contar que Maeve estava no hospital.

– Ela planejava entrar e sair sem que você soubesse, mas isso é ridículo. Disseram que ela provavelmente vai ter de ficar duas noites internada.

Ao perguntar a Sandy o que tinha acontecido, ouvi o médico que havia dentro de mim, aquela calma estudada projetada para acalmar todo o medo, *Me diga o que está acontecendo*. O que eu queria era sair correndo pela porta, correr até a Penn Station.

– Ela está com uma faixa vermelha horrível no braço. Vi a mão dela, e, quando perguntei o que era, ela me disse para cuidar da minha vida, então liguei para Jocelyn e Jocelyn deu uma bronca nela. Ela veio na hora e levou Maeve ao médico. Disse a Maeve que, se ela não entrasse no carro, ia chamar a ambulância. Jocelyn sempre foi mais valentona do que eu. Ela convencia sua irmã a fazer coisas que eu jamais conseguiria. Não conseguia nem convencê-la a pentear o cabelo.

– O que o médico disse?

– Que ela precisava ir para o hospital imediatamente, foi isso que ele disse. Ele nem a deixou ir para casa pegar roupas. Por isso ela teve de me ligar, pedindo que eu fizesse isso. Ela me fez jurar que não ia contar, mas não ligo. Ela acha mesmo que não vou te contar que ela está no hospital?

– Ela disse há quanto tempo está com essa faixa vermelha?

Sandy soltou um suspiro.

– Ela disse que usava manga comprida para não ter de pensar naquilo.

Era no meio da semana, então Celeste estava na casa dos pais em Rydal. Liguei para ela de um telefone público ao chegar à Penn Station e disse a que horas meu trem chegaria. Ela foi me buscar na Filadélfia e me levou ao hospital, me deixando na entrada de carros. Celeste estava irritada com Maeve por não insistir que eu montasse um consultório de clínica geral, como se eu fosse montar só porque Maeve mandou. Ela ainda achava que era culpa de Maeve eu ter terminado com ela anos antes e arruinado sua formatura. Celeste culpava Maeve por todas as coisas pelas quais tinha

medo de me culpar. Por sua vez, Maeve nunca perdoou Celeste por insistir que eu me casasse com ela no meu primeiro ano da faculdade de medicina. Maeve também acreditava que Celeste planejava sua aparição no velório do Sr. Martin, sabendo muito bem que me encontraria lá. Eu discordava disso, não que importasse. O que importava era que Celeste não queria ver Maeve e Maeve não queria ver Celeste, e eu só queria descer do carro e encontrar minha irmã.

– Avise-me se precisar de uma carona para casa – disse Celeste, e me deu um beijo antes de ir embora.

Era 21 de junho, o dia mais longo do ano. Oito horas da noite e o sol ainda entrava por todas as janelas do lado oeste do hospital. A mulher na recepção me deu o número do quarto de Maeve e me despachou. O fato de ter passado os sete anos anteriores em vários hospitais de Nova York não me qualificava de forma alguma a encontrar o quarto da minha irmã em um hospital na Pensilvânia. Não havia lógica na disposição de qualquer hospital – eles cresciam como câncer, com novas alas surgindo como metástase de modo inesperado ao final de longos corredores em túneis. Demorei para encontrar o andar de medicina geral e depois o quarto da minha irmã naquele mar indiferenciado. A porta estava entreaberta, e bati duas vezes antes de entrar. Ela estava em uma enfermaria, mas a cortina estava aberta, revelando uma cama feita e à espera. Um homem louro de terno estava sentado na cadeira ao lado da cama de Maeve.

– Ah, meu Deus – disse Maeve ao me ver. – Ela jurou pela cabeça da irmã que não ia ligar para você.

– Ela mentiu – disse eu.

O homem de terno levantou. Levei só um segundo para reconhecê-lo.

– Danny.

O Sr. Otterson estendeu a mão.

Apertei sua mão e me abaixei para beijar a testa de Maeve. Seu rosto estava corado e levemente úmido, a pele estava quente.

– Estou bem – disse ela. – Não poderia estar melhor.

– Eles estão administrando antibióticos.

O Sr. Otterson apontou para o suporte prateado onde uma bolsa de soro estava pendurada, então olhou para Maeve.

– Ela precisa descansar.

– Estou descansando. O que pode ser menos cansativo que isto?

Ela parecia tão estranha na cama, como se estivesse fazendo teste para algum papel de paciente em uma peça, mas embaixo das cobertas estivesse com as próprias roupas e sapatos.

– Preciso ir – disse o Sr. Otterson.

Pensei que Maeve fosse tentar impedi-lo, mas ela não fez isso.

– Volto sexta-feira.

– Segunda. Você acha que não podemos ficar nem uma semana sem você.

– Não podem – afirmou ela, e em resposta ele deu um sorriso cheio de ternura.

O Sr. Otterson deu um tapinha na mão de Maeve que estava livre, fez um aceno com a cabeça para mim e foi embora. Havíamos nos encontrado muitas vezes ao longo dos anos, e eu trabalhava em sua fábrica no verão, quando voltava de Choate, mas nunca tive uma impressão dele que fosse além da timidez. Nunca entendi como aquele homem tinha uma empresa tão grande. Os Vegetais Congelados Otterson agora eram enviados para todos os estados a leste de Mississippi. Maeve me contou isso com orgulho.

– Se tivesse ligado antes, eu teria dito que não precisava vir – disse ela.

– E se você tivesse me ligado antes eu diria que horas estaria aqui.

Peguei o prontuário de metal que estava pendurado em um gancho ao pé da cama. A pressão estava nove por seis. Eles estavam administrando Cefazolina a cada seis horas.

– Vai me dizer o que aconteceu?

– Se você não vai exercer a medicina profissionalmente, então acredito que não possa exercê-la na vida pessoal.

Dei a volta na cama e peguei a mão onde estava o intravenoso. Uma faixa vermelha de celulite tinha início em um corte na parte de cima da mão, então virava e subia pela lateral interna do braço e finalmente desaparecia na axila. Alguém tinha delimitado a faixa com uma caneta preta para acompanhar o progresso da infecção. O braço dela estava quente, levemente inchado.

– Quando isso começou?

– Eu tenho uma coisa para te contar se você baixar meu maldito braço. Ia esperar até o fim de semana, mas você está aqui agora.

Perguntei mais uma vez quando aquilo havia começado. Talvez a medicina tenha me feito bem, afinal. Certamente me ensinou como insistir em uma pergunta que ninguém via motivo para perguntar.

– Como você machucou a mão?  
– Não faço a menor ideia.  
Subi meus dedos até seu punho.  
– Solte meu pulso – disse ela.  
– Alguém te explicou como essas coisas evoluem? Tudo começa como uma infecção sanguínea, então desenvolve septicemia, seus órgãos começam a falhar.

Maeve trabalhava em campanhas de roupas, de alimentos, enchendo os armários e despensas dos pobres nos fins de semana. Sempre se cortava, grampos ou pregos trapaceiros pegavam sua pele. Acabava se machucando com as caixas que colocava em porta-malas de carros que estavam parados esperando.

– Quer parar de ser tão negativo? Estou em uma cama de hospital, não estou? Estão me entupindo de antibióticos. Não sei o que mais poderia fazer.

– Você deveria ter ido ao médico antes que a infecção que começou em sua mão chegasse ao coração. Parece que alguém deu uma pincelada no seu braço. Não percebeu?

– Você quer ouvir minha novidade ou não?

A raiva que eu sentia com ela deitada ali era desconcertante. Ela estava com febre. Podia estar sentindo dor, embora eu fosse a última pessoa para quem ela contaria. Eu disse a mim mesmo para parar, ou ela nunca me contaria nada. Voltei para o outro lado da cama e me sentei na cadeira, ainda quente de quando o Sr. Otterson estivera sentado ali.

Comecei novamente.

– Sinto muito que esteja doente.

Ela ficou me olhando por um tempo, tentando avaliar minha sinceridade.

– Obrigada.

Dobrei as mãos no colo para não cutucá-la.

– Conte a novidade.

– Eu vi a Fofinha – disse ela.

Eu tinha vinte e nove anos naquele dia em visita no hospital. Maeve, trinta e seis. Eu tinha quatro anos quando vi Fofinha pela última vez.

– Onde?

– Onde você acha?

– Você só pode estar brincando.

– Teria sido muito melhor se eu pudesse ter te contado isso no carro. Eu tinha tudo planejado.

Guardávamos as conversas mais importantes para quando estávamos no carro, mas, considerando as circunstâncias, teríamos de nos contentar com o quarto do hospital, o piso de ladrilho verde e o teto baixo acústico, o alerta intermitente no sistema de som avisando que alguém estava tendo uma parada cardíaca.

– Quando?

– Domingo.

A metade superior da cama estava ligeiramente levantada. Ela ficou de barriga para cima, mas virou o rosto vermelho para mim.

– Eu tinha acabado de sair da igreja e pensei em passar na Casa Holandesa a caminho de casa.

– Você mora a duas quadras da igreja.

– Não me interrompa. Menos de cinco minutos depois outro carro para atrás de mim, e uma mulher sai e atravessa a rua. Era a Fofinha.

– Como é que você sabia que era ela?

– Eu só sabia. Ela deve ter mais de cinquenta agora, e cortou todo aquele cabelo. Mas ainda é vermelho, ou talvez ela pinte. Continua macio. Eu me lembro muito bem dela.

Eu também me lembrava.

– Você saiu do carro...

– Primeiro a observei. Ela estava em pé na calçada e percebi que estava avaliando a situação, como se talvez fosse andar até a entrada e bater na porta. Ela cresceu lá, você sabe, como nós.

– Não como nós.

Maeve assentiu com a cabeça no travesseiro.

– Atravessei a rua. Não tinha colocado o pé daquele lado desde o dia em que fomos embora, e fiquei meio enjoada, se quer saber a verdade. Fiquei pensando que a Andrea ia vir correndo pela entrada com uma frigideira.

– O que você disse?

– Só o nome dela. Eu disse *Fiona*, e ela se virou. Ah, Danny, se você visse a cara que ela fez.

– Ela reconheceu você?

Maeve assentiu mais uma vez, os olhos febris.

– Ela disse que eu parecia a mamãe quando era jovem. Disse que teria me reconhecido em qualquer lugar.

Uma jovem enfermeira de touca branca entrou e, ao nos ver ali, parou. Eu estava com o corpo tão inclinado para a frente que meu queixo estava praticamente no ombro de Maeve.

– Vim em má hora? – perguntou a enfermeira.

– Péssima hora – respondeu Maeve.

A enfermeira disse mais alguma coisa, mas não prestamos atenção. Ela fechou a porta ao sair e Maeve retomou.

– A Fofinha disse que estava passando por ali e se perguntou se ainda morávamos na casa.

– E você disse “Não, eu só fico aqui espionando”.

– Eu disse a ela que tínhamos saído em sessenta e três, depois que o papai morreu. Não devia ter falado assim, mas não estava pensando direito. Assim que as palavras saíram da minha boca, a coitada da Fofinha ficou vermelha, seus olhos se encheram de lágrimas. Acho que ela esperava encontrá-lo lá. Talvez tenha ido vê-lo.

– E aí?

– Bem, ela estava chorando, e eu não queria ficar ali parada do lado errado da rua, então convidei-a a entrar em meu carro para que pudéssemos conversar.

Balancei a cabeça.

– Você e a Fofinha paradas em frente à Casa Holandesa.

– De certa forma. Danny, foi a coisa mais incrível. Quando ela entrou no carro, ficamos tão próximas quanto eu e você estamos agora, e eu me senti... eu estava tão incrivelmente *feliz*, como se meu coração fosse explodir. Ela estava com um cardigã azul antigo e era quase como se eu me lembrasse dele. Eu poderia ter me aproximado e dado um beijo nela. Na minha cabeça, sempre achei que odiava a Fofinha, que ela tinha batido em você e dormia com o papai, mas descobri que não a odeio nem um pouco. É como se eu fosse incapaz de odiar qualquer um ou qualquer coisa da minha vida que tenha vindo antes de Andrea, e aqueles foram os anos da Fofinha. Ela ainda tem aquele rosto bonito, mesmo agora. Não sei se você se lembra do rosto dela, mas era brando, bem irlandês. Todas as sardas se foram, mas ainda tem aqueles olhos verdes grandes.

Eu disse que me lembrava dos olhos dela.

– Falei bastante no início. Contei a ela sobre o casamento do papai, a morte dele e sobre Andrea ter expulsado você, e sabe o que ela disse?

– O quê?

– Ela disse “Que filha da puta”.

– Fofinha!

Maeve riu até as bochechas escurecerem e começou a tossir.

– Vou te dizer uma coisa – disse ela, e eu lhe entreguei um lenço. – Ela queria saber sobre você. Ficou impressionada por você ser médico. Disse que você era muito agitado, que ela não conseguia imaginá-lo parado tempo suficiente para ler um livro, menos ainda para estudar medicina.

– Ela está tentando cobrir os rastros dela. Eu não era tão agitado assim.

– Era, sim.

– Onde ela esteve todo esse tempo?

– Morava em Manhattan. Disse que não tinha ideia do que fazer quando o papai a despediu. Que ficou lá na entrada aos prantos, até que finalmente Sandy saiu e disse que ligaria para o marido, para que ele viesse buscá-la. Sandy e o marido acolheram-na.

– A boa e velha Sandy.

– Ela disse que eles pensaram por alguns dias e finalmente decidiram ir à Imaculada Conceição conversar com o padre. O velho padre Crutcher ajudou Fofinha a encontrar um emprego como babá de uma família rica em Manhattan.

– A Igreja Católica ajuda uma mulher que foi demitida por bater em uma criança a conseguir um emprego para cuidar de crianças. Que lindo!

– Sério, você *precisa* parar de me interromper. Está desviando a história. Ela consegue um trabalho como babá e, enquanto as crianças ainda são pequenas, casa com o porteiro do prédio onde trabalha. Ela disse que eles mantiveram segredo até ela engravidar, para que ela não perdesse o emprego. Disse que o primeiro bebê que tiveram foi uma menina, e essa menina hoje estuda em Rutgers. Ela estava indo vê-la e decidiu passar na antiga casa.

– Ninguém mais estuda geografia. A Casa Holandesa não fica no caminho entre a cidade e Rutgers.

– Ela vive no Bronx agora – disse Maeve, me ignorando –, ela e o marido. Eles têm três filhos, a menina e mais dois meninos.

Precisei me esforçar ao máximo para não destacar que a Casa Holandesa também não fica no caminho do Bronx até Rutgers.

– A Fofinha disse que dava uma passada lá de vez em quando, que não conseguia se segurar. Já trabalhava lá antes mesmo de nos mudarmos. Era seu trabalho cuidar das coisas depois que a Sra. VanHoebeek morreu. Disse

que tinha medo de bater na porta, porque não sabia o que o papai diria ao vê-la, mas que sempre esperava encontrar um de nós lá.

Balancei a cabeça. Por que eu tinha saudade dos VanHoebeeks depois daqueles anos todos?

– Ela me perguntou se eu ainda tinha diabetes, e eu disse que claro, e ela ficou chateada de novo. Eu me lembro da Fofinha bem durona quando éramos crianças, mas quem sabe? Talvez ela não fosse.

– Ela era.

– Ela quer ver você.

– A mim?

– Você não mora tão longe da casa dela.

– Por que ela quer me ver?

Maeve me olhou de um jeito como se dissesse que eu certamente era inteligente o bastante para entender isso sozinho, mas não fazia a menor ideia.

– Ela quer se desculpar.

– Diga a ela que não precisa.

– Escute. Isso é importante, e você não está ocupado.

Maeve não considerava o trabalho que eu fazia no prédio uma ocupação. Nisso, ela e Celeste concordavam.

– Não preciso me reconectar com alguém que não vejo desde os quatro anos de idade.

Admito que a história tinha certo fascínio enquanto era sobre Maeve ter encontrado Fofinha, mas eu não tinha interesse algum em buscar um relacionamento com ela.

– Bem, dei seu telefone a ela. Disse que você a encontraria na Hungarian Pastry Shop. Não vai ser nenhum incômodo para você.

– Não é questão de ser incômodo, e sim de eu não querer ir.

Minha irmã bocejou com exagero e afundou a cabeça no travesseiro.

– Estou cansada agora.

– Você não vai se livrar dessa.

Quando ela olhou para mim, os olhos azuis avermelhados, eu me lembrei de onde estávamos e por que estávamos lá. A intensa necessidade de dormir a atingiu de repente, e ela fechou os olhos como se não tivesse escolha.

Fiquei na cadeira observando. Ponderando se deveria ficar mais perto de casa. Agora que a residência terminara, eu não precisava morar em Nova



York. Eu tinha três prédios, mas sabia que grandes impérios imobiliários também tinham se formado fora da cidade.

Quando, mais tarde, o médico veio ver como Maeve estava, eu me levantei e apertei sua mão.

– Dr. Lamb – disse ele.

Não era muito mais velho que eu. Talvez até tivesse a minha idade.

– Dr. Conroy – disse eu. – Sou irmão da Maeve.

Maeve nem se mexeu quando ele levantou seu braço para passar os dedos pelo rastro que desaparecia na manga de sua camisola. No início, achei que ela pudesse estar fingindo, que quisesse evitar as perguntas, mas então percebi que realmente estava dormindo. Eu não sabia quanto tempo Otterson tinha passado com ela antes que eu chegasse. Ficara acordada tempo demais por minha causa.

– Ela devia ter vindo para cá dois dias atrás – disse o Dr. Lamb, olhando para mim.

Balancei a cabeça.

– Fui o último a saber.

– Bom, não deixe que ela te engane. – Ele falava como se estivéssemos sozinhos no quarto. – Isso é sério.

Ele soltou o braço de Maeve e puxou o lençol para cobri-lo novamente. Então fez o registro no prontuário e nos deixou lá.

O FIM DE minha breve carreira médica me preencheu de uma leveza inesperada. Depois que terminei a residência, passei por um período em que fui capaz de ver o lado bom de tudo, principalmente do difamado extremo norte de Manhattan. Pela primeira vez em minha vida adulta, pude passar uma hora conversando com um funcionário da loja de materiais de construção sobre selante. Pude cometer um erro ao consertar alguma coisa, digamos um vaso sanitário, sem repercussões mortais. Lixei o piso e pintei as paredes de um dos apartamentos vazios do meu prédio, e, ao terminar, me mudei para lá. Comparado aos padrões de todos os dormitórios e quitinetes em que morei desde minha juventude extravagante, o apartamento era de bom tamanho – ensolarado e barulhento e meu. Ser dono do lugar onde eu morava, ou o banco ser dono em meu nome, calou uma voz que gritava dentro de mim havia anos. Celeste fez as cortinas em Rydal, na Singer de sua mãe, e as trouxe de trem. Ela conseguiu um emprego em uma escola perto de Columbia e passou a dar aulas de alfabetização e algo que eles chamavam de Artes da Linguagem, enquanto eu trabalhava nas outras unidades do prédio e depois nos casarões. Eu não tinha motivo para acreditar que ela havia aceitado minha decisão, mas ela teve o bom senso de parar de me questionar. Tínhamos entrado no rio que leva adiante. O prédio, o apartamento, o emprego dela, nosso relacionamento, tudo se encaixou com uma lógica irrefutável. Celeste adorava contar uma versão mais branda de nossa história, que cada um de nós seguiu seu caminho depois que ela se formou, vítimas do tempo e das circunstâncias, e que nos encontramos novamente em um velório, imagine.

– Era para ser – dizia ela, recostando-se em mim.

Então eu não estava pensando na Fofinha. Não estava até o telefone tocar, meses depois que Maeve saiu do hospital, e a voz do outro lado da linha dizer:

– É o Danny?

E eu soube, assim como Maeve soube ao ver Fofinha na rua VanHoebeek. Soube que ela demorara tanto para ligar porque estava tentando reunir coragem, e que tomaríamos um café na Hungarian Pastry Shop, eu querendo ou não. Qualquer energia que eu gastasse tentando evitar seria energia perdida.

O lugar estava sempre lotado. Fofinha chegou cedo e esperou para conseguir uma mesa à janela. Ao me ver caminhando pela calçada, bateu no vidro e acenou. Ela estava de pé quando cheguei à mesa. Fiquei imaginando se eu a reconheceria com base na descrição de Maeve. Jamais imaginei que ela me reconheceria com base na criança de quatro anos que eu tinha sido.

– Posso abraçar você? – perguntou. – Teria problema?

Abracei-a, porque não consegui imaginar um modo de dizer não. Em minha memória, Fofinha era uma gigante que crescia cada vez mais, quando na verdade era uma mulher pequena, de aparência jovem. Ela vestia calça e o cardigã azul que Maeve mencionara, ou talvez tivesse mais de um cardigã azul. Encostou a lateral do rosto em meu esterno por um instante e então me soltou.

– Ufa! – disse, e abanou o rosto com a mão, os olhos verdes lacrimejados.

Voltou a se sentar à mesa, em frente a seu café e ao folheado.

– É muita emoção. Você era meu bebê, você sabe. Sinto isso sempre que encontro qualquer uma das crianças de quem cuidei, mas você foi meu primeiro bebê. Na época, eu não sabia que não devemos dar todo nosso coração a um bebê que não é nosso. É suicídio, mas eu também era só uma criança, e sua mãe não estava por perto e sua irmã estava doente e seu pai...

– Ela pulou o predicativo dele. – Eu tinha muitos motivos para me apegar. – Ela parou apenas o tempo suficiente para beber metade de um copo de água gelada, então encostou o guardanapo de papel nos lábios. – Está quente aqui, não está? Ou talvez seja eu. Estou nervosa. – Puxou a gola redonda da blusa e balançou para a frente e para trás. – Estou nervosa, mas também estou *naquela idade*. Posso dizer isso a você, não posso? Você é médico, embora ainda pareça estar na escola. Você é mesmo médico?

– Sou.

Não havia por que entrar na questão.

– Bom, isso é bom. Fico feliz. Seus pais teriam orgulho disso. E posso dizer mais uma coisa? Estou sentada aqui olhando para você e seu rosto parece perfeito. Não sei o que eu esperava, mas não tem nenhuma marca.

Considerarei apontar a pequena cicatriz perto da sobrancelha, mas pensei melhor. Uma garçonete que eu conhecia chamada Lizzy, que prendia os cachos pretos no topo da cabeça com um elástico de borracha, veio até a mesa e deixou um café e um muffin de papoula na minha frente.

– Fresquinho – disse ela, e se afastou.

Fofinha observou admirada enquanto ela se afastava.

– Eles conhecem você aqui?

– Eu moro aqui perto.

– E você é bonito – disse ela. – Uma mulher se lembra de um homem bonito como você. Mas Maeve disse que você tem uma namorada, e ela não gosta muito dela, caso ainda não saiba. Isso não é da minha conta. Só estou feliz por não ter estragado seu rosto. Na última vez que o vi, você estava coberto de sangue e gritando, então Jocelyn entrou correndo e te levou para o hospital. Eu pensei que tivesse matado você, todo aquele sangue, mas você ficou bem.

– Eu estou bem.

Ela pressionou os lábios em algo que lembrou um sorriso.

– Sandy me disse que você estava bem, mas não acreditei. O que ela ia dizer? Carreguei essa culpa comigo durante anos e anos. Me senti muito mal. Não mantive contato com nenhuma delas, sabe. Quando me mudei para a cidade, foi o fim... não olhei mais para trás. Às vezes precisamos deixar o passado no passado.

– Claro.

– O que me leva a seu pai. – Ela bebeu o restante da água. – Maeve me contou que ele morreu. Sinto muito. Você sabe que se parece muito com ele, não sabe? Meus filhos são vira-latas, todos três. Não se parecem nem comigo nem com meu marido, nenhum deles. Bobby é italiano, DiCamillo. Fiona DiCamillo é o nome mais vira-lata que já existiu. Bobby nunca soube sobre mim e seu pai. – Ela parou aí, um rubor repentino de pânico subindo pelo pescoço. Aquela mulher era traída pela biologia o tempo todo. As emoções invadiam seu rosto com uma bandeira. – Maeve te contou isso, não contou? Sobre mim e seu pai?

– Contou.

Fofinha soltou um suspiro e balançou a cabeça.

– Meu Deus, eu achei que tivesse falado o que não devia. Bobby não precisa saber disso. Você provavelmente também não precisava saber, mas sabe. Eu era uma criança, era burra. Achava que seu pai iria se casar

comigo. Dormia bem ali no segundo andar no quarto ao lado do seu e do da sua irmã, e achava que era só uma questão de me mudar para o outro lado do corredor. Até parece!

As garçonetes da Hungarian Pastry Shop tinham de virar de lado para andar entre as mesas, segurando os bules de café no alto. Todos se acotovelavam, e a luz se derramava sobre mesas de fórmica e os talheres e as xícaras brancas e grossas de porcelana, e eu não via nada disso. Estava de volta à cozinha da Casa Holandesa, e Fofinha estava lá.

– Naquela manhã – disse ela, e assentiu para se certificar de que eu tinha entendido de que manhã ela estava falando –, seu pai e eu tínhamos brigado, e minha cabeça não estava no lugar. Não estou dizendo que não foi minha culpa, mas, sim, que não era eu mesma.

– Qual foi o motivo da briga? – E deixei meus olhos vagarem pelo balcão de doces, as tortas e os bolos todos duas vezes mais altos do que tortas e bolos deveriam ser.

– O fato de não nos casarmos. Ele nunca tinha dito que ia se casar comigo, mas que ano era? Cinquenta, cinquenta e um? Nunca passou pela minha cabeça que não íamos nos casar. Eu estava bem ali na cama dele, se você me permite dizer isso, e ele se levantou para se vestir e eu estava tão feliz com as coisas que disse que achava que devíamos começar a fazer planos. E ele perguntou: “Planos para quê?”

– Ah – disse, sentindo o desconforto da familiaridade.

Fofinha levantou as sobrancelhas, fazendo com que os olhos verdes parecessem ainda maiores.

– Se fosse apenas o fato de que ele não ia se casar comigo, bem, isso já seria ruim o suficiente, mas o motivo...

Ela parou e pegou um pedaço do folheado com um garfo. Então, pedaço a pedaço, comeu o doce inteiro. Foi isso. Fofinha, que não parava de falar desde que eu entrara pela porta, desligou como um brinquedo mecânico que precisa de mais uma ficha para continuar. Esperei muito mais do que seria sensato para que ela retomasse a história.

– Você vai me contar?

Ela assentiu, sua enorme energia tinha se esvaído.

– Eu tenho muito a contar – disse ela.

– Sou todo ouvidos.

Ela me lançou um olhar severo, o olhar de uma governanta para uma criança respondona.

– Seu pai disse que não podia se casar comigo porque ainda era casado com sua mãe.

Eu nunca tinha pensado nisso.

– Eles ainda eram casados?

– Eu estava disposta a ser imoral, acho que deixei isso claro. Eu estava dormindo com um homem com quem não era casada... tudo bem, erro meu, tenho de viver com isso. Mas achava que seu pai era *divorciado*. Eu jamais teria ido para a cama com um homem casado. Você acredita nisso, não acredita?

Eu disse a ela que acreditava, é claro. O que eu não disse foi que um homem que quer dormir com a babá jovem e bonita que dorme do outro lado do corredor nunca tem intenção de se casar com ela. Que mentira poderia ser melhor do que dizer a ela que ainda estava casado? Meu pai não era muito mais católico que eu, mas era católico demais para ser bígamo, e Andrea era inteligente demais para se casar com um bígamo, e o advogado Gooch era cuidadoso demais para deixar esse detalhe passar.

– Eu *jamais* faria *algo* contra sua mãe. Eu gostava do seu pai, tudo bem, gostava. Ele era charmoso e triste e todas essas bobagens que as garotas naquela idade acham que são tão importantes, mas Elna Conroy morava em meu coração. Eu nunca me vi ocupando seu lugar, ninguém poderia fazer isso, mas eu queria cuidar de você e da sua irmã e do seu pai como ela gostaria. Ela estava muito preocupada com vocês antes de ir embora. Amava tanto vocês.

Antes que eu pudesse formular todas as perguntas que poderiam ser feitas, senti a mão de alguém firme em meu ombro.

– Danny! Você conseguiu um dia de folga. – O Dr. Able estava radiante.

– Eu devia encontrá-lo mais agora que a residência terminou, não menos. Tenho ouvido rumores.

Fofinha e eu estávamos sentados a uma mesa de quatro lugares. Havia dois lugares vazios com talheres e guardanapos que eu esperava que ele tivesse o bom senso de ignorar.

– Dr. Able – respondi. – Esta é minha amiga Fiona.

– Morey.

Dr. Able se inclinou sobre a mesa para apertar a mão dela.

– Fofinha.

Morey Able sorriu e assentiu com a cabeça.

– Bom, vejo que vocês estão ocupados. Danny, você não vai me obrigar a procurá-lo, não é?

– Não. Mande meus cumprimentos à Sra. Able.

– A Sra. Able sabe quem era dono daqueles estacionamento – disse ele e riu. – Talvez você não receba um convite para o jantar de Ação de Graças este ano.

– Ótimo – disse Fofinha. – Então Danny pode passar o Dia de Ação de Graças conosco.

Quando ele se afastou da mesa, Fofinha pareceu entender que nosso tempo na Hungarian Pastry Shop não era infinito. Decidiu ir direto ao ponto.

– Sua mãe está aqui, sabia? – disse. – Eu a vi.

Lizzy passou, inclinando o bule na minha direção. Fiz que não com a cabeça enquanto Fofinha levantava a xícara para pedir mais.

– O quê?

Era um vento gelado entrando pela porta. *Ela está morta*, eu quis dizer. *Com certeza está morta a esta altura.*

– Eu não podia contar à sua irmã. *Não podia fazê-la piorar da diabetes.*

– Saber onde a mãe está não faz ninguém piorar da diabetes – respondi, tentando trazer um pouco de razão para uma conversa em que não havia razão alguma.

Fofinha balançou a cabeça.

– Claro que faz. Você não se lembra de quanto ela ficou doente. Era muito novo. Sua mãe ia e vinha, e quando ela finalmente foi embora para sempre, Maeve quase morreu. Isso aconteceu de fato. Depois disso, seu pai disse a ela que nunca mais voltasse. Ele escreveu uma carta para ela quando Maeve estava no hospital. Eu sei disso. Ele disse que ela quase tinha matado vocês dois.

– Nós dois?

– Bem – disse ela –, você não. Ele só incluiu você para fazê-la se sentir pior. Se quer saber minha opinião, ele estava tentando fazê-la voltar. Só que tentou do jeito errado.

Se alguém tivesse me perguntado antes daquele encontro o que eu sentia em relação à minha mãe, eu seria capaz de jurar que não sentia nada, o que dificultava entender a enormidade de minha raiva. Levantei a mão para que Fofinha parasse de falar por um segundo, só para que meu cérebro pudesse acompanhar, e ela levantou a mão e encostou a palma gentilmente na

minha, como se estivéssemos comparando o comprimento de nossos dedos. Talvez porque ele estivesse sentado com um aluno a duas mesas dali, um garoto que devia ter mais ou menos a idade que eu tinha quando nos conhecemos, me vi parado à porta da sala de Morey Able.

*Você não tem pais?*, perguntou ele.

– Onde ela está agora?

De repente pensei na possibilidade de minha mãe entrar na Hungarian Pastry Shop e puxar uma cadeira, de aquele encontro ser uma armação para uma surpresa terrível.

– Não sei onde ela está *agora*. Eu a vi faz mais de um ano, talvez dois. Sou ruim com datas. Mas tenho certeza de que foi no Bowery. Olhei pela janela de um ônibus e lá estava ela, Elna Conroy, parada ali como se estivesse esperando por mim. Meu coração quase parou.

Soltei um suspiro, meu coração voltava a bater.

– Você quer dizer que viu alguém que parecia minha mãe quando estava no ônibus?

A ideia de ver um conhecido pela janela de um ônibus parecia absurda, mas eu nunca pegava ônibus, e, quando pegava, acho que não olhava pela janela.

Fofinha revirou os olhos.

– Meu Deus, eu não sou idiota, Danny. Eu *desci* do ônibus. Voltei e a encontrei.

– E era ela?

Elna Conroy, que tinha fugido para a Índia no meio da noite, deixando o marido e dois filhos dormindo, estava no Bowery?

– A mesma, juro. O cabelo estava grisalho e preso em uma trança, como Maeve costumava prender. As duas têm aquele cabelo ridículo.

– Ela se lembrou de você?

– Eu não mudei tanto assim – respondeu Fofinha.

Eu é que tinha mudado.

Fofinha jogou o café no copo de água e deixou o gelo derreter.

– A primeira coisa que ela perguntou foi sobre você e Maeve, e, como eu não sabia, não havia nada que pudesse dizer. Eu não sabia onde vocês moravam. A vergonha por tudo voltou como se a coisa toda tivesse acontecido ontem. Nunca vou superar. A ideia de que eu tinha sido demitida, *por que* eu tinha sido demitida, e que eu não tinha ficado para cuidar de vocês como tinha prometido que faria.



A dor dela pairou entre nós.

– Nós éramos filhos dela. Acho que ela é quem devia ter ficado e cuidado de nós.

– Ela é uma mulher maravilhosa, Danny. Sofreu muito na época.

– Sofreu por morar na Casa Holandesa?

Fofinha olhou para o prato vazio. Aquilo não era culpa dela. Ainda que tivesse me batido, ainda que tivesse sido jogada na rua por isso. Havia pouquíssimo espaço para perdão em meu coração, e o que havia eu dei a Fofinha.

– Não tem como você entender – disse ela. – Ela não conseguiu viver daquela maneira. Está pagando sua penitência lá servindo sopa. Está tentando corrigir o que fez.

– Com quem ela está corrigindo? Comigo, com a Maeve?

Fofinha pensou na questão.

– Com Deus, eu acho. Não há outro motivo para ela estar no Bowery.

Eu, que tinha comprado uma propriedade no Harlem e em Washington Heights, não tocaria no Bowery com um graveto.

– Quando ela saiu da Índia?

Fofinha abriu dois pacotes de açúcar, colocou no café gelado e mexeu. Eu queria dizer a ela que teria sido melhor se ela tivesse colocado o açúcar no café ainda quente. Na verdade, eu queria dizer a ela que teria preferido mil vezes encontrá-la para falar sobre como o açúcar se dissolve.

– Há muito tempo. Ela disse que faz muitos anos. Disse que as pessoas foram muito gentis com ela. Você consegue imaginar? Ela teria ficado feliz se pudesse ficar por lá, mas tinha de ir aonde era necessária.

– Que não era Elkins Park.

– Ela largou tudo, é isso que você precisa entender. Ela deixou você e sua irmã e seu pai e aquela casa para poder ajudar os pobres. Morou na Índia e só Deus sabe em quantos outros lugares horríveis. Estava lá no Bowery. Aquele lugar fede, você sabe. É tudo imundo lá, o lixo e as pessoas, e sua mãe está servindo sopa para os drogados e bêbados. Se isso não é estar arrependida, não sei o que é.

Balancei a cabeça.

– Isso é estar delirante, não arrependida.

– Eu queria ter conversado mais com ela – disse Fofinha, claramente magoada. – Mas ia me atrasar para o trabalho. Sou babá de recém-nascidos agora. Entro e saio antes de me apegar demais. E para falar a verdade, os

vagabundos estavam por toda parte, e eu não me sentia muito confortável parada lá na rua. Assim que pensei nisso, ela disse que iria me acompanhar até o ponto de ônibus. Enlaçou meu braço no seu como se fôssemos velhas amigas. Ela disse que ficaria trabalhando lá por um tempo, e que eu podia voltar e servir se quisesse, ou só voltar e visitar. Fiquei pensando em voltar para vê-la de novo na minha folga, mas Bobby não aceitou. Ele disse que eu não devia fazer almoço para um bando de drogados.

Eu me recostei na cadeira, tentando absorver aquilo tudo. Estava feliz por Maeve não ter vindo para a cidade. Não queria que ela ficasse olhando pela janela dos ônibus e vendo nossa mãe na rua.

– Você sabe onde ela está agora?

Ela balançou a cabeça.

– Eu devia ter procurado vocês antes, para poder contar. Não teria sido tão difícil. Me sinto mal por isso.

Fiz sinal para que Lizzy trouxesse a conta.

– Se minha mãe quisesse nos ver, ela mesma teria nos encontrado. Como você disse, não teria sido tão difícil.

Fofinha torcia o guardanapo de papel nos dedos.

– Acredite, eu sei quanto foi difícil para todos. Eu estava lá. Mas sua mãe tem um chamado maior que o nosso, só isso.

Coloquei o dinheiro na mesa.

– Então espero que ela faça bom proveito.

Quando olhei para o relógio, percebi que já estava atrasado. Tinha marcado uma reunião com um empreiteiro para garantir que meu tempo com Fofinha fosse limitado. Ela caminhou comigo por duas quadras, até ficar claro que estava indo na direção errada. Ela pegou minha mão.

– Vamos fazer isso de novo, não vamos? – perguntou. – A Maeve tem meu telefone. Eu adoraria ver vocês dois. Quero que conheçam meus filhos. São incríveis, como você e sua irmã.

Maeve tinha razão. Além de ter sido impressionante ver Fofinha novamente, descobri que não sentia raiva alguma dela. Ela estava em uma situação impossível. Ninguém diria que o que aconteceu tinha sido sua culpa.

– Você os deixaria?

– Quem?

– Seus filhos incríveis – continuei. – Você iria embora agora e os abandonaria sem nunca deixar que soubessem que você ainda está viva?

Você os abandonaria antes que eles tivessem idade suficiente para se lembrar de você? Deixaria para que Bobby os criasse sozinho?

Pude acompanhar o golpe atravessando seu corpo e ela deu um passo para trás.

– Não – disse.

– Então você é a pessoa boa – concluí –, não minha mãe.

– Ah, Danny – disse ela, a voz presa na garganta.

Ela me deu um abraço de despedida. Ao se afastar, virou-se para trás a fim de olhar para mim tantas vezes que parecia estar avançando pela calçada em uma série de círculos concêntricos.

O fato era que eu também tinha visto minha mãe, mas não soube disso na época. Ao caminhar em direção à rua 116th depois de ter deixado Fofinha, não tive dúvidas de que tinha acontecido. Foi no pronto-socorro do Albert Einstein por volta da meia-noite, talvez dois anos antes, talvez três. Todas as cadeiras da sala de espera estavam ocupadas. Pais seguravam crianças meio crescidas no colo, caminhavam com crianças nos braços. Pessoas se apoiavam nas paredes, sangrando e gemendo, vomitando no copo, uma noite de sábado normal no Clube da Faca e da Bala. Eu tinha acabado de atender uma jovem com as vias aéreas esmagadas (um volante? Um namorado?), e quando consegui passar o endoscópio pelas cavidades nasais vi que suas cordas vocais estavam destruídas. Sangue e saliva borbulhavam em todas as direções, e demorei uma eternidade para conseguir colocar um tubo endotraqueal. Quando terminei o procedimento, fui até a sala de espera para ver quem tinha levado a jovem. Quando chamei o nome que estava no prontuário, uma mulher atrás de mim bateu em meu ombro e disse *doutor*. Todo mundo fazia isso, os doentes e seus representantes, eles entoavam e imploravam, *doutor, enfermeira, doutora, enfermeiro*. O pronto-socorro do Albert Einstein era um ciclone de necessidades humanas, então o truque era se manter focado naquilo que tinha ido fazer, ignorando o resto. Mas quando me virei a mulher me olhou com... o quê? Surpresa? Medo? Eu me lembro de levar a mão ao rosto para ver se havia sangue nele. Isso já tinha acontecido antes. Ela era alta e de uma magreza deplorável, e em minha mente eu a classifiquei entre aqueles com câncer de pulmão avançado ou tuberculose. Nada disso a distinguia naquela multidão específica. Ela só ficou na minha lembrança porque me chamou de Cyril.

Eu teria perguntado como ela conhecia meu pai, mas naquele instante um homem surgiu dizendo que era o namorado da jovem que eu acabara de atender. Fui levando o homem para o corredor, ponderando se ele a tinha estrangulado. Fiquei na sala de espera por menos de um minuto, e, quando tive a oportunidade de me perguntar sobre a mulher de trança grisalha que tinha me chamado pelo nome do meu pai, ela já tinha ido embora e eu já tinha perdido o interesse. Não me perguntei se tinha sido inquilina em um dos prédios Conroy ou se era alguém que ele conhecia do Brooklyn. Certamente não pensei em minha mãe. Como qualquer outra pessoa que trabalha em pronto-socorro, segui com a tarefa seguinte e sobrevivi à noite.

Crescer com uma mãe que fugiu para a Índia e nunca mais deu notícias era uma coisa – havia um desfecho, era uma forma de morte. Mas descobrir que ela estava a quinze paradas do trem número um com destino a Canal e não tinha nos procurado era brutal. Quaisquer noções românticas que poderia ter nutrido, quaisquer desculpas ou concessões que meu coração tivesse feito por ela, apagaram-se como um fósforo.

O empreiteiro estava me esperando no saguão quando voltei, e conversamos sobre os vãos entre os caixilhos das janelas e os tijolos que estavam se formando na fachada do prédio. Ele ainda estava lá tirando medidas uma hora depois, quando Celeste chegou da escola. Ela estava tão alegre, tão contente, o cabelo amarelo emaranhado pelo vento que tinha batido. Estava me contando sobre as crianças de sua turma, e que tinham cortado folhas de papel-cartão e gravado seus nomes nas folhas para que ela fizesse uma árvore na porta da sala, e, enquanto ouvia, mais o som agradável de sua voz do que o que ela de fato dizia, eu soube que Celeste sempre estaria ali. Ela tinha demonstrado seu compromisso comigo inúmeras vezes. Se os homens eram destinados a casar com mulheres parecidas com suas mães, bem, essa era minha chance de sair da curva.

– Ah! – disse ela, soltando a bolsa no chão e subindo nas pontas dos pés para me beijar. – Estou falando demais! Sou como as crianças. Fico toda entusiasmada. Conte-me sobre o mundo adulto. Conte-me sobre o seu dia.

Mas não contei nada, nem sobre a Pastry Shop, nem sobre a Fofinha, nem sobre minha mãe. Em vez disso, disse que andava pensando, e achava que era hora de casarmos.

QUERIA QUE MINHA parte do trabalho não tivesse recaído sobre Maeve, que ia até Rydal almoçar com Celeste e sua mãe para conversar sobre cores de guardanapos e as razões pelas quais devíamos servir bebidas destiladas na festa em vez de só cerveja e vinho com champanhe para o brinde.

– Vegetais congelados. – Maeve me disse mais tarde. – Eu queria dizer a ela que essa seria minha contribuição. Vou inundar o quintal com ervilhinhas verdes, para não precisar mais discutir se o gramado ainda vai estar verde o suficiente em julho.

– Sinto muito – disse. – Você não devia lidar com isso.

Maeve revirou os olhos.

– Bem, você é que não vai fazer isso. Ou eu me envolvo ou não teremos nenhuma representação no casamento.

– Eu pretendo nos representar no casamento.

– Você não entende. Eu nem sou casada e entendo.

Celeste dizia que era difícil para Maeve me ver casando antes dela. Dizia que, aos trinta e sete anos, praticamente não havia chance de Maeve encontrar alguém, e que por isso planejar o casamento sem dúvida a enchia de algo que não era alegria. Mas não era isso. Em primeiro lugar, Maeve jamais teria inveja da minha felicidade; além disso, nunca a ouvi falar nem de passagem sobre querer casar. Maeve não se importava com o casamento. Seu problema era com a noiva.

Tentei explicar à minha irmã que eu tinha saído com várias mulheres e Celeste era mesmo a melhor opção. Também nada foi feito às pressas. Estávamos juntos, com alguns intervalos, desde a faculdade.

– Você está escolhendo a mulher de quem mais gosta dentre um grupo de mulheres de quem você não gosta – disse Maeve. – O grupo de controle é falho em essência.

Mas eu tinha escolhido a mulher que se comprometera a facilitar meu caminho e apoiar minha vida. O problema era que Maeve achava que era ela quem cuidava disso.

Quanto à vida amorosa de Maeve, ou à falta de uma, eu não sabia de nada. Mas posso dizer o seguinte: eu a vi checar a glicose e injetar insulina a vida inteira, mas ela nunca fazia isso na frente dos outros, a menos que fosse uma emergência. Quando estava na faculdade de medicina, e depois na residência, tentei conversar com ela sobre a gestão do tratamento, mas ela se recusava.

– Eu tenho um endocrinologista – dizia.

– Não tenho interesse em ser seu endocrinologista. Só estou dizendo que, como seu irmão, estou interessado em sua saúde.

– Muito gentil. Agora pode parar.

Maeve e eu tínhamos inúmeras razões para não acreditar em casamentos – a história de nossa juventude seria suficiente para que qualquer um apostasse contra a instituição –, mas se eu tivesse de adivinhar, não colocaria a culpa nem em Andrea nem em nossos pais. Em relação a Maeve, eu diria que ela nunca deixaria alguém entrar no quarto quando estivesse enfiando uma agulha na barriga.

– Diga-me mais uma vez o que o fato de eu não ser casada tem a ver com o seu casamento com Celeste.

– Nada. Só quero ter certeza de que você está bem.

– Acredite – disse ela. – Eu não quero me casar com Celeste. Ela é toda sua.

Se não fosse a Maeve, todos os aspectos do casamento, todos os custos e as decisões, teriam recaído sobre a família Norcross. Maeve acreditava que nós, Conroys, não devíamos iniciar a aliança entre as famílias em tal estado de desigualdade. Afinal, considerando tios e tias e todos os graus de primos, tanto por casamento quanto de sangue, havia mais Norcrosses do que estrelas no céu, e havia só nós dois do lado dos Conroys. Eu entendia que alguém do nosso lado precisava aparecer, e como nosso lado consistia em mim e Maeve, a responsabilidade ficou com ela. Na época, eu tinha reuniões com eletricitistas e aprendendo a habilidade surpreendentemente difícil de reparar *drywall*. Estava ocupado demais para participar dos detalhes, então enviei minha irmã, que vivia a meros quinze minutos dos pais de Celeste, como minha emissária.

Nesse espírito de divisão de trabalho, Maeve se ofereceu para escrever o anúncio do noivado para o jornal. *Mary Celeste Norcross, filha de William e Julie Norcross, vai se casar com Daniel James Conroy, filho de Elna Conroy e do falecido Cyril Conroy, no sábado, dia 23 de julho.*

Mas Celeste não gostou da palavra “falecido”. Ela achava que trazia tristeza a uma ocasião de felicidade.

– E a sua mãe? – Maeve me falou ao telefone, fazendo uma imitação sinistra da voz de Celeste. – Você quer mesmo o nome da sua mãe no anúncio do noivado?

– Ah – respondi.

– Eu disse a ela que você tem uma mãe. Uma mãe desaparecida e um pai morto. É isso que temos. Então ela perguntou se podíamos simplesmente deixá-los de fora, já que eles não estão aqui. Não estaríamos ferindo os sentimentos deles.

– E?

Não me parecia uma proposta grosseira.

– Estaríamos ferindo *meus* sentimentos – disse Maeve. – Você não é um cogumelo que surgiu depois da chuva. Você tem pais.

Julie Norcross, minha futura sogra sempre racional, desempatou a questão em favor de Maeve.

– É assim que se faz – disse ela para a filha.

A contrapartida proposta, à qual Maeve finalmente se rendeu depois de muita lamentação, foi que os nomes de nossos pais não apareceriam no convite de casamento.

E durante toda essa história, eu não contei à minha irmã que nossa mãe estava por ali, circulando. Adiei não por pensar que prejudicaria a saúde de Maeve, mas porque achava que estávamos melhores sem ela. Foi isso que a novidade de Fofinha me fez perceber. Depois de tantos anos de caos e exílio, nossas vidas tinham finalmente se acertado. Agora que eu não tinha mais a responsabilidade de drenar o fundo de educação, mal falávamos de Andrea. Nem pensávamos nela. Eu não estava praticando medicina. Era proprietário de três prédios. Ia me casar. Maeve, quaisquer que fossem seus motivos, continuava trabalhando na Otterson sem reclamar. Ela parecia mais feliz do que nunca, ainda que não quisesse que eu me casasse com Celeste. Depois de anos vivendo como reféns do passado, de alguma forma tínhamos nos livrado, como que por milagre, avançando no tempo como todo mundo. Contar a Maeve que nossa mãe estava por lá, dizer a ela que eu não tinha certeza se nossos pais tinham se divorciado, significava reacender o fogo que eu tinha passado a vida inteira abafando. Por que deveríamos procurar por ela? Ela nunca nos procurou.

Não quero dizer com isso que Maeve não merecia saber, ou que eu nunca contaria. Só não era a hora certa.

Celeste e eu nos casamos em um dia sufocante no fim de julho na Ct. Hilary, em Rydal. Um casamento no outono teria sido mais confortável, mas Celeste disse que queria que tudo estivesse resolvido antes que as aulas comessem, em setembro. Maeve disse que Celeste não queria que eu tivesse tempo para desistir. Os Norcrosses alugaram uma tenda para a festa, e Celeste e Maeve deixaram suas diferenças consideráveis de lado na ocasião. Morey Able foi meu padrinho. Ele achava minha deserção da ciência engraçadíssima.

– Desperdicei metade da minha carreira com você – disse ele, seu braço em meus ombros como qualquer pai orgulhoso.

Anos depois, eu compraria um prédio na Riverside Drive, uma caixa de joias pré-guerra com uma entrada *art déco* e vidro verde decorado nas portas do elevador. Dei aos Ables metade do último andar e uma chave para o terraço pelo valor que eles teriam pagado por uma quitinete. Eles viveriam ali pelo resto da vida.



Celeste jogou o diafragma no Atlântico na nossa lua de mel. Nas primeiras horas da manhã, vimos ele pegar uma onda suave e se afastar da costa de Maine.

– É um pouco nojento – falei.

– As pessoas vão achar que é uma água-viva.

Ela fechou a caixa cor-de-rosa vazia com força e jogou dentro da bolsa. Tentamos entrar na água no dia anterior, mas mesmo no fim de julho era impossível deixar que ela passasse dos joelhos, então voltamos para o hotel e Celeste colocou a roupa de banho para que eu pudesse tirá-la novamente. Ela achava que já tínhamos esperado tempo demais. Aos vinte e nove anos, ela não ia adiar a natureza por mais um ciclo. Nossa filha nasceu nove meses depois. Sob protestos, dei a ela o nome da minha irmã, e, como concessão, a chamávamos de May.

Tudo que envolveu May foi fácil. Eu disse a Celeste que poderíamos jogar uma lona sobre a cama e eu mesmo faria o parto se ela quisesse ficar em casa, mas ela não quis. Fomos de táxi até o Columbia-Presbyterian no meio da noite, e seis horas depois nossa filha veio ao mundo pelas mãos de



um antigo colega. A mãe de Celeste veio passar uma semana conosco e Maeve veio passar um dia. Maeve e Julie Norcross se deram bem durante os preparativos para o casamento, e Maeve achava que as coisas entre ela e Celeste melhoravam quando a mãe de Celeste estava por perto. Ela planejava suas breves visitas de acordo com as de Julie. Celeste largou o emprego de professora na escola de Columbia e cinco meses depois estava grávida de novo. Gostava de dizer que era boa em ter filhos. Ia se dedicar a essa habilidade.

Mas bebês são questão de sorte, e não havia garantia de que o que tinha sido fácil uma vez seria fácil duas vezes. Com vinte e cinco semanas de gravidez, ela começou a ter contrações e precisou ficar de cama. Disseram que seu útero era preguiçoso, incapaz de manter o bebê no lugar diante da gravidade incansável. Ela recebeu a notícia como uma ofensa pessoal.

– Ninguém disse que era preguiçoso ano passado – disse.

Eles a teriam obrigado a ficar no hospital se eu não fosse considerado médico o suficiente para administrar a medicação e observar a pressão sanguínea. O que eu não conseguia administrar, com o trabalho e Celeste, era cuidar da May.

– Vamos precisar contratar alguém – falei.

Celeste tinha deixado claro que não queria que a mãe se mudasse para Nova York, e a ideia de Maeve vir ajudar não era cogitada.

– Só queria que conhecêssemos alguém – disse Celeste.

Ela estava frustrada e com medo e raiva de si mesma por não ser capaz de cuidar das coisas como sempre tinha cuidado.

– Não quero uma estranha cuidando da May.

– Posso tentar chamar a Fofinha – sugeri, embora não fosse uma sugestão sincera.

Chamar Fofinha, como algumas outras coisas, parecia ser andar para trás. Eu estava segurando May pelo quadril, e ela se contorcia e estendia as mãos gordinhas em direção à mãe.

– O que é fofinha?

– *Quem* é Fofinha.

– Do que você está falando?

– Eu nunca te falei da Fofinha?

Celeste soltou um suspiro e ajeitou o cobertor.

– Acho que não. Ninguém esqueceria uma Fofinha.

No início de nosso relacionamento, Celeste perguntou sobre a pequena cicatriz ao lado do meu olho, e eu disse que tinha levado uma raquetada jogando tênis de duplas em Choate. Eu não ia contar à bela garota em minha cama que uma babá irlandesa me bateu com uma colher de pau. Se eu nunca havia mencionado Fofinha, então Celeste também não sabia sobre o caso do meu pai. Seria difícil apresentar uma candidata que dormia com o patrão e que batera numa criança, mas na verdade eu perdoara Fofinha por tudo isso. Como Maeve dizia, não havia por que guardar rancor das pessoas daquela época de nossas vidas.

– Ela era nossa babá. Mora no Bronx agora – disse.

– Pensei que Sandy e Jocelyn fossem suas babás.

– Sandy era a arrumadeira, Jocelyn era a cozinheira, Fofinha era a babá.

Celeste fechou os olhos e assentiu pacificamente.

– Tenho dificuldade em lidar com empregados em casa.

– Devo ligar para ela?

May, que tinha a capacidade misteriosa de concentrar seu peso, se transformara em um saco de batatas de vinte e cinco quilos em meus braços. Eu a coloquei ao lado da mãe.

– Por que não tentar? Você se saiu bem o suficiente.

Celeste esticou-se em direção à nossa filha, podia deitar-se ao lado dela, mas não pegá-la no colo.

– Pelo menos é um começo.

E assim aconteceu que, quase trinta anos depois de termos vivido sob o mesmo teto, Fofinha chegou à rua 116th para cuidar de nossa filha. Celeste não poderia ter ficado mais satisfeita com o acordo.

– As pulgas estavam por toda parte!

Ouvi Fofinha dizer para minha esposa um dia depois de a contratarmos. Tinha acabado de entrar e fiquei no corredorzinho da entrada ouvindo. Não estava ouvindo escondido, o apartamento era pequeno demais para isso. Elas sabiam muito bem que eu estava ali.

– No dia em que fui conhecer os Conroys eles estavam lá se coçando. Eu queria muito causar uma boa impressão, sabe. Tinha cuidado da casa enquanto estava vazia e esperava que eles me contratassem, então coloquei meu melhor vestido e fui até lá me apresentar, e lá estavam eles com uma pilha de caixas. Vi as pulgas nas perninhas de Maeve. Elas a atacaram como se fosse um pão doce.

– Espere – disse Celeste –, você não morava na casa?

– Eu morava na garagem. Havia um apartamento no andar de cima, onde meus pais moravam quando trabalhavam para os VanHoebeeks. É claro que fiquei na casa quando estava cuidando da velhinha, nunca a deixava sozinha. Mas depois que ela morreu, bem, aquilo tudo me deixou triste, então voltei para a garagem. Eu tinha crescido ali. Era uma das garotas da casa, então passei a ser a única criada da casa inteira, depois fui babá, depois caseira, depois babá dos Conroys, primeiro da Maeve, depois do Danny.

*Depois a amante*, pensei, largando a correspondência.

– Eu era boa em todos esses trabalhos, tirando o de caseira. Eu era péssima.

– Mas são trabalhos completamente diferentes – disse Celeste. – Cuidar de pessoas e cuidar de uma casa vazia.

– Eu tinha medo da casa. Achava que os VanHoebeeks ainda estavam lá, que eram fantasmas. Não conseguia imaginar o lugar sem eles, ainda que tivessem morrido. Mal conseguia entrar lá uma vez por semana e dar uma olhada com o dia claro, então não percebi que guaxinins tinham entrado no salão com todas aquelas pulgas. Elas deviam ter acabado de eclodir, porque não havia pulgas quando o banqueiro veio nem quando os Conroys vieram ver a casa, mas quando eles se mudaram as pulgas estavam por toda parte, dava para vê-las pulando nos tapetes, nas paredes. Eu não os culparia se tivessem me demitido na hora.

– As pulgas não eram culpa sua – disse Celeste.

– Mas eram, se pensar bem. Eu dormi no posto. O que você acha? Largo esta menininha e preparo o almoço?

– Danny? – chamou Celeste. – Você quer almoçar?

Entrei no quarto. Celeste estava esticada em nossa cama e Fofinha estava sentada em uma poltrona com May dormindo em seus braços.

Celeste olhou para mim e sorriu.

– Fofinha estava me contando sobre as pulgas.

– A mãe dele ficou comigo – disse Fofinha, sorrindo como se fosse algo que eu tivesse feito. – Ela não era muito mais velha que eu, mas eu agia como se ela fosse minha mãe. Eu era tão sozinha! E ela era muito gentil. Por mais infeliz que Elna estivesse, ela sempre fazia questão de demonstrar que estava feliz com minha presença.

– Ela estava infeliz por causa das pulgas?

– Por causa da *casa*. A coitada da Elna odiava a casa.

- Eu gostaria de almoçar – interrompi.
- Por que “coitada da Elna”? – perguntou Celeste.

Desde que contei a história da minha vida, minha esposa não tinha lá muita consideração por minha mãe. Ela achava que não poderia haver motivo que justificasse abandonar dois filhos.

- Fofinha olhou para minha filha dormindo em seu peito.
- Ela era boa demais para viver em um lugar como aquele.

Celeste olhou para mim, confusa.

- Achei que você tivesse me dito que era um lugar bonito.
- Vou comprar sanduíches – desconversei, já virando para sair.

Queria pedir a Fofinha que parasse, mas por quê? Ela estava contando essas histórias para Celeste, a única pessoa no mundo que queria ouvi-las. Fofinha contou a Celeste as histórias da Casa Holandesa como Sherazade tentando ganhar mais uma noite, e Celeste, que finalmente se distraía de seus problemas, não a demitiria por nada no mundo.

Kevin chegou cedo e passou as primeiras seis semanas de vida em uma incubadora, olhando para nós com seus olhinhos de sapo pela parede de plástico transparente, enquanto Fofinha ficava em casa com May.

– Está tudo bem. – Fofinha dizia para mim, beijando minha filha na cabeça, uma série de bicadinhas rápidas. – Todos estamos onde precisamos estar.

Maeve veio de trem enquanto Celeste estava no hospital, para passar uns dias com Fofinha e com sua xará. Maeve e Fofinha tinham um apetite insaciável pelo passado quando estavam juntas. Falavam da Casa Holandesa passando de cômodo em cômodo.

- Você se lembra daquele fogão? – dizia uma delas.
- Que era preciso acender as bocas com um fósforo? Eu sempre achava que ia mandar tudo pelos ares, de tanto tempo que demorava para acender.
- Você se lembra daqueles lençóis cor-de-rosa de seda do quarto do terceiro andar? Nunca mais vi lençóis como aqueles na minha vida. Aposto que ainda estão perfeitos. Ninguém dormia naquela cama.
- Você se lembra de quando nós duas fomos nadar na piscina, e Jocelyn disse que não gostava de ser obrigada a ver a babá mergulhando como uma foca durante o trabalho?

Então elas riam e riam até May rir com elas.

Comprei um casarão para Celeste ao norte do Museu de História Natural logo depois que May nasceu, e eu mesmo trabalhava nele nos fins de

semana – uma casa grande de quatro andares muito além das nossas condições, o tipo de casa na qual poderíamos viver o resto da vida. A vizinhança não era perfeita, mas era melhor que aquela em que morávamos. Os ventos da gentrificação tinham começado a soprar para o Upper West Side, e eu quis me adiantar a eles. Para construir uma vida nova, teríamos de viajar vinte e cinco quarteirões. Eu pagaria a Sandy e Jocelyn para virem no fim de semana, e, com a Fofinha, iria encaixotar e desencaixotar nossas coisas.

– Vamos nos mudar *agora*? – perguntou Celeste quando estávamos sentados na sala de espera da UTI neonatal.

O horário de visita começava às nove.

– Nunca é um bom momento para se mudar – afirmei. – Assim Kevin pode ir para a casa nova quando tiver alta.

A casa nova tinha quatro quartos, mas Kevin e May dividiam um quando eram crianças.

– A correria é menor – dizia Fofinha. – Tem escadas demais neste lugar.

Celeste concordava, e me obrigou a enfiar uma cama de solteiro no quarto já lotado. Ela teve de passar por uma cesárea de emergência, e disse que preferia não ter de andar muito quando uma das crianças chorasse.

Certa noite, depois de buscar uma blusa para Celeste em nosso quarto no último andar, colocar a roupa para lavar no primeiro andar, trocar a fralda da May e pegar outra roupa para ela no terceiro andar e levar as roupas sujas para baixo para lavar, Fofinha caiu no sofá ao lado de Celeste, as bochechas vermelhas, a respiração ofegante.

– Você está bem? – perguntou Celeste, com Kevin nos braços.

May deu alguns passos meio tortos em direção à lareira que eu tinha acabado de acender.

– *May* – chamei.

Fofinha respirou fundo e estendeu as mãos, e May se virou e engatinhou na direção dela.

– Muitas escadas – disse Celeste.

Fofinha assentiu e, depois de mais um minuto, voltou a respirar normalmente.

– Fazem-me lembrar da coitada da Sra. VanHoebeek quando estava morrendo. Eu odiava todas aquelas escadas.

– Ela caiu? – perguntei, porque não sabia nada sobre os VanHoebeeks além do fato de que fabricavam cigarros e estavam mortos.

– Bom, ela não caiu da escada, se é o que você quer dizer. Ela caiu no jardim, cortando peônias. Caiu na grama macia e quebrou o quadril.

– Quando?

– Quando? – repetiu Fofinha, temporariamente perdida com a pergunta.  
– Estávamos bem no meio da guerra, disse eu sei. Todos os meninos já tinham morrido. O Sr. VanHoebeek já tinha morrido. Eu e a senhora estávamos sozinhas na casa.

Fofinha tentou chamar Celeste de *senhora* quando veio trabalhar para nós, mas Celeste não aceitou.

– Como os meninos morreram? – Celeste puxou o cobertor para cobrir o pescoço de Kevin.

Mesmo com a lareira acesa, o cômodo estava gelado. Eu precisava arrumar as janelas.

– Quer saber de todos eles? Linus teve leucemia. Morreu cedo, acho que não tinha nem doze anos. Os mais velhos, Pieter e Maarten, morreram na França. Disseram que se os Estados Unidos não os aceitassem eles voltariam para a Holanda com a intenção de lutar. Recebemos a notícia de que um deles tinha morrido e menos de um mês depois recebemos a notícia da morte do segundo. Eram homens bonitos, como príncipes de um livro ilustrado. Nunca consegui decidir por qual dos dois eu era mais apaixonada.

– E o Sr. VanHoebeek?

Eu me sentei na poltrona grande perto da lareira. O relógio soava os minutos da noite. Eu não tinha intenção de ficar com elas, mas acabei ficando. A sala nos envolveu à luz tremeluzente. Eu ouvia os carros subindo e descendo a Broadway a uma quadra dali. Ouvia a chuva.

– Enfisema. É por isso que eu nunca fumei. O velho Sr. VanHoebeek fumava por todos os membros da família. É uma morte terrível – disse Fofinha, olhando para mim.

Celeste se sentou sobre os pés.

– E a Sra. VanHoebeek?

Ela queria uma história. May balbuciou um pouco no colo de Fofinha e depois se aquietou como se quisesse ouvir.

– Chamei a ambulância, e eles vieram buscá-la no jardim e levaram-na. Fui dirigindo atrás deles no último carro que tínhamos. Meu pai tinha sido o motorista da família, então eu sabia dirigir. Perguntei no hospital se podia dormir no quarto da senhora, ficar de olho nela, e a enfermeira não deixou. Ela disse que teriam de colocar um pino em seu quadril e que ela precisaria

descansar. Meus pais tinham conseguido um emprego juntos em Virgínia, todos os outros criados tinham sido demitidos durante a Depressão. Eu era a única que restava na época. Tinha mais de vinte anos e nunca tinha passado uma noite sozinha na vida. – Fofinha balançou a cabeça ao pensar nisso. – Fiquei paralisada. Achava que estava ouvindo pessoas conversando. Então, em um determinado momento, depois que escureceu, percebi que era eu quem deveria cuidar da senhora, não o contrário. Eu achava que aquela velhinha estava me protegendo?

May bocejou e enterrou a cabeça no peito de Fofinha, olhando para ela uma última vez como que confirmando que ela estava mesmo ali antes de deixar seus olhos se fecharem.

– Ela morreu no hospital? – perguntei. Não acreditava que o resultado de colocar pinos no quadril pudesse ser muito bom nos anos quarenta.

– Ah, não. Ela ficou bem. Fui vê-la todos os dias, e depois de duas semanas os homens da ambulância a trouxeram de volta. Foi por isso que comecei a contar a história, o motivo por que odeio as escadas. Eles a carregaram para o andar de cima em uma maca e colocaram-na na cama, e eu arrumei seus travesseiros. Ela estava tão feliz por estar em casa. Agradeceu aos homens, pediu desculpas por ser tão pesada, quando na verdade devia pesar o mesmo que um galeto. Ela dormia no quarto grande da frente, onde seus pais dormiam. Depois que os homens foram embora, perguntei se queria chá e ela disse que sim, então descí as escadas para providenciar, e, daquele momento em diante, nunca parei. Havia sempre uma coisa, e outra coisa e mais outra. Eu subia e descia aquelas escadas de cinco em cinco minutos, e tudo bem, eu era jovem, mas depois de mais ou menos uma semana percebi o erro que cometera. Eu devia tê-la colocado no andar de baixo, bem ali no hall, com aquela vista. No andar de baixo ela poderia ficar observando a grama e as árvores e os pássaros, tudo que ainda era dela. Lá em cima, tudo o que podia observar era a lareira. De onde estava, não conseguia ver nada pela janela a não ser o céu. Ela nunca reclamou, mas fiquei tão triste por ela. Sabia que não ia melhorar. Não havia razão. Ela era uma velha passarinha tão doce. Sempre que eu precisava sair para comprar seus remédios, dava um comprimido extra, para que desmaiasse, pois, se continuasse acordada, ficaria confusa se eu não estivesse por perto e tentaria se levantar da cama sozinha. Ela não se lembrava de que tinha quebrado o quadril. Esse era o problema. Estava sempre tentando se levantar. Eu dizia a ela que esperasse, e voava pelas

escadas para pegar o que ela precisava e voltava direto, e de vez em quando ela estava se levantando, um pé já tocando o chão, então comecei a posicioná-la no meio da cama e fazer uma parede de travesseiros à sua volta como fazemos com os bebês, e descia duas vezes mais rápido. Eu poderia ter corrido uma maratona, mas acho que não havia maratonas na época. – Ela olhou para May e passou a mão pelo cabelo preto e fino da bebê. – Eu era toda durinha.

Houve vezes, logo no início, em que Celeste tentou falar algo de Maeve, mas Fofinha não queria nem saber.

– Eu amo minhas crianças – dizia –, e Maeve foi minha primeira. Eu salvei a vida dela, sabia? Quando os efeitos da diabetes surgiram, fui eu que a levei ao hospital. Imagine se vou querer escutar coisas ruins sobre a May quando ela crescer. – Ela chacoalhou May algumas vezes no quadril, fazendo-a rir. – Não. Vai. Acontecer – disse para a bebê.

Celeste logo entrou na linha. Agora, o principal relacionamento adulto em sua vida era com Fofinha, e Celeste morria de medo do dia em que as crianças atingissem idade suficiente para que ela pudesse cuidar delas sozinha. Além de ser necessário ter alguém para ajudar com duas crianças com idades tão próximas, Fofinha também sabia o que fazer em caso de dor de ouvido, erupção cutânea, tédio. Sabia melhor do que eu quando era preciso ligar para o pediatra. Fofinha era um gênio no que dizia respeito a bebês, mas também tinha um senso aguçado no que dizia respeito às mães. Ela cuidava de Celeste tanto quanto de Kevin e May, elogiando cada boa decisão, dizendo-lhe quando descansar, ensinando-a a fazer ensopado. E quando chovia ou estava escuro ou simplesmente frio demais para sair, havia o baú interminável de histórias dos VanHoebeek para abrir de novo. Celeste acabou se apaixonando por eles também.

– A garagem ficava do outro lado da casa, mas se eu ficasse de pé no vaso sanitário e abrisse a janela conseguia ver os convidados chegando para as festas. Não há nada que se compare às festas que eles davam naquela época, nada no mundo. Todas as janelas eram abertas, e os convidados entravam pelo terraço. Quando estava frio, eles dançavam lá em cima, no salão, mas quando estava gostoso do lado de fora, trabalhadores vinham durante o dia e montavam uma pista de dança feita de pedaços de madeira polida que se encaixavam. Assim, os convidados podiam dançar no gramado. Havia uma pequena orquestra, e todos riam e riam. Minha mãe dizia que o som mais sedoso do mundo era a risada de uma mulher rica. Ela



trabalhava na cozinha o dia todo para deixar tudo pronto, depois servia até as duas ou três da manhã, depois limpava tudo. Havia muita gente para ajudar, mas era a cozinha da minha mãe. Meu pai levava todos os carros e trazia-os de volta para os convidados quando eles queriam ir embora. Eu sempre estava dormindo no sofá quando eles chegavam, por mais que tentasse ficar acordada, eu era uma coisinha de nada, e minha mãe me acordava e me dava uma taça de champanhe sem gás, o que quer que tivesse sobrado na garrafa. Ela me acordava e dizia: “Fiona, olha o que eu trouxe para você!” E eu bebia e logo voltava a dormir. Eu não devia ter mais do que cinco anos. Aquele champanhe era a coisa mais maravilhosa do mundo.

– Como você acha que meu pai conseguiu o dinheiro para comprar a casa? – perguntei a Fofinha tarde da noite em um momento de silêncio quase sagrado, as duas crianças dormindo em seus berços, Celeste dormindo na caminha no quarto delas, onde havia se deitado só para descansar um pouquinho e apagado.

Fofinha e eu estávamos em pé lado a lado, ela lavava os pratos e eu secava.

– Foi o rapaz que seu pai conheceu quando estava no hospital na França.

Virei para ela com um prato nas mãos.

– Você sabe disso?

Eu nem sabia ao certo o que tinha me levado a fazer a pergunta, mas nunca imaginei que ela pudesse ter a resposta.

Fofinha assentiu.

– Ele caiu do avião e quebrou o ombro. Acho que ficou uma eternidade naquele hospital, e muitas pessoas iam e vinham o tempo todo. Durante alguns dias, um rapaz que tinha levado um tiro no peito ocupou a cama ao lado da dele. Tento não pensar muito nisso. O rapaz não ficava acordado com muita frequência, mas quando ficava conversava com seu pai, e disse que se tivesse dinheiro compraria terras em Horsham. Sem dúvida, disse ele, então seu pai perguntou por quê. Imagino que deve ter sido bom ter alguém com quem conversar. O rapaz respondeu que, por causa da guerra, não podia dizer, mas que Cyril devia se lembrar dessas duas palavras: Horsham, Pensilvânia. Seu pai se lembrou.

Peguei mais um prato de seus dedos ensaboados, depois um copo. A cozinha ficava nos fundos da casa, e havia uma janela sobre a pia. Fofinha

sempre dizia que não havia luxo maior para uma mulher do que uma janela sobre a pia.

– Meu pai te contou isso?

– Seu pai? Meu Deus, não. Seu pai não teria me dito as horas se eu perguntasse. Sua mãe me contou. Éramos unha e carne, sua mãe e eu. Você precisa se lembrar que, quando eles apareceram na Casa Holandesa naquele primeiro dia, ela acreditava que eles eram pobres. Ela o obrigou a contar como tinha conseguido o dinheiro. *Obrigou*. Ela tinha certeza de que ele tinha feito algo ilegal. Ninguém tinha tanto dinheiro assim na época.

Pensei em mim mesmo na graduação, encontrando aquele primeiro prédio em execução fiscal, imaginando como meu pai tinha enriquecido.

– O que aconteceu?

– Bem, o pobre rapaz morreu, é claro, deixando seu pai com tempo suficiente para pensar nele. Ele ficou naquela cama por mais três meses até conseguir um lugar em um navio que o trouxesse para casa. Depois disso, foi colocado em um trabalho de gabinete no estaleiro da Filadélfia. Nunca na vida tinha ido à Filadélfia. Depois que ele e sua mãe se instalaram, ele pegou um mapa e o que viu? Horsham, a menos de uma hora de distância. Decidiu ir até lá, acho que por respeito ao rapaz. Não tenho ideia de como seu pai chegou lá, mas só encontrou terras agrícolas. Fez algumas perguntas, só para ver se havia algo à venda, e encontrou um homem que tinha quatro hectares de que queria se desfazer, a preço de banana.

– Mas onde ele conseguiu o dinheiro para comprar a terra?

As coisas podem ser baratas, mas se você não tem dinheiro isso não importa muito. Eu sabia disso por experiência própria.

– Ele havia guardado da época em que trabalhara nas barragens da Autoridade do Vale do Tennessee durante três anos antes da guerra. Eles pagavam uma mixaria, mas seu pai era um homem que poupava muito. Agora, pense só: sua mãe não sabia nada disso, e eles eram casados. Ela não sabia das economias nem do garoto nem de Horsham, nada. Seis meses depois, a Marinha ligou para ele dizendo que queriam construir uma base exatamente naquelas terras.

– Caramba!

Fofinha balançou a cabeça, as bochechas coradas, as mãos vermelhas na água.

– E já teria sido uma boa história se fosse só isso, mas ele pegou o dinheiro da venda e comprou um galpão industrial no rio, e quando vendeu

esse galpão começou a comprar lotes de terra, e durante todo esse tempo sua mãe deixava o feijão de molho para o jantar e ele trabalhava para a Marinha, comprando suprimentos, e eles viviam na vila militar com sua irmã. Então um dia ele disse: “Ei, Elna, peguei um carro emprestado, tenho uma surpresa para te mostrar.” É de admirar que ela não o tenha matado.

Parado ali ombro a ombro com ela, a louça lavada e o mistério mais frustrante da minha vida resolvido, eu me lembrei de que aquela era a mulher que um dia me bateu quando eu era criança. Ela dormia com meu pai e queria se casar com ele. Pensei que a vida teria sido bem melhor se Fofinha tivesse conseguido o que queria.

VENDI O PRÉDIO em que morávamos quando nos casamos por um bom valor e vendi os dois primeiros casarões, e com o lucro comprei um prédio de uso misto na Broadway, a seis quadras de onde morávamos. Tinha trinta unidades de aluguel e um restaurante italiano no térreo. Mesmo que passasse todas as horas em que estivesse acordado, todos os dias do ano, naquele prédio, eu não teria conseguido fazer todos os reparos necessários: aquecimento a vapor incontrolável, trituradores de lixo ilegais, um inquilino cuja filha jogou uma laranja no vaso e deu a descarga para ver se ia descer, outra que deixava a porta aberta para que o gato pudesse cagar no corredor, e o *terrier* duas portas adiante que sempre encontrava o cocô, devorava-o e depois vomitava no chão do corredor. A cada crise eu aprendia a consertar mais alguma coisa e a acalmar as pessoas cujos problemas não era minha responsabilidade resolver.

Ganhei dinheiro. Contratei um faz-tudo e abri uma administradora. O jeito mais certo de saber se valia a pena comprar um prédio era administrá-lo primeiro, ou administrar um prédio em um quarteirão onde o outro estivesse à venda. Praticamente tudo em Nova York estava à venda naquela época se você soubesse a quem perguntar. Eu conhecia os vereadores, os policiais. Entrava e saía de porões. Maeve fazia a contabilidade e cuidava dos impostos da empresa, além de nossos impostos de pessoa física. Isso deixava Celeste muito irritada.

– Sua irmã não tem o direito de meter o nariz em cada aspecto da nossa vida – disse ela.

– Claro que tem, se eu é que estou pedindo a ela que faça isso.

Celeste tinha o costume de pensar demais nas coisas agora que estava sozinha em casa com as crianças. Fofinha voltara a ser babá de recém-nascidos e estava trabalhando para amigos nossos que moravam dez quarteirões para o sul e tinham adotado gêmeos. Tinha ficado conosco mais tempo do que sua promessa original, e ainda vinha uma vez por semana para nos ver, preparar uma sopa e dançar pela cozinha com Kevin nos

braços. Agora Celeste lavava a roupa sozinha, organizava encontros com outras crianças para brincar no parque e lia o mesmo livro um milhão de vezes com animação:

– Um garotinho plantou uma semente de cenoura. Sua mãe disse “Acho que não vai crescer”.

Ela se dedicava ao máximo a cada tarefa, mas ainda assim seu cérebro grande e ativo era subutilizado, e com frequência se virava contra minha irmã.

– Você não pode colocar alguém da família para cuidar da contabilidade. Precisa encontrar um profissional.

– Maeve é profissional. O que você acha que ela faz na Otterson?

As duas crianças estavam dormindo, e, embora um carro do Corpo de Bombeiros pudesse descer pela Broadway berrando sem perturbar seus sonhos, o barulho dos pais discutindo era capaz de fazê-los acordar de um coma.

– Meu Deus, Danny, ela envia encomendas de vegetais. Temos uma empresa de verdade. Tem dinheiro em jogo.

No que dizia respeito à minha empresa, Celeste não fazia ideia do que estava em jogo. Não sabia nada sobre a solidez de nosso capital ou o tamanho de nossas dívidas. Não perguntava. Se tivesse compreensão do risco financeiro escandaloso em que eu tinha nos colocado, não conseguiria dormir nem uma noite sequer. Tudo o que sabia era que não queria Maeve por perto, ainda que, de várias formas, fosse ela, com seu entendimento dos códigos tributários e hipotecas, quem realmente comandasse o navio.

– Tudo bem, primeiro, a Otterson é uma empresa de verdade.

Maeve tinha me contado qual era o lucro, embora talvez não devesse ter feito isso.

Celeste jogou as mãos para o alto.

– Por favor, não dê uma palestra sobre feijões.

– Segundo, olhe para mim, estou falando sério. Segundo, Maeve é totalmente ética, o que não dá para dizer de alguns contadores que trabalham com imóveis em Nova York. Ela só quer o nosso bem.

– O *seu* bem – disse ela em um sussurro. – Ela não está nem aí para mim.

– Vai ser bom para você que a empresa tenha sucesso.

– Por que você não a convida logo para morar com a gente? Ela não ia adorar isso? Ela podia dormir em nosso quarto. Não temos segredos.

- Seu pai limpa nossos dentes.  
Celeste balançou a cabeça.
- Não é a mesma coisa.
- Seus dentes, meus dentes, os dentes das crianças. E quer saber? Eu gosto disso. Sou grato a seu pai. Ele faz um bom trabalho, então vou até Rydal para fazer uma obturação. Eu confio nele.
- Acho que isso prova o que suspeitamos há muito tempo.
- O quê?
- Que você é uma pessoa melhor do que eu.

Então Celeste saiu do quarto para se certificar de que as crianças não tinham ouvido as coisas que dissemos.

Tudo de que Celeste não gostava em mim era culpa da Maeve, porque ficar brava com a irmã do marido era infinitamente mais fácil do que ficar brava com o marido. Ela podia ter guardado as decepções iniciais em uma caixa, mas carregava a caixa com ela aonde quer que fosse. Ela nunca esqueceria completamente o fato de que eu não tinha me casado com ela quando ela se formou na Thomas More, e que tinha sido eu a razão de seu retorno a Rydal, um fracasso. Nem passava despercebido que, quanto mais eu me dedicava aos imóveis, mais feliz eu ficava. Celeste tinha se enganado comigo. Tinha planejado me deixar livre para que eu percebesse meus erros, mas a medicina nem passava pela minha cabeça, a não ser quando almoçava com Morey Able ou encontrava um de meus antigos colegas que aplicavam pressão em ferimentos a bala para viver. Quando May atingiu idade suficiente para pedir por um Jogo Imobiliário no Natal, sentei-me ao lado da árvore e nós jogamos. Não conseguia imaginar meu pai jogando um jogo de tabuleiro, mas esse era genial: as casas e os hotéis, as ações e o aluguel, os lucros e os impostos. Banco Imobiliário era o mundo. May sempre escolhia o mesmo peão. Na época, Kevin ainda não tinha idade suficiente para se ater ao jogo, mas fazia os peões correrem pela lateral do tabuleiro e construía pirâmides com as casinhas. Sempre que eu jogava os dados e movimentava meu peão, pensava na sorte que tinha: cidade, emprego, família, casa. Não passava os dias em um quarto dizendo ao pai de alguém que ele tinha câncer no pâncreas, dizendo à mãe de alguém que tinha sentido um caroço em seu peito, dizendo aos pais que tínhamos feito tudo o que estava ao nosso alcance.

O que não quer dizer que o fato de eu ser médico não viesse à tona. Enquanto as crianças cresciam, muitas vezes tive de colocar em prática tudo

o que havia aprendido anos antes. Por exemplo, quando fomos com a perua até Brighton Beach com os Gilberts, amigos que fizemos por causa das crianças, porque é assim que fazemos amigos a certa altura da vida, e Andy, o filho dos Gilberts, enfiou um prego no pé. O prego estava em uma tábua, a tábua estava meio enterrada na areia, não vi quando aconteceu. Os meninos estavam saindo da água correndo um atrás do outro. Eu estava na areia com o pai de Andy, um defensor público esguio chamado Chuck, e as duas meninas, a dele e a minha. As meninas estavam em pé nas ondas baixas, procurando pedrinhas com baldes, quando, por sobre o som do mar e do vento e de todas as outras crianças correndo e gritando, ouvimos o grito de Andy Gilbert. Celeste e a mãe do menino estavam bem mais perto, deitadas em toalhas, conversando, de olho nos meninos enquanto eles nadavam. Todos corremos em direção a Andy ao mesmo tempo: pais, mães, irmãs. Ele devia ter uns nove anos, era amigo do Kevin, que tinha nove anos naquele verão. A mãe de Andy, uma mulher bonita com cabelo castanho liso e biquíni vermelho (sinto dizer que me lembro disso, mas não do seu nome), estava estendendo a mão para pegar o pé do filho sem ter ideia do que fazer, quando Celeste colocou a mão em seu ombro e disse:

– Não, deixe Danny cuidar disso.

A mulher, a outra mãe, olhou para minha esposa e depois para mim, certamente se perguntando o que eu sabia sobre tirar pregos dos pés das pessoas. Tínhamos acabado de alcançá-los quando nosso filho Kevin disse ao amigo crucificado que gritava:

– Tudo bem, meu pai é tipo médico.

E naquele segundo em que os Gilberts ainda estavam atordoados pela confusão e pelo medo, coloquei um pé de cada lado do pé de Andy para manter a tábua no lugar, coloquei as pontas dos dedos entre a carne macia da sola de seu pé e a tábua e levantei bem rápido. Ele gritou, é claro que gritou, mas não saiu muito sangue, então pelo menos não atingiu uma artéria. Peguei-o no colo, berrando e tremendo naquele calor, escorregadio por causa da água do mar, e comecei a ir em direção ao carro com o sol ofuscante da tarde, enquanto o restante do grupo se esforçava para reunir os objetos que leváramos. Chuck Gilbert veio atrás de mim, pegando a tábua para evitar que outra criança sofresse o acidente que seu filho sofrera. Ou talvez tenha sido o impulso de advogado de coletar provas, como o meu tinha sido tirar o prego.

Naquela noite à mesa do jantar May não parava de nos contar a história daquele dia. Eu achava que devíamos voltar à cidade para ir ao hospital, mas os Gilberts tiveram medo de que pudéssemos ficar presos no trânsito, então acabamos em um pronto-socorro no Brooklyn, todos nós sentados ali, cansados e sujos de areia. O médico do pronto-socorro aplicou uma antitetânica em Andy e limpou seu pé, tirou uma radiografia e fez um curativo. Na pressa de deixar Brighton Beach, a Sra. Gilbert tinha deixado a saída de praia para trás, então teve de ficar na sala de espera e depois conversar com o médico de biquíni vermelho e uma toalha enrolada na cintura. May nos contou tudo isso como se estivesse trazendo notícias de uma terra distante. Duvido que os Gilberts, que tínhamos deixado em casa, no East Side, teriam gostado de sua encenação implacável. Tendo começado a história pelo meio (pedrinhas; grito), ela voltou ao início assim que chegou ao fim. Então contou sobre o caminho até a praia, o que cada um de nós tinha comido na hora do almoço e que os meninos tinham ido direto nadar, embora não deversem fazer isso logo depois de comer. Ela nos contou que ela e Pip (irmã de Andy e sua amiga) foram comigo e com o Sr. Gilbert.

– Pip tinha acabado de encontrar uma concha – disse May em tom sombrio –, quando ouvimos o primeiro grito.

– Chega – disse Celeste finalmente. – Nós estávamos lá.

Celeste estava passando um prato de frango frio. Tinha tomado muito sol, e sua pele pálida estava queimada, um vermelho-escuro, os ombros, o peito e o rosto. Eu quase podia sentir o calor saindo de seu corpo. Todos estávamos cansados.

– Você não perguntou ao Andy se podia pegar no pé dele – disse-me May, sem se abalar. – Não perguntou nem aos pais dele. Você não devia ter perguntado primeiro?

Eu sorri para ela, minha bela menina de cabelos pretos.

– Não.

– Eles te ensinaram a fazer aquilo na faculdade de medicina? – perguntou Kevin.

Nenhuma das crianças estava queimada. Celeste havia sido cuidadosa com elas, mas não consigo mesma.

– É claro – respondi, percebendo pela primeira vez quanto estava feliz por não ter sido meu filho quem enfiou o pé em um prego na areia. – Em um dos semestres temos uma disciplina sobre como tirar prego dos pés das



peessoas, e no seguinte aprendemos a salvar pessoas que se engasgaram com espinhas de peixe.

O que a faculdade de medicina havia me ensinado era como ser decisivo: identificar o problema, analisar as opções e agir – tudo ao mesmo tempo. Mas o setor imobiliário me ensinou a mesma coisa. Eu teria puxado o pé de Andy Gilbert do prego sem ter feito uma aula sequer de anatomia.

– Você não devia fazer pouco caso disso – disse minha esposa. – Você sabia o que fazer.

May e Kevin pararam. Kevin segurava uma espiga de milho em uma das mãos. May largou o garfo. Estávamos esperando que ela falasse. Olhamos para Celeste e esperamos. Ela balançou a cabeça, os cachos parecendo mais claros depois de uma única tarde no sol.

– Bem, é verdade.

– Você é *médico* – afirmou May, inclinando o corpo para a frente e olhando em meus olhos. – Você devia *ser* médico.

May sabia imitar todos nós, mas a imitação que fazia de Celeste era pura arte.

Não importava que tivéssemos uma vida muito boa, uma vida que meus amigos da faculdade de medicina jamais conheceriam, a não ser que vendessem páginas de seus receituários, Celeste teria preferido poder me apresentar como médico. *Meu marido, Dr. Conroy*. Na verdade, ela fazia isso, mesmo eu pedindo que parasse. Quando não era sobre minha irmã, meu título era motivo da maioria das nossas discussões.

Mas naquela noite na cama Celeste se esticou em cima de mim, a cabeça em meu ombro, qualquer discussão desgastada pelo dia.

– Massageie minhas costas – pediu.

Ela ainda não tinha tomado banho e continuava com o cheiro do mar, como o vento que batia em Brighton Beach. Coloquei os dedos sob seu cabelo e senti a base de seu crânio.

– Atlas, áxis, primeira vértebra cervical. – Apertei cada uma como se fosse a tecla de um piano, tocando e soltando, contando todas sete. – Torácica. Você precisa aplicar melhor o protetor.

– Quietos. Não estrague.

– Torácica.

Contei as doze, e cheguei à lombar. Esfreguei sua lombar em círculos profundos até ela emitir sons semelhantes aos de mugidos suaves.

– Você se lembra? – perguntou ela.

– É claro que eu me lembro.

Eu amei o peso dela espalhado em cima de mim, o calor terrível que saía de sua pele.

– Durante todos aqueles anos ajudei você a estudar.

– Durante todos aqueles anos você me impediu de estudar.

Beijei o topo de sua cabeça.

– Você era um ótimo médico – sussurrou.

– Não era – respondi, mas ela levou o rosto até o meu assim mesmo.



Muitos anos depois de ter deixado a medicina, quando alguns prédios que tinha comprado e vendido deram lucro suficiente para pagar nossa casa e assegurar nossas economias, fiquei obcecado com a noção impossível de justiça. Tanto tempo e dinheiro desperdiçados na minha educação, e nada para Maeve. Já havia um fundo para May e Kevin, então por que Maeve não podia estudar direito, administração? Não era tarde demais para isso. Ela sempre foi a inteligente, e o que quer que decidisse estudar seria de grande ajuda para mim.

– Já sou de grande ajuda para você – disse ela. – Não preciso de um diploma de direito para isso.

– Então um diploma em matemática. Eu seria a última pessoa a falar para você estudar algo que não te interessa. Só não quero ver você entregando toda a sua vida à Otterson.

Ela ficou em silêncio por um instante. Estava tentando decidir se queria ou não entrar na discussão.

– Por que meu trabalho te incomoda tanto?

– Porque é pouco para você.

Reuni tudo em mim para dizer a ela o que ela já sabia.

– Porque esse é o emprego que você conseguiu quando voltou da faculdade para as férias de verão, e você tem quarenta e oito anos e continua lá. Você sempre me incentivou a ser o melhor que podia ser. Por que não me deixa retribuir?

Quanto mais brava, mais pensativa ela ficava. Nisso ela me lembrava nosso pai – cada palavra que dizia vinha embalada individualmente.

– Se esse é meu castigo por te mandar para a faculdade de medicina, tudo bem, eu aceito. Eu não estava te obrigando a ser melhor. Acho que

você sabe disso. Mas se está dizendo que está interessado em meu sustento, então deixe-me dizer uma coisa: eu gosto do que faço. Gosto das pessoas com quem trabalho. Gosto dessa empresa que ajudei a crescer. Tenho flexibilidade, seguro-saúde que inclui oftalmologista e dentista e férias remuneradas suficientes para dar a volta ao mundo, mas eu não quero dar a volta ao mundo porque *gosto* do meu trabalho.

Não sei por que não quis deixar esse assunto de lado.

– Você poderia gostar de fazer outra coisa também. Nunca tentou.

– Otterson precisa de mim. Você entende isso? Ele sabe muito sobre caminhões e refrigeração, um pouco sobre vegetais e absolutamente nada sobre dinheiro. Todos os dias eu percebo que sou indispensável, então me deixe em paz.

Maeve cumpria em metade do tempo a função que exercia na Otterson em tempo integral. Àquela altura, Otterson não se importava de onde ela fazia seu trabalho ou quanto tempo dedicava a ele, ela sempre cumpria seu dever. Ele deu a ela o título de diretora financeira, embora eu não conseguisse acreditar que a empresa precisasse de uma. Além do emprego na Otterson, ela também fazia a contabilidade da minha empresa, sempre dedicando a máxima atenção a isso. Nada passava despercebido ao olhar de Maeve: se uma lâmpada queimava na entrada de um prédio meu, ela queria um registro da substituição. Uma vez por semana eu mandava para ela uma pasta com recibos, contas, cheques para pagamento de aluguel. Ela registrava tudo em um livro-razão que era parecido com o que nosso pai mantinha. Nosso banco ficava em Jenkintown, e o nome de Maeve estava em todas as contas. Ela fazia os cheques. Estava a par das leis tributárias estaduais e municipais de Nova York, dos abatimentos e incentivos. Escrevia cartas firmes e imparciais a inquilinos com aluguéis vencidos. Uma vez por mês eu incluía um cheque para pagar seu salário, e uma vez por mês ela deixava de sacá-lo.

– Ou eu pago a você ou pago a outra pessoa – dizia eu. – E para outra pessoa isso seria um emprego de verdade.

– Você iria precisar procurar muito para encontrar alguém que conseguisse transformar isso em emprego.

Maeve fazia o trabalho para mim durante o jantar, à mesa da sua cozinha.

– Às quintas-feiras – dizia.

Havia muito tempo que Maeve vivia de aluguel em um bangalô de tijolos vermelhos, dois quartos e uma varanda comprida a duas quadras da Imaculada Conceição. A cozinha era ensolarada, fora de moda e tinha vista para um amplo jardim retangular onde ela cultivava dalias e malva-rosa ao longo da cerca dos fundos. Não havia nada de errado com a casa, mas era muito pequena: armários minúsculos, um banheiro.

– Não importa quanto dinheiro você tenha, você só consegue usar um banheiro por vez – dizia ela.

– Bem, às vezes eu estou aqui.

Embora fosse verdade, eu na época raramente dormia lá.

– Durante quantos anos compartilhamos um banheiro?

Ofereci-me para comprar uma casa para ela no lugar do salário, mas ela recusou isso também. Disse que ninguém mais lhe diria onde ela podia ou não podia morar, nem mesmo eu.

– Levei cinco anos para conseguir uma colheita decente de framboesa – disse.

Então fui atrás do proprietário e comprei a casa em que ela morava. No meu histórico de compra e venda de imóveis, aquele certamente foi o pior negócio que fiz. Como eu queria um imóvel que não estava à venda, o dono se sentiu à vontade para definir um valor obsceno, e foi o que ele fez. Não importava. Coloquei a escritura na pasta semanal de contas e recibos e mandei para ela. Maeve, que raramente ficava entusiasmada e nunca surpresa, ficou com os dois.

– Passei a tarde toda andando pela casa – disse ela quando atendi ao telefone. – Uma casa parece diferente quando é nossa. Nunca soube disso. Parece melhor. Ninguém vai me tirar daqui agora. Vou ser como a velha Sra. VanHoebeek. Só saio daqui morta.



Eu estava voltando para a cidade, e só por farra paramos um pouquinho na Casa Holandesa. Assim evitaríamos a pior parte do trânsito do fim da tarde a caminho da estação. Atrás das tília, dois homens empoleirados em cortadores de grama enormes percorriam linhas retas de um lado ao outro do amplo gramado, e abrimos as janelas para deixar o aroma de grama cortada entrar.

Nós dois estávamos na casa dos quarenta anos, eu próximo do início e Maeve próxima do fim. Minhas idas a Jenkintown tinham virado rotina há muito tempo: eu pegava o trem pela manhã na primeira sexta-feira do mês e voltava na mesma noite, usando o tempo da viagem para organizar a papelada que levava para Maeve. Pelo tanto que a empresa estava crescendo, eu poderia muito bem também ir toda semana para analisar contas e contratos com minha irmã, e definitivamente devia ir duas vezes ao mês, mas cada partida era uma briga com Celeste. Ela dizia que aquela era a hora de estar com as crianças.

– Kevin e May ainda gostam de nós – dizia ela. – Não vai ser sempre assim.

Ela não estava errada, mas ainda assim eu não podia deixar de ir para casa, e não queria. Nosso combinado favorecia Celeste enormemente, mesmo que ela nunca encarasse dessa forma.

Maeve e eu tínhamos tanto trabalho a fazer quando estávamos juntos que durante meses a Casa Holandesa mal passava por nossa cabeça. O fato de estarmos parados ali agora era só um ato de nostalgia, não das pessoas que éramos quando morávamos na casa, mas das pessoas que éramos quando passávamos horas estacionados na rua VanHoebeek, fumando.

– Você tem vontade de entrar na casa? – perguntou Maeve.

Os homens aparando a grama me faziam pensar em arados e mulas.

– Eu entraria se a casa estivesse à venda? Provavelmente. Eu iria até lá e tocaria a campainha? Não.

O cabelo de Maeve estava ficando grisalho, o que fazia com que ela parecesse mais velha do que realmente era.

– Não, estou falando de algo que seria mais como um sonho: você entraria sozinho se pudesse? Só para dar uma olhada e ver o que aconteceu com a casa?

Sandy e Jocelyn na cozinha rindo enquanto eu fazia a tarefa de casa à mesa azul, meu pai com um café e um cigarro pela manhã na sala de jantar, um jornal dobrado na mão, Andrea sapateando pelo piso de mármore no hall de entrada, Norma e Bright rindo enquanto subiam as escadas correndo, Maeve em idade escolar, o cabelo preto como um cobertor sobre suas costas. Balancei a cabeça.

– Não. De jeito nenhum. E você?

Maeve inclinou a cabeça para trás contra o encosto.

– Por nada nesse mundo. Se quer saber a verdade, acho que isso me mataria.

– Bom, então fico feliz por saber que você não vai ser convidada para entrar.

A luz coloria cada lâmina de grama, transformando o gramado em faixas da largura dos cortadores – verde-escuro, verde-claro, verde-escuro.

Maeve virou a cabeça em direção à paisagem.

– Me pergunto quando foi que mudamos.

Mudamos no momento em que a velha propriedade se tornou o carro: o Oldsmobile, o Volkswagen, os dois Volvos. Nossas memórias ficavam armazenadas na rua VanHoebeek, mas não estavam mais na Casa Holandesa. Se alguém pedisse que eu dissesse muito especificamente de onde eu vinha, seria obrigado a dizer que vinha daquela faixa de asfalto em frente ao que um dia havia sido a casa dos Buchsbaums, que depois se tornou a casa dos Schultzes e agora era a casa de pessoas cujo nome eu não sabia. Fiquei irritado com a caminhonete dos paisagistas, o reboque comprido de metal invadindo nossa vaga. Eu não compraria uma casa naquela rua, mas se a rua em si estivesse à venda, seria minha. Não falei nada disso. Tudo o que disse em resposta à pergunta de Maeve foi que eu não sabia.

– Você devia mesmo ter partido para a psiquiatria – disse ela. – Teria sido muito útil. A Fofinha diz a mesma coisa, sabia? Ela disse que também não voltaria. Disse que durante anos sonhou que andava de cômodo em cômodo da Casa Holandesa e estávamos lá: os pais dela e Sandy e Jocelyn e todos os VanHoebeeks, e todos estavam se divertindo muito... uma daquelas grandes festas dignas de Gatsby que eles faziam quando ela era criança. Disse que durante muito tempo tudo o que ela queria era entrar na casa, e agora acha que não conseguiria entrar nem se encontrasse a porta aberta.

Fofinha há muito havia sido repatriada. Sandy e Jocelyn e Fofinha e minha irmã estavam todas juntas novamente: a equipe da Casa Holandesa e sua duquesa saindo para almoçar a cada três meses e analisando o passado com um pente-fino. Maeve acreditava na veracidade das memórias de Fofinha mais que nas de Sandy ou Jocelyn, ou mesmo nas suas, porque Fofinha tinha se afastado com seus fatos. Sandy e Jocelyn conversavam entre si sem parar, roendo os ossos de nossa história coletiva com minha irmã, mas não Fofinha. Depois que meu pai a colocou para fora de mala e

cuia, com quem ela poderia ter conversado? Os novos empregadores? O namorado? Mesmo quando trabalhava em nossa casa, ela contava as histórias que Celeste gostava de ouvir, sobre os VanHoebeeks, as festas e as roupas. A atenção de Celeste se desviava quando a família Conroy tomava posse da propriedade, acho que porque Maeve ocupava o centro desses capítulos, mas era melhor assim. As histórias de Fofinha permaneciam frescas porque ela as guardara para si. Fofinha ainda sabia o que sabia.

– Fofinha me disse que a mamãe queria ser freira – disse Maeve. – Você não acha que *isso* teria sido citado em algum momento? Ela já era noviça quando o papai apareceu e a tirou do convento para se casar com ela. Fofinha disse que eles cresceram na mesma vizinhança. Ele era amigo do irmão dela, James. Eu disse a ela que sabíamos disso, que fomos até o Brooklyn quando éramos crianças e encontramos o apartamento onde eles moravam. Fofinha disse que o papai foi visitá-la antes de ela fazer os votos e pronto. Todas as vezes que ela sumiu antes de ir embora de vez? Ela voltava para o convento. As freiras a amavam. Quero dizer, todos a amavam, mas as freiras principalmente. Sempre ligavam para o papai pedindo que a deixasse ficar mais alguns dias. “Ela precisa descansar”, diziam.

– Isso devia acabar bem.

Os dois cortadores de grama desceram pela calçada e saíram para a rua. Um homem fez sinal para que Maeve desse a ré e eles pudessem entrar no reboque.

– Preciso dizer que nem ligo para isso agora – disse ela. – Mas se eu soubesse disso quando era adolescente, juro que teria entrado para o convento só para irritá-lo.

Sorri com a repentina imagem de Maeve que surgiu em minha cabeça, alta e sisuda em um hábito azul-marinho. Fiquei pensando se nossa mãe ainda estaria por perto, trabalhando em um sopão em algum lugar, e se aquele era o pedaço dela que queria ser freira. Devia ter contado essa história a Maeve anos antes, quando aconteceu, mas nunca contei. O problema foi agravado pela percepção de que eu tinha esperado tempo demais.

– Tenho certeza de que isso teria chamado a atenção dele.

– É.

Maeve deu a partida no carro e engatou a ré.

– Eu provavelmente devia ter feito isso.



– Jesus! – exclamou Celeste, quando tentei contar a história para ela. – Vocês parecem João e Maria. Continuam caminhando pela floresta escura de mãos dadas, não importa quanto cresçam. Você não cansa de ficar remoendo as coisas?

Eu passava longos períodos jurando para mim mesmo que não contaria nada sobre minha irmã à minha esposa, que comentaria apenas como estava o tempo em Jenkintown ou a volta no trem, e pararia por aí. Mas essa estratégia enfurecia Celeste, que dizia que eu a estava deixando de fora. Então eu voltava atrás e decidia que ela tinha razão. Casais contavam um ao outro o que acontecia. Não era bom guardar segredos. Durante esses períodos, eu respondia com sinceridade quando ela perguntava como tinha sido a viagem a Jenkintown ou como andavam as coisas com minha irmã.

O que eu dizia nunca fez diferença. Minhas respostas, por mais favoráveis que fossem, a irritavam.

– Ela tem quase cinquenta anos! Ela ainda acha mesmo que vai ter a mãe de volta, que vai ter a casa de volta?

– Não foi isso que eu disse. Disse que ela me contou que nossa mãe queria entrar para o convento quando era jovem. Achei que seria uma história interessante. Ponto final.

Celeste não estava ouvindo. Quando havia o nome de Maeve na história, ela não ouvia.

– Quando você vai dizer a ela “Tudo bem, foi uma infância horrível, é uma coisa horrível ser rico e depois não ser mais, mas agora todo mundo precisa crescer”?

Eu me absteve de destacar todas as coisas que Celeste já sabia: que os pais dela estavam vivos e bem, ainda na casa dos Norcrosses em Rydal, ainda alimentando a dor da perda de uma sucessão de labradores no decorrer de seu longo casamento, um dos quais, anos antes, saiu em disparada pelo portão da frente e foi atropelado por um carro quando Celeste estava na flor da idade. Eram pessoas boas, a família dela, e coisas boas tinham acontecido com elas. Eu não desejava que fosse o contrário.

O que me incomodava era que Celeste reclamava muito porque Maeve não queria vir até a cidade, mas a última coisa que ela queria era que Maeve viesse e ficasse conosco.



– Ela está ocupada demais com o trabalho importante com vegetais congelados para passar o dia aqui? Ela espera que você largue tudo, sua empresa, sua família, e corra sempre que ela ligar?

– Eu não vou até lá para cortar a grama dela. Ela faz tudo o que faz sem cobrar nada de nós. Ir até lá parece ser o mínimo que eu posso fazer.

– Toda vez?

O que ela nunca dizia, mas estava muito claro, era que Maeve não tinha marido, nem filhos, então seu tempo tinha menos valor.

– Você devia tomar cuidado com o que deseja – respondi. – Você não ficaria feliz se Maeve viesse para cá uma vez por mês.

E embora eu tivesse certeza de que estávamos nos encaminhando para uma discussão enorme, essa frase deixou Celeste paralisada. Ela colocou as mãos no rosto e começou a rir.

– Meu Deus, meu Deus – disse. – Você tem razão. Vá para Jenkintown. Eu não sei o que estou dizendo.

Maeve não precisava me explicar por que odiava Nova York: trânsito, lixo, aglomeração, barulho incessante, a pobreza visível onipresente, ela podia escolher. Quando finalmente perguntei, depois de tantos anos imaginando, ela olhou para mim como se não acreditasse que eu não sabia.

– O quê?

– Celeste – disse ela.

– Você desistiu de toda a cidade de Nova York para evitar Celeste?

– Que outro motivo eu teria?

Quaisquer injustiças que Maeve e Celeste tivessem cometido uma contra a outra anos antes tinham se tornado abstrações. A antipatia que nutriam uma pela outra agora era um hábito. Eu não podia deixar de pensar que, se tivessem se conhecido por si próprias, duas mulheres que não tivessem nada a ver comigo, teriam se dado muito bem; certamente era o que tinha acontecido no início. Ambas eram inteligentes e engraçadas e extremamente leais. Diziam me amar mais do que a qualquer pessoa, embora nunca reconhecessem o sofrimento que me causava ver as duas se criticando tanto. Eu culpava as duas. Elas podiam evitar aquilo agora. Se elas quisessem, o rancor poderia ser colocado de lado. Mas não queriam. Elas se agarravam à amargura, as duas.

Ainda que Maeve tivesse como regra não vir à cidade, ela reconhecia que regras têm exceções. Esteve na Primeira Comunhão de May e Kevin, e de vez em quando aparecia em um aniversário. Ficava mais feliz quando as

crianças iam ver os Norcrosses. Maeve sempre era convidada para jantar. Ela levava Kevin para sua casa à noite e para o trabalho na manhã seguinte. Kevin, que não queria saber de vegetais em seu prato, achava-os irresistíveis quando congelados. Não enjoava da fábrica. Amava a ordem e a precisão de máquinas de aço gigantes quando aplicadas a cenourinhas, amava o frio que permeava o lugar, as pessoas vestindo casaco em julho. Dizia que isso era devido à família do Sr. Otterson ser de origem sueca.

– Pessoas de tempo frio – dizia ele.

Ele via o Sr. Otterson como o Willy Wonka dos vegetais. Quando ele estava satisfeito de ver ervilhas sendo embaladas em plástico, Maeve o devolvia aos avós, de onde ele ligava imediatamente para a mãe e dizia que queria trabalhar com vegetais.

Um dia com May não se parecia em nada com um dia com Kevin. May queria ver álbuns de fotografias com a tia, página a página, descansando o dedo sob cada queixo e fazendo perguntas.

– Tia Maeve – dizia –, você era mesmo tão jovem assim?

Não havia nada que May amasse mais do que ficar estacionada em frente à Casa Holandesa com a tia, como se a atração pelo passado fosse uma condição herdada. May insistia que ela também tinha morado lá quando era muito jovem, jovem demais para lembrar. Sobrepunha as histórias de Fofinha sobre festas e bailes às próprias lembranças da infância. Às vezes dizia que havia morado em cima da garagem com Fofinha e que, juntas, elas bebiam champanhe sem gás, outras vezes era uma parente distante dos VanHoebeeks, dormindo em um quarto glorioso com o banco junto à janela de que tanto ouvia falar. Ela jurava que lembrava.

Certa noite, Maeve me ligou depois que minha filha adormeceu em seu quarto de hóspedes.

– Quando eu contei a ela que a casa tinha piscina, ela ficou indignada. Está tão quente aqui. Devia estar quase quarenta graus, e May disse: “Eu tenho todo o direito de nadar naquela piscina.”

– O que você disse a ela?

Maeve riu.

– Eu disse a verdade, pobrezinha. Disse a ela que não tinha direito algum.

MAY LEVAVA A dança muito a sério naquela época. Tinha conseguido uma vaga na Escola de Balé Americano aos oito anos. Disseram-nos que ela tinha o arco do pé alto e um bom *en dehors*. Todas as manhãs ela ficava em pé com a mão no balcão da cozinha e esticava os pés ao fazer uma série de semicírculos elegantes, o cabelo preso em um coque alto. Anos depois, ela disse que via o balé como a rota mais direta para o palco, e estava certa. Aos onze anos, conquistou um papel no exército dos ratos na produção de *O Quebra-Nozes* do New York City Ballet. Enquanto outras meninas talvez preferissem usar saia de tule e dançar com os flocos de neve, May estava entusiasmada com a cabeça peluda gigante e o rabo comprido como um chicote.

– Madame Elise disse que companhias menores reutilizam as crianças em papéis diferentes – disse May ao ser escalada. – Mas Nova York tem muitos talentos. Se você é um rato, é um rato. É tudo que vai conseguir.

– Não existem papéis pequenos – disse sua mãe. – Apenas ratos pequenos.

May ficou na personagem durante o longo outono de ensaios, com as mãos curvadas sob o queixo enquanto corria pela casa com passinhos pequenos, mordiscando cenouras com os dentes da frente de um jeito que irritava muito seu irmão. Ela insistiu com a tia para que viesse vê-la no palco de Nova York (como ela mesma disse), e a tia concordou que aquele era exatamente o tipo de ocasião em que regras deviam ser quebradas.

Maeve fez planos de trazer os pais de Celeste até a cidade para a primeira matinê de domingo. Ela iria buscá-los em Rydal e depois iriam até a estação para virem todos juntos. Um dos irmãos de Celeste vivia em New Rochelle e a irmã dela estava na cidade, então eles também vieram com suas famílias. Aparecemos em peso na plateia, considerando que não haveria como saber qual rato era o nosso. Quando as luzes do teatro se apagaram e a plateia ficou em silêncio, a cortina se levantou ao som da abertura de Tchaikovsky. Crianças lindas vestidas em roupas que crianças

nunca vestem foram correndo até a árvore de Natal, e as luzes se acenderam em um cenário que poderia muito bem ser a Casa Holandesa. Era uma espécie de miragem arquitetônica, se é que isso fosse possível, um mal-entendido visual que eu sabia não ser verdadeiro, mas que foi, por um instante, bastante convincente. Maeve estava a meia dúzia de poltronas de mim na longa fileira das famílias Norcross e Conroy, então eu não tinha como inclinar o tronco para a frente e perguntar se ela também tinha percebido: os dois retratos imensos de pessoas que não eram os VanHoebeeks, cada um deles levemente virado na direção do outro sobre uma lareira elaborada. Tinha o sofá verde comprido. O nosso era verde? A mesa, as cadeiras, o outro sofá, a enorme escrivaninha de madeira com portas de vidro cheia de belos livros com capa de couro, todos em holandês. Eu me lembrei da primeira vez que peguei a chave da escrivaninha quando era criança e subi em uma cadeira para abrir aquelas portas de vidro, o espanto de tirar um livro depois do outro e ver o alfabeto que me era familiar organizado em uma configuração incompreensível. O cenário do balé era assim. Eu conhecia o lustre suspenso sobre o palco, era inconfundível. Quantas horas incontáveis tinha passado deitado de costas olhando para aquele lustre, a luz e o cristal se misturando enquanto eu multiplicava as tentativas infantis de auto-hipnose? Tinha lido sobre isso na biblioteca. É claro que a disposição dos móveis no palco estava apertada, tudo tinha sido colocado em uma fileira para dar espaço aos bailarinos, mas se eu pudesse ir até o palco e reorganizar, poderia ter recriado meu passado. Na verdade, não era só *O Quebra-Nozes*. Qualquer configuração luxuosa vista a distância parecia uma janela para minha juventude. Era essa a distância que eu estava de minha juventude. Celeste estava à minha esquerda, Kevin à minha direita, o rosto dos dois aquecido pela luz do palco. Os convidados estavam dançando e as crianças se deram as mãos e formaram uma roda em volta deles. Depois que todos saíram dançando em direção às coxias e o cenário da noite desceu, os ratos entraram atrás do malvado Rei Rato. Eles rolaram no chão, chutando o ar com os pezinhos furiosos. Cobri a mão de Celeste com a minha. Tantos ratos! Tantas crianças dançando. Os soldados do Quebra-Nozes entraram, a guerra aconteceu, ratos mortos foram arrastados pelos vivos para dar espaço a mais bailarinos.

Havia algum roteiro no primeiro ato, mas o segundo era só dança: bailarinos espanhóis, árabes, chineses, russos, flores dançantes intermináveis. Muita dança não é um comentário válido a se fazer sobre um

balé, mas sem a espera pelos ratos e sem os móveis, sofri para encontrar algum sentido. Kevin cutucou meu braço e eu me aproximei dele. Senti o cheiro da bala de caramelo em sua boca.

– Como pode ser tão comprido? – sussurrou.

Olhei para ele, impotente, e só mexi os lábios: *Não tenho ideia.*

Celeste e eu fizemos algumas tentativas frouxas de levar as crianças à igreja quando eram mais novas, então desistimos e deixamos que ficassem na cama. Na cidade do estímulo constante, não conseguimos dar a eles a oportunidade de desenvolver vidas interiores mais fortes para aquelas ocasiões em que se encontravam sentados assistindo ao segundo ato de *O Quebra-Nozes*.

Quando finalmente a apresentação acabou e a Fada Açucarada e o Quebra-Nozes e Clara e Tio Drosselmeyer e os flocos de neve tiveram cada um sua dose de aplausos estrondosos (não há agradecimento especial para os ratos!), a plateia pegou seus casacos e se levantou para ir em direção aos corredores, todos exceto Maeve. Ela ficou na poltrona, olhando fixamente para a frente. Percebi que minha sogra estava com a mão no ombro de Maeve, então se aproximou para dizer alguma coisa. Houve uma agitação tremenda à nossa volta. Nossa família, em pé sem se mexer, estava bloqueando o caminho. As avós e mães que ocupavam a fileira ao nosso lado viraram-se para sair na direção contrária.

– Danny? – chamou minha sogra.

Éramos um grupo significativo, os poucos Conroys e muitos Norcrosses – cônjuges, filhos, pais, primos. Abri caminho para passar por todos eles. O suor se acumulava no nariz e no queixo de Maeve. Seu cabelo estava encharcado, como se ela tivesse saído de fininho para nadar enquanto o restante de nós assistia ao balé. A bolsa de Maeve estava no chão, e encontrei o mesmo velho estojo amarelo dentro, agora preso por um elástico de borracha, e tirei dois tablets de glicose do saquinho plástico onde ela os guardava.

– Casa – disse ela em voz baixa, ainda olhando fixamente para a frente, embora suas pálpebras pesassem.

Enfiei um tablete de glicose entre seus dentes, depois mais um, e disse a ela que mastigasse.

– O que eu posso fazer? – perguntou meu sogro.

Maeve tinha ido buscá-los para vir com eles de trem, porque nenhum de nós gostava da ideia de Bill Norcross dirigindo pela cidade.

- Melhor chamar uma ambulância?
- Não – respondeu Maeve, ainda sem virar a cabeça.
- Ela vai ficar bem – disse eu a Bill, como se aquilo fosse rotineiro.

Uma calma muito familiar se instalou em mim.

- Preciso... – disse Maeve, e fechou os olhos.
- O quê?

Então Celeste e Kevin surgiram com um copo de suco de laranja e um guardanapo de tecido cheio de gelo. Nem os vi sair e eles já estavam de volta trazendo aquilo de que precisávamos. Eles sabiam. Em pé na fileira atrás de nós, Celeste levantou o novelo ensopado que era o cabelo de Maeve e colocou o guardanapo com gelo em sua nuca. Kevin me entregou o suco.

- Como vocês conseguiram isso tão rápido?

Os corredores estavam cheios de garotinhas e seus acompanhantes relembrando cada *jeté*.

– Eu corri – disse meu filho, que tinha sufocado o próprio excesso de energia durante a apresentação. – E disse que era uma emergência.

Kevin sabia se movimentar entre as pessoas – uma vantagem de crescer na cidade. Segurei meu lenço sob a boca de Maeve.

- Beba.

– Você sabe que sua irmã vai ficar morrendo de ciúmes por você ter trazido o suco – disse Celeste a Kevin. – Ela ia preferir ser o herói em vez do rato.

Kevin sorriu, seu estoicismo diante do tédio recompensado.

- Ela vai ficar bem?

– Bem – disse Maeve em voz baixa.

– Leve todo mundo para o saguão – pediu Celeste ao pai, que, como Kevin, procurava algo para fazer.

- Eu já vou – respondeu.

Maeve fechou os olhos com força e então arregalou-os. Estava tentando mastigar os tabletes e beber o suco com pouquíssimo êxito. Uma porção escorria pela lateral de sua boca. Entreguei o copo a Celeste e peguei uma tira de medição do estojo amarelo. As mãos de Maeve estavam molhadas e frias quando furei seu dedo.

- O que você acha que aconteceu? – perguntou-me Celeste.

Maeve fez sinal com a cabeça e engoliu. Estava voltando a si aos poucos.

– Balé muito demorado.

Todos têm sempre tanta pressa para sair do teatro. Esperam ser os primeiros a chegar ao banheiro, a pegar um táxi, a chegar ao restaurante antes que a reserva seja cancelada. Mal tinham se passado dez minutos da ovação estrondosa e da distribuição de rosas, e o gigante Teatro Estadual de Nova York já estava quase vazio. As últimas garotinhas, as que estavam sentadas nas primeiras fileiras, subiram o corredor fazendo piruetas em seus casacos com gola de pele. Todos aqueles assentos de veludo estavam dobrados de novo. Uma funcionária do teatro parou na nossa fileira, uma mulher de camisa branca e colete de botão verde.

– Vocês precisam de ajuda?

– Ela está bem – respondi. – Só precisa de um tempinho.

– Ele é médico – disse Celeste.

Maeve sorriu, mexeu os lábios: *médico*.

A funcionária assentiu.

– Se precisarem de alguma coisa, é só avisar.

– Só precisamos ficar aqui um pouquinho.

– Sem pressa – disse a mulher.

– Me desculpem – pediu Maeve.

Limpei seu rosto. O teste revelou que seu nível de açúcar no sangue estava em trinta e oito. Devia estar em noventa e eu teria ficado feliz se estivesse em setenta.

– Você devia ter avisado alguém que não estava se sentindo bem.

Celeste colocou o gelo no topo da cabeça de Maeve.

– Ah, isso é bom – disse Maeve. – Eu não queria me levantar. Achei que...

Ela respirou fundo e fechou os olhos.

Disse a ela que tomasse mais um gole de suco.

Ela engoliu, retomou:

– Iria atrapalhar?

Maeve estava com uma camisa e um suéter por cima, calça de lã, a roupa toda molhada.

Celeste segurava o cabelo de Maeve com uma das mãos, o guardanapo com gelo na outra.

– Vou ao camarim buscar a May e vamos jantar – disse para mim. – Quando ela estiver se sentindo melhor, leve-a para casa.

– O Danny pode ir – disse Maeve.

Ela ainda não tinha tentado olhar para nenhum de nós.

– O Danny não vai – disse Celeste. – Tem bastante gente, ninguém vai sentir falta dele. É uma trégua, tudo bem? Você está doente. May vai querer vê-la, então vá lá para casa.

Ela me entregou o gelo, o guardanapo ensopado. A glicose estava começando a fazer efeito. Vi a vida voltar aos poucos ao rosto de minha irmã.

– Diga a May que ela foi um ótimo rato – disse Maeve.

– Você que vai dizer – respondeu Celeste.

– Preciso levar seus pais para casa.

A voz de Maeve, que costumava ser retumbante em outras situações, saiu tão leve que eu não sei como Celeste conseguiu ouvir. O som deve ter subido flutuando em direção ao teto alto.

Celeste balançou a cabeça.

– Só para variar um pouco, faça o que o Danny disser. Preciso ir.

Aproximei-me e beijei Celeste. Ela era mais que capaz de fazer o que era necessário diante das circunstâncias. Passou pelos funcionários que estavam voltando pelos corredores para juntar os programas do chão, varrendo os papéis de bala para dentro de suas pás.

Maeve e eu ficamos sentados nas poltronas. Ela deixou a cabeça descansar em meu ombro.

– Ela foi muito gentil – disse Maeve.

– Na maior parte do tempo ela é.

– Trégua – afirmou.

– Você está se sentindo melhor?

– Um pouco. Mas é bom ficar sentada.

Ela pegou meu lenço e secou o rosto e o pescoço. Peguei sua mão e fiz mais um furo em seu dedo para testar o sangue novamente.

– Quanto?

– Quarenta e dois.

– Vamos esperar mais um pouquinho.

Ela fechou os olhos.

Olhei através do mar de poltronas vazias, inalei a mistura de aromas que pairava sobre nós no ar. Os ratos e os flocos de neve e a árvore de Natal e a sala de estar, a plateia que ficou no escuro assistindo – tudo já tinha sumido, todos tinham ido embora, e éramos só nós dois.

Tinha sido apenas um erro de cálculo. Maeve ficaria bem.



Comecei a pensar que poderia colocar Maeve no carro e levá-la para ver meus prédios. Iria até o Harlem para mostrar o primeiro casarão que comprei, depois ir até Washington Heights e mostrar a ela o prédio de Ciências da Saúde construído sobre os dois estacionamentos que foram meus por cinco meses. Eu poderia mostrar tudo a ela. Maeve conhecia minha empresa até o último centavo, mas nunca vira as propriedades. Poderíamos terminar o passeio no Café Luxembourg, comer filé com fritas antes de ir para casa. Kevin e May ficariam tão felizes por ela estar em nossa casa que talvez Maeve e Celeste vissem que era hora de esquecer tudo. Se algum dia isso pudesse acontecer, o dia seria hoje, que estávamos todos absortos pelo *Quebra-Nozes* e pela queda vertiginosa do açúcar no sangue. Afinal, Celeste veio ajudá-la, e Maeve ficou grata. Mesmo as implicâncias mais antigas podiam ser afastadas. Depois de uma taça de vinho, se ela quisesse uma, Maeve subiria as escadas até o quarto de May, tiraria os bichos de pelúcia da segunda cama para que elas pudessem se deitar de frente uma para a outra no escuro. May contaria a ela como era ver o mundo pelos dois buracos recortados e Maeve contaria a ela o que tinha visto da décima quarta fileira. No andar de cima, em nossa cama, Celeste diria que tudo bem minha irmã estar lá, ou mais que isso. Ela finalmente seria capaz de ver Maeve como a pessoa que eu sempre conheci.

– Não – disse Maeve. – Leve-me para casa.

– Vamos – pedi. – É uma noite importante.

Ela puxou a gola do suéter.

– Não posso ficar com essas roupas o resto da noite. Não sei nem se vou suportar ficar com elas no caminho para casa.

– Eu compro roupas para você. Está lembrada de quando eu vim ficar com você na faculdade? O papai me deixou sem escova de dentes, sem nada. Você me levou para fazer compras.

– Ah, Danny, está falando sério? Não posso fazer compras, e também não posso passar a noite conversando com os Norcrosses sobre balé. Mal consigo ficar de olhos abertos aqui sentada. Meu carro está na estação de trem. Tenho uma reunião de trabalho pela manhã. Quero comer alguma coisa e dormir na minha cama.

Ela se virou para mim. Logo esgotaríamos nosso tempo no Teatro Estadual de Nova York.

Ela estava certa, é claro. Eu devia estar pensando em como a levaria até o saguão, não como faríamos um passeio pela cidade e depois ficaríamos

acordados metade da noite. Fragilidade não era uma palavra que eu pudesse atribuir à minha irmã, mas tudo em seu semblante deixava claro. Ela pegou minha mão.

– E se fizermos o seguinte: você me leva para casa e passa a noite lá. Há quantos anos você não faz isso? De manhã, acordamos antes dos passarinhos. Vou estar bem. Você pode me levar até a estação para buscar meu carro e voltar para a cidade antes de o trânsito começar. Pode chegar em casa antes das sete. Não teria nada de errado nisso, teria? A família de Celeste está aqui.

Havia muitas coisas erradas, mas eu não sabia o que mais poderíamos ter feito. Enquanto todos estavam no jantar da May, antes de o bolo em formato de rato que Celeste levou ao restaurante ser servido, Maeve e eu pegamos um táxi até minha casa. Eu sabia que May ficaria decepcionada e Celeste ficaria furiosa, mas também sabia quanto Maeve tinha passado mal, quanto estava exausta. Sabia que ela era a única pessoa no mundo que faria o mesmo por mim. Enquanto Maeve ficou sentada no banquinho que mantínhamos ao lado da porta para calçar e tirar as botas no inverno, eu subi as escadas correndo, fiz a mala e deixei um bilhete.

Maeve dormiu no carro a maior parte do caminho. Era início de dezembro, e os dias eram curtos e gelados. Dirigi até Jenkintown no escuro, pensando o tempo todo no jantar que estava perdendo, em May dançando com a cabeça de rato. Liguei assim que chegamos à casa de Maeve, mas ninguém atendeu.

– Celeste, Celeste, Celeste – disse na secretária eletrônica.

Imaginei Celeste na cozinha olhando para o telefone e virando para o outro lado. Maeve tinha ido direto tomar banho. Preparei ovos e torradas e comemos à mesinha da cozinha. Não eram nem oito horas quando fomos dormir.

– Pelo menos cada um tem seu quarto agora – disse. – Você não precisa dormir no sofá.

– Nunca me importei de dormir no sofá – disse ela.

Demos boa-noite no corredor. O segundo quarto de Maeve também era seu escritório, e olhei para a prateleira cheia de pastas cujas lombadas diziam CONROY. Pensei em pegar uma só por farra, para distrair a mente dos desastres do dia, mas decidi fechar os olhos só por um minuto e foi isso.

Quando Maeve bateu na minha porta, acordou-me de um sonho em que eu tentava nadar até Kevin. Cada braçada que eu dava em sua direção

parecia empurrá-lo para mais longe, até que ficou difícil ver sua cabeça por sobre a espuma da água. Eu ficava gritando para que ele voltasse, mas ele estava muito longe para me ouvir. Eu me sentei de uma vez, ofegante, tentando entender onde estava. Então me lembrei. Nunca fiquei tão feliz por estar acordado.

Maeve abriu um pouco a porta.

– Cedo demais?

Agora que era manhã, os planos da noite anterior pareciam absolutamente sensatos, necessários. Maeve na cozinha era ela mesma novamente, fazendo café, dizendo quanto estava se sentindo bem, como se nada tivesse acontecido (“Eu só precisava de um banho e uma boa noite de sono”, disse). Percebi que estaria em casa cedo o bastante para fazer as pazes. Estávamos lá fora novamente no escuro um pouco depois das quatro, Maeve trancando a porta dos fundos de sua casinha. Estávamos adiantados em relação ao cronograma que tínhamos traçado. Nada seria perdido.

– Vamos até a casa – disse Maeve quando entramos em meu carro.

– Sêrio?

– Nunca fomos até lá a esta hora do dia.

– Nunca fizemos nada a esta hora do dia.

– Não vamos nos atrasar.

Ela tinha muita energia. Eu tinha me esquecido de como ela era pela manhã, como se cada novo dia chegasse em uma onda que ela tinha conseguido pegar. A Casa Holandesa não ficava longe de onde Maeve morava, e já que ficava na direção em que estávamos indo, e já que tínhamos acordado muito cedo, não vi problema algum nisso. Os bairros estavam escuros, os postes, acesos. Só amanheceria depois das sete. Eu tinha saído de Nova York no escuro e estaria de volta em casa antes que amanhecesse. Não era tão ruim assim.

As casas da rua VanHoebeek nunca ficavam completamente escuras. As pessoas deixavam as luzes da varanda acesas a noite toda, como se estivessem sempre esperando que alguém voltasse para casa. Lâmpadas incandescentes tremeluziam em entradas de garagem, uma lâmpada na janela da frente de uma sala ficava acesa a noite toda, mas mesmo com todas essas pequenas erupções de iluminação havia uma calma no lugar que deixava claro que seus habitantes estavam todos na cama, até os cachorros de Elkins Park estavam dormindo. Estacionei o carro no lugar de sempre e desliguei o motor. A lua a oeste estava clara o bastante para ofuscar as

estrelas. Iluminava tudo uniformemente: as árvores sem folhas e a calçada, o gramado largo coberto de folhas e os largos degraus de pedra. A luz do luar se derramava sobre a casa e dentro do carro onde Maeve e eu estávamos. Quando eu teria visto isso na infância, acordado horas antes do amanhecer na noite de inverno clara e fria? Eu estaria como qualquer outra pessoa da vizinhança, dormindo profundamente em minha cama.

– Peça desculpas a May e Kevin por mim – disse Maeve.

Estávamos no carro juntos, cada um de nós mergulhado nos próprios pensamentos. Demorei um pouco para perceber que ela estava falando sobre o balé e o jantar.

– Eles não vão estar chateados.

– Não quero pensar que estraguei as coisas para ela.

Eu não conseguia me concentrar em May quando tudo à minha volta era geada e luz do luar. Talvez ainda estivesse meio sonolento.

– Você vem aqui de manhã, cedo assim?

Maeve balançou a cabeça. Acho que ela nem estava olhando para a casa, como estava bonita se destacando no meio da escuridão. Na maioria das vezes, eu já não a enxergava havia muito tempo, mas de vez em quando algo acontecia, algo assim, e meus olhos se abriam novamente e eu a veria ali – enorme, absurda, espetacular. Uma brigada de quebra-nozes podia surgir dos cantos escuros a qualquer minuto e encontrar um batalhão de ratos. O gramado estava açucarado de gelo. O palco no Lincoln Center não havia sido projetado para se parecer com a Casa Holandesa, a Casa Holandesa é que era o cenário para um balé de conto de fadas ridículo. Seria possível que nosso pai tivesse entrado naquela primeira vez e pego de sobressalto pela revelação de que era aqui que ele queria criar sua família? Era isso que significava ser um homem pobre que enriqueceu de repente?

– Olhe – disse Maeve em um sussurro.

A luz do quarto principal tinha se acendido. O quarto principal dava para a frente da casa, e o quarto de Maeve, o melhor quarto com o menor guarda-roupa, dava para o jardim dos fundos. Alguns minutos depois vimos a luz do corredor do segundo andar acesa, depois a luz da escada, como da primeira vez que Maeve me trouxe aqui quando voltei de Choate, mas agora a coisa toda estava acontecendo ao contrário. No carro, no escuro, não dissemos nada. Cinco minutos se passaram, dez minutos. Então uma mulher saiu pela entrada de carros com um casaco claro. Embora a lógica sugerisse que podia ser uma empregada ou uma das meninas, estava claro para nós

dois mesmo a distância que era Andrea. Seu cabelo, preso em um rabo de cavalo, era um tom de louro mais claro ao luar. Ela se abraçava, apertando o casaco em volta do corpo, a ponta de algo cor-de-rosa como uma cauda atrás dela. Enxergamos chinelos que poderiam ser botas. Parecia, mais que qualquer coisa, que estava vindo em nossa direção.

– Ela nos viu.

A voz de Maeve saiu baixa, e coloquei a mão em seu punho, caso ela estivesse pensando em sair do carro.

Quando Andrea ainda estava a uns três metros da entrada, ela parou e se virou para a lua, levantando a mão para manter a gola do casaco fechada. Não tinha parado para pegar um cachecol. Não esperava que a escuridão da madrugada estivesse tão clara e a lua tão cheia, e ficou ali, absorvendo aquilo. Era vinte anos mais velha que eu, ou era o que eu lembrava. Eu tinha quarenta e dois, Maeve tinha quarenta e nove, logo faria cinquenta. Andrea deu mais alguns passos em nossa direção, e Maeve enlaçou os dedos nos meus. Ela estava perto demais, nossa madrastra, tão perto quanto alguém que estivesse do outro lado da rua. Eu enxergava quanto ela havia envelhecido e quanto era exatamente a mesma: olhos, nariz, queixo. Não havia nada de extraordinário nela. Era uma mulher que eu tinha conhecido na infância e agora não conhecia mais, uma mulher que fora, por muitos anos, casada com nosso pai. Ela se abaixou, pegou o jornal do cascalho e, enfiando-o embaixo de um dos braços, caminhou pelo campo coberto de geada que era o gramado.

– Aonde ela está indo? – sussurrou Maeve, porque parecia que ela estava indo em direção à cerca que limitava a propriedade ao sul.

A lua pairou sobre seu casaco claro, seu cabelo claro, até ela ultrapassar a fileira de árvores e não a vemos mais. Esperamos. Andrea não voltou a aparecer à porta da frente.

– Você acha que ela deu a volta para entrar pelos fundos? Isso não faz o menor sentido. Está muito frio.

Não tinha me ocorrido até aquele instante que nunca era eu quem estava atrás do volante quando íamos à Casa Holandesa, e que desse ponto a visão mudava sutilmente.

– Vá – disse Maeve.

Paramos em uma lanchonete em vez de ir direto à estação para buscar o carro dela, e, comendo ovos e torradas, a mesma coisa que tínhamos comido no jantar, analisamos a ida de Andrea para pegar o jornal passo a

passo. Será que ela viu algo ali que não conseguimos ver? Ela estava de chinelos ou botas? Andrea nunca tinha ido ela mesma pegar o jornal. Nunca tinha descido as escadas de camisola, ou talvez já tivesse, quando nenhum de nós estava acordado. É claro que agora ela deveria estar morando sozinha na casa. Norma e Bright, que sempre imaginamos tão jovens, deviam ter quase quarenta anos. Há quanto tempo Andrea morava lá sozinha?

Finalmente, quando esgotamos cada fato e cada suposição, Maeve largou a xícara de café sobre o pires.

– Chega – disse ela.

A garçonne veio e eu pedi a conta.

Maeve balançou a cabeça. Colocou as mãos na mesa e olhou em meus olhos, como nosso pai dizia-lhe que fizesse.

– Não quero mais saber de Andrea. Estou fazendo um juramento aqui e agora. Não quero mais saber da casa. Não vou mais voltar lá.

– Tudo bem – respondi.

– Quando ela veio em direção ao carro, achei que estava tendo um infarto. Senti dor no peito só de vê-la novamente, e faz quantos anos que ela nos expulsou?

– Vinte e sete.

– É o bastante, não é? Não precisamos fazer isso. Podemos ir a outro lugar. Podemos estacionar no arboreto e olhar para as árvores.

O hábito é uma coisa engraçada. Podemos achar que o compreendemos, mas nunca vemos exatamente como ele é quando o estamos praticando. Eu estava pensando em Celeste e em todos os anos que ela passou me dizendo que era uma loucura Maeve e eu ficarmos parados em frente à casa em que vivemos na infância, e em como eu achava que o problema era que ela jamais entenderia.

– Você parece decepcionado – disse Maeve.

– Pareço? – Recostei-me no banco. – Não é decepção.

Tínhamos transformado nossa desgraça em fetiche, tínhamos nos apaixonado por ela. Fiquei chateado ao perceber que vínhamos mantendo aquele hábito por tanto tempo, não que tivéssemos decidido parar.

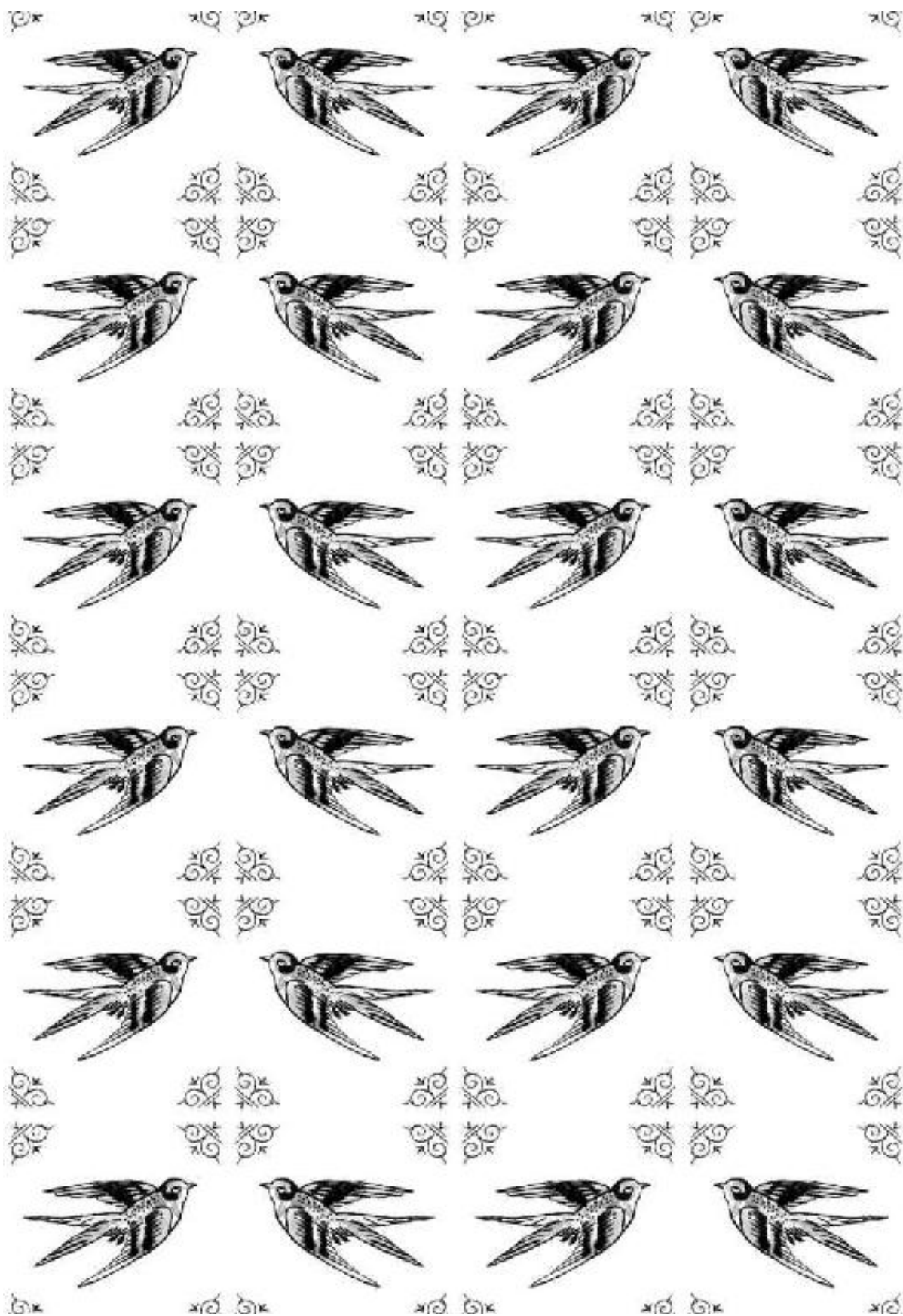
Mas eu não precisava dizer nada disso, porque Maeve entendia tudo perfeitamente.

– Imagine se ela tivesse saído para pegar o jornal antes – disse ela. – Digamos, há vinte anos.

– Podíamos ter conseguido nossas vidas de volta.

Paguei a conta, entramos no carro e fomos até o estacionamento da 30th Street Station. Só fazia um dia desde que Maeve tinha ido a Nova York ver May dançar. Era possível dizer que, parando na Casa Holandesa e depois indo à lanchonete, desperdiçamos a vantagem que tínhamos ganhado ao acordar cedo. Maeve não pegaria muito trânsito para voltar a Jenkintown, mas eu enfrentaria a hora do rush para voltar à cidade. Faria o possível para explicar tudo a Celeste. Pediria desculpas por ter ido, por ter me atrasado ao voltar, e contaria a ela nossa conquista.

Maeve e eu concordamos, nossos dias na Casa Holandesa tinham chegado ao fim.







parte très



## 16

– SE MAEVE passar mal, você é quem vai ter de pensar – disse-me Jocelyn no pequeno apartamento onde Maeve e eu moramos depois que nosso pai morreu. – Não se permita ficar nervoso. Pessoas nervosas só dão mais trabalho.

É engraçado o que gravamos. Não passava uma semana, e provavelmente nem um dia, sem que eu me lembrasse de sua instrução. Eu equiparava minha capacidade de ser eficaz com a capacidade de ser calmo, e isso sempre se provava verdadeiro. Quando o Sr. Otterson me ligou do hospital para dizer que Maeve tinha sofrido um infarto, liguei para Celeste e pedi a ela que me fizesse uma mala e trouxesse o carro.

– Quer que eu vá com você? – perguntou.

Gostei que ela tivesse perguntado, mas disse que não.

– Ligue para Jocelyn – pedi, porque estava com Jocelyn na cabeça.

Estava com meu pai na cabeça. Ele tinha cinquenta e quatro anos, Maeve estava com cinquenta e dois. Pensei menos na morte dele e mais no acordo que fiz com Deus quando saí da aula de geometria naquele dia na Bishop McDevitt: Ele pouparia Maeve, e em troca podia levar qualquer coisa. Qualquer pessoa.

A pequena sala de espera da unidade coronariana ficava escondida atrás dos banheiros e bebedouros. O Sr. Otterson estava lá, parecia que estava sentado naquela mesma cadeira cinza há uma semana, os cotovelos nos joelhos, o cabelo ralo e grisalho. Sandy e Jocelyn estavam com ele. Já sabiam o que tinha acontecido, mas pediram a ele que contasse de novo. Otterson tinha salvado a vida de Maeve.

– Nós estávamos em uma reunião com um anunciante, e Maeve se levantou e disse que precisava ir embora – começou o Sr. Otterson em voz baixa.

Ele vestia calça social cinza e camisa branca. Tinha tirado o paletó e a gravata.

– Com certeza ela ignorou o que estava sentindo o máximo que pôde. Vocês conhecem Maeve.

Todos concordamos.

Eles saíram da reunião imediatamente. Ele perguntou se seu nível de açúcar no sangue estava baixo e ela disse que não, era outra coisa, talvez gripe.

– Quando eu disse que ia levá-la para casa ela não disse uma palavra – disse o Sr. Otterson. – Isso indica quanto estava mal.

Eles estavam a duas quadras da casa dela quando ele fez a volta e a levou ao hospital, em Abington. Disse ter sido mais por intuição. Ela encostara a cabeça no vidro do carro.

– Ela estava derretendo – disse ele. – Não sei explicar.

Se o Sr. Otterson simplesmente a tivesse deixado em casa, levado-a até a porta e dito a ela que descansasse, teria sido o fim.

Foi Maeve quem me contou o resto da história quando a vi na recuperação. Ainda estava acordando da anestesia e ficava tentando rir. Ela me disse que o Sr. Otterson tinha levantado a voz com a jovem da recepção do pronto-socorro. Otterson levantando a voz era o equivalente a um homem sacando uma arma. Maeve o ouviu dizer *diabética*. Ela o ouviu dizer *coronária*, embora tivesse achado que ele só tinha dito essa palavra para que alguém viesse atendê-los. Ela nunca imaginou que pudesse ser o coração. Então finalmente sentiu: a pressão subindo em sua mandíbula, a sala girando, nosso pai subindo o último lance de escadas de concreto no calor terrível.

– Pare de fazer essa cara – sussurrou. – Vou voltar a dormir.

Eles mantinham aqueles quartos tão claros, e eu quis cobrir os olhos dela com a minha mão, mas em vez disso segurei a mão dela, observando o monitor cardíaco subindo e descendo devagar, até que uma enfermeira veio e me levou para fora. Fiquei calmo durante a noite que passei na sala de espera, na companhia do Sr. Otterson até a meia-noite, por mais que eu tivesse dito várias vezes que ele podia ir embora. Estava calmo na tarde seguinte, quando o cardiologista me disse que ela teve uma arritmia maligna durante o implante do *stent* e que teriam de mantê-la na unidade mais tempo do que o esperado. Fui até a casa de Maeve para tomar banho e tirar um cochilo. Estava calmo, indo e voltando da sala de espera até a casa dela, recebendo os visitantes que não podiam entrar para vê-la, esperando pelas três vezes ao dia em que podia me sentar ao lado de sua cama. Fiquei

calmo até a quarta manhã, quando voltei para a sala de espera e encontrei outra pessoa lá – uma idosa, muito magra, com cabelo curto e grisalho. Acenei com a cabeça e sentei-me na cadeira de sempre. Estava prestes a perguntar se ela era amiga de Maeve, porque tinha certeza de que a conhecia. Então percebi que era minha mãe.

O infarto de Maeve a fez ressurgir das cinzas. Ela não estava presente em formaturas, ou no velório de nosso pai. Não apareceu quando nos expulsaram da casa. Não estava no meu casamento ou no nascimento de meus filhos ou no Dia de Ação de Graças ou na Páscoa ou em qualquer dos incontáveis sábados, quando haveria muito tempo e energia para conversar sobre tudo, mas estava lá agora, no Abington Memorial Hospital, como o Anjo da Morte. Eu não disse nada a ela, porque não se deve iniciar uma conversa com a Morte.

– Ah, Danny – disse ela.

Estava chorando. Cobriu os olhos com a mão. Seu punho parecia dez lápis agrupados.

Eu sabia o que acontecia quando as pessoas exploravam a raiva em hospitais. Os hospitais se livravam dessas pessoas. Não importava que a raiva fosse justificada. Jocelyn me disse que pessoas nervosas não ajudam, e era meu trabalho cuidar da Maeve.

– Você era o médico – disse ela, finalmente.

– Eu mesmo.

Se Maeve tinha cinquenta e dois anos, ela tinha quantos? Setenta e três?

Parecia uma década mais velha do que isso.

– Você se lembra? – perguntou.

Assenti lentamente, perguntando-me se devia mesmo reconhecer até isso.

– Você estava com o cabelo trançado.

Ela passou a mão no cabelo curto.

– Tive piolho. Já tinha tido antes, mas desta última vez, não sei, fiquei incomodada.

Perguntei o que ela queria.

Ela voltou a olhar para baixo. Poderia ser um fantasma.

– Ver você – respondeu, sem olhar para mim. – Pedir desculpas.

Ela esfregou a manga da blusa nos olhos. Era como qualquer idosa na sala de espera de um hospital, apenas mais alta e mais magra. Vestia calça jeans e um tênis de lona azul.

– Eu sinto muito.  
– Ótimo – disse-lhe. – Pronto.  
– Eu vim ver Maeve – continuou ela, girando a pequena aliança de ouro no dedo.

Fiz uma nota mental para matar Fofinha.

– Maeve está muito doente – disse, pensando que eu precisava tirá-la de lá antes que Fofinha aparecesse para defendê-la, antes que Sandy e Jocelyn e o Sr. Otterson e todos eles chegassem para votar se ela devia ir ou ficar. – Volte quando ela estiver melhor. Agora ela precisa se concentrar em melhorar. Você pode esperar, não pode? Depois de todo esse tempo?

A cabeça da minha mãe baixou como um girassol no fim do dia, aos poucos, até seu queixo pairar logo acima da depressão ossuda de seu peito. As lágrimas ficaram por um momento em seu maxilar e então caíram. Ela me disse que já tinha visto Maeve naquela manhã.

Não eram nem sete horas. Enquanto eu comia meus ovos na cozinha de Maeve, nossa mãe se sentou ao lado de sua cama no aquário de vidro da unidade de cuidados coronarianos, segurando sua mão e chorando, depositando o tremendo fardo de sua dor e vergonha diretamente sobre o coração de minha irmã. Ela tinha entrado na unidade do jeito mais direto possível: contou a verdade, ou parte da verdade. Foi até a enfermeira-chefe e disse que sua filha, Maeve Conroy, havia sofrido um infarto, e agora ela estava ali, a mãe, acabara de chegar. A mãe parecia estar prestes a ter ela mesma uma parada cardíaca, então, quando a enfermeira suspendeu as regras e deixou minha mãe entrar para uma visita que, além de longa demais, não estava no cronograma da unidade, ela o fez para beneficiar a mãe, não a filha. Sei disso porque eu mesmo falei com a enfermeira. Falei com ela mais tarde, quando consegui voltar a falar.

– Ela estava feliz – disse minha mãe, a voz distante como uma página virada.

Ela olhou para mim com uma necessidade tremenda, e eu não sabia se ela estava pedindo que eu consertasse as coisas, ou me dizendo que ela tinha voltado para consertar as coisas.

Levantei-me rápido e a deixei na sala de espera, ignorando o elevador em favor dos cinco lances de escada. Era abril e estava começando a chover. Pela primeira vez na vida me perguntei se meu pai amava minha irmã, além do jeito abstrato e negligente que sempre imaginei que ele a amasse. Seria possível que ele acreditasse que Maeve corria perigo e tivesse

pensado em protegê-la de nossa mãe? Caminhei freneticamente de um lado para outro da fileira de carros. Se alguém olhasse pela janela do quarto do hospital e me visse, diria *Olha só aquele coitado. Ele não se lembra de onde estacionou*. Eu queria proteger minha irmã de nossa mãe, protegê-la de qualquer pessoa que pudesse abandoná-la com tamanha negligência e reaparecer no pior momento possível. Queria demonstrar meu compromisso, garantir à minha irmã que eu estava cuidando dela agora e que mais nada de mal aconteceria, mas ela estava dormindo.

Não existe a história da mãe pródiga. O homem rico não solicitou um banquete para celebrar o retorno da esposa. Os filhos, tendo aguentado todos aqueles anos em casa, não penduraram guirlandas nas portas, não mataram ovelhas, não trouxeram vinho. Quando ela foi embora, matou todos, cada um à sua maneira, e agora, décadas depois, eles não a queriam de volta. Eles correram pela estrada para trancar o portão, o pai e os filhos juntos, o vento batendo em seus casacos. Um amigo tinha avisado. Eles sabiam que ela vinha e que o portão precisava ser trancado.

Um paciente na unidade coronariana podia receber três visitas de quinze minutos por dia, um visitante por vez. Minha mãe entrou no quarto de Maeve nas duas visitas seguintes: a visita matinal e a visita da tarde. A enfermeira veio até a sala de espera e nos disse que Maeve estava pedindo pela mãe. Deixaram que eu entrasse às sete da noite, e eu sabia que não era hora de petulância, confronto ou discussão. Nenhum erro seria consertado, nenhuma injustiça examinada. Eu entraria para visitar minha irmã, só isso. Apesar de ter atuado como médico por pouco tempo, sabia o estrago que os visitantes eram capazes de causar aos doentes.

Talvez porque vinte e quatro horas tinham se passado desde a última vez que a tinha visto, talvez porque a chegada de nossa mãe tenha mexido com ela, mas Maeve parecia melhor do que antes. Estava sentada na poltrona ao lado da cama, os monitores apitando conforme o progresso de sua situação cardíaca.

– Olha só para você! – disse, e abaixei-me para beijá-la.

Maeve me deu um de seus raros sorrisos natalinos, sem malícia, só dentes. Parecia que ia levantar de repente e me abraçar.

– Você acredita?

E eu não disse *O quê?* e não disse *Eu sei! Você está bem melhor!* porque eu sabia do que ela estava falando e não era hora de ser evasivo. Disse:

– Foi uma surpresa e tanto.

– Ela me disse que Fofinha a encontrou e contou que eu estava doente. Os olhos de Maeve brilhavam à luz baixa.

– Ela disse que veio na hora.

E eu não disse *Na hora depois de quarenta e dois anos*.

– Eu sei que ela estava preocupada com você. Todos estão preocupados com você. Acho que todo mundo que você conhece passou por aqui.

– Danny, nossa mãe está aqui. Ninguém mais importa. Ela não está linda?

Eu me sentei na cama desarrumada.

– Linda – respondi.

– Você não está feliz com isso.

– Estou. Estou feliz por você.

– Jesus Cristo.

– Maeve, quero que você melhore. Quero o que for melhor para você.

– Você precisa aprender a mentir.

O cabelo dela tinha sido escovado, e fiquei pensando se tinha sido nossa mãe.

– Estou mentindo – disse. – Você não faz ideia de quanto estou mentindo.

– Estou tão feliz. Acabei de sofrer um infarto, e este é o dia mais feliz da minha vida.

Eu disse a verdade, mais ou menos, que sua felicidade era tudo que me importava.

– Estou feliz por ela ter voltado pelo meu infarto, não para o meu velório.

– Por que você está dizendo uma coisa dessas?

Pela primeira vez desde que o Sr. Otterson ligou para o meu escritório eu corria o risco de ceder a minhas emoções.

– É verdade – disse ela. – Deixe-a dormir lá em casa. Certifique-se de que tem comida. Não quero que ela passe a noite na sala de espera.

Assenti. Havia tanta coisa para segurar que não consegui dizer uma palavra.

– Eu a amo – disse Maeve. – Não estrague isso para mim. Não a afaste enquanto eu estou presa no aquário.

Mais tarde naquele dia voltei para a casa de Maeve e guardei minhas coisas. Seria mais fácil para mim ficar em um hotel. Pedi a Sandy que fosse buscar minha mãe e a levasse para a casa de Maeve. Sandy já sabia de tudo,



incluindo como eu estava me sentindo, o que era um milagre, considerando minha incapacidade de traduzir meus sentimentos em palavras. Pelo que pude concluir, Sandy e Jocelyn e Fofinha lidaram com o retorno de Elna Conroy cada uma à sua maneira.

– Eu sei quanto isso é difícil – disse-me Sandy –, porque eu sei quanto foi difícil. Mas acho que se você a tivesse conhecido naquela época, estaria feliz por vê-la de volta.

Só olhei para ela.

– Tudo bem, talvez não, mas precisamos fazer com que isso funcione, pelo bem de Maeve.

O que queria dizer que eu faria com que funcionasse e ela me ajudaria. Sandy sempre foi mais fácil de se lidar que as outras duas.

Minha mãe não deu nenhuma explicação. Quando estávamos na sala de espera, juntos, ela ficava perto da janela, como se estivesse pensando em ir embora. Um gemido agudo parecia emanar de sua angústia, como lâmpadas fluorescentes logo antes de queimar, como um zumbido, algo quase imperceptível que chegou bem perto de me levar à loucura. Então, sem uma palavra, ela saía, como se também não fosse capaz de suportar a si mesma nem mais um minuto. Quando voltava, horas depois, estava mais relaxada. Sandy me disse que ela ia até os outros andares e encontrava pessoas com quem conversar, pacientes ou familiares ansiosos esperando por notícias. Ela circulava com estranhos pelos vários postos de enfermagem durante horas.

– E eles deixam? – perguntei.

Eu achava que existiam regras contra isso.

Sandy deu de ombros.

– Ela diz que a filha sofreu um infarto e também está esperando. Ela não é exatamente uma figura perigosa, sua mãe.

Essa era uma questão sobre a qual eu não seria convencido.

Sandy soltou um suspiro.

– Eu sei. Acho que eu também ainda estaria brava com ela se ela não fosse tão velha.

Eu achava que Sandy e minha mãe tinham praticamente a mesma idade, pelo menos aproximadamente, mas entendia o que ela queria dizer. Minha mãe era como uma peregrina que caiu no gelo e ficou congelada durante dezenas de anos e foi descongelada contra sua vontade. Tudo nela indicava que ela queria estar morta àquela altura.

Fofinha mostrou ter habilidade em me evitar e, quando finalmente a encontrei sozinha esperando o elevador, fingiu que estava procurando por mim.

– Sempre soube que você era um homem decente – disse, orientando-me a ser mais gentil.

– E eu sempre soube que você toma decisões ruins, mas dessa vez você se superou.

Fofinha não recuou.

– Eu fiz o que era melhor para Maeve.

Um elevador se abriu à nossa frente, e, quando as pessoas lá dentro olharam para fora, nós dois balançamos a cabeça.

– Como você explica o raciocínio de que seria má ideia Maeve ter notícias de nossa mãe quando era apenas diabética, se agora, que ela é diabética e sofreu um infarto, você acha uma boa ideia?

– É diferente – disse Fofinha, as bochechas corando.

– Então me explique, porque eu não entendo.

Tentei me lembrar de como confiava nela profundamente, de que ela nos ensinara a criar nossos filhos, de como não saíamos de casa com confiança em ninguém além de Fofinha para cuidar de Kevin e May.

– Eu tive medo que Maeve morresse – disse Fofinha, os olhos se enchendo de lágrimas. – Queria que ela visse a mãe antes de morrer.

Mas é claro que Maeve não morreu. A cada dia ela melhorava, superava os contratempos. A cada dia ela não pedia por mais ninguém além da mãe.

Achei impressionante que nossa mãe tivesse conseguido encaixar Maeve em seu cronograma. De alguma forma, ela havia garantido o direito de empurrar o carrinho de flores, de visitar as pessoas que não tinham mães. Eu não sabia quem ela convencera a deixá-la fazer isso, ou como, pois quando estávamos juntos ela era mais ou menos muda. Achava que ela fosse muito inquieta para ficar sentada na sala de espera, mas provavelmente o mais próximo da verdade é dizer que ela não queria se sentar ali comigo. Não conseguia olhar para mim. Quando Fofinha chegava para uma visita, ou Sandy ou Jocelyn ou o Sr. Otterson ou os Norcrosses ou o bom e velho advogado Gooch ou qualquer grupo de amigos de Maeve do trabalho ou da igreja ou do bairro, minha mãe estava lá, pegando jornais e revistas, perguntando quem gostaria de uma garrafa de água ou uma laranja. Estava sempre descascando uma laranja para alguém. Tinha algum truque especial para isso.

– Então, como foi na Índia? – perguntou Jocelyn certa tarde, como se minha mãe tivesse acabado de voltar de uma viagem de férias. Jocelyn era quem mais desconfiava de nossa mãe, ou talvez a segunda que mais desconfiava.

Percebi que as bolsas escuras abaixo dos olhos de minha mãe tinham diminuído de alguma forma. Ela devia ser a única pessoa na história da humanidade que tinha melhorado em uma sala de espera. Jocelyn e eu estávamos lá com Fofinha. Sandy estava trabalhando. Mais cedo ou mais tarde Elna teria de nos contar alguma coisa.

– A Índia foi um erro – respondeu ela finalmente.

– Mas você queria ajudar – disse Fofinha. – Você ajudava as pessoas.

– Por que a Índia?

Eu tinha a intenção de ouvir aquela conversa em silêncio, mas naquele momento minha curiosidade foi maior.

Minha mãe puxou um pedaço de fio que estava solto no punho do suéter verde, o mesmo suéter que usava todos os dias.

– Li um artigo em uma revista sobre Madre Teresa, que ela pediu às freiras que a enviassem a Calcutá para ajudar os necessitados. Nem me lembro que revista era. Alguma que seu pai assinava.

Aquela não era uma conexão que eu teria feito, minha mãe sentada na cozinha da Casa Holandesa, por volta de 1950, lendo sobre Madre Teresa na *Newsweek* ou na *Life* enquanto as outras mulheres da rua VanHoebeek assumiam cargos de liderança no clube de jardinagem e iam a bailes de verão.

– É uma grande mulher, Madre Teresa – disse Fofinha.

Minha mãe assentiu.

– É claro que ela não era a Madre Teresa na época.

– Você trabalhou com Madre Teresa? – perguntou Jocelyn.

A essa altura, tudo parecia possível, incluindo minha mãe em um sari de algodão branco abraçando os moribundos. Havia tanta naturalidade nela, como se tivesse se livrado de todas as preocupações humanas. Ou talvez eu estivesse exagerando na interpretação dos contornos ossudos do rosto. As mãos compridas e magras que ela mantinha cruzadas no colo pareciam gravetos. Os dedos da mão direita sempre encontravam o caminho de volta até o anel que ela usava na esquerda.

– Essa era a intenção, mas o navio foi para Mumbai. Acho que nem consultei um mapa antes de ir embora. Acabei do lado errado do país. – Ela

disse como quem reconhece que todo mundo erra. – Eles me disseram que eu teria de pegar um trem, e eu ia fazer isso, queria ir a Calcutá, mas depois que você passa uns dias em Mumbai...

Ela terminou a frase ali.

– O quê? – incitou Fofinha.

– Havia muito o que fazer em Mumbai – disse minha mãe em voz baixa.

– Há muito o que fazer no Brooklyn.

Peguei o copo de isopor ao lado do meu pé, mas o café estava frio. A época em que eu bebia café frio em um hospital tinha acabado havia muito tempo.

– Danny – chamou Fofinha, avisando-me de não sei o quê.

– Não, ele tem razão – disse minha mãe. – Era isso que eu devia ter feito. Podia ter servido aos pobres da Filadélfia e voltar para casa à noite, mas eu não tinha nenhuma noção. Aquela casa...

– A casa? – perguntou Jocelyn, como se ela não tivesse o direito de culpar a Casa Holandesa por sua negligência.

– A Casa me tirou qualquer senso de proporção.

– Era enorme – disse Fofinha.

Uma televisão pendurada em um canto perto do teto da sala de espera exibia um programa no qual estavam destruindo uma casa antiga. Não havia controle remoto, mas no primeiro dia que passei lá subi em uma cadeira e coloquei no mudo. Quatro dias depois, as pessoas mostradas pela televisão caminhavam silenciosamente por quartos vazios, apontando as paredes que iriam derrubar.

– Nunca entendi por que seu pai queria aquela casa e ele nunca entendeu por que eu não queria.

– Por que você não queria?

Certamente havia infernos piores do que uma casa bonita.

– Nós éramos *pobres* – respondeu minha mãe. Eu não sabia que ela era capaz de levantar a voz. – Eu não tinha nada a ver com um lugar como aquele, todas aquelas lareiras e escadas, todas aquelas pessoas me servindo.

Fofinha deixou escapar uma bufada.

– Isso é ridículo. Nunca servimos você. Você preparava meu café toda manhã.

Minha mãe balançou a cabeça.

– Eu tinha tanta vergonha de mim mesma.

– Não do papai?

Eu achava que meu pai teria sido a escolha óbvia. Afinal, ele tinha comprado a casa.

– Seu pai não tinha vergonha – disse ela, sem entender. – Ele estava empolgado. Dez vezes por dia ele encontrava algo para me mostrar. “Elna, olha só esse corrimão”, “Elna, venha aqui fora ver essa garagem”.

– Ele amava a garagem – disse Fofinha.

– Ele nunca entendeu como alguém podia ser triste naquela casa.

– Os VanHoebeeks eram tristes – disse Fofinha. – Pelo menos no fim eles eram.

– Você foi para a Índia para se afastar da *casa*?

É claro que não era só a casa ou o marido. Havia duas crianças dormindo no segundo andar que não tinham sido citadas.

Os olhos lívidos de minha mãe estavam nublados pela catarata, e eu me perguntava quanto ela conseguia enxergar.

– O que mais poderia ter sido?

– Sempre achei que fosse por causa do papai.

– Eu amava seu pai – disse ela.

As palavras estavam bem ali. Ela não precisou ir atrás delas. *Eu amava seu pai.*

Foi a deixa para que Fofinha se levantasse. Ela se espreguiçou até ficar nas pontas dos pés, levantando os braços sobre a cabeça. Disse, como se respondesse a uma pergunta não feita, que ia descer a rua e nos trazer um café decente. Nesse momento, minha mãe também se levantou e disse que ia até o terceiro andar para ver os bebês recém-nascidos, eu disse que ia até o telefone público ligar para Celeste, e Jocelyn disse que então ia para casa. Conversamos até não conseguirmos aguentar nem mais um segundo, e então paramos.

É claro que ninguém esperava que só minha mãe garantisse a conversa naqueles dias compridos, todos queríamos algo para passar o tempo. Jocelyn tinha se aposentado, mas Sandy continuava trabalhando. Ela falava sobre o patrão, cujo desejo era que o carpete fosse aspirado em uma única direção. Fofinha falava sobre a Casa Holandesa antes dos Conroys, sobre como cuidava da Sra. VanHoebeek depois que o dinheiro acabou e como pegava o trem para Nova York com joias para vender. Aquilo me pareceu um espantoso ato de bravura para uma jovem naquela época.

– Você não podia vender as joias na Filadélfia? – perguntei.

– É claro que podia – respondeu –, mas qualquer pessoa para quem eu vendesse um anel na Filadélfia o levaria para Manhattan e revenderia pelo dobro do preço.

Fofinha vendeu um colar triplo de pérolas para pagar pelo hospital quando a Sra. VanHoebeek quebrou o quadril; e quando a idosa morreu, Fofinha vendeu um broche para pagar pelo velório, um passarinho de ouro com uma esmeralda no bico.

– Ainda tinha sobrado algumas coisas – disse Fofinha. – Não como no início, mas a senhora e eu nos contínhamos. Não sabíamos quanto tempo ela ia durar. Aqueles banqueiros que venderam a casa? Completos idiotas. Eles me pediram que fizesse uma lista de tudo que fosse de valor, para que eles pudessem avaliar. Eu deixei a maior parte das coisas, mas levei algumas.

Ela levantou a mão para mostrar o anel de diamante à moda antiga, com um pequeno rubi de cada lado. Fofinha usava aquele anel desde que a conheci.

Acho que foi uma confissão impensada, já que a casa tinha sido comprada por meu pai com tudo que havia dentro dela. Depois que o anel pertenceu à Sra. VanHoebeek, deveria ter pertencido a ele, com todo o restante, e talvez ele o tivesse dado à minha mãe, que poderia ter passado o anel para Maeve quando ela crescesse, ou para mim, e eu dá-lo a Celeste. Mas essa ideia dependia de meu pai ser o tipo de homem que vasculharia uma caixa de joias, o que ele não era, ou de minha mãe ser o tipo de pessoa que ficaria por perto. Era mais provável que o anel ficasse onde estava até que Andrea chegasse. Andrea não teria deixado passar nenhuma joia que a casa tivesse a oferecer.

Fofinha teria entregado o anel a qualquer um de nós se tivéssemos pedido, mas minha mãe só se aproximou, olhando para a mão de Fofinha com os olhos anuviados.

– Tão bonito – disse, e beijou a mão dela. – Que bom que você pegou.



A primeira vez que voltei a Jenkintown depois de ingressar na faculdade de medicina deve ter sido no Dia de Ação de Graças de 1970. A carga caiu sobre mim como uma avalanche naquele primeiro semestre, exatamente como o Dr. Able havia previsto, e tive de lutar para acompanhar. Acrescente

a isso o fato de que Celeste e eu estávamos fazendo bom uso do apartamento, e eu não tinha tempo nem disposição de ir para casa nos fins de semana. Isso foi antes de qualquer conversa sobre casamento, então Maeve e Celeste ainda eram amigas. Celeste e eu fomos à Filadélfia juntos de trem na véspera do Dia de Ação de Graças. Maeve foi nos buscar e deixamos Celeste em casa, e no dia seguinte Maeve e eu voltamos para jantar com os Norcrosses. Os homens e os meninos jogavam *touched football* no quintal – *em homenagem aos Kennedys*, dizíamos – enquanto as mulheres e as meninas descascavam batatas e preparavam o molho e faziam qualquer tarefa de última hora que fosse necessária. Elas mandaram Maeve arrumar a mesa quando perceberam que ela não estava brincando ao dizer que não sabia cozinhar.

O jantar era uma grande produção, com crianças amontoadas na sala comendo diante de mesas de jogos como um grupo de substitutos que sonhavam um dia invadir a sala de jantar. Havia tias, tios, primos e primas, e uma grande variedade de pessoas que não tinham aonde ir, categoria na qual Maeve e eu nos incluíamos. A mãe de Celeste sempre fazia um trabalho incrível nos feriados, e depois de meses jantando qualquer coisa na cantina do hospital ou pegando pãozinhos das bandejas dos pacientes, eu ficava especialmente agradecido. Em cada mesa, mãos dadas e cabeças baixas enquanto Bill Norcross recitava sua bênção:

– Por isso e todas as Suas misericórdias, que o Senhor nos faça verdadeiramente gratos.

Assim que levantávamos os olhos, as tigelas de vagem com cebola pérola e as montanhas de farofa e purê de batata e batata-doce e travessas de peru fatiado seguidas de potes de molho começavam a marchar em sentido horário pela mesa.

– E o que você faz? – perguntou-me a mulher à minha esquerda.

Era uma das muitas tias de Celeste. Eu não conseguia me lembrar do nome dela, mas sabia que tínhamos sido apresentados na entrada.

– Danny está estudando medicina em Columbia – respondeu a Sra. Norcross do outro lado da mesa, caso essa fosse uma informação que eu mesmo não estivesse disposto a compartilhar.

– Medicina? – disse a tia, que depois claramente olhou para Celeste. – Você não me disse que ele estudava medicina.

A seção central da mesa comprida ficou em silêncio, e Celeste levantou os belos ombros.

– Você não perguntou.

– Qual será sua especialização? – questionou um dos tios.

Naquele instante, comecei a ser interessante. Não sabia se aquele tio era casado com a tia da pergunta anterior.

Imaginei todos os prédios vazios que tinha visto em Washington Heights, e por um instante pensei que seria incrível falar a verdade: pretendia praticar compra e venda de imóveis. Da ponta da mesa, vi Maeve me olhando com um sorriso exagerado, confirmando que ela era a única que entendia quanto aquilo era insano.

– Não faço ideia – respondi.

– Você precisa abrir as pessoas? – perguntou o irmão mais novo de Celeste.

Disseram-me que aquele era seu primeiro ano à mesa de jantar. Ele era a pessoa mais jovem da mesa.

– Teddy. – A mãe chamou sua atenção.

– Autópsias – disse Teddy, completamente entediado. – Eles precisam fazer autópsias, sabia?

– Precisamos mesmo – confirmei –, mas eles nos obrigam a fazer um juramento de nunca falar sobre isso durante o jantar.

Por essa recusa, a sala soltou uma risada agradecida. A distância, ouvi alguém perguntar a Maeve se ela também era médica.

– Não – respondeu, segurando o garfo com uma vagem espetada. – Trabalho com vegetais.

Quando o jantar acabou e nos encheram de sobras para o fim de semana, Celeste me deu um beijo de despedida. Maeve prometeu que viríamos buscá-la domingo de manhã, quando estivéssemos a caminho da estação. Eles nos acompanharam até o carro, todos aqueles Norcrosses alegres, dizendo que devíamos ficar. Mais tarde teria filme, pipoca, baralho. O Pelota saiu de dentro da casa correndo em direção ao quintal, latindo sem parar para as pilhas de folhas até o enxotarem para dentro novamente.

– É a nossa chance – sussurrou Maeve, e pulou para dentro do carro.

Eu dei a volta e entrei no carro pelo lado do acompanhante, e eles ficaram ali, todos acenando e rindo enquanto nos afastávamos.

Os Norcrosses jantavam cedo, então mal tinha anoitecido. Havia tempo suficiente para voltar até a Casa Holandesa antes que as luzes se acendessem. Tínhamos prometido a Jocelyn que iríamos à casa dela mais tarde para comer torta, então esse seria apenas um intervalo entre duas



refeições alheias esplendorosas. Ainda éramos jovens o bastante para evocar o sentimento exato dos Dias de Ação de Graças de nossa infância, mas era uma lembrança da qual não sentíamos falta. Ou éramos eu, Maeve e nosso pai comendo na sala, e Sandy e Jocelyn fazendo o possível para não deixar transparecer que estavam com pressa de ir para casa ficar com suas famílias, ou eram os anos com Andrea e as meninas, quando Sandy e Jocelyn não escondiam a pressa. Depois daquele desastroso Dia de Ação de Graças em que Maeve foi transferida para o terceiro andar, ela deixou de vir a Elkins Park, e todo ano eu olhava para seu lugar vazio à mesa e me sentia péssimo, embora não conseguisse entender por que sua ausência no Dia de Ação de Graças era pior que nas outras noites do ano. Ter passado aquele Dia de Ação de Graças com os Norcrosses compensou por muita coisa, e nós dois saímos do jantar nos sentindo recuperados, ainda que nossa saída tenha parecido uma fuga. Talvez fosse possível, pensamos, superar os feriados patéticos de nossa infância.

– Você vai ter de me desculpar – disse Maeve, abrindo a janela para deixar entrar o ar gelado –, mas se eu não fumar um cigarro neste instante eu vou morrer.

Ela pegou um e me passou o maço para que eu pudesse decidir por mim mesmo, então me passou o isqueiro. Logo estávamos os dois soltando fumaça, cada um à sua janela.

– Por mais gostoso que estivesse aquele jantar, este cigarro talvez esteja melhor – afirmei.

– Se você fizesse uma autópsia em mim agora, descobriria que sou só carne escura e molho, talvez com uma veia minúscula de purê de batata no braço direito.

Maeve era muito cuidadosa com os carboidratos. Tinha recusado a torta dos Norcrosses para comer uma fatia na casa de Jocelyn.

– Eu podia apresentar você na ronda – disse a ela, e pensei em Bill serrando a carcaça do peru.

Maeve deu de ombros levemente.

– Não acredito que eles fazem você abrir as pessoas.

– Não acredito que você me obrigue a estudar medicina.

Ela riu e depois pressionou os dedos contra os lábios, como se quisesse acalmar a revolta do jantar.

– Ah, pare de reclamar. Sério, tirando a parte de dissecar outros seres humanos, diga uma coisa que seja tão terrível.

Joguei a cabeça para trás, soltando a fumaça. Maeve sempre dizia que eu fumava cada cigarro como se estivesse prestes a ser executado, e eu estava pensando que aquele devia mesmo ser o último. Eu sabia que não devia fumar, mesmo que naquela época médicos ainda carregassem um maço de Marlboro no bolso do jaleco. Principalmente ortopedistas. Era impossível ser ortopedista e não fumar.

– A pior parte é entender que vamos morrer.

Ela olhou para mim com as sobrancelhas pretas levantadas.

– Você não entendia isso?

Balancei a cabeça.

– Você *acha* que entende. Você acha que quando tiver noventa e seis anos vai se deitar no sofá depois de um enorme jantar de Ação de Graças e não vai mais acordar, mas nem disso você tem certeza. Talvez haja alguma exceção especial só para você. Todo mundo acha isso.

– Eu nunca pensei, nem por um minuto, que ia morrer no sofá aos noventa e seis anos, ou mesmo chegar aos noventa e seis.

Mas eu não estava ouvindo, estava falando.

– Você não se dá conta das inúmeras formas de morrer que existem, excluindo tiros e brigas de faca e cair de janelas e todas as outras coisas que provavelmente não vão acontecer.

– Diga-me, doutor, o que *vai* acontecer?

Ela estava tentando não rir de mim, mas era verdade: a morte era tudo em que eu pensava naqueles dias.

– Glóbulos brancos demais, glóbulos vermelhos de menos, ferro demais, uma infecção respiratória, sépsis. Você pode ter um bloqueio no duto biliar. Seu esôfago pode se romper. E os cânceres. – Olhei para ela. – Poderíamos ficar aqui a noite toda falando sobre câncer. Só estou dizendo que é perturbador. Existem milhares de jeitos de o corpo descarrilar sem motivo algum e provavelmente você só vai perceber quando for tarde demais.

– O que nos leva à questão: por que precisamos de médicos, afinal?

– Exatamente.

– Bem – disse Maeve, dando uma longa tragada no cigarro –, eu já sei como vou morrer, então não preciso me preocupar com isso.

Olhei para seu perfil iluminado pelas luzes da rua se acendendo, pelas luzes que Andrea tinha acendido na Casa Holandesa. Tudo nela era penetrante e direto e belo, tudo nela era vida e saúde.

– Como você vai morrer?

Não sei por que perguntei, porque com certeza não queria saber.

Ao contrário dos estudantes de medicina da minha sala que pareciam estar folheando um catálogo de doenças quando falavam hipoteticamente sobre suas mortes, Maeve falou com autoridade.

– Doença cardíaca ou derrame. É assim que diabéticos morrem. Provavelmente doença cardíaca se considerarmos o papai, o que eu acho ótimo. É mais rápido, né? Pá-pum.

De repente fiquei com raiva dela. Ela não fazia ideia do que estava falando, e, além do mais, era Dia de Ação de Graças, devíamos estar jogando alguma coisa, como os Norcrosses dando as cartas no baralho.

– Se você está tão preocupada com um infarto, por que estamos sentados aqui fumando?

Ela piscou fundo.

– Não estou preocupada. Eu disse, não sou eu quem vai morrer depois do jantar aos noventa e seis anos. É você.

Joguei o cigarro pela janela.

– Meu Deus, Danny, abra a porta e pegue isso. – Ela bateu em meu ombro com as costas da mão. – Esse é o quintal da Sra. Buchsbaum.

– VOCÊ SE LEMBRA de quando morávamos naquela casinha, e a Sra. Henderson, da casa ao lado, ganhou uma caixa de laranjas do filho que morava na Califórnia? – perguntou nossa mãe, sentada ao lado da cama de hospital do quarto particular para onde Maeve tinha sido transferida. – Ela nos deu três.

Maeve estava com um roupão cor-de-rosa de chenile que May havia escolhido para ela anos antes, e o buquê de rosas cor-de-rosa do Sr. Otterson estava ao lado dela na mesinha de cabeceira. Suas bochechas estavam rosadas.

– Dividimos duas das laranjas em três partes, e você descascou e usou o suco da terceira para fazer um bolo. Quando saiu do forno, você me mandou ir até a casa da Sra. Henderson chamá-la para comer conosco.

– Eram dias pioneiros – disse nossa mãe.

Elas catalogavam o conteúdo da casinha com muito carinho: o sofá marrom com pés de bordo, a poltrona amarelo-clara com uma mancha de café respingado em um dos braços. Havia a pintura emoldurada de uma loja de ferreiro (de onde tinha vindo aquilo, perguntavam; onde tinha ido parar?), a mesinha e as cadeiras na cozinha, o único armário de metal preso à parede sobre a pia: quatro pratos, quatro tigelas, quatro xícaras, quatro copos.

– Por que quatro? – Eu estava observando o monitor, pensando que a frequência cardíaca ainda podia estar melhor.

– Estávamos esperando você – respondeu minha mãe.

Sob a segurança da asa de Maeve, minha mãe tinha mais facilidade para falar.

– Minha cama ficava no canto da sala – disse Maeve.

– E toda noite seu pai abria um biombo ao lado da cama e dizia: “Estou construindo o quarto da Maeve.”

Quando moravam na casinha, eles faziam compras no mercado da base e carregavam-nas para casa em um saco engenhoso que minha mãe tinha feito

com barbante. Coletavam latas, cuidavam do bebê dos vizinhos, trabalhavam na distribuição de alimentos aos pobres que a igreja fazia às segundas e sextas. Era Maeve e nossa mãe, sempre as duas. No inverno, minha mãe desmanchava o suéter que havia ganhado de uma das mulheres da igreja e tricotava uma touca, um cachecol e luvas para minha irmã. No verão, elas arrancavam as ervas daninhas da horta que todas as famílias tinham plantado juntas – tomates e berinjelas, batatas e milho, vagem e espinafre. Preparavam conservas de pepino e geleias. Elas recordavam cada uma de suas conquistas, enquanto eu ficava sentado em um canto com o jornal.

– Você se lembra da cerca que prendia os coelhos na horta? – perguntou minha mãe.

– Eu me lembro de tudo. – Maeve tinha levantado da cama e estava sentada em uma poltrona perto da janela com um cobertor dobrado no colo. – Lembro que à noite apagávamos as luzes e levávamos uma luminária para dentro do armário do quarto e tirávamos os sapatos de lá, para que pudéssemos nos sentar no chão e ler. O papai ficava de serviço. Você precisava dobrar os joelhos para cima a fim de caber lá dentro, e eu vinha por trás de você e me sentava em seu colo.

– Essa aí sabia ler quando tinha quatro anos – disse-me minha mãe. – Era a criança mais inteligente que eu já tinha visto.

– Você colocava uma toalha embaixo da porta para que a luz não passasse – disse Maeve. – É engraçado, mas por algum motivo eu achava que a luz era racionada, que tudo era racionado, então não podíamos deixar que a luz que não estávamos usando simplesmente vazasse pelo chão. Tínhamos de mantê-la toda no armário conosco.

Elas se lembraram de onde a casinha ficava na base, em qual esquina, embaixo de qual árvore, mas não conseguiam se lembrar exatamente do que nosso pai fazia lá.

– Algum tipo de encomenda, eu acho – disse minha mãe.

Não importava. Elas tinham certeza sobre a pequena entrada de concreto, dois degraus, gerânios vermelhos que tinham sido tirados da planta de um vizinho florescendo em vasos de terracota. A porta abria direto para a sala, e o pequeno quarto onde meus pais dormiam ficava à direita e a cozinha à esquerda, com um banheiro no meio.

– A casa era do tamanho de um selo postal – disse Maeve.

– Menor que a sua casa? – perguntei, porque para mim Maeve morava em uma casinha de boneca.

As duas se entreolharam, minha mãe e minha irmã, e riram.

Eu tinha uma mãe que tinha ido embora quando eu era criança. Não sentia falta dela. Maeve estava lá, com o casaco vermelho e o cabelo preto, parada ao pé da escada, o chão branco de mármore com quadradinhos pretos, a neve caindo em lençóis reluzentes nas janelas atrás dela, as janelas largas como uma tela de cinema, o navio nas ondas do relógio de pêndulo balançando ao ritmo dos minutos.

– Danny! – chamava ela. – Café da manhã. Mexa-se.

Ela usava o casaco dentro de casa nas manhãs de inverno porque era muito frio, porque ela era tão alta e magra que cada grama de energia em seu corpo se dedicava ao crescimento, não ao aquecimento.

– Parece que você está sempre de saída – dizia meu pai quando passava por ela, como se até o casaco dela o irritasse.

– *Danny!* – gritava ela. – Não vá subir em uma bandeja.

A cama onde eu dormia era empilhada de cobertores cujo peso me prendia nela. Nunca houve uma manhã de inverno na Casa Holandesa em que meu primeiro pensamento não fosse de *Como seria passar o dia inteiro na cama?*. Mas a voz de minha irmã vinda do pé da escada me puxava, junto com o cheiro do café que eu era novo demais para beber.

– Impede seu crescimento – dizia Jocelyn. – Você não quer ser alto como sua irmã?

Eu encontrava os chinelos no chão, o roupão de lã ao pé da cama. Me arrastava até o topo da escada, congelando.

– Eis o príncipe! – entoava Maeve, o rosto inclinado em direção à luz. – Vamos, tem panqueca. Não me faça esperar.

A alegria de minha infância acabou não quando minha mãe foi embora, mas quando Maeve foi embora, no ano em que Andrea e meu pai se casaram.

Onde esteve nossa mãe esse tempo todo? Não me importava. Ela e Maeve se sentavam juntas na cama de minha irmã quando ela foi para casa, as quatro pernas longas estendidas lado a lado. Eu ouvia frases, palavras, enquanto andava pela casa: Índia, orfanato, San Francisco, 1966. Eu me formei em Choate em 1966, entrei em Columbia, enquanto nossa mãe acompanhava os filhos de uma família indiana rica em um navio para San Francisco em troca de uma generosa doação para o orfanato onde

trabalhava. Ou seria o leprosário? Ela nunca mais voltou à Índia. Ficou em San Francisco. Foi para Los Angeles, depois Durango e depois Mississippi. Os pobres, descobriu, estavam em toda parte. Fui até a garagem e encontrei o cortador de grama de Maeve. Tive de ir até o posto de gasolina para comprar combustível, depois cortei a grama. Senti tanta satisfação com a tarefa que, quando terminei, peguei o aparador de ervas daninhas e aparei as floreiras na calçada. Um proprietário de prédios em Manhattan nunca corta a grama.

Fiz o *check-out* no hotel e passei uma única noite sem dormir no sofá de Maeve quando ela saiu do hospital. Eu queria estar lá caso o coração dela parasse, mas não aguentei nem um pouco aquilo. Na manhã seguinte fui para o antigo quarto de Celeste nos Norcrosses. Fofinha já tinha ido para casa, mas minha mãe estava sempre lá. Os amigos de Maeve deixaram caçarolas na varanda, com frango assado e sacolas de maçãs e pão de abobrinha, tanta comida que Sandy e Jocelyn tiveram de levar metade para casa. Maeve e minha mãe comiam feito passarinho – vi as duas compartilharem um único ovo mexido. Maeve estava feliz e cansada e não parecia ela mesma. Não falava sobre o trabalho na Otterson, ou do que precisava fazer por mim, ou sobre qualquer coisa que tinha sido negligenciada durante sua ausência. Ela se sentava no sofá e deixava que nossa mãe lhe trouxesse torradas. Não havia distância entre elas nem recriminação. Viviam juntas no próprio paraíso da memória.

– Deixe as duas em paz – disse-me Celeste ao telefone. – Elas se viram. As pessoas estão batendo na porta para ajudar e, de qualquer forma, o que Maeve precisa é de descanso. Não é isso que os médicos sempre dizem? Ela não precisa de mais companhia.

Eu disse a ela que não me considerava companhia, mas, assim que as palavras saíram de minha boca, percebi que eu era exatamente isso. Elas estavam esperando que eu fosse embora.

– Mais cedo ou mais tarde você precisa voltar à Nova York. Eu tenho uma lista de bons motivos.

– Vou voltar logo – disse à minha esposa. – Só quero ter certeza de que está tudo bem.

– Está tudo bem? – perguntou Celeste.

Ela não conhecia minha mãe, mas sua desconfiança natural era ainda maior que a minha.

Eu estava em pé na cozinha de Maeve. Minha mãe fixara a receita do médico na geladeira com um ímã. Ela mantinha os frascos de plástico de remédio em uma fileira bem organizada em frente às vasilhas e anotava a hora em que cada um deveria ser administrado. Tomava o cuidado de limitar o número de visitas e empurrá-las até a porta quando seu tempo acabava, à exceção, é claro, do Sr. Otterson, que era tratado com muita consideração. O Sr. Otterson nunca ficava tempo demais, e, quando o clima estava bom, ele caminhava com Maeve até o fim da rua e voltava. Do contrário, minha mãe fazia Maeve caminhar em círculos no quintal a cada duas horas. Elas estavam na sala agora, conversando sobre um romance que tinham lido chamado *Housekeeping*, o qual ambas diziam ser seu livro favorito.

– O quê? – perguntou Celeste, e em seguida disse: – Não. Espera um pouco. É seu pai. Pronto. – Tinha voltado a falar comigo. – Diga oi à sua filha.

– Oi, papai – disse May. – Se você não vier para casa logo, vou comprar um cachorro hipoalergênico. Estou pensando em um *poodle* fêmea. Vou chamá-la de Stella. Eu me contentaria com um gato, mas a mamãe disse que não existe gato hipoalergênico. Ela disse que o Kevin é alérgico a gatos, mas como ela pode saber disso? Ele nunca está perto de gatos.

– Do que você está falando?

– Espere um pouco – disse May em voz baixa, então ouvi uma porta se fechando. – Sempre que eu falo em comprar um cachorro ela sai. É mágico. Eu vou para Jenkintown ver a tia Maeve.

– Sua mãe vai trazer você?

May emitiu o barulho que fazia em resposta a todo tipo de estupidez adulta.

– Eu vou sozinha. Você vai ter de me buscar no trem.

– Você não vai vir sozinha de trem.

Não deixávamos May pegar o metrô sozinha. Deixávamos que pegasse ônibus e táxis, mas nenhum tipo de trem.

– Escuta, a tia Maeve sofreu um infarto – disse ela, como se fosse uma informação nova. – Você sabe que ela está se perguntando por que eu ainda não fui vê-la. E a mamãe nos contou que nossa avó indiana voltou, e quero conhecê-la. Conhecer uma avó nova a essa altura do campeonato é impressionante.

– Que altura do campeonato? Ela não é indiana.



Olhei para fora da cozinha e vi minha mãe irlandesa, pálida no sofá ao lado de Maeve, e então virei de costas para as duas.

– Ela morava na Índia, mas isso faz muito tempo.

– De qualquer forma, eu vou de trem. Você pegou o trem sozinho em Nova York quando tinha doze anos, depois de visitar a tia Maeve na Páscoa, e eu tenho catorze anos, por Deus.

– Odeio quando você diz “por Deus”. Parece meu pai.

– Meninas amadurecem mais rápido que meninos, então, se você parar para pensar, tecnicamente eu sou mais de dois anos mais velha agora do que você naquela época.

Eu tinha mesmo contado essa história a ela? É claro que May era mais velha do que eu era na época, provavelmente uns vinte anos, mas eu não a deixaria pegar o trem sozinha de jeito nenhum.

– É uma ideia adorável, mas eu vou embora amanhã depois de levar Maeve ao médico.

– *Você é médico* – disse ela, morrendo de rir.

– Escute, May, obedeça a sua mãe.

– Eu *obedeço* – afirmou. – Mas ela está me deixando louca. Vou escrever um livro chamado *Seis milhões de motivos para não ir à Pensilvânia*. Deixe-me dizer oi à minha avó.

Minha mãe não tinha perguntado sobre meus filhos. Nem uma palavra. Fofinha disse que era porque ela já tinha contado tudo sobre eles, Maeve também – as notas que Kevin tirava em ciências, a dança da May. Fofinha disse que minha mãe estava desesperada para saber, mas não perguntava por minha culpa, porque eu fazia questão de ser frio a cada frase que saía de minha boca.

– Ela está dormindo – disse.

– Por que ela está dormindo? São duas horas. Não é ela quem está doente.

– É ela que é velha – respondi, me virando de novo para olhar minha mãe na sala. Ela estava rindo. Com o cabelo curto e a pele enrugada e as mãos sardentas, ela podia ser a mãe de qualquer pessoa, mas era a minha. – Eu digo que você ligou quando ela acordar.

Apesar dos vários lugares em que minha mãe dizia ter vivido durante os anos de sua ausência, não havia qualquer indicação de que ela realmente tivesse morado em algum deles. Eu me perguntava se ela estava morando na casa de Maeve agora porque a mala dela estava no armário de minha

irmã. Entretive Celeste com todas as minhas suspeitas quando voltei para casa, detalhando as duas últimas semanas cena a cena.

– Você está dizendo que ela é sem-teto? – perguntou Celeste.

Estávamos em pé na cozinha enquanto ela preparava o jantar: salmão para nós dois e para May, que não gostava de peixe, mas tinha lido que peixe deixava as pessoas mais inteligentes, e dois hambúrgueres para Kevin, que não estava nem aí para isso. As crianças ficaram felizes ao me ver quando passei pela porta um dia antes, mas logo descobriram que eu era a mesma pessoa de sempre.

– Sem-teto no sentido de que não tem uma casa, não sem-teto de dormir embaixo da ponte.

Pensando bem, como eu saberia?

– Existe alguma chance de seus pais nunca terem se divorciado? É o que Fofinha acha. Ela acha que sua mãe talvez ainda seja a dona da casa e nem saiba.

Imaginei que Fofinha tivesse dito isso como uma hipótese. Ela com certeza não teria contado toda a história para Celeste.

– Eles são divorciados. Meu pai pagou a um homem do consulado americano para encontrar o navio dela em Mumbai. Ele mandou os documentos do divórcio, e o homem levou minha mãe direto para o consulado e a fez assiná-los diante do tabelião. Tudo dentro da lei. O homem entregou-lhe uma carta do meu pai, dizendo-lhe que nunca mais voltasse. Acho que ele cuidou de tudo na mesma hora.

Aquela era uma das inúmeras histórias que haviam sido contadas perto de mim, não para mim, com Maeve dizendo que, se a carta fosse uma prova de amor e compaixão, com certeza nossa mãe teria dado meia-volta e voltado para casa de imediato. Minha mãe deixou Maeve pensar que era verdade.

– Então ela não é secretamente rica.

Balancei a cabeça.

– Ela é extravagantemente pobre.

– E agora vocês dois vão ter de cuidar dela?

Celeste começou a lavar as batatinhas cor-de-rosa na pia, atacando cada uma delas com uma escovinha, enquanto eu procurava na geladeira alguma garrafa aberta de vinho.

– Eu não vou cuidar dela.

– Mas está cuidando da Maeve, e Maeve vai ter de cuidar dela.

Pensei nisso. Encontrei o vinho.

– Bem, por enquanto minha mãe é quem está cuidando da Maeve.

A comida, os remédios, a roupa para lavar, as visitas.

– O que você faz?

Eu vinha assistindo, essa era a minha parte. Vinha inserindo minha presença desconfortável em cada situação.

– Só quero ter certeza de que Maeve está bem.

– Porque você tem medo de que ela sofra outro infarto ou porque tem medo que ela acabe gostando mais da sua mãe do que de você?

Eu estava prestes a servir uma taça de vinho para nós dois, mas, à luz do rumo que a conversa estava tomando, optei por servir uma só para mim.

– Não é uma competição.

– Bem, isso é ótimo, se não é uma competição, então deixe as duas em paz. Você não parece muito interessado na sua mãe e Maeve parece não querer saber de mais ninguém além dela.

Aqui mencionarei que Celeste foi incrivelmente atenciosa enquanto Maeve esteve doente. Mandava cartões assinados com amor pelas crianças a cada dois dias, e quando Maeve foi para casa havia um buquê enorme de peônias esperando na varanda. Parecia não haver restado sequer uma peônia em todo o leste da Pensilvânia.

– Você disse a Celeste que eu amo peônias? – perguntou-me Maeve, olhando para o cartão.

Mas a verdade era que eu não fazia ideia de que minha irmã amava peônias.

– Por que estamos discutindo isso? – perguntei a Celeste. – Só estou feliz por estar em casa.

Ela deixou a última das batatas cair no escorredor e secou as mãos.

– Desde que eu conheço a Maeve, ela quer a mãe de volta. Vocês dois estacionam em frente à velha casa porque a casa a faz se lembrar da mãe, vocês vivem a vida como se seus punhos estivessem unidos por um arame porque foram abandonados pela mãe. Então sua mãe volta, sua irmã, pobrezinha, finalmente está feliz e você está decidido a ser infeliz. Parece que você não quer ser tirado do seu sofrimento. Se você se importa tanto com Maeve, e Maeve está feliz, então por que simplesmente não a deixa ser feliz? Ela pode ter uma vida com a sua mãe, você pode ter uma vida com a gente.

– Não é uma troca.

– Mas é disso que você tem medo, não é? Que sua mãe não seja punida? Que Maeve seja mais feliz com ela do que foi com você?

May gritou lá de cima.

– Vocês não percebem que eu ouço cada palavra que estão dizendo? Esta casa tem respiradouros. Se vocês querem brigar, vão para um restaurante.

– Não estamos brigando – respondi em voz alta.

Estava olhando para minha esposa e, por um instante, eu a vi, os olhos azuis redondos e o cabelo amarelo. A mulher com quem eu tinha passado mais da metade da vida flutuou à minha frente, e com a mesma rapidez ela desapareceu.

– Estamos brigando – disse Celeste, os olhos em mim, a voz tão alta quanto a minha –, mas vamos parar.

Eu poderia ter passado o verão inteiro em casa em Nova York supervisionando a derrubada de paredes em vários apartamentos, jogando basquete com Kevin, ajudando May a decorar solilóquios, e acho que ninguém além de Celeste teria percebido, e Celeste teria ficado feliz. Mas semana após semana eu voltei a Jenkintown, como se o único jeito de me convencer de que Maeve estava realmente bem fosse vendo com meus próprios olhos. Eu dormia na casa sempre acolhedora dos Norcrosses, onde o labrador agora era uma cadela chamada Ramona. Eu ia dirigindo da cidade, porque precisava de um carro para ir e voltar da Maeve e porque precisava fazer várias viagens até a loja de materiais de construção. Eu estava sempre em busca de mais um projeto, algo que justificasse minha presença, para que eu não ficasse só sentado na sala observando as duas. Meu desejo de consertar um interruptor de luz e pintar armários e substituir peitoris de janela podres era uma metáfora que não exigia uma análise atenta.

Semana após semana um de meus filhos, ou os dois, anunciavam que queriam vir comigo. Eles pareciam gostar de tudo que envolvia a situação, o tempo com os pais de Celeste, o tempo com Maeve, os dias de verão passados fora da cidade. Eles se referiam à minha mãe como suspeita, como se ela fosse uma espiã que Maeve acolheu do frio. Ela era fascinante para eles e eles eram fascinantes para ela. O desejo que Celeste e eu compartilhávamos de mantê-los distantes de minha mãe só os fazia correr para o carro, e isso não era uma coisa tão ruim. Já na época eu reconhecia essas viagens como um ótimo efeito colateral das circunstâncias. Kevin e eu discutíamos os méritos de Danny Tartabill, tentando decidir se ele merecia

ser o jogador mais bem pago dos Yankees, enquanto May cantava números de musicais como trilha sonora de nossas conversas. Nós a tínhamos levado para ver uma remontagem de *Gypsy* dois anos antes, e ela ainda *não tinha* esquecido.

– *Tá servido, Mr. Goldstone? Tá com fome, tá com sede, tá com quê?* – cantava ela com entusiasmo em sua voz de contralto.

Nós a fazíamos se sentar no banco de trás. Ela tinha largado a Escola de Balé Americano para ter mais tempo de se concentrar no canto.

– Isso é pior que o balé – dizia Kevin.

Minha mãe vinha trabalhando em seu poder de comunicação. Embora não tivesse havido ainda nenhuma real discussão entre nós, ela estava se sentindo cada vez mais confortável na minha presença, e precisava agradecer às crianças por isso, pois elas não tinham nada contra a avó. Ela e Kevin discutiam o mundo dos Dodgers vs. Yankees em que ela tinha crescido e May conversava em francês com Maeve enquanto a tia trançava seu cabelo. May estudava francês desde o sexto ano, e achava que devíamos tê-la deixado passar o verão em Paris. Em vez de dizer a ela que garotas de catorze anos não passavam o verão sozinhas em Paris, eu disse que, com Maeve doente, Paris não seria possível. Então ela se contentou com as intermináveis conjugações de verbos: *je chante, tu chantes, il chante, nous chantons, vous chantez, ils chantent*. Eu estava substituindo a tubulação da chaminé. Tinha espalhado jornais pelo carpete, mas era uma tarefa maior e mais suja do que eu havia previsto.

– Eu era apaixonada por Frenchy Bordagaray – disse minha mãe, achando que uma história sobre um jogador de beisebol chamado Frenchy poderia interessar a ambos os netos. – Meu pai conseguiu ingressos para irmos ao Ebbets Field pouco antes de eu ir para o convento. Não sei como ele conseguiu dinheiro, mas nossos lugares eram logo atrás da terceira base, bem atrás de Frenchy. O tempo todo meu pai ficou dizendo “Dê uma boa olhada ao seu redor, Elna. Não tem nenhuma freira aqui”.

– Você era freira? – perguntou Kevin, incapaz de encaixar o que sabia sobre freiras com o que sabia sobre avós.

Minha mãe balançou a cabeça.

– Eu estava mais para turista. Não fiquei nem dois meses.

– *Pourquoi es-tu parti?* – perguntou May.

– Por que você foi embora? – disse Maeve.

Minha mãe exibia uma expressão permanente de surpresa naqueles dias, sempre pasmada com tudo o que não sabíamos.

– Cyril foi me buscar. Ele tinha ido para o Tennessee trabalhar na Autoridade do Vale do Tennessee, ficou anos longe, e quando voltou para casa encontrou meu irmão. Ele e James sempre foram amigos. James contou a ele onde eu estava. James não gostava da ideia de eu me tornar freira. Cyril foi andando do Brooklyn até o convento. Quando finalmente chegou lá, ele disse à freira que atendeu à porta que era meu irmão e tinha uma notícia muito ruim para me dar, trágica, disse. Ela foi me buscar, embora não tivéssemos permissão para receber visitantes.

– O que ele disse?

Por um instante, Kevin perdeu todo o interesse em beisebol.

– Cyril disse “Elna, isso aqui não é para você”.

Todos olhamos uns para os outros, meu filho e minha irmã e minha filha com o cabelo trançado pela metade, até que, finalmente, Maeve perguntou:

– Só isso?

– Sei que não parece grande coisa agora – disse minha mãe –, mas mudou tudo. É o motivo pelo qual vocês quatro estão aqui, isso eu posso dizer. Ele disse que me esperaria do lado de fora, e eu fui pegar minha malinha e me despedir de todas. Os jovens eram diferentes naquela época. Não pensávamos muito antes de fazer as coisas. Uma guerra estava prestes a estourar, todos sabiam disso. Fomos andando do convento, lá no West Side, e atravessamos toda Manhattan. Paramos para tomar um café e comer um sanduíche antes de atravessar a ponte, e quando chegamos ao Brooklyn já tínhamos planejado tudo. Íamos nos casar e ter uma família, e foi o que fizemos.

– Você o amava? – May perguntou a Maeve.

E Maeve disse:

– *L’aimais-tu.*

– *L’aimais-tu?* – May perguntou à minha mãe, porque algumas perguntas soam melhor em francês.

– É claro que amava – respondeu –, ou passei a amar durante o caminho de volta ao Brooklyn.

Antes de irmos embora naquela noite, May tirou um frasco de esmalte cor-de-rosa furta-cor e pintou as unhas da avó, e depois as da tia, e depois as próprias unhas, concentrando-se ao máximo na aplicação de cada

camada. Quando terminou, minha mãe não conseguia parar de admirar o trabalho.

– São como pequenas conchas – disse, e juntas elas viraram as mãos para a frente e para trás na luz.

– Você nunca pintou as unhas? – perguntou May.

Minha mãe fez que não com a cabeça.

– Nem quando era rica?

Minha mãe pegou a mão de May e colocou-a sobre a mão de Maeve e sobre a dela, como se quisesse ver todas as conchas reluzentes juntas.

– Nem quando era rica – respondeu.

Celeste também estava lá, ao longo do verão. Ela ia ver os pais. Deixava Kevin na casa de Maeve ou passava para buscar May, e, ao fazer isso, encontrou minha mãe muitas vezes, mas, mesmo quando estavam juntas em um cômodo, Celeste dava um jeito de evitá-la.

– Preciso voltar para a casa dos meus pais – dizia assim que passava pela porta. – Prometi à minha mãe que a ajudaria com o jantar.

– É claro! – dizia minha mãe, e Maeve ia para o jardim cortar um maço de malva-roxa para Celeste levar, e nenhuma das duas percebia que Celeste já estava indo em direção à porta.

Depois do infarto e da volta de nossa mãe, a tocha flamejante de raiva que Maeve carregava por minha esposa foi extinta, esquecida. Ela ficaria contente por ter Celeste à sua mesa, tanto quanto ficava ao vê-la ir embora. Eu estava sentado no chão da cozinha, parafusando várias bandejas de madeira rasas que havia transformado em corrediças no fundo de cada armário, para que fosse mais fácil pegar as panelas e frigideiras. Kevin estava sentado ao meu lado e ia me passando os parafusos à medida que eu precisava, e Celeste, que estava sempre em movimento naquele verão, parou por um instante para me observar, as mãos cheias de flores.

– Eu sempre quis isso – disse, como se estivesse maravilhada por eu saber que aquilo existia.

Soltei a parafusadeira.

– Sério? Eu sabia disso?

Ela fez que não com a cabeça, olhou para o relógio e disse às crianças que era hora de ir embora.

Assim se passavam os dias. Maeve voltou à Otterson com o mesmo horário irregular. Eu poderia dizer que ela estava menos preocupada com o trabalho, mas acho que isso nunca foi uma preocupação. As aulas de Kevin

e May começaram. O tempo entre minhas viagens a Jenkintown se alargou, e depois se alargou mais. Nossa mãe ficou. Ela jogou fora o suéter verde-escuro, que estava se desfazendo nos punhos, e Maeve comprou roupas novas para ela e um jogo de cama novo e cortinas para o quarto de hóspedes, ao qual elas não se referiam mais como quarto de hóspedes. Elas iam à Filadélfia para assistir à orquestra. Iam à Biblioteca Pública da Filadélfia para recitais. Minha mãe era voluntária da distribuição de alimentos aos pobres administrada pela Caridades Católicas, e em poucas semanas estava fazendo reuniões com o diretor. Ela dizia que havia uma necessidade maior na comunidade, e para isso desenvolveria um plano a fim de atendê-la.

Maeve e nossa mãe estavam preparando frango e bolinhos juntas em uma sexta-feira no fim do outono. Nossa mãe, ao que parecia, era quem sabia cozinhar. A cozinha era apertada e quente, e elas se movimentavam ao redor uma da outra com eficiência.

– Você devia ficar – disse minha mãe quando levantei a tampa da panela e enfiei o rosto no vapor que subiu.

Fiz que não com a cabeça.

– Kevin tem um jogo. Eu já devia ter saído há vinte minutos.

Maeve limpou as mãos enfarinhadas no pano de prato que tinha preso à cintura.

– Venha aqui fora um pouco. Quero perguntar sobre a calha antes de você ir.

Ela colocou o casaco de lã vermelho à porta, ao qual sempre chamava de casaco de celeiro, embora eu duvidasse que ela já tivesse colocado os pés em um. Saímos para a luz fria do fim de tarde, as folhas vermelhas e douradas que me pediriam que varresse na próxima visita se acumulando ao redor de nossos pés. Ficamos em pé no canto da casa para ver o lugar onde a calha estava começando a se afastar do telhado.

– Então, quando isso vai acabar? – perguntou Maeve, olhando para cima.

Achei que ela estivesse falando sobre o telhado, então também olhei para cima.

– Quando o quê vai acabar?

– A petulância, o castigo. – Maeve enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

– Sei que tem sido difícil para você, mas estou meio cansada de pensar nisso nesses termos, se quer saber a verdade... que meu infarto foi difícil para você. Que a volta de nossa mãe foi difícil para você.



Fiquei surpreso, e logo me pus na defensiva. Eu tinha virado minha vida de cabeça para baixo por Maeve nos últimos seis meses, e com um esforço considerável guardei meus sentimentos em relação à nossa mãe para mim mesmo. Talvez até estivesse mais gentil.

– Estou preocupado com você, só isso. Quero ter certeza de que você está bem.

– Bem, eu estou.

Parecia impossível que não tivéssemos falado sobre isso antes, Maeve e eu, que falávamos sobre tudo. Mas nunca mais ficávamos sozinhos. Nossa mãe sempre encontrava um espaço onde se acomodar entre nós, reduzindo nossas conversas a receitas de sopa e lembranças nostálgicas da pobreza.

– Você está bem com tudo isso?

Maeve olhou para o fim da rua. Como eu não tinha percebido que íamos sair para discutir as circunstâncias de nossas vidas, não pensei em colocar o casaco, e agora estava com frio.

– Temos uma quantidade finita de tempo – disse Maeve. – Talvez eu entenda isso melhor agora. Eu queria minha mãe de volta desde que tinha dez anos, e agora ela está aqui. Posso usar o tempo que tenho ficando furiosa, ou posso me sentir a pessoa mais sortuda do mundo.

– Essas são as duas opções?

Eu queria que pudéssemos entrar no carro e ir até a Casa Holandesa, que ficássemos sentados lá sozinhos por um instante, ainda que não fizessemos mais isso.

Maeve voltou a olhar para a calha e assentiu.

– Basicamente.

Tirando a rápida ação do Sr. Otterson e a recuperação de Maeve, eu não conseguia me sentir sortudo por tudo o que estava acontecendo. O ganho de nossa mãe era minha perda decisiva.

– Ela ao menos sabe o que aconteceu conosco depois que foi embora? Você contou a ela sobre Andrea, sobre ela ter nos expulsado?

– Jesus, é claro que ela sabe sobre Andrea. Você acha que passamos o verão jogando cartas? Eu contei a ela tudo o que aconteceu, e sei o que aconteceu com ela também. É incrível o que conseguimos descobrir sobre uma pessoa quando temos interesse. Todas essas conversas estavam abertas para você, aliás. Não pense que você foi excluído. Sempre que ela abre a boca você encontra um motivo para sair de perto.

– Não é em mim que ela está interessada.

Maeve balançou a cabeça.

– Cresça.

Parecia uma coisa tão ridícula a se dizer para uma pessoa de quarenta e cinco anos que eu comecei a rir e então me contive. Fazia muito tempo que não tínhamos um motivo para brigar.

– Tudo bem, já que você a conhece tanto, então me diga por que ela foi embora. E não diga que foi porque ela não gostava do papel de parede.

– Ela queria...

Maeve parou, exalou, sua respiração congelada me fez pensar em fumaça.

– Ela queria ajudar as pessoas.

– Pessoas que não fossem sua família.

– Ela cometeu um erro. Você não consegue entender isso? Está coberta de vergonha. Por isso que nunca nos procurou, sabe, quando voltou da Índia. Tinha medo de que a tratássemos basicamente como você a está tratando agora. Ela acredita que a sua crueldade é o que ela merece.

– Eu não estou sendo cruel, pode acreditar, mas é mesmo o que ela merece. Cometer um erro é não dar ao piso tempo suficiente para se assentar antes de aplicar o selante. Abandonar os filhos para ir ajudar os pobres da Índia significa ser uma narcisista que quer a adoração de estranhos. Olho para o Kevin e a May e fico pensando: quem seria capaz de fazer isso com eles? Que tipo de pessoa abandona os filhos?

Eu sentia como se estivesse segurando aquelas palavras na garganta desde o momento em que entrei na sala de espera da unidade coronariana e vi nossa mãe lá.

– Homens! – disse Maeve, quase gritando. – Homens abandonam os filhos o tempo todo e o mundo os perdoa. Buda foi embora e Odisseu foi embora e ninguém deu bola para os filhos deles. Eles partiram em suas nobres jornadas para fazer o que bem quisessem, e milhares de anos depois ainda estamos cantando sobre isso. Nossa mãe foi embora e voltou e nós estamos *bem*. Não gostamos do que ela fez, mas sobrevivemos. Não me importa se você não a ama ou se não gosta dela, mas você precisa ser decente com ela, se não por outro motivo, então porque eu quero. Você me deve isso.

As bochechas dela estavam vermelhas, e, embora provavelmente fosse só o frio, não pude deixar de me preocupar com seu coração. Não falei nada.

– Só para constar, estou cansada de tristeza – disse ela, então se virou e voltou para dentro, deixando-me no redemoinho de folhas para pensar sobre o que eu devia a ela.

Pelos meus cálculos, devia tudo.

Então tomei a decisão de mudar. Pode parecer que seria impossível, considerando minha natureza e minha idade, mas entendi exatamente o que eu tinha a perder. Era a química voltando. A questão não era se eu gostava ou não daquilo. A questão era que aquilo tinha de ser feito.

MAEVE E MINHA mãe tinham ingressos para a exposição de Pissarro no Museu de Arte da Filadélfia e disseram que seria fácil me buscar depois, então fui de trem. Vi as duas assim que entrei na estação, preocupadas com dois pardais que tinham entrado pelas portas abertas e ficado presos lá dentro. Pela primeira vez, vi minha irmã antes de ela me ver. Ela era ereta e forte, a cabeça inclinada para trás, o dedo apontando para cima em direção ao teto para mostrar à minha mãe onde os pássaros estavam. Fazia pouco mais de um ano desde o infarto – um ano de boa saúde, um ano inteiro das duas juntas.

– Você não conheceu ninguém no trem, conheceu? – perguntou Maeve quando fui até elas, uma piada antiga que me fez lembrar de quando ela vinha me buscar e me levantava.

– Foi um trajeto bastante monótono.

Beije as duas.

Quando chegamos ao estacionamento, minha mãe me disse que ia dirigir. Quando Maeve se recuperou totalmente, ela estabeleceu um plano de autoaperfeiçoamento para nossa mãe. Nos seis meses anteriores, nossa mãe tinha passado por cirurgia de catarata nos dois olhos, tinha retirado três carcinomas basocelulares (um da têmpora esquerda, um do topo da orelha esquerda e um da narina direita) e tratado os dentes de forma considerável. Arrumando a casa, era como Maeve chamava. Eu paguei as contas. No início Maeve quis me impedir, mas eu disse que se ela queria que eu melhorasse, precisava me deixar melhorar. Não mencionei nada disso a Celeste.

– Você não faz ideia do que é enxergar de novo – disse nossa mãe. – Aquilo ali... – apontou ela para um poste telefônico. – Seis meses atrás eu teria dito que aquilo era uma árvore.

– Foi uma árvore, um dia – disse Maeve, sentando-se no banco traseiro do próprio carro.

Nossa mãe colocou um par de óculos de sol enorme que o oftalmologista havia lhe dado de presente.

– O Dr. Shivitz disse que o motivo pelo qual minha catarata estava tão severa era porque eu nunca usava óculos de sol. Vivi em muitos lugares ensolarados.

Maeve abriu a bolsa e começou a procurar pelos seus óculos de sol enquanto nossa mãe saía do estacionamento, abrindo caminho pelo labirinto da Filadélfia. Eu não estava me sentindo particularmente seguro de entrar em um carro com ela, mas, quando encontrou seu lugar no trânsito, ela acompanhou bem o fluxo. Ela e Maeve ainda estavam falando de Pissarro, dos quadros que retratavam a Normandia e Paris, do modo como ele entendia as pessoas e a luz. Falavam como se ele fosse um amigo que elas admiravam.

– Nós devíamos ir a Paris – disse Maeve à nossa mãe.

Maeve, que nunca queria ir a lugar algum.

Nossa mãe concordou.

– Agora é a hora – afirmou.

Acho que em nenhuma das minhas viagens de trem à Filadélfia fiquei sem pensar em química e em quando Morey Able me disse que, sem uma compreensão sólida do capítulo um, o capítulo dois seria impossível. Maeve fez esse mesmo exercício quando nossa mãe voltou: voltou para o início da história, até ter certeza de que tinha entendido o que havia acontecido. Mas, para mim, a disciplina tinha sido exatamente o contrário: quando consegui enxergar minha mãe apenas como a pessoa que era agora – a velhinha dirigindo o Volvo –, achei que ela estava bem. Era ativa, prestativa, tinha uma risada agradável. Parecia a mãe de outra pessoa, e a maior parte do tempo eu conseguia bloquear o fato de que era minha mãe. Ou, colocando de outra maneira, eu pensava nela como mãe da Maeve. Isso funcionava para todos nós.

Prestei pouca atenção à conversa sobre Impressionismo e mantive o olhar atento nos carros à nossa volta, prestando atenção à velocidade deles em relação à nossa, calculando a distância. Estávamos fora da cidade e não houve nada que chegasse perto de um quase acidente. Agradei por meus filhos não demonstrarem qualquer interesse em aprender a dirigir. Uma das muitas vantagens de morar em Nova York era que as ruas estavam cheias de táxis para levá-los aos lugares.

– Você é uma boa motorista – disse à minha mãe finalmente.

– Eu sempre dirigi – respondeu ela, virando os óculos de sol ridículos na minha direção. – Mesmo nesses últimos anos, quando não enxergava nada. Dirigi em Nova York e Los Angeles, por Deus. Dirigi em Mumbai. Dirigi na Cidade do México. Acho que lá foi o pior lugar. – Ela deu a seta e trocou de faixa naturalmente. – Seu pai me ensinou a dirigir, sabia?

– Eis algo que todos temos em comum – disse Maeve.

Ele me deu algumas aulas no estacionamento da igreja quando eu tinha quinze anos. Era uma das inúmeras maneiras que tínhamos de prolongar os domingos fora de casa.

– Ele ensinou você a dirigir no Brooklyn?

– Ah, meu Deus, não. Ninguém tinha carro no Brooklyn naquela época. Aprendi a dirigir quando fomos para o interior. Seu pai voltou para casa uma noite e disse: “Elna, comprei um carro para você. Venha que eu vou mostrar como funciona.” Ele me fez ir de um lado a outro da entrada algumas vezes, depois me disse para ir para a rua. Dois dias depois eu já tinha carteira de motorista. Nada era congestionado naquela época. A gente não precisava se preocupar tanto se ia bater em alguém.

Mais uma coisa que descobri sobre nossa mãe: ela gostava de falar.

– Mesmo assim – afirmei –, dois dias é rápido.

– Era assim que seu pai fazia as coisas.

– Era assim que ele fazia as coisas – concordou Maeve.

– Nunca senti tanta gratidão por alguma coisa como senti por aquele carro. Nem me senti mal pelo dinheiro que tinha sido gasto. Era um Studebaker Champion. O bom e velho Campeão. Naquela época, tudo isso aqui era terra agrícola. Bem ali – apontou ela para um bloco comprido de fachadas de lojas e apartamentos –, ali era um campo de vacas. Eu nunca tinha morado no interior antes, e o silêncio me deixava muito nervosa. Você tinha começado a frequentar a escola – disse ela para Maeve –, e tudo o que eu fazia era ficar sentada naquela casa enorme o dia inteiro esperando você voltar. Se não fosse pela Fofinha e a Sandy eu teria enlouquecido, embora elas também me deixassem um pouco louca. Não conte a elas que eu disse isso.

– Claro que não – disse Maeve, inclinando o tronco para a frente até ficar com a cabeça mais ou menos entre os dois bancos.

– Eu amava tanto aquelas duas, mas elas não me deixavam fazer *nada*. Estavam sempre um passo à minha frente para poder lavar ou pegar alguma coisa. Contratei Jocelyn porque tinha muito medo de que Sandy não ficasse

na casa sem a irmã, e Jocelyn começou a preparar toda a comida. A única coisa que eu sabia fazer era cozinhar, e elas não me deixavam nem preparar o jantar. Mas quando ganhei o Champion, as coisas de fato começaram a melhorar por um tempo. Depois de levar você à escola pela manhã, eu ia até a Filadélfia e encontrava nossos amigos na base, ou ia até a Imaculada Conceição e me oferecia para ajudar até sua aula acabar. Foi quando fiquei amiga das Irmãs da Misericórdia. Elas eram muito divertidas. Começamos uma campanha de doação de roupas, e as freiras e eu dirigíamos por aí buscando coisas de que as pessoas não precisavam, depois eu levava as roupas para casa, lavava e remendava tudo e levava de volta para a igreja. Havia muitas roupas na casa quando nos mudamos, coisas que tinham sido dos VanHoebeeks. Muitas delas eram inúteis, mas algumas Sandy e eu consertamos. Deixamos todos os casacos em boas condições... caxemira, peles. Vocês não acreditariam na quantidade de coisas que encontramos.

Pensei no diamante de Fofinha.

– Sempre me perguntei o que tinha acontecido com as roupas – disse Maeve.

– Seu pai dizia que eu morava naquele carro – disse minha mãe, sem abandonar seu argumento original. – Ele me deixava levá-lo por aí para cobrar o aluguel. Não gostava de dirigir. Eu enchia o banco traseiro com potes de ensopado. Tantas daquelas pessoas não tinham nada. Um dia batemos na porta de uma família, cinco crianças em dois cômodos, a mãe estava chorando. Eu disse a ela: “Você nunca vai precisar nos pagar o aluguel! Você devia ver a casa onde moramos.” E foi isso. – Minha mãe riu. – Ele ficou tão bravo que nunca mais me levou. E toda semana, ao voltar para casa, dizia que as pessoas tinham perguntado onde eu estava. Ele dizia que elas queriam o ensopado.

Na minha memória, meu pai amava dirigir. Não que isso importasse.

Nossa mãe chegou a uma placa inscrito PARE, olhou para uma direção e depois para a outra.

– Olha só para esta rua, está cheia de casas. Havia apenas três.

Duas quadras depois, ela virou à esquerda e mais uma vez à esquerda. Eu estava prestando tanta atenção em como ela estava dirigindo que não tinha percebido aonde ela estava indo. Estávamos em Elkins Park. Ela estava indo em direção à rua VanHoebeek.

– Você veio aqui desde que voltou para casa? – perguntei, mas na verdade a pergunta era para Maeve. *Você a traz aqui?*

Vínhamos evitando a Casa Holandesa há anos, e eu conseguia sentir a estranheza de estar na vizinhança novamente, como se tivessem nos pegado em um lugar onde não devíamos estar.

Nossa mãe fez que não com a cabeça.

– Já não conheço mais ninguém aqui. Vocês ainda conhecem os vizinhos?

Maeve olhou pela janela.

– Eu conhecia. Não mais. Danny e eu costumávamos vir até aqui e ficávamos, às vezes, estacionados em frente à casa.

Aquilo pareceu uma confissão, mas de quê? Às vezes ficávamos sentados no carro conversando.

– Vocês voltavam por causa da casa?

– Voltávamos por causa da rua – disse Maeve. – Passávamos de carro. Por que fazíamos isso? – perguntou para mim, a alma da inocência.

– Pelos velhos tempos?

– Alguma vez vocês vieram visitar sua madrasta? – perguntou nossa mãe.

Se viemos ver *Andrea*? Se fizemos uma visita? Eu não tinha participado das conversas que Maeve e minha mãe tiveram sobre Andrea. Não queria participar. Pensar sobre o passado impedia meus esforços de ser decente no presente. Eu entendo que nossa mãe não tinha como prever a chegada de Andrea, mas deixar os filhos significava deixá-los ao acaso.

– Nunca – disse Maeve, distraída.

– Mas por que, se vinham até aqui, se queriam ver a casa?

Nossa mãe diminuiu a velocidade e parou. Ela estava no lugar errado, ainda a uma quadra de onde os Buchsbaums um dia moraram.

– Não éramos...

Eu estava procurando pela palavra certa, mas Maeve terminou a frase por mim.

– Bem-vindos.

– Quando adultos?

Nossa mãe tirou os óculos de sol. Ela olhou para mim e depois para minha irmã. Os locais de onde os cânceres haviam sido removidos estavam ressecados e vermelhos.

Maeve pensou sobre a questão e balançou a cabeça.

– Não.



Era fim de primavera, a época mais bonita do ano na rua VanHoebeek depois do outono. Abri a janela, e o aroma de pétalas e folhas novas e grama inundou o carro, deixando-nos atordoados. Foi isso que nos deixou atordoados? Imaginei se havia alguma chance de Maeve ainda ter cigarros no porta-luvas.

– Devíamos ir então – disse minha mãe. – Dar uma passada lá só para ver, dar um oi.

– Não devíamos – respondi.

– Olhe só para nós três, vencidos por uma casa. É loucura. Vamos até a entrada ver quem está lá. Pode ser outra pessoa agora.

– Não é – disse Maeve.

– Vai ser bom para nós – disse nossa mãe, engatando a marcha.

Claramente, ela encarava aquilo como um exercício espiritual. Não significava nada para ela.

– Não faça isso – pediu Maeve.

Não havia tensão em sua voz, nenhuma urgência, como se ela soubesse que as coisas iriam acontecer dessa forma e nenhuma atitude, senão a de saltar do carro, ia impedir aquilo. Fomos avançando, avançando, avançando.

Quando nossa mãe foi embora? No meio da noite? Ela saiu com a mala no escuro? Despediu-se de nosso pai? Foi até nossos quartos para nos ver dormindo?

Ela foi dirigindo pelo vão entre as tílias. A entrada não era tão comprida quanto eu lembrava, mas a casa parecia exatamente a mesma: ensolarada, enfeitada de flores, reluzente. Eu sabia desde os primeiros dias em Choate que o mundo era cheio de casas maiores, casas mais grandiosas e mais ridículas, mas nenhuma delas era tão bonita. Ouvi o ruído familiar do cascalho sob os pneus e, quando paramos o carro em frente aos degraus de pedra, consegui imaginar quanto meu pai devia estar empolgado e quanto minha irmã quis correr pela grama, e quanto minha mãe, só ela, ficou se perguntando, ao olhar para cima e ver tanto vidro, o que aquele museu fantástico fazia no interior.

Minha mãe suspirou. Ela tirou os óculos escuros do topo da cabeça e deixou-os no compartimento entre os bancos.

– Vamos ver.

Maeve não tirou o cinto.

Minha mãe virou para olhar a filha.

– Não é você que sempre diz que o passado é passado e que precisamos nos libertar das coisas? Isso vai ser bom para nós.

Maeve virou o rosto na direção oposta à da casa.

– Quando eu trabalhava no orfanato, as pessoas voltavam o tempo todo. Algumas tinham a minha idade. Elas voltavam e caminhavam pelos corredores, olhavam para os quartos. Conversavam com as crianças que estavam lá. Elas diziam que isso ajudava.

– Isso não é um orfanato – disse Maeve. – Nós não éramos órfãos.

Minha mãe balançou a cabeça e olhou para mim.

– Você vem?

– Ah, não – respondi.

– Vá – disse Maeve.

Olhei para trás, mas ela não olhava para mim.

– Não precisamos ficar aqui – disse à minha irmã.

– Estou falando sério – disse ela. – Vá com ela. Eu espero.

E então eu fui, porque as camadas de lealdade que estavam sendo testadas eram complicadas demais para dissecar e porque, agora admito, tinha curiosidade, como aqueles órfãos indianos envelhecidos tinham curiosidade. Eu queria ver o passado. Saí do carro e fiquei em pé em frente à Casa Holandesa novamente, e minha mãe veio e ficou em pé ao meu lado. Naquele momento éramos nós dois, eu e Elna. Eu jamais teria acreditado que aquilo aconteceria.

Quanto ao que estava por vir, não precisamos esperar. Quando chegamos ao primeiro degrau, Andrea já estava do outro lado da porta de vidro. Vestia um terninho de tweed azul com botões dourados, batom, sapatos de salto baixo, como se estivesse saindo para encontrar o advogado Gooch. Quando nos viu, ela levantou as mãos e começou a bater com força no vidro, a boca aberta em um uivo arredondado. Eu já tinha ouvido aquele som em prontos-socorros tarde da noite: uma faca retirada, uma criança morta.

– Essa é Andrea – disse à nossa mãe, só para enfatizar quanto aquilo tinha sido uma má ideia.

A segunda esposa de nosso pai era uma mulher minúscula, ou menor do que havia sido um dia, ou menor do que eu me lembrava, mas batia no vidro como um guerreiro bate em um tambor. Junto com os gritos e as batidas, eu ouvia o barulho de seus anéis, o estalo característico de metal batendo contra o vidro. Ficamos paralisados, os dois do lado de fora e Maeve no carro, esperando pelo momento em que toda a fachada da casa se

estilhaçaria em milhões de lâminas e ela viria atrás de nós com a própria fúria do inferno.

Uma mulher hispânica corpulenta, com uma trança comprida e uniforme pastel alegre de enfermeira pediátrica, veio rápido e pegou Andrea nos braços, puxando-a para trás. Ela viu nós dois ali em frente ao carro, altos, magros e parecidos. Minha mãe, com o cabelo curto e grisalho, rugas profundas e o olhar penetrante de calma sobrenatural, acenou como quem diz *Não se preocupe, não vamos avançar*, e então a mulher abriu a porta. Claramente sua intenção era perguntar quem éramos, mas antes que ela pudesse fazer isso Andrea correu feito um gato. Em um segundo ela atravessou o terraço e veio em minha direção, lançou-se contra mim, como se quisesse atravessar meu peito. A força com que ela me bateu me deixou sem ar. Ela enfiou o rosto em minha camisa, os bracinhos travados em volta de minha cintura. Estava chorando, as costas estreitas tensas de tanta mágoa. Em uma fração de segundo, Maeve saiu do carro. Ela segurou os ombros de Andrea e tentou afastá-la de mim.

– Jesus – disse Maeve. – Andrea, pare com isso.

Mas não havia como parar aquilo. Ela se agarrou a mim como um manifestante acorrentado se prende a uma cerca em um protesto, e eu podia sentir seus batimentos cardíacos, sua respiração irregular. Tinha apertado a mão de Andrea naquele primeiro dia em que ela veio até a casa, e, exceto pelas vezes em que esbarrei nela na cozinha minúscula ou em que fomos obrigados a nos reunir para uma fotografia de Natal, nunca mais tínhamos nos tocado, nem no casamento e certamente nem no velório. Olhei para baixo e vi o topo de sua cabeça, seu cabelo louro penteado para trás e preso por uma fivela na nuca. Pude ver a estreita linha de cabelo branco crescendo onde seu cabelo estava repartido. Senti o aroma de seu perfume.

Minha mãe colocou a mão nas costas de Andrea.

– Sra. Conroy? – disse.

Maeve ficou bem perto de mim.

– Que *merda* é essa?

A mulher hispânica, que claramente tinha um joelho ruim, veio mancando escada abaixo até nós.

– Senhora – disse ela a Andrea. – Senhora, a senhora precisa entrar.

– Você pode tirá-la de cima dele? – perguntou Maeve, a voz cheia de raiva, a mão em meu ombro.

Só nós dois estávamos ali.

– Vocês – disse Andrea, e deu uma arfada para recuperar o fôlego. Estava chorando como se fosse o fim do mundo. – Vocês, vocês.

– Senhora – disse a mulher mais uma vez quando chegou até nós, o joelho rígido me fazendo lembrar de nosso pai. Ele descia as escadas daquele jeito. – Por que a senhora está chorando? Seus amigos vieram vê-la.

Ela olhou em minha direção para confirmar, mas eu não fazia a menor ideia do que estávamos fazendo lá.

– Sou Elna Conroy – apresentou-se finalmente minha mãe. – Esses são meus filhos, Danny e Maeve. A Sra. Conroy era madrasta deles.

Ao ouvir isso, a mulher abriu um sorriso largo.

– Senhora, veja. Família! Sua família veio vê-la.

Andrea enfiou a cabeça no espaço sob o meu esterno, como se pudesse rastejar para dentro de mim.

– Senhora – disse a mulher, acariciando a cabeça de Andrea. – Entre com sua família. Entre e sente-se.

Fazer Andrea voltar para dentro da casa não foi fácil. Ela era teimosa como uma mula. Eu a levantei dando um passo, e depois mais um. Ela não era pesada, mas sua obstinação fazia com que fosse quase impossível movê-la. Os sapatos escaparam de seus pés, e minha mãe se abaixou para recuperá-los.

– Eu sonhei com isso uma vez – contou-me Maeve, e eu comecei a rir.

– Minha mãe queria fazer uma visita – disse eu à mulher por cima da cabeça de Andrea. Ela era empregada, enfermeira, guardiã, eu não sabia.

A mulher correu à nossa frente para dentro da casa, o máximo que seu joelho permitia.

– Doutora! – gritou ao pé da escada.

– Não – disse Andrea com o rosto em minha camisa, e eu sabia exatamente o que ela queria dizer: *Não grite, não corra.*

Eu a levantei até o último degrau. Precisei abraçá-la para fazer isso. Eu não tinha nascido com uma imaginação fértil o suficiente para prever esse momento.

– Ela acha que seu pai voltou – disse minha mãe, levantando a mão livre para proteger os olhos do reflexo da luz do sol do fim da tarde. – Ela acha que você é Cyril.

Então ela entrou no hall da entrada, passou pela mesa com tampo de mármore, pelas duas poltronas, pelo espelho emoldurado pelos tentáculos

de um polvo dourado, pelo relógio de pêndulo onde o navio balançava entre duas fileiras de ondas de metal.

Em meus sonhos, os anos nunca eram gentis com a Casa Holandesa. Tinha certeza de que ela teria se tornado decadente em minha ausência, os restos descamados e surrados da grandiosidade, mas na verdade nada disso tinha acontecido. A casa parecia a mesma de quando saímos, trinta anos antes. Entrei na sala de estar com Andrea presa a mim, a mancha preta e úmida de rímel e lágrimas se espalhando em minha camisa. Talvez alguns móveis tivessem sido rearranjados, estofados, substituídos, quem se lembraria? Estavam lá as cortinas de seda, as poltronas amarelas, os livros holandeses ainda na escrivaninha com portas de vidro que iam até o teto, nunca lidos. Até as cigarreiras prateadas estavam lá, polidas e esperando sobre as mesas, exatamente como quando os VanHoebeeks ainda caminhavam na Terra. Colocando Andrea comigo no sofá, consegui me sentar. Ela se enfiou sob o meu braço, aninhando-se contra minhas costelas. Tinha parado de chorar e agora emitia uns estalidos com a boca. Não era quem eu tinha conhecido um dia.

Maeve e minha mãe flutuaram até a sala em silêncio, as duas olhando para coisas que elas jamais imaginavam ver novamente: o tapete otomano, a luminária chinesa, as cordas pesadas de seda trançada, azuis e verdes, que seguravam as cortinas abertas. Se eu já tinha visto as duas naquela sala, tinha sido em um tempo antes da memória. Consegui colocar a mão no bolso e oferecer um lenço a Andrea, lembrando-me de que foi ela, não Maeve ou Sandy, quem me ensinou a carregar um. Ela limpou o rosto e encostou o ouvido em meu peito para ouvir meu coração. Minha mãe e minha irmã foram até a lareira e ficaram de pé sob o olhar dos VanHoebeeks.

– Eu os odiava – disse minha mãe em voz baixa, ainda segurando os sapatos de Andrea.

Maeve assentiu, com os olhos naqueles olhos que haviam nos seguido durante nossa juventude.

– Eu os amava.

Foi quando Norma desceu as escadas correndo e dizendo:

– Inez! Me desculpe, perdão. Eu estava falando com o hospital ao telefone. O que aconteceu?

Ela atravessou o hall correndo. Norma estava sempre correndo, e sua mãe sempre pedindo que parasse. O que tinha feito ela parar agora? Minha

mãe e minha irmã em frente à lareira azul? Eu no sofá com sua mãe agarrada em mim como uma hera? Inez deu um sorriso largo. A família tinha vindo fazer uma visita.

Eu não a teria reconhecido se a visse na rua, e talvez a tivesse visto, mas naquela sala não havia dúvida. Norma era bem mais alta que a mãe, infinitamente mais forte. Usava óculos pequenos de aros dourados que transmitiam uma predileção por John Lennon ou Teddy Roosevelt, o cabelo castanho grosso preso para trás em um rabo de cavalo simples. Fazia trinta anos que tínhamos ido embora, mas eu a reconhecia. Ela me acordou várias vezes de sonos profundos querendo me contar seus sonhos.

– Norma, esta é nossa mãe, Elna Conroy – disse, e olhei para minha mãe.  
– Norma era nossa cunhada.

– Eu era sua irmã adotiva – corrigiu Norma, e ficou olhando pela sala, para todos nós, mas seus olhos sempre recaíam em Maeve. – Meu Deus – disse. – Sinto muito.

– Norma ficou com meu quarto – disse Maeve à nossa mãe.

Norma piscou profundamente. Vestia uma calça escura, uma camisa cor-de-rosa. Nenhum enfeite ou detalhe, nada que a destacasse, uma roupa que dizia que ela não era filha de sua mãe.

– Eu não estava falando sobre o quarto.

– O quarto com o banco junto à janela? – perguntou nossa mãe, conseguindo de repente imaginar o lugar onde a filha dormia tanto tempo atrás.

Maeve olhou em direção ao teto, para a moldura que se chamava ovo e dardo.

– Na verdade, ela ficou com a casa inteira. Quero dizer, a mãe dela ficou.

Foi quando vi a Norma de oito anos novamente, o peso daquele quarto ainda a esmagando.

– Sinto muito – repetiu ela.

Ela dormia lá depois de todos esses anos? Ainda vivia nesta casa e dormia na cama de Maeve?

Maeve olhou bem para ela.

– Estou brincando – sussurrou.

Norma balançou a cabeça.

– Senti tanta falta de vocês depois que foram embora.

– Depois que sua mãe nos despejou? – Maeve não conseguiu se conter, ainda que não quisesse dizer aquilo a Norma. Tinha esperado tanto tempo.

– Na época – disse Norma – e até alguns minutos atrás.

– Como está sua mãe? – perguntou Elna, como se não soubéssemos.

Talvez quisesse mudar de assunto. O que estava se desenrolando entre Norma e Maeve era algo que nossa mãe não conseguiria entender. Ela não estava lá.

Havia uma caixa de lenços na mesinha de centro. Jamais haveria uma caixa de lenços na sala se Andrea estivesse em sã consciência. Norma se aproximou para pegar um.

– É afasia progressiva primária, ou simplesmente Alzheimer. Não sei ao certo, e isso também não importa, já que não há nada a ser feito em nenhum dos dois casos.

A mãe de Norma era, pelo menos naquele instante, a última coisa em sua mente.

– Você cuida dela? – perguntou Maeve.

Fiquei com uma impressão muito forte de que ela iria cuspir no tapete.

Norma estendeu a mão apontando para a mulher com o cabelo trançado.

– Inez faz a maior parte do trabalho. Eu voltei há apenas alguns meses.

Inez sorriu. Não era a mãe dela.

Elna veio e se ajoelhou diante de Andrea, colocando os sapatos de volta em seus pés, e então se sentou no sofá, fazendo com que a viúva minúscula de meu pai ficasse entre nós dois.

– Que bom que sua filha voltou para casa – disse ela à minha madrastra.

E Andrea, ainda soltando estalidos, olhou para minha mãe pela primeira vez e apontou para o quadro pendurado na parede em frente aos VanHoebeeks.

– Minha filha – disse.

Viramo-nos todos para olhar, e lá estava o retrato de minha irmã, pendurado exatamente onde sempre esteve. Maeve tinha dez anos, o cabelo preto brilhoso abaixo dos ombros, de casaco vermelho, o papel de parede do observatório atrás dela, andorinhas imaginárias graciosas voando por sobre rosas cor-de-rosa, os olhos azuis de Maeve escuros e brilhantes. Qualquer um que olhasse para aquele retrato se perguntaria o que tinha acontecido com aquela menina. Era uma criança magnífica, e o mundo inteiro estava disposto à sua frente, coberto de estrelas.

Maeve percorreu um longo caminho em volta do sofá onde estávamos sentados e atravessou a sala para ficar em frente à garota que fora um dia.

– Eu tinha certeza de que ela havia jogado esse quadro fora – disse.

– Ela ama o quadro – disse Norma.

Andrea assentiu profundamente e apontou para o quadro.

– Minha filha.

– Não – disse Maeve.

– Minha filha – repetiu Andrea, que depois se virou e olhou para os VanHoebeeks. – Meus pais.

Maeve ficou ali como se estivesse tentando se acostumar à ideia. Observamos fascinados quando ela segurou bem firme cada uma das laterais da moldura para tirar o quadro da parede. A moldura era larga e lacada em preto, claramente para combinar com seu cabelo, mas o quadro era do tamanho de uma criança de dez anos da cintura para cima. Maeve fez um esforço para soltar o arame do prego, e Norma estendeu o braço por trás do quadro para ajudá-la. O quadro saiu da parede.

– É pesado – disse Norma, e estendeu as mãos para ajudar.

– Eu consigo – disse Maeve.

Um retângulo um pouco mais escuro ficou para trás no papel de parede, marcando o lugar onde o quadro ficava.

– Vou dar isso a May – contou-me Maeve. – Parece a May.

Andrea alisou meu lenço sobre o colo. Depois começou a dobrá-lo novamente, cada um dos quatro cantos para dentro em direção ao centro.

Maeve parou e olhou para Norma. Com as mãos ocupadas, aproximou-se e deu-lhe um beijo.

– Eu devia ter voltado para buscar vocês – disse. – Você e Bright.

E saiu da casa.

Eu esperava que Andrea entrasse em pânico quando me levantei para ir atrás de minha irmã, ou que assinalasse a partida do quadro com algum nível de violência, mas ela estava consumida pelos prazeres do meu lenço. Quando me levantei ela se desequilibrou por um instante, então se inclinou para se apoiar em minha mãe como uma planta que precisa de um cercado. Minha mãe a abraçou, e por que não? Maeve já tinha saído.

Dei um abraço breve em Norma à porta. Nunca soube que Maeve pensava nas meninas, mas fazia sentido. Nossa infância foi um incêndio. Havia quatro crianças na casa e só duas tinham saído.

– Vou ficar um pouco – disse minha mãe.

Era engraçado ver as duas Sras. Conroys sentadas ali juntas – embora engraçado não fosse a palavra –; a pequena vestida como uma boneca, a alta ainda lembrando a Morte.



– Fique o tempo que precisar – respondi com sinceridade, todo o tempo do mundo. Eu esperaria com minha irmã no carro.

Saí pelas portas de vidro em direção ao fim de tarde daquele dia lindo. Não estranhei enxergar o mundo de onde estava, mas também não fez qualquer diferença. Maeve estava no banco do motorista e o quadro estava no banco de trás. As janelas estavam abertas e ela, fumando. Quando cheguei ao carro, ela me deu o maço.

– Eu juro que não fumo mais – disse ela.

– Nem eu.

Peguei os fósforos.

– Aquilo aconteceu mesmo?

Apontei para a mancha em minha camisa, a mistura de batom e rímel.

Maeve balançou a cabeça.

– Andrea enlouqueceu. Que tipo de justiça é essa?

– Eu me sinto como se tivéssemos ido à lua.

– E Norma! – Maeve olhou para mim. – Ah, meu Deus, coitada da Norma.

– Pelo menos você pegou o quadro da filha de Andrea. Eu não teria essa presença de espírito.

– Eu tinha certeza de que ela havia queimado o quadro.

– Ela amava a casa. Amava tudo na casa.

– Exceto...

– Bem, ela se livrou de nós. Aí ficou perfeito.

– Tudo era perfeito! – disse ela. – Você consegue acreditar? Não sei o que estava esperando, mas não imaginava que ia parecer ainda melhor depois que fomos embora. Sempre imaginei que a casa morreria sem nós. Sei lá, achei que entraria em colapso. Será que casas morrem de tristeza?

– Só as decentes.

Maeve riu.

– Então essa era uma casa indecente. Eu já te contei a história do pintor? Eu conhecia um pouco da história do pintor, não tudo. Queria saber tudo.

– Conte-me.

– O nome dele era Simon – disse ela. – Ele morava em Chicago, mas era da Escócia. Era muito famoso, ou eu achava que era. Eu tinha dez anos.

– É um quadro muito bom.

Maeve olhou para o banco traseiro.

– É. É bonito. Você não acha que parece a May?

– Parece você, e May se parece com você.

Ela deu uma tragada no cigarro, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos. Percebi que estávamos sentindo exatamente a mesma coisa, como se tivéssemos quase nos afogado e alguém tivesse nos tirado da água no último instante possível. Tínhamos sobrevivido sem acreditar que isso era possível.

– O papai adorava fazer surpresas naquela época. Contratou Simon para que viesse de Chicago pintar o retrato da mamãe. Simon ficaria duas semanas na casa. Era para o quadro ser enorme, do tamanho do da Sra. VanHoebeek. Ele ia voltar e pintar o papai depois. Esse era o plano. Então, quando tudo estivesse pronto, haveria dois Conroys pendurados sobre a lareira.

– Para onde os VanHoebeeks iriam?

Maeve abriu um dos olhos e sorriu para mim.

– Eu amo você – disse. – Foi exatamente o que eu perguntei. Os VanHoebeeks iam subir para o salão.

– Quem te contou tudo isso?

– Simon. Nem preciso dizer que Simon e eu tivemos muito tempo para conversar.

– Você está dizendo que nossa mãe não quis ficar duas semanas em um vestido de festa para que pintassem seu retrato?

Nossa mãe, a irmãzinha dos pobres, a coleção de ossos e tênis.

– Não queria. Não seria capaz. E, quando ela recusou, papai disse que também não queria mais que pintassem seu retrato.

– Porque ele teria de ficar sobre a lareira com a Sra. VanHoebeek.

– Exato. É claro que o problema era que o pintor já estava lá, e metade do dinheiro tinha sido entregue antecipadamente. Você era muito pequeno e agitado, não poderia posar para um retrato, então eu fui convocada de última hora. Simon teve de fazer um estirador novo e cortar a tela.

– Durante quanto tempo você posou?

– Não o suficiente. Estava apaixonada por ele. Não acho que seja possível ser observado por outra pessoa por duas semanas e não se apaixonar por ela. Papai estava tão furioso por causa do dinheiro e por mais uma vez não ter conseguido agradar, e mamãe estava furiosa ou mortificada ou o que quer que estivesse sentindo naquela época. Eles não estavam se falando e nenhum dos dois falava com Simon. Quando ele entrava em um cômodo, eles simplesmente saíam. Mas Simon não se importava. Não

importava quem ele estava pintando, desde que estivesse pintando. Ele só se importava com a luz. Eu nunca tinha pensado na luz até aquele verão. O simples ato de ficar sentada sob a luz o dia todo foi uma revelação. Não jantávamos enquanto não tivesse escurecido, e mesmo assim éramos só nós dois. Jocelyn deixava nossa comida na cozinha. Um dia, Simon perguntou “Você tem algo vermelho?”, e eu disse que meu casaco de inverno era vermelho. Ele disse “Vá pegar o casaco”, com um sotaque carregado. Eu fui até o armário de cedro e tirei o casaco, vesti e ele olhou para mim e disse: “Filha, você devia usar apenas vermelho.” Ele me chamava de filha. Eu teria ido embora para Chicago com ele se ele quisesse me levar.

– Eu teria sentido muito a sua falta.

Ela virou para olhar o quadro mais uma vez.

– Essa expressão? É porque eu estava olhando para o Simon.

Ela deu uma última tragada no cigarro e jogou-o pela janela.

– Depois que ele foi embora, tudo acabou de vez. Ou talvez tenha acabado durante aquelas duas semanas que passei sentada no observatório, mas eu estava feliz demais para perceber. A mamãe não teria conseguido ficar. Eu realmente acredito nisso. Ela teria enlouquecido se tivesse de viver em uma mansão e alguém fizesse seu retrato.

– Ela parecia bem confortável lá dentro agora.

Olhei para a casa, mas ninguém estava nos observando pela janela. Joguei meu cigarro fora e tossi, e então cada um acendeu outro.

– Agora existem pessoas na casa de quem ela pode sentir pena. Quando ela vivia lá, a única pessoa de quem podia sentir pena era de si mesma.

Ela tragou o cigarro e depois exalou a fumaça.

– Isso era insustentável.

Maeve estava certa, é claro, embora a conclusão não oferecesse consolo algum. Quando finalmente nossa mãe saiu da casa e se sentou no banco traseiro ao lado do quadro, estava mudada. Mesmo antes de falar, havia um ar de propósito que eu não tinha visto antes. Sabia que as coisas seriam diferentes agora. Nossa mãe ia voltar a trabalhar.

– Que pessoas gentis – disse ela. – Inez tem sido uma santa. É a primeira pessoa que Norma consegue manter por mais de um mês. Norma estava em Palo Alto desde a faculdade de medicina. Administrava as coisas lá da Califórnia, mas disse que tudo desmoronou. Teve de voltar para casa e cuidar da mãe.

– Isso a gente já imaginava.

Cada um deu uma última tragada de seu último cigarro e lançou-o na grama como um dardo, e então Maeve saiu para a rua VanHoebeek.

Não olhamos para trás.

– No início Norma quis colocá-la em uma casa de repouso, mas Andrea não quer sair da casa.

– Eu teria conseguido tirá-la da casa – disse Maeve.

– Ela não se sente bem fora da casa, e também não gosta que outras pessoas entrem. O pessoal da limpeza e da manutenção, tudo a deixa perturbada. Tem sido muito difícil para Norma.

– Ela é médica? – perguntei.

Alguém na família devia ser.

– Ela é oncologista pediátrica. Disse-me que foi por sua causa. Parece que a mãe ficou bastante competitiva quando você começou a cursar medicina.

Coitada da Norma. Nunca pensei que mais alguém tinha sido obrigado a entrar naquela corrida.

– E a irmã? Bright?

– É instrutora de ioga. Vive em Banff.

– A oncologista pediátrica deixa Stanford para cuidar da mãe e a instrutora de ioga fica no Canadá? – perguntou Maeve.

– Acho que é isso – respondeu nossa mãe. – Tudo o que sei é que a mais nova não vem para casa.

– É isso aí, Bright – comemorou Maeve.

– Norma precisa de ajuda, Norma e Inez. Norma começou a trabalhar no Hospital Infantil da Filadélfia.

Eu disse que tinha certeza de que ainda havia muito dinheiro. A casa não tinha mudado. Andrea não tinha ido a lugar algum.

– Andrea sabe mais de dinheiro do que J. D. Rockefeller – disse Maeve.

– Acredite, ela ainda tem.

– Eu não acho que o problema seja dinheiro. Elas só precisam encontrar alguém em quem possam confiar, alguém com quem Andrea se sinta confortável.

Maeve pisou no freio tão de repente que eu tive certeza de que estava salvando nossas vidas, que uma colisão se aproximava em meu ponto cego. Ela e eu estávamos de cinto, mas nossa mãe e o quadro foram jogados contra os bancos da frente com toda a força.

– Escute aqui – disse Maeve, virando de uma vez, os tendões em seu pescoço se esforçando para manter a cabeça no lugar. – Você não vai voltar lá. Você estava curiosa. Fomos com você. Acabou.

Nossa mãe sacudiu o corpo para ver se tinha se machucado. Encostou no nariz. Havia sangue em seus dedos.

– Elas precisam de mim – disse.

– *Eu* preciso de você! – enfatizou Maeve, a voz alta. – Sempre precisei de você. Você não vai voltar para aquela casa.

Minha mãe pegou um lenço do bolso e segurou-o embaixo do nariz, depois colocou o quadro de volta no lugar. Ela colocou o cinto de segurança usando uma das mãos. O Toyota atrás de nós buzinou.

– Vamos conversar sobre isso em casa.

Ela já tinha tomado sua decisão, mas ainda precisava encontrar um jeito de tornar isso palatável para os filhos.



Maeve tinha a intenção de me levar até a estação no dia seguinte, mas o trânsito estava tão tranquilo e ela estava tão furiosa que acabou me levando até Nova York.

– Toda essa *besteira* sobre serviço e perdão e paz. Não vou deixar que ela fique indo e vindo da minha casa para a de Andrea.

– Você vai pedir a ela que vá embora?

Tentei evitar qualquer traço de ansiedade em minha voz, lembrando que era a mãe de Maeve, a felicidade de Maeve.

Ela ficou chocada com a ideia.

– Ela acabou de se mudar para lá. Você sabe que elas amariam isso. Ela fica dizendo que Andrea se sente confortável com ela e por isso precisa ajudar, como se eu me importasse com o conforto de Andrea.

– Deixe-me falar com ela – pedi. – Posso dizer que não é bom para sua saúde.

– Eu já disse isso a ela. E, aliás, *não* é bom para minha saúde. A ideia de que ela voltaria lá por ela e não...

Ela se conteve antes de completar a frase.

De alguma forma, com tudo o que aconteceu, acabamos esquecendo o quadro no banco traseiro do carro.

– Leve para May – disse Maeve quando parou em frente à minha casa.

– Não – respondi. – É seu. Dê a May quando ela crescer e tiver a própria casa. Você precisa ficar com ele um tempo. Coloque em cima da lareira e pense em Simon.

Maeve fez que não com a cabeça.

– Não quero nada que já esteve naquela casa. Estou te falando, só vai me deixar mais louca ainda.

Olhei para a menina no retrato. Deviam ter deixado que fosse aquela menina para sempre.

– Então você tem de prometer que vai aceitá-lo de volta depois.

– Prometo – disse ela.

– Vamos encontrar um lugar para estacionar para você poder entrar e entregar o quadro a May.

Estávamos parados em fila dupla.

Maeve fez que não com a cabeça.

– Não existe isso de lugar para estacionar. Por favor.

– Ah, vamos. Não seja ridícula. Você está aqui.

Ela balançou a cabeça. Quase parecia estar prestes a chorar.

– Estou cansada.

E depois disse *por favor* mais uma vez.

Então deixei-a ir. Fui até a porta traseira e peguei o quadro e minha mochila. Tinha começado a chover, então não fiquei na rua para vê-la ir embora. Não acenei. Encontrei as chaves e corri para levar o quadro para dentro.

Conversamos bastante depois disso, sobre os relatórios diários de nossa mãe a respeito de Andrea e Norma e a casa, e como aquilo estava deixando Maeve completamente destroçada. Ela falou sobre isso com Otterson. Eu contei a ela sobre um prédio que queria comprar, o qual exigiria que eu vendesse mais um prédio que eu não queria vender. Disse a ela que May ficou em êxtase com o quadro.

– Colocamos na sala, em cima da lareira.

– Eu na sua sala todos os dias?

– É maravilhoso.

– Celeste não se importa?

– Parece demais com a May para que Celeste se importe. Todos acham que é May, exceto a própria May. Quando alguém pergunta, ela diz: “É um retrato de mim e da minha tia.”



Duas semanas depois de nossa ida à Casa Holandesa, minha mãe me ligou logo antes do amanhecer para dizer que Maeve tinha morrido.

– Ela está aí? – perguntei. Não estava acreditando. Queria que Maeve viesse ao telefone e me dissesse ela mesma.

Celeste se sentou na cama e olhou para mim.

– O que foi?

– Ela está aqui – disse minha mãe. – Estou com ela.

– Você chamou uma ambulância?

– Vou chamar. Queria ligar para você primeiro.

– Não perca tempo ligando para mim! Chame uma ambulância.

Minha voz estava estilhaçada.

– Ah, Danny – disse minha mãe, e começou a chorar.

# 19

EU ME LEMBRO muito pouco dos dias que se seguiram à morte de Maeve, exceto pelo Sr. Otterson, que se juntou à família na missa fúnebre e cobriu o rosto com as mãos enquanto chorava. Seu luto era um rio tão profundo e largo quanto o meu. Eu sabia que devia ter ido falar com ele depois, devia ter tentado consolá-lo, mas não havia consolo em mim.



A HISTÓRIA DA minha irmã era a única que eu pretendia contar, mas ainda há algumas coisas a dizer. Três anos depois, quando Celeste e eu estávamos acertando os detalhes do divórcio no escritório do advogado, ela me disse que não queria a casa.

– Nunca tive afeição por ela – disse.

– Pela nossa casa?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Não é do meu gosto. É pesada e antiga. É muito escura. Você não precisa pensar nisso porque não fica em casa o dia todo.

Eu queria fazer uma surpresa para ela. Levei-a a todos os cômodos, deixando-a pensar que era mais um imóvel que eu queria comprar para alugar. Disse que dividiria a casa em duas unidades. Podia até mesmo dividir em quatro, embora, é claro, fosse dar bastante trabalho. Celeste, com uma disposição infinita, subiu e desceu as escadas com May atada ao peito, observando os banheiros, verificando a pressão da água. Eu não perguntei a ela se tinha gostado da casa. Poderia ter perguntado, mas não perguntei. Em vez disso, entreguei-lhe a escritura. Na minha cabeça, foi um dos poucos gestos realmente românticos que fiz na vida.

– É nossa casa – disse a ela.

Tudo em mim queria pedir licença para ir até o corredor e ligar para minha irmã. Isso nunca parou de acontecer.

A ironia, é claro, era que eu tinha me tornado um marido melhor depois da morte de Maeve. Em meu luto, voltei-me para minha família. Pela primeira vez estava com eles por completo, um cidadão de Nova York, minha esposa e meus filhos as âncoras que me mantinham no mundo. Mas a piada em que parte de mim sempre acreditou acabou se revelando verdadeira: Celeste culpava minha irmã por tudo que odiava em mim, e quando minha irmã não estava mais lá para levar a culpa, ela foi obrigada a pensar em com quem tinha se casado.

Nossa mãe ficou na Casa Holandesa para cuidar de Andrea, e por muito tempo eu não a perdoei. Apesar de ainda haver algum resquício de ciência em mim, acabei acreditando na história que nosso pai contava quando éramos crianças: Maeve ficou doente porque nossa mãe foi embora, e se nossa mãe voltasse, Maeve morreria. Mesmo as ideias mais idiotas acabam reverberando depois que acontecem. Eu me culpava pelo que considerava falta de vigilância de minha parte. Pensava em minha irmã a toda hora. Desisti de nossa mãe.

Mas então um dia, depois de já estarmos divorciados tempo suficiente para voltarmos a ser amigáveis, Celeste me pediu que levasse algumas coisas até a casa de seus pais, e eu disse que sim. Até os Norcrosses tinham diminuído o ritmo, o último dos labradores indomáveis foi substituído por um *spaniel* pequeno e simpático chamado Inky. Depois de descarregar o carro e fazer uma visita, dirigi até a Casa Holandesa pelos velhos tempos, pensando em ficar estacionado do outro lado da rua só por um instante. Mas qualquer que fosse a barreira que nos impedia de entrar durante todos aqueles anos já não existia mais, então fui até a casa e toquei a campainha.

Sandy atendeu.

Ficamos no hall de entrada à luz da tarde. Mais uma vez eu esperava que a deterioração enfim tivesse chegado, e mais uma vez encontrei a casa exatamente como me lembrava. Me irritava ver a ternura com que havia sido mantida.

– Demorei muito tempo para vir – disse Sandy, culpada, segurando minha mão, o cabelo branco e grosso ainda com presilhas. – Mas senti falta de sua mãe. Ficava pensando em Maeve, no que ela gostaria que eu fizesse. Ninguém está ficando mais jovem.

– Estou feliz por você estar aqui – respondi.

– Só venho na hora do almoço, de vez em quando. Às vezes tem algo que eu posso fazer para ajudar. A verdade é que é bom para mim. Encho os comedouros de pássaros que Norma mantém nos fundos. Norma ama os pássaros. Pegou esse costume com seu pai.

Olhei em direção ao teto, para o lustre.

– Muitos fantasmas.

Sandy sorriu.

– É pelos fantasmas que eu venho. Penso em Jocelyn quando estou aqui, em como éramos naquela época. Éramos tão jovens, sabe. Ainda éramos a melhor versão de nós mesmas.

Jocelyn tinha morrido dois anos antes. Pegou uma gripe, e quando perceberam a gravidade da situação já era tarde demais. Celeste foi comigo ao velório. Os Norcrosses também foram. Aliás, Jocelyn nunca perdoou minha mãe, embora fosse mais gentil quanto a isso do que eu.

– Ela nos deixou lá para cuidar de vocês, mas vocês não podiam ser nossos – disse-me ela uma vez. – Como posso perdoar uma coisa dessas?

Sandy e eu fomos até a cozinha e eu me sentei à mesinha enquanto ela fazia café. Perguntei sobre Andrea.

– Uma fera desdentada – disse ela. – Não sabe de nada. Norma podia tirá-la daqui agora e vender a casa, mas fica sempre a sensação de que Andrea vai morrer a qualquer momento, e, fora isso, depois de todos esses anos, qual seria o sentido em tirá-la daqui no fim?

– A não ser que não seja o fim.

Sandy soltou um suspiro e tirou uma caixinha de leite da geladeira. A geladeira era nova.

– Quem é que sabe? Fico pensando em meu marido. Jamie tinha trinta e seis anos quando teve uma infecção no coração. Ninguém sabia por quê. E depois Maeve, que era mais forte do que todos nós juntos. Mesmo com a diabetes, Maeve devia viver até os cem anos.

Eu nunca soube que o marido de Sandy tinha morrido, nem seu nome. Aliás, eu também não sabia o que tinha matado Maeve, embora houvesse muitas opções. Pensei no irmão de Celeste, Teddy, no Dia de Ação de Graças, muitos anos atrás, perguntando se eu tinha de fazer autópsias. Havia feito muitas, e jamais permitiria que submetessem minha irmã àquilo.

– Ela devia ter vivido mais que Andrea, no mínimo.

– Mas é assim que as coisas acontecem – disse Sandy.

Era um consolo estar naquela cozinha com ela. O fogão e a janela e Sandy e o relógio. Ali na mesa entre nós dois estava o porta-manteiga de vidro moldado que tinha pertencido à mãe de minha mãe no Brooklyn, com um bastão de manteiga pela metade dentro.

– Olha só para isso – disse, e passei o dedo pela borda.

– Você não devia ser tão duro com sua mãe – falou Sandy.

Não era isso que eu sempre dizia a May?

– Não acho que sou.

Tivemos muito pouco contato, eu e minha mãe. Eu não conseguia achar que fosse uma perda muito grande para qualquer um de nós.

– Ela é uma santa – disse Sandy.

Eu sorri para ela. Ninguém era mais gentil que Sandy.

– Ela não é uma santa. Cuidar de alguém que não te conhece não faz de você um santo.

Sandy assentiu e bebeu um gole do café.

– Acho que é difícil para pessoas como nós entender. Para falar a verdade, às vezes é insuportável, pelo menos para mim. Só quero que ela seja uma de nós. Mas se pensarmos nos santos, não imagino que algum deles tenha feito a própria família feliz.

– Provavelmente não.

Eu não conseguia me lembrar nem dos santos, quanto mais de suas famílias.

Sandy colocou a mãozinha sobre a minha e apertou.

– Vá lá em cima dizer oi.

Então eu fui até o quarto de meus pais, tentando entender por que um homem com um joelho ruim teria comprado uma casa com tantas escadas. No patamar estava o pequeno sofá e as duas poltronas onde Norma e Bright gostavam de se sentar com suas bonecas, para poderem observar quem ia e vinha. Olhei para as portas do meu quarto, do quarto de Maeve. Não foi difícil. Eu tinha a ideia de que todas as coisas difíceis já tinham acontecido.

Andrea estava em uma cama hospitalar à janela, minha mãe sentada ao lado dela, dando-lhe colheradas de pudim. Minha mãe ainda usava o cabelo curto. Era branco agora. Perguntei-me o que Andrea pensaria se soubesse que aquela mulher que a estava alimentando era a primeira esposa de seu marido, e que a primeira esposa tinha piolho com frequência.

– Aí está ele! – exclamou minha mãe, sorrindo para mim como se eu tivesse passado pela porta na hora certa. Ela se aproximou de Andrea. – O que foi que eu disse?

Andrea abriu a boca e esperou pela colher.

– Eu estava na vizinhança – disse.

Não foi mais ou menos assim que ela voltou depois de todos aqueles anos? Eu via agora quanto ela se parecia com Maeve, ou quanto Maeve se pareceria com ela se estivesse viva. Aquele era o rosto que ela viria a ter.

Minha mãe estendeu a mão para mim.

– Venha até onde ela possa ver você.

Fui até a cama e fiquei em pé ao lado dela. Minha mãe colocou o braço em volta de minha cintura.

– Diga alguma coisa.

– Oi, Andrea – disse.

Nenhuma raiva seria capaz de sobreviver a isso, pelo menos não a raiva que eu sentia. Andrea era pequena como uma criança. Finos fios de cabelo branco se espalhavam pela franha cor-de-rosa, o rosto estava sem maquiagem, a boca era um buraco escuro, aberto. Ela olhou para mim, piscou algumas vezes e sorriu. Levantou a garrinha que era sua mão e eu a segurei. Pela primeira vez percebi que ela e minha mãe usavam alianças idênticas, um aro dourado não mais largo que um arame.

– Ela está vendo você! – disse minha mãe. – Olha só.

Andrea estava sorrindo, se aquilo podia ser chamado de sorriso. Estava feliz por ver meu pai novamente. Aproximei-me e beijei as duas na testa, uma e depois a outra. Não me custou nada.

Depois que Andrea comeu o pudim, ela dobrou os braços e as pernas e dormiu. Minha mãe e eu nos sentamos nas poltronas em frente à lareira vazia.

– Onde você dorme? – perguntei, e ela apontou para a cama atrás de mim, a cama em que dormia com meu pai, a cama em que a Sra. VanHoebeek havia se deitado com o quadril quebrado, esperando para morrer.

– Às vezes ela fica confusa à noite. Tenta se levantar. Ajuda estar aqui com ela. – Minha mãe balançou a cabeça. – Preciso te dizer, Danny, eu acordo aqui e consigo sentir tudo... o quarto, a casa... antes mesmo de abrir os olhos. Toda manhã tenho vinte e oito anos, só por um segundo, e Maeve está em seu quarto do outro lado do corredor e você é um bebê no berço ao meu lado, e quando me viro espero ver seu pai ali. É lindo.

– A casa não te incomoda?

Ela deu de ombros.

– Parei de me incomodar com o lugar onde moro há muito tempo, e, de qualquer forma, acho que é bom para mim. Isso me ensina a ser humilde. *Ela* me ensina a humildade. – Minha mãe inclinou a cabeça para trás como Maeve faria. – Precisamos servir àqueles que precisam ser servidos, não só aos que nos fazem nos sentir bem. Andrea é minha penitência por todos os erros.

– Não parece que ela vai durar até o fim da semana.

– Eu sei. Estamos dizendo isso há anos. Ela segue nos surpreendendo.

– Como está Norma?

Minha mãe sorriu.

– Norma é de ouro. Ela trabalha tanto, todas aquelas crianças doentes, e depois vem para casa para cuidar da mãe. Nunca reclama. Não acho que a mãe tenha facilitado as coisas para ela enquanto crescia.

– Ela certamente não está facilitando as coisas para ela agora.

– Bem – disse minha mãe, olhando para mim com grande bondade. – Você sabe como são as mães.

Percebi o pouco tempo que tinha passado naquele quarto. Raramente entrava quando era só do meu pai, e nunca entrei, nem uma única vez, no tempo em que ele o dividiu com Andrea. Era maior que o quarto de Maeve, e a lareira com a cornija enorme de madeira era uma obra-prima, mas, ainda assim, Andrea tinha razão, o quarto com o assento junto à janela era mais bonito. Dava para os jardins dos fundos da casa e tinha uma luz mais suave.

– Eu tenho uma pergunta – disse, porque quando eu tinha perguntado alguma coisa a ela? Quando ficamos sozinhos juntos, a não ser por aqueles poucos encontros constrangedores na sala de espera do hospital tantos anos atrás?

– Pode perguntar qualquer coisa – disse ela.

– Por que você não nos levou junto?

– Para a Índia?

– Para a Índia, claro, ou qualquer outro lugar. Se achava que esta casa era um lugar tão terrível para você, nunca se perguntou se também não era um lugar terrível para nós?

Ela ficou pensando por um tempo. Talvez estivesse tentando se lembrar de como se sentia. Fazia muito tempo que aquilo tudo tinha acontecido.

– Eu achava que era um lugar maravilhoso para vocês – disse finalmente. – Existem tantas crianças no mundo que não têm nada, e você e sua irmã tinham tudo... seu pai e Fofinha e Sandy e Jocelyn. Vocês tinham esta casa. Eu amava muito vocês, mas sabia que iam ficar bem.

Talvez Sandy tivesse razão, talvez ela fosse uma santa, e talvez os santos fossem universalmente desprezados por suas famílias. Eu não saberia dizer qual vida teria sido melhor, a que tivemos com Andrea ou a que teríamos tido se seguissemos os passos de nossa mãe pelas ruas de Mumbai. A probabilidade era de que seria trocar seis por meia dúzia.

– E, de qualquer forma – afirmou ela em uma reflexão tardia –, seu pai jamais deixaria que eu levasse vocês.

As coisas mudaram depois disso, sendo a mudança a única constante. Acabei voltando para Elkins Park. Não havia ninguém para me dizer que

não fizesse isso. A raiva que eu sentia de minha mãe evaporou e morreu. Não havia mais lugar para ela. O que ficou nunca foi amor, mas era alguma coisa – familiaridade, talvez. Encontrávamos algum consolo um no outro. Às vezes May vinha comigo nessas visitas, ainda que estivesse muito ocupada na época. May estudava na NYU. Tinha a vida inteira planejada. Kevin estudava em Dartmouth, então o víamos com menos frequência. Estava um ano atrás dela e vinte anos atrás dela, como todos nós. Quando ia a Elkins Park, May podia ver todos os avós, e tinha obsessão pela casa. Analisava tudo como uma detetive forense. Era quase como se carregasse um detector de metais e um estetoscópio. Começava pelo porão e ia subindo. Eu nunca conseguia acreditar nas coisas que ela encontrava: enfeites de Natal e boletins e uma caixa de sapatos cheia de batons. Ela encontrou a portinha no fundo do armário do terceiro andar que levava ao sótão. Eu tinha me esquecido daquilo. As caixas com os livros de Maeve ainda estavam lá, metade deles em francês, seus cadernos cheios de equações matemáticas, bonecas que eu nunca tinha visto, as cartas que eu lhe escrevia quando ela estava na faculdade. May fez uma leitura improvisada de uma delas durante o jantar.

– Querida Maeve, ontem à noite Andrea anunciou que não gostou do bolo de maçã. O bolo de maçã é o favorito de todo mundo, mas agora Jocelyn não deve mais fazer. Jocelyn disse que não importa, ela vai fazer um em casa e me trazer escondido aos pedaços. – De alguma forma, May sabia exatamente como eu soava aos onze anos. – No último sábado fizemos trinta e sete paradas para cobrar o aluguel e coletamos vinte e oito dólares e cinquenta centavos em moedas de vinte e cinco centavos das máquinas de lavar roupa dos porões.

– Você está inventando isso? – perguntei.

Ela mostrou a carta.

– Juro por Deus, você realmente era chato. Continua por mais uma página.

Norma riu. Nós quatro estávamos na cozinha: eu e Norma e May e minha mãe espremidos em volta da mesa azul. De repente, lembrei que meu pai sempre guardava as moedas de vinte e cinco centavos que coletava das lavadoras e secadoras em uma gaveta secreta da mesa da sala de jantar, e, sempre que precisávamos de um dinheirinho, íamos até lá e pegávamos um punhado.

– Venham aqui um minuto – chamei, e nós quatro fomos até a temida sala de jantar.

Passei a mão sob a borda da mesa até encontrá-la. A gaveta tinha empenado e, quando finalmente consegui abrir, estava cheia de moedas. Um baú do tesouro.

– Eu nunca soube disso! – disse Norma. – Bright e eu teríamos feito a limpa.

– Ele não fazia isso quando eu morava aqui – disse minha mãe.

May passou as pontas dos dedos pelas moedas. Talvez ele não tenha deixado lá para que todo mundo pudesse pegar. Talvez tenha deixado as moedas ali só para Maeve e para mim.

De manhã, olhei pela janela e vi minha filha boiando na piscina em uma boia amarela, o cabelo preto era um rastro atrás dela como fios de algas, uma perna comprida se estendendo de vez em quando para se empurrar para longe da borda. Fui lá fora e perguntei a ela se tinha dormido bem.

– Ainda estou dormindo – respondeu, e colocou um braço molhado sobre os olhos. – Eu amo isto aqui. Vou comprar a casa.

Andrea finalmente tinha morrido alguns meses antes, e as conversações sobre o que deveria ser feito com a Casa Holandesa ainda estavam acontecendo. Bright, que não tinha vindo para o velório, disse a Norma que por ela a casa podia ser consumida por um incêndio. Mas havia bastante dinheiro em jogo. Pelo modo como o bairro estava zoneado, as terras certamente seriam reurbanizadas quando elas vendessem. A casa provavelmente seria derrubada e vendida por partes: cornijas, corrimões, painéis esculpidos, as coroas de folhas douradas do teto da sala de jantar valiam um Picasso cada. Desmontar tudo e depois vender a terra, ou reurbanizar a área nós mesmos, dobraria ou até triplicaria o valor da propriedade.

– Mas aí teríamos de matar a casa – disse Norma, e nenhum de nós sabia se isso era uma coisa boa ou ruim, exceto May.

– Não é exatamente um primeiro imóvel – disse à minha filha.

May estendeu o braço e saiu da boia.

– Pedi a Norma que esperasse por mim, só alguns anos. Tenho uma ligação espiritual com este lugar. – May tinha um agente agora. Tinha feito alguns comerciais, pequenas participações em dois filmes, um dos quais tinha chamado a atenção. May, como ela mesma seria a primeira a dizer, alcançaria o sucesso. – Ela disse que vai ficar com a casa por um tempo.



Nem Norma nem Bright tinham filhos. Norma dizia que a infância não era algo que imaginava infligir a outra pessoa, principalmente a uma pessoa que ela amasse. Eu achava que a oncologia pediátrica só reforçava essa posição.

– Eu prefiro que fique com May ou Kevin – disse-me ela. – É sua casa.

– Não é minha casa – respondi.

Encontramos tempo para conversar sobre tudo isso, Norma e eu: infância, nossos pais, a herança, a faculdade de medicina, o fundo para a educação. Norma havia decidido retornar a Palo Alto. Conseguiu o emprego que tinha lá de volta e notificou as pessoas que alugavam sua casa havia anos. Disse que estava começando a perceber quanto sentia falta de sua vida. Certa noite, depois de algumas taças de vinho, ela sugeriu que talvez pudesse ser minha irmã.

– Não Maeve – disse –, jamais Maeve, mas outra irmã, menos importante, como uma meia-irmã de um segundo casamento.

– Eu achava que você fosse minha meia-irmã de um segundo casamento.

Ela fez que não com a cabeça.

– Sou sua irmã adotiva.

Minha mãe ficou na Casa Holandesa. Ela dizia que era uma espécie de zeladora, para garantir que nenhum guaxinim montasse acampamento no salão. Fez com que Sandy se mudasse para lá com a finalidade de ficar com ela. Sandy, que tinha bursite no quadril, reclamava das escadas. Minha mãe voltou a viajar depois que Andrea morreu. Nunca ficava muito tempo fora, mas dizia que ainda tinha muito o que fazer. Isso foi na época em que ela começou a me contar histórias sobre quando vivia na Índia, ou quando eu comecei a ouvir. Ela dizia que tudo o que queria era servir aos pobres, mas as freiras que administravam o orfanato sempre a vestiam com saris limpos e mandavam-na a festas para pedir doações.

– Era mil novecentos e cinquenta e um. Os ingleses tinham ido embora e os americanos eram considerados muito exóticos. Eu ia a todas as festas para as quais me convidavam. Descobri que meu talento especial era pedir dinheiro aos ricos.

E assim ela seguiu, aliviando os fardos dos ricos em nome dos pobres. Fez esse trabalho pelo resto da vida.

Fofinha tinha se mudado para Santa Barbara e passara a morar com a filha, mas voltava para visitar, e sempre que voltava, queria dormir no antigo quarto em cima da garagem.

Norma tinha prometido ficar com a Casa Holandesa até May cumprir seu destino, o que aconteceu no seu quarto filme. Ela recebeu a maré de sucesso com um nível surpreendente de autoconfiança. May sempre nos disse que as coisas aconteceriam dessa forma, mas mesmo assim ficamos surpresos. Ela ainda era tão jovem. Não havia o que fazer a não ser nos preparar.

Seguindo o conselho de seu agente, May instalou uma cerca de metal preta atrás das tílias, e agora havia um portão na entrada e uma caixa com a qual era preciso falar se você não soubesse a senha ou não conhecesse o segurança. Não pude deixar de pensar quanto Andrea teria amado isso.

May trouxe o quadro de Maeve de Nova York e devolveu-o ao espaço vazio onde ele ficava antes. Ela não tinha muito tempo para ficar em Elkins Park, mas quando estava lá dava festas lendárias, ou pelo menos era o que me dizia.

– Venham sexta – convidou ela. – Você e a mamãe e o Kevin. Quero que vejam a festa que vou dar.

May tinha a tendência de parecer estar exagerando, mas a verdade era que ela sempre correspondia às expectativas. Só fiquei triste por Fofinha e Norma não estarem lá. Era uma noite de junho, e todas as janelas da casa estavam abertas novamente. Os jovens que chegavam em sedãs pretos com vidros escuros – pessoas que May garantia serem extremamente famosas – subiam os dois lances de escada para dançar no salão e olhar as estrelas pelas janelas. Celeste tinha chegado mais cedo para ajudar os assistentes de May a preparar tudo. Ninguém acreditava que aquela loura de estatura mediana era mãe de May.

– Diga a eles! – pedia ela, e eu ficava repetindo.

A genética de May parecia ter ignorado completamente a contribuição física da mãe, mas ela herdara a persistência de Celeste. Kevin ficou parado à porta para não perder nada. Eu esperava que ele assumisse minha empresa um dia, mas em vez disso ele entrou na faculdade de medicina. Uma vida inteira ouvindo quanto seria melhor ser médico teve sua influência.

Sandy e minha mãe ficaram na festa por um tempo, mas não muito. Eu as levei até a antiga casa de Maeve em Jenkintown, onde poderiam ter tranquilidade. Quando voltei, havia muitos carros na entrada, então estacionei na rua e entrei pelo portão. A casa estava iluminada como eu nunca tinha visto antes, cada janela de cada andar derramava uma luz dourada, o terraço estava rodeado de velas em copos de vidro e a música – eu disse a May que maneirasse no volume – ficou por conta de uma garota

com uma voz suave e profunda cantando ao som de uma pequena banda. O som que ela fazia era tão nítido e baixo e triste que eu imaginei todos os vizinhos tentando ouvir. Eu não conseguia distinguir as palavras, só a melodia justaposta ao som das pessoas gritando ao pular na piscina. Eu ia entrar e procurar por Celeste, ver se ela queria voltar à cidade de carro comigo. Estávamos muito velhos para aquilo, ainda que não fôssemos tão velhos assim. Nova York era a única chance que teríamos de dormir.

No canto mais distante do quintal, onde as tílias encontravam a cerca, vi alguém sentado em uma cadeira de madeira, fumando. A cadeira estava fora do alcance da luz que vinha da casa, e, em meio às sombras e sombras mais escuras, eu só conseguia ter certeza de que havia uma pessoa e uma cadeira e o brilho intermitente de um fogo laranja minúsculo. Disse a mim mesmo que era minha irmã. Maeve não era de festas. Teria ficado do lado de fora. Fiquei ali quieto, como se pudesse assustá-la. Às vezes eu me permitia esse pequeno prazer, a crença de que, se prestasse atenção, veria Maeve sentada no escuro do lado de fora da Casa Holandesa. Fiquei imaginando o que ela diria se tivesse a chance de ver tudo aquilo.

*Tolos*, diria ela, soprando uma pequena nuvem de fumaça.

A pessoa na cadeira então balançou a cabeça e estendeu as pernas longas, destacando os dedos dos pés descalços. Ainda assim, como por milagre, a ilusão se manteve, e eu olhei para cima, em direção à manta de estrelas, para não ver claramente. Maeve jogou o cigarro na grama e se levantou para me encontrar. Por um breve instante, eu a vi.

– Papai? – chamou May.

– Diga-me que você não está fumando.

Ela veio até onde eu estava surgindo da escuridão, usando o que parecia ser um vestido branco coberto de pérolas. Minha filha, minha bela menina. Ela colocou o braço em volta da minha cintura e por um instante deixou a cabeça cair sobre meu ombro, o cabelo escuro pendendo sobre seu rosto.

– Não estou fumando – disse ela. – Acabei de parar.

– Boa menina – respondi.

Falaríamos sobre aquilo pela manhã.

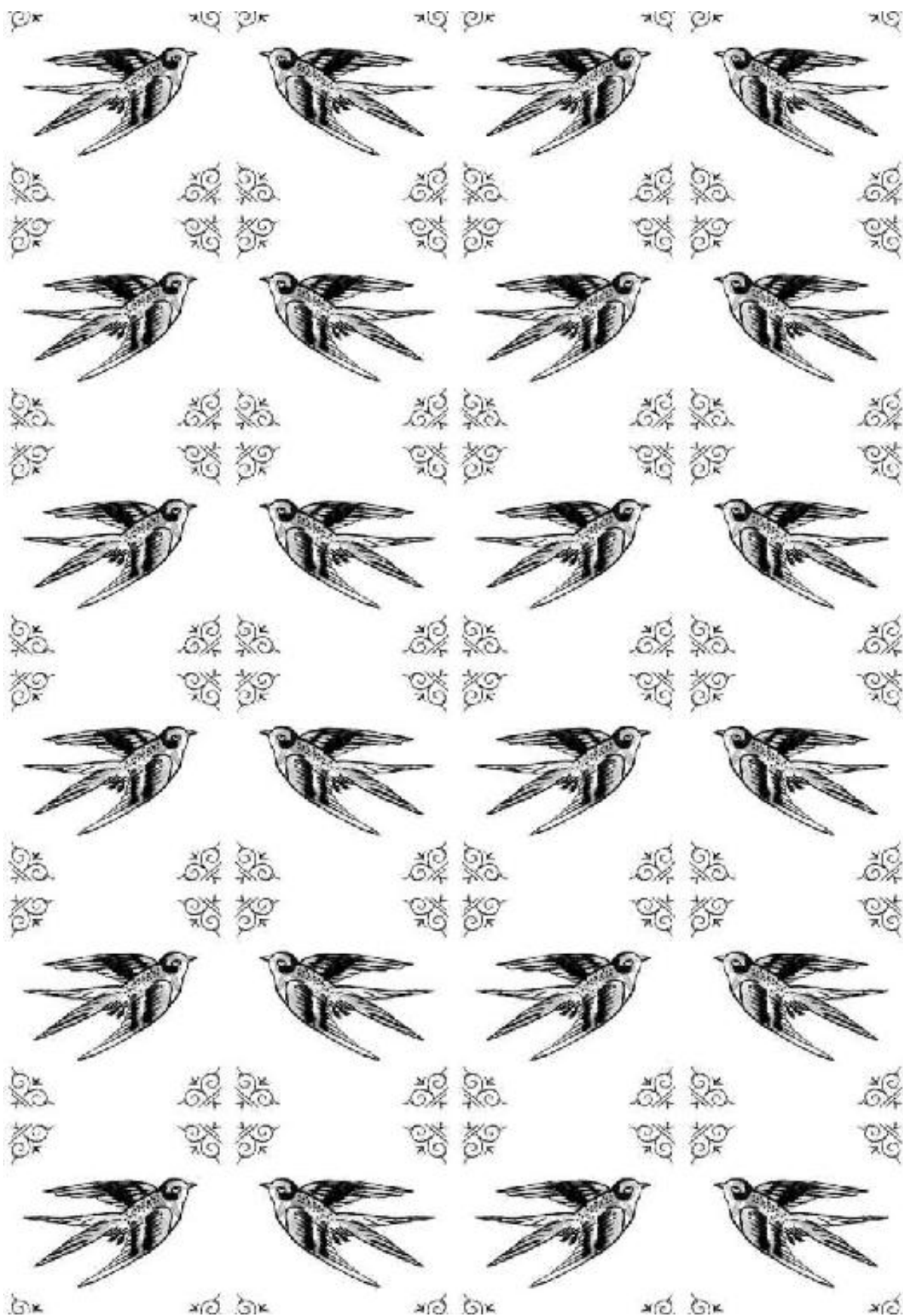
Ficamos em pé na grama assistindo aos jovens entrando e saindo pelas janelas – mariposas à luz.

– Meu Deus, eu amo tanto isso – disse May.

– É sua casa.

Ela sorriu. Dava para ver mesmo na escuridão.

– Que bom – disse. – Leve-me para dentro.



## Sobre a autora



© HEIDI ROSS

ANN PATCHETT é autora de oito romances e três obras de não ficção. Venceu o prêmio PEN/Faulkner, o Orange Prize e o prêmio de Livro do Ano do Book Sense, e foi nomeada pela revista *Time* uma das 100 Pessoas Mais Influentes do Mundo. Sua obra foi traduzida para mais de trinta idiomas. Ela é coproprietária da livraria Parnassus Books, em Nashville, Tennessee, onde vive com o marido, Karl VanDevender, e o cachorro do casal, Sparky.

## Leia também



*A vida mentirosa dos adultos*  
Elena Ferrante



*Pequenos incêndios por toda parte*  
Celeste Ng